THE RUINOUS LOVE TRILOGY

LEATHER & LARK



BRYNNE WEAVER

LEATHER & LARK

BRYNNE WEAVER

SLOWBURN
A zando IMPRINT
NEW YORK

THE RUINOUS LOVE TRILOGY



BRYNNE WEAVER

THE RUINOUS LOVE TRILOGY



BRYNNE WEAVER



RBL'S

Sinopse

"Não quero apenas ouvi-la rir, preciso merecer isso. Toda vez que ganho um pouco de terreno, quero mais. Quero sair da sombra e voltar para a luz dela. Sem nem mesmo perceber, eu me tornei viciado nisso. Nela."

O assassino contratado Lachlan Kane quer uma vida tranquila, trabalhando em seu estúdio de couro e esquecendo tudo sobre seu passado traumático. Mas quando ele estraga um trabalho para o maior cliente de seu chefe, Lachlan sabe que nunca conseguirá sair do submundo. Pelo menos, não até que a cantora Lark Montague lhe ofereça um acordo: usar suas habilidades para caçar um assassino e ela encontrará uma maneira de garantir sua liberdade. A contrapartida? Ele precisa se casar com ela primeiro.

E eles não se suportam.

A cantora e compositora independente Lark é a luz do sol e o brilho que queima através de todas as nuvens e se agarra a todas as fendas em que Lachlan Kane tenta se esconder. Irmão mais velho e rude da alma gêmea de sua melhor amiga, Lachlan acha que ela é apenas uma princesa privilegiada, mas Lark tem muitos segredos escondidos nas sombras de sua luz brilhante. Com sua formidável família em frangalhos e a felicidade de sua melhor amiga em risco, ela está disposta a fazer um voto ao homem que está determinada a odiar, não importa o quão tentador o assassino rabugento possa ser.

À medida que Lachlan e Lark navegam pelo mundo sombrio que os une, torna-se impossível discernir seu casamento falso de um verdadeiro. Mas não são apenas os perigos familiares que os assombram.

Há outro fantasma à espreita em sua porta.

E este veio atrás de sangue.

Avisos de Conteúdo e de Gatilho

Por mais que Leather & Lark seja uma comédia romântica sombria e que, com sorte, faça você rir da loucura, ainda é dark! Por favor, leia com responsabilidade.

- **Globos oculares, mas não órbitas oculares, então de nada.**
- **Dentes e subprodutos dentários.**
- **Posso ter estragado a pizza e a cerveja. Também smoothies. Ainda não sinto muito.**
- **Globos de neve.**
- **Autocanibalismo...? Bem-vindo a um debate que você nunca pensou que teria.**
- **Numerosas armas e objetos pontiagudos, incluindo dardos, tesouras, revólveres, serras, facas, amoladores, uma biseladora e um pequeno instrumento chamado colher de enucleação.**
- **Dedos decepados.**
- **Você pode ter novas ideias sobre como fazer artesanato com resina epóxi.**
- **Colisões veiculares.**
- **Afogamento em várias formas.**
- **Doença terminal de um ente querido.**
- **Cenas de sexo detalhadas, que incluem (mas não estão limitadas a) brinquedos para adultos, asfixia, sexo violento, degradação leve, atos sexuais em público, fixação, elogios.**
- **Referências à negligência parental e abuso infantil (não retratadas).**
- **Referências à agressão sexual infantil (não retratada).**

- **Referências/traumas religiosos.**
- **Linguagem explícita e colorida, incluindo muita - blasfêmia - Não diga que não avisei!**
- **Cachorro ferido (causa do ferimento não mostrada e ele está bem, eu prometo!)**
- **Há muita morte... é um livro sobre um assassino contratado e um serial killer se apaixonando, então eu sinto que isso é provavelmente um dado adquirido.**

Prólogo
ACENDER



— Isso se chama consequências de suas ações, querido — eu digo enquanto desfio o pavio dos fogos de artifício amarrados entre as coxas de Andrew.

Seus gritos atingem um nível febril apenas para morrer na fita amarrada em sua boca.

Você não olharia para mim e pensaria isso, mas é verdade...

Eu amo o som de sua angústia.

Andrew soluça e se debate na cadeira. Dou-lhe um sorriso brilhante e continuo recuando pela campina em direção à linha das árvores, perto o suficiente para ver o medo em seus olhos, longe o suficiente para estar protegida por troncos grossos quando o deixar sozinho no jardim. Seus apelos abafados são desesperados. Sua respiração rápida sai de seu nariz em nuvens de neblina que se estendem em direção ao céu estrelado.

— Você sabe por que você está aí com fogos de artifício amarrados no seu pau e eu estou aqui com um rastilho? — Eu grito.

Ele balança a cabeça e depois assente como se não conseguisse decidir qual resposta acabará com essa tortura. A verdade é que não importa a resposta que ele dê.

— Se eu arrancasse a fita da sua boca, você provavelmente me

diria que *sente muito* **por foder Savannah em nossa cama enquanto eu estava fora, não é?**

Ele balança a cabeça descontroladamente, suas besteiras previsíveis presas na cola. *Sinto muito, sinto muito, nunca mais farei isso, eu te amo, juro... Blá, Blá, Blá.*

— Receio que não seja por isso que estamos aqui.

Andrew pisca para mim, tentando decifrar o que eu quero dizer enquanto meu sorriso se torna feroz, e quando isso acontece, seu verdadeiro pânico se instala. Talvez sejam minhas palavras, ou talvez seja o brilho encantado em meus olhos. Talvez seja a maneira como eu o observo, sem piscar. Ou talvez seja o jeito que eu rio quando meu polegar bate na roda de pedra do isqueiro que tenho na mão. Talvez sejam todas essas coisas combinadas que o fazem se irritar. A urina brilha em riachos iluminados pela lua enquanto escorre por suas pernas nuas e trêmulas.

— Isso mesmo, querido. Eu conheço seus segredos. *Todos eles.*

Meus olhos permanecem fixos nos de Andrew enquanto lentamente aproximo o fogo do pavio.

— Oh, merda, quase esqueci. — Deixei a chama se apagar. O corpo de Andrew cede de esperança e alívio.

Ter esperança. É fofo, realmente.

Acho que não posso julgar com tanta severidade - uma vez também tive esperança. Esperança para nós.

Mas fui ingênua ao pensar que Andrew era o certo para mim com seu toque de bad boy. Aquelas duas tatuagens bem colocadas pareciam quentes. Aquele cabelo perpetuamente desgrenhado exalava uma atitude indiferente. Até mesmo sua incapacidade de manter um emprego parecia legítima, embora eu não saiba por quê. De alguma forma, eu me convenci de que ele era um verdadeiro rebelde.

Então ele fodeu nossa amiga Savannah enquanto eu estava fora da cidade e percebi que ele não é um rebelde.

Ele é um perdedor.

E não só isso. Assim que descobri que ele havia me traído, roubei o telefone dele e descobri o quanto estive errada o tempo todo sobre meu suposto namorado. Encontrei mensagens para meninas, algumas das quais eram jovens demais para saber que não deveriam confiar em um baterista gostoso que as chamava de lindas e lhes prometia toda a sua atenção. Encontrei mais do que apenas um bad boy.

Encontrei um maldito predador.

Alguém que escapou de minhas defesas. E anos atrás, prometi a mim mesma uma coisa:

Nunca mais.

Quando levanto o olhar para o céu noturno, não é realmente esse momento que estou vendo. Não são nem lembranças da raiva e do desgosto que senti quando olhei o telefone de Andrew. É uma memória das torres de pedra cinzenta do prestigiado Ashborne Collegiate Institute, com pontas cobertas de cobre apontando para as estrelas. Mesmo agora, anos depois, ainda consigo evocar a sensação de pavor que se escondia por trás de cada respiração que eu respirava ali. Era um palácio de salas sombreadas e segredos repugnantes. Um castelo de arrependimento.

Predadores como Andrew abundam nesta bela terra como uma maldita invasão de gafanhotos. Às vezes parece que nenhum lugar está livre de infestação, mesmo fortalezas que deveriam ser sagradas, como Ashborne. Lindo e grandioso. Isolado. *Seguro.* **Tal como na natureza, as coisas mais bonitas são muitas vezes as mais venenosas.**

E o Sr. Laurent Verdon, o diretor artístico da Ashborne? Bem, ele fez algumas promessas muito bonitas.

O arrependimento toma conta de mim. Arrependimento pela morte do Sr. Verdon. Mas não da maneira que você imagina.

Eu deveria ter sido a única a matá-lo.

E agora minha melhor amiga, Sloane, carregará esse fardo e suas repercussões sobre os ombros pelo resto da vida.

Vejo manchas brilhantes de luz branca enquanto pressiono meus olhos fechados, cada vez com mais força. Quando eu os abro

novamente, o passado está guardado com segurança. Naquela época eu não tinha poder. Mas as coisas são diferentes agora.

Os predadores podem fazer belas promessas, mas a minha é simples e descomplicada.

Nunca.

Mais.

Pode não ser um voto bonito, mas faço o meu melhor para tornar a execução da minha promessa *espetacular.*

Respiro profundamente e purificando o ar do outono. Então sorrio para Andrew e vasculho minha bolsa até encontrar o alto-falante portátil e conectar meu telefone.

— A atmosfera é tão importante nesses momentos, não acha? — pergunto enquanto menciono "Firework" de Katy Perry e coloco no volume máximo.

Previsível? Sim.

Perfeição? Também sim.

Canto junto e não me preocupo em esconder meu largo sorriso. Pode não haver chance para Andrew, como Katy sugere, mas ele definitivamente terá uma faísca por dentro.

— Bem, acho que é hora de colocar esse show na estrada. E você sabe o que fez. Eu também. Nós dois sabemos que não posso deixar você ir. Como eu disse, querido. — eu o chamo por cima da música com um encolher de ombros. — Consequências.

Acendo o pavio ao som do desespero renovado de Andrew.

— *Ciao*[1]**, querido. Tem sido... alguma coisa. — eu digo por cima do ombro enquanto entro na segurança da floresta.**

Os gritos de Andrew são uma harmonia deliciosa com o crescendo da música e a percussão dos fogos de artifício que estalam e explodem na noite. Seu sofrimento é um grande espetáculo de faíscas coloridas, uma salva de luz brilhante e som estrondoso. Honestamente, é uma saída mais majestosa do que ele merece. Todos deveriam ter

muita sorte.

É magnífico pra caralho.

Não tenho certeza de quando o choro de Andrew cessará, nem quando os foguetes Triple Whistler começarem a explodir. Essas coisas são barulhentas.

Quando a erupção cessa e as últimas faíscas são pouco mais que estrelas cadentes, entro na clareira. O cheiro de salitre, enxofre e carne chamuscada emana da forma enegrecida e fumegante no centro da campina.

Com passos cuidadosos, vou até ele. Não sei dizer se ele ainda está respirando e não vou verificar o pulso. De qualquer forma, não fará diferença para ele. Mesmo assim, observo por um longo momento, a música ainda tocando atrás de nós, de onde deixei o alto-falante, na grama alta. Talvez eu esteja procurando por sinais de vida. Ou talvez eu esteja esperando por sinais de vida em mim. Uma pessoa normal sentiria culpa ou tristeza, não é? Quer dizer, eu o amei por dois anos. Eu pensei que sim, de qualquer maneira. Mas o único arrependimento que sinto é não ter visto o verdadeiro Andrew antes.

Até mesmo esse tom de remorso é embotado por um sentimento de realização. Um de alívio. Há poder em descobrir segredos e explodi-los em uma luz linda e brilhante. E eu mantive minha promessa. Ninguém mais sofre, exceto aqueles que merecem. Eu mesma cuidei disso. Se uma alma for marcada por esta vida tirada, ninguém carregará essa marca além de mim.

Nunca mais.

Um gemido baixo atravessa a música. A princípio não acredito, mas depois sobe novamente numa nuvem de fumaça.

— Puta merda, querido — eu digo logo após uma risada incrédula. Meu coração canta sob meus ossos. — Não acredito que você ainda está vivo.

Andrew não responde. Não sei se ele consegue me ouvir. Seus olhos estão fechados, sua pele carbonizada e em carne viva, sangue escorrendo das bordas deformadas da carne queimada. Não tiro os

olhos da névoa que sai de seus lábios entreabertos enquanto vasculho as profundezas da minha bolsa até encontrar o que procuro.

— Espero que você tenha gostado do show. Foi um ótimo desempenho — digo enquanto tiro a arma do coldre e pressiono o cano em sua testa. Outro gemido baixo escapa noite adentro. — Mas eu não trouxe fogos de artifício suficientes para um encore, então você só terá que usar sua imaginação.

Aperto o gatilho, com uma explosão final, há um gafanhoto a menos no mundo.

E só há uma coisa que sinto.

Invencível pra caralho.

Capítulo Um
SUBMERSO



— Não prenda a respiração — grito para o homem no carro que está afundando enquanto ele bate na janela e implora por minha misericórdia. — Pegue?

Acho que ele não me ouviu. Mas está tudo bem. Eu apenas sorrio enquanto aceno com uma mão, minha arma apontada para ele com a outra, caso a janela se mova e ele consiga escapar.

Felizmente, a pressão da água que sobe torna quase impossível sua fuga, em poucos instantes, o veículo fica submerso. Bolhas estouram na água negra enquanto o carro desliza sob as ondas suaves do reservatório Scituate. Os faróis apontam para as estrelas, piscando enquanto as conexões elétricas sucumbem à inundação.

— Bem, *merda*.

Isso não é bom.

Na verdade, é incrível. Mas também é um grande pé no saco.

Mordo o lábio e observo até que as luzes se apaguem e a superfície fique imóvel. Quando tenho certeza de que tudo ficará em silêncio, pego meu telefone e abro os contatos. Meu polegar paira sobre o número de Ethel. Sempre foi para ela que eu liguei quando as coisas pioraram. É certo que o baú de um carro no fundo de um lago pode estar um pouco além da definição usual pior, mesmo que o momento já não tornasse impossível pedir a ajuda de Ethel.

Com um suspiro, seleciono o número logo acima do dela.

Dois toques e ele atende.

— Rouxinol. — Meu padrasto grita do outro lado da linha. Reviro os olhos e sorrio ao ouvir meu apelido de infância.

Meu tom cauteloso é a primeira indicação de que algo pode estar errado quando digo: — Oi, papai.

— O que há de errado, querida? Está tudo bem?

— Claro…

— Alguém vomitou no tapete? — ele pergunta. É seguro presumir que ele tomou alguns drinques em sua própria festa de Halloween, se ele ainda não percebeu que não há nenhum baixo forte ou vozes roucas ao fundo do meu lado da linha. — Vou pedir a Margaret que providencie alguns produtos de limpeza para você logo de manhã. Não se preocupe com isso, querida.

Uma bolha final e contundente irrompe do lago como um ponto de exclamação. — Umm, esses não são realmente os produtos de limpeza que eu preciso…

A linha fica em silêncio.

Eu engulo. — Pai…? Você ainda esta aí?

Uma porta se fecha ao fundo, no fim da linha, abafando as risadas, as vozes e a música. A expiração instável do meu padrasto é a próxima coisa que ouço. Quase posso imaginar como ele provavelmente está esfregando os dedos na testa em uma tentativa fútil de canalizar alguma energia fria. — Lark, que porra é essa? Você está bem?

— Sim, estou totalmente bem. — Digo, como se isso fosse apenas um pequeno inconveniente, apesar da camiseta enrolada e ensanguentada que pressiono contra a linha do cabelo, onde lateja um corte profundo. Meu sorriso deve estar beirando a loucura. A fantasia de Harley Quinn e as vinte camadas de maquiagem que estou usando provavelmente também não ajudam, então acho que há mais de um motivo para ser grata por não haver ninguém por perto. — Posso resolver isso se você me der o número.

— Onde você está? Sloane fez alguma coisa?

— Não, de jeito nenhum — eu digo, minha voz firme, meu sorriso desaparece instantaneamente. Embora eu odeie que ele chegue à conclusão de que a culpa é da minha melhor amiga, engulo minha irritação em vez de liberá-la. — Sloane provavelmente está escondida em sua casa com um livro obsceno e seu gato demoníaco. Saí no fim de semana. Não estou em Raleigh.

— Então onde você está?

— Rhode Island.

— Droga.

Eu sei o que ele está pensando, que estou muito perto de casa para uma merda dessa natureza. — Sinto muito, de verdade. O carro só... — Procuro as palavras certas para explicar, mas apenas uma surge. — ...afundou.

— Seu carro?

— Não. O meu é... — Olho por cima do ombro em direção ao meu Escalade, os faróis quebrados olhando para mim. — O meu já viu dias melhores.

— Lark...

— Pai, eu posso resolver isso. Na verdade, só preciso do número de uma faxineira. O ideal é que tenha um caminhão de reboque. E talvez algum equipamento de mergulho.

Sua risada é vazia. — Você só pode estar brincando.

— Sobre que parte?

— Tudo isso, espero.

— Bem — digo enquanto me inclino sobre a queda rochosa para espiar a água. — Talvez consigamos escapar com alguém que saiba fazer snorkel. Não acho que seja *tão* profundo.

— Jesus Cristo, Lark. — Um suspiro sofrido permeia a linha. Detesto a sensação de decepção. É como se ele estivesse bem ao meu lado com aquele olhar que já vi tantas vezes antes, aquele que diz que

ele gostaria que eu pudesse fazer melhor, mas ele simplesmente não suporta partir meu coração dizendo isso em voz alta. — Tudo bem — ele finalmente diz. — Vou lhe dar o número de uma empresa chamada Leviathan. Você precisará fornecer a eles um código de conta. Mas não dê a eles seu nome. Nem por telefone, nem quando eles chegarem. Eles podem ser profissionais, mas são pessoas perigosas, querida. Quero que você me envie uma mensagem a cada trinta minutos para me avisar que está bem até chegar em casa, entendeu?

— Claro.

— E *sem nomes*.

— Entendi. Obrigada, pai.

Um longo silêncio se estende entre nós antes que ele finalmente fale novamente. Talvez ele queira dizer mais, me questionar, fazer algumas perguntas incômodas. Mas ele não faz isso. — Eu te amo, querida. Tome cuidado.

— Também te amo. E eu vou.

Assim que desligamos, recebo uma mensagem do meu padrasto com um número de telefone e um código de seis dígitos. Quando ligo, uma mulher educada e eficiente atende e anota meus dados. Suas perguntas são diretas e minhas respostas são mínimas. *Você está ferida?* **Na verdade, não.** *Quantos mortos?* **Um.** *Algum pedido especial para facilitar a limpeza?* **Equipamento de mergulho.**

Quando ela transmite todos os termos e condições e detalhes de pagamento, desligo e volto para o meu Escalade, onde o motor de refrigeração funciona sob o capô amassado. Eu poderia esperar dentro do veículo, onde está quente, mas não o faço. Esse acidente vai prejudicar meu já fodido horário de sono, então não é como se eu precisasse sentar nos destroços e evocar mais pesadelos. Mesmo assim, as consequências valeram a pena ver aquele predador de merda afundar no reservatório.

Mais um gafanhoto exterminado.

Quando uma amiga de Providence mencionou rumores sobre um professor pervertido na escola de sua irmã mais nova, não demorou

muito para que esse pervertido mordesse a isca em minhas contas falsas nas redes sociais. Em pouco tempo, ele estava pedindo fotos e implorando por um encontro com "Gemma" meu alter ego adolescente. E eu pensei: *Inferno, por que não? Posso voltar para casa para uma visita, festejar o Halloween e me livrar de alguns vermes.* **Tecnicamente, acho que tive sucesso, embora na verdade não tivesse a intenção de jogar o Sr. Jamie Merrick na água. Eu esperava forçá-lo a ir para o acostamento da estrada e atirar em seu rosto, encontrar um troféu digno para levar e depois deixá-lo lá como o pedaço de lixo que ele é. Infelizmente, ele pareceu perceber que estava com problemas e quase escapou. Acho que dei a ele uma grande pista com minha tentativa fracassada de atirar em um de seus pneus quando ele se recusou a encostar. Cacarejar loucamente enquanto eu balançava a arma pela janela provavelmente também não ajudou.**

Pode parecer surpreendente, mas na verdade não é tão difícil escapar impune atirando em alguém em uma estrada deserta e indo embora. O problema é que é um pouco mais difícil cobrir seus rastros quando parte do seu carro está impressa em parte do carro deles.

Pelo lado positivo, jogar o veículo daquele idiota no lago tem um toque mais teatral.

— Tudo vai dar certo no final. — Sussurro enquanto uso uma moeda para afrouxar os parafusos da placa traseira. A placa frontal é uma folha de metal amassada – já a peguei na estrada. Quando termino, tiro meu casaco do Escalade e visto um moletom cinza por cima do short minúsculo e da meia arrastão. Com minha arma guardada com segurança na bolsa, reúno a papelada do porta-luvas antes de jogar a alça por cima do ombro e fechar a porta.

Por um momento, fico parada na encosta íngreme de pedras onde o carro de Jamie capotou e o catapultou para a vida após a morte. Seu rosto está tão claro em minha mente, iluminado pelos faróis no instante anterior ao acidente. Olhos arregalados e em pânico. Cabelo loiro cacheado. Sua boca aberta em um grito silencioso. Ele estava aterrorizado. Ele sabia que estava prestes a morrer e não tinha ideia do porquê.

Não deveria me sentir mal por isso?

Porque eu não sinto. De jeito nenhum.

Pisco para afastar a fúria determinada que ainda perdura em minhas veias e sorrio para a sepultura aquosa à frente. — Às vezes o carma precisa de uma cadela reserva, você não acha, Sr. Merrick?

Com um suspiro de satisfação, caminho em direção à costa rochosa.

Mando uma mensagem para meu padrasto para que ele saiba que estou bem e defino um cronômetro para a próxima mensagem. Depois subo pelas rochas irregulares até encontrar um lugar fora da vista da estrada. Com o capuz puxado sobre as tranças e o corpo dolorido por causa do acidente, deito-me em uma das pedras de granito e olho para o céu, um lugar perfeito para esperar.

E esperar, eu espero.

Por quase três horas.

Um veículo ocasional passa durante esse tempo, embora eles não possam me ver onde estou presa nas sombras das pedras. Nenhum deles para pra verificar o Escalade. Consegui estacioná-lo próximo à vala perpendicular ao lago antes que ele morresse completamente, a menos que você esteja na estrada menos usada e realmente olhando, é difícil ver o dano. Então, quando um carro antigo com motor barulhento se aproxima lentamente e para ao lado do meu SUV, percebo imediatamente. Meu coração troveja sob meus ossos enquanto permaneço agachada entre as rochas para observar.

Meu telefone vibra com uma mensagem de um remetente desconhecido.

DESCONHECIDO

Aqui.

— Curto e direto ao ponto. — Digo para mim mesma antes de me levantar. Minha cabeça gira um pouco e minhas pernas parecem bambas no começo, mas consigo me controlar enquanto me aproximo do carro.

O motor desliga. Seguro minha bolsa junto ao corpo com uma mão dentro, as pontas dos dedos apoiadas no cabo frio da arma.

Quando hesito no meio da estrada, a porta se abre e um homem sai, seu corpo musculoso coberto por uma roupa de mergulho preta. Uma máscara cobre seu rosto de modo que apenas seus olhos e boca fiquem visíveis. Sua constituição é poderosa, mas cada movimento é gracioso conforme ele se aproxima.

Minha mão aperta a arma.

— Código. — Ele rosna.

Esfrego a cabeça com a mão livre enquanto tento lembrar a sequência numérica que repeti para mim mesma diversas vezes desde que meu padrasto me deu. Com esse cara estranho me encarando, levo um pouco mais de tempo para lembrar, do que provavelmente deveria. — Quatro, nove, sete, zero, seis, dois.

Mal consigo ver os olhos do homem na noite sem lua, mas posso senti-los enquanto eles deslizam do meu rosto até os dedos dos pés e vice-versa.

— Ferida — ele sussurra, como se estivesse propositalmente tentando fazer parecer que engoliu cascalho.

— O que...?

Ele se aproxima. Eu recuo, mas não dou mais de três passos antes que ele agarre meu pulso. Os pensamentos sobre minha arma evaporam enquanto sua palma aquece minha pele fria, seu toque inflexível, mas gentil, enquanto ele acende uma lanterna e aponta para meu cabelo.

— Pontos — é tudo o que ele diz.

— Tudo bem... bem, eles não estavam prontamente disponíveis. — Respondo.

Isso me rendeu um grunhido, como se fosse problema meu não ter costurado meu próprio ferimento na cabeça.

Dou um puxão rápido em meu braço, mas ele me segura. Minha tentativa de me libertar de seu aperto também é inútil – ele apenas

segura meu pulso com mais força antes de apontar a luz para meu olho esquerdo, depois para o direito e depois de volta.

— Inconsciente? — ele pergunta.

Quando estreito os olhos e enrugo o nariz em uma pergunta muda, ele bate na minha cabeça com a lanterna.

— Ai...

— Inconsciente? — ele diz novamente, seu tom de comando, embora seja pouco mais que um sussurro.

— Você quer dizer, eu desmaiei? Não.

— Náusea?

— Um pouco.

— Concussão — ele declara, sua voz uma marca áspera de duas sílabas. Ele solta meu pulso como se eu fosse contagiosa e depois se vira, caminhando em direção ao cruzamento onde acelerei em uma placa de pare para o carro de T-bone Jamie Merrick.

Vou atrás do homem enquanto ele mantém a luz apontada para o asfalto. Ele não me diz o que parece estar procurando, mas presumo que sejam pedaços dos veículos deixados para trás pelo impacto.

— Eu nunca tive uma concussão antes. Posso entrar em coma? — pergunto enquanto o alcanço, seguindo-o de perto.

— Não.

— Você acha que estou com sangramento cerebral?

— Não.

— Mas como você sabe com certeza? Você é um médico?

— Não.

— Oh, que bom, porque seus modos ao lado da cama são uma droga.

O homem zomba, mas não se vira. Quando ele para bruscamente, quase caio de cara em suas costas. Estou tão perto que posso sentir o

cheiro persistente do mar em sua roupa de mergulho. Não é preciso muito esforço para imaginar a ampla extensão de músculos escondidos sob a fina camada de borracha sintética que nos separa. Devo estar me perguntando se ele também surfa, ou como seria a aparência dele descascando o tecido saturado na praia? Provavelmente não. Mas eu sou.

Afasto minha imaginação da imagem de seu corpo irritantemente atlético e me concentro no movimento lento de sua lanterna enquanto ela atravessa a estrada de uma vala a outra e vice-versa.

Ele aponta a luz para os pés e fica imóvel, como se tivesse sido enredado por um pensamento que não o deixa ir.

E quanto mais tempo ele fica ali, mais fácil é lembrar que ele é meio idiota.

Minha mente pode estar um pouco desarticulada e lenta agora, mas logo volto aos fatos: esse cara é um idiota de uma só palavra que me lançou um diagnóstico não qualificado e grunhido, como se não houvesse nada com que me preocupar.

Concussão, **ele disse.**

— E se...

— Bêbada? — Ele rosna enquanto gira em minha direção.

Eu pisco para ele. A raiva acende em meu peito. — Com licença?

— Bêbada?

Ele se inclina para frente. Nossos rostos estão a centímetros um do outro. Minha fúria latente se torna piroclástica quando ele respira fundo pelo nariz.

Eu o empurro com as duas mãos. Cristo, é como tentar derrubar uma estátua de mármore. Ele se afasta da minha bolha pessoal, mas apenas porque quer, não porque eu o obriguei.

— Não, eu não estou bêbada, seu idiota de uma palavra. Eu não bebi nenhum álcool.

Ele bufa.

— Então? Você sentiu algum cheiro quando estava na minha cara, cheirando meu hálito como um maldito psicopata?

Isso me rende um bufo.

— Exatamente. Então, obrigada por seus julgamentos totalmente desnecessários, Batman Econômico. — digo enquanto aceno com desdém para seu macacão de neoprene. — Mas eu nunca beberia e dirigiria. Na verdade, não sou muito de beber.

Ele resmunga o que pode ser apenas um grunhido de alívio. — Certo.

— E quero que você saiba que sou uma bêbada adorável. Não é uma bêbada indutora de acidentes.

— Acidente — ele grunhe, e embora seja apenas uma palavra, o sarcasmo em seu tom é inegável. Ele gesticula ao nosso redor com a lanterna. — Sem marcas de derrapagem.

Eu rio. — O que... que marcas...?

Um suspiro frustrado sai de seus lábios. — Marcas. De Derrapagem. — Ele rosna, e eu limpo a garganta em uma tentativa fracassada de conter minha diversão. — Deve haver marcas de derrapagem no local onde você tentou parar.

Dessa vez não consigo segurar - rio alto. E mesmo que o Batman do Econômico esteja usando uma máscara, posso sentir seu olhar fixo na minha pele.

— Eu sei que você provavelmente tem vivido debaixo de uma rocha com todos os seus outros parentes salamandras, mas é de um filme. Hot Fuzz. Marcas de derrapagem. Você sabe, aquele com Simon Pegg e Nick Frost...? Timothy Dalton acaba empalado na torre da igreja na vila em miniatura? Tão engraçado.

Há uma longa batida de silêncio.

— Vamos. A frase mais longa que você junta em sua impressão sussurrante de Batman Econômico é sobre marcas de derrapagem e você espera que eu não ria?

— Ele não gosta de falar — outra voz grita no meio da noite.

Há um lampejo de movimento à minha direita. Antes mesmo que eu possa me virar, o braço do Batman envolve minha cintura, me puxando para trás dele. Minha bolsa cai no chão e meu rosto bate na parede de tijolos revestida de neoprene que é as costas do Batman.

— Filho da puta...

— Abaixe a arma, mano. Sou só eu. — diz a nova voz, interrompendo a enxurrada de palavrões que eu estava prestes a lançar. O cara novo ri e Batman me solta. Agora que minha cabeça parou de girar, entendo o que aconteceu. Como que por instinto, ele se colocou entre mim e o perigo, mantendo-me fora de vista.

Olho por cima do ombro de Batman e vejo outro homem mascarado parado a poucos metros de distância. Suas mãos estão levantadas em sinal de rendição e sua postura é indiferente, apesar da arma que meu protetor aponta para seu peito.

Minha arma.

— Seu filho da puta, isso é meu. Devolva.

O Batman Econômico zomba quando eu bato em seu bíceps enquanto a arma desce para o seu lado.

— Não. — ele diz e depois vai embora.

Ele me deixa no escuro enquanto se aproxima do cara novo, minha bolsa descartada aos meus pés, o conteúdo da minha bolsa de maquiagem aberta espalhada pelo asfalto. Os dois homens falam em voz baixa e ouço frases ocasionais enquanto reúno meus pertences na penumbra. *Reboque o veículo dela... O corpo está no lago... Provavelmente estava no telefone dela. Apenas um acidente idiota***...**

Um acidente idiota.

Minhas bochechas esquentam sob a camada de maquiagem branca. A vontade de responder com a verdade é tão forte que engasga na minha garganta, mas eu engulo e caio no chão para recolher o conteúdo da minha bolsa derramada, enfiando tudo dentro dela enquanto lanço olhares fulminantes para os dois homens, olhares que eles não veem.

E realmente importaria se eu os esclarecesse? Esses caras são faxineiros profissionais. Eles consertam bagunças para pessoas muito mais assustadoras e perigosas do que eu. Tenho certeza de que eles já viram de tudo, desde acidentes legítimos até tortura e tudo mais. Que mal faria se eles soubessem a verdade?

Mas é uma confissão que não posso correr o risco de devolver à minha família. Eles podem não ser as pessoas mais barulhentas e limpas, mas tenho um papel a desempenhar, embora o agente do caos possa ser adequado, o assassino definitivamente não é.

Então coloco um sorriso radiante, coloco minha bolsa no ombro e vou até eles.

— Eu odiaria interromper esta pequena festa de sussurros de super-heróis, mas provavelmente deveríamos colocar esse show na estrada, você não acha? Faltam quatro horas e vinte e dois minutos para o nascer do sol. — digo, apontando o foco para o relógio. Quando olho para cima, a cabeça do novato se inclina como se estivesse surpreso com meu cálculo rápido. Provavelmente justificado, dada a primeira impressão duvidosa. Quando mudo meu olhar para Batman, seus olhos são um corte estreito atrás da máscara. Mas endireito os ombros e levanto o queixo, me protegendo contra seu julgamento. — Bem? Quanto mais cedo consertarmos isso, mais cedo nunca mais nos veremos.

— Funciona para mim, Barbie Desastrada. — meu Cavaleiro das Trevas de roupa de mergulho retruca. Percebo a cadência de um sotaque, apesar de sua tentativa de escondê-lo, embora não consiga identificar sua origem.

— Não se afogue, Batman Econômico. O que Rhode Island faria sem suas habilidades exemplares de atendimento ao cliente e seus diagnósticos médicos empáticos?

O cara novo bufa enquanto cruzo os braços e me envolvo em uma disputa de encarar o Batman que parece durar seis anos. Ele finalmente cede e empurra minha arma no coldre para seu companheiro com instruções estritas para não entregá-la para mim. Então ele se vira bufando e segue em direção ao carro para pegar seu

equipamento de mergulho.

O novato e eu observamos em silêncio enquanto nosso companheiro descontente verifica seus tanques, transporta o equipamento até a costa, troca às botas por nadadeiras e desce na água negra.

— Eu sou Conor — diz meu novo companheiro, sem tirar os olhos do lago enquanto estende a mão em minha direção.

— Barbie Durona — respondo, aceitando o aperto de mão. — Também conhecida como Harley Quinn, aqui apenas por uma noite.

— Imaginei. Maquiagem legal.

— Obrigada. Não tenho certeza se seu amigo concordaria. Ele é sempre tão idiota?

— A maior parte do tempo. Sim.

— Ótimo.

— Normalmente ele é mais um idiota que irrita e aperta botões. Esta noite ele é apenas mais um idiota.

— Multifacetado em sua capacidade de ser um idiota. Bom saber.

Conor ri e me passa a arma, mas a segura até que eu o encare. — Não faça nada estúpido.

— Juro.

— E se alguém lhe causar problemas, atire nele. — diz Conor. Eu aceno e ele solta a arma. Eu a puxo de suas mãos com uma mão lenta e cuidadosa. Com um olhar final e avaliador, ele se vira e se afasta pela estrada deserta.

— E se for seu amigo quem me causa problemas? — Eu chamo por ele.

— Definitivamente atire nele. Basta mirar nas rótulas. O resto dele ainda pode ser útil.

Sorrio e coloco a arma na bolsa antes de voltar minha atenção para o lago. Posso ver o brilho suave de uma lanterna à prova d'água

sob a superfície ondulada. Não demora muito para que o som de um motor se aproxime e um caminhão de reboque pare em meu Escalade. Conor trabalha com eficiência para conectá-lo, assim que termina, dirige-se à praia para esperar seu companheiro.

Poucos momentos depois disso, um corpo sobe à superfície, seguido pelo meu descontente Cavaleiro das Trevas.

Minha frequência cardíaca dispara quando ele cospe o regulador e cruza o braço em volta do cadáver para rebocá-lo até a costa. Eu me pego mexendo na alça da minha bolsa enquanto observo seu progresso. Neste breve encontro, o escrutínio nos seus olhos foi como uma marca na minha pele. Mesmo agora, embora não consiga rastrear seu olhar desta distância durante a noite, ainda posso senti-lo me despedaçando, um pedaço de uma lâmina invisível.

Por que eu deveria me importar com a forma como ele olha para mim? O que ele pensa? Ele não sabe nada sobre mim ou o que é isso ou por que isso teve que ser feito. Ele não sabe da promessa que devo cumprir.

— Ele é um maldito estranho. — Digo a mim mesma em voz alta quando meus pensamentos simplesmente não são suficientes. — Depois desta noite, você nunca mais o verá.

Dou alguns passos à frente para ver Conor ajudar a levar o corpo para a praia enquanto Batman sai da água para largar seu equipamento nas rochas. Quando ele termina, eles içam o cadáver de Merrick em seus braços, Conor agarrando as pernas moles enquanto Batman segura os braços. Com alguns grunhidos e pequenos tropeços, eles chegam à estrada, deixando cair o corpo aos meus pés.

Por um longo momento, ouve-se apenas o som de suas respirações ofegantes.

Os dois homens me observam. Eu os observo de volta. Um breve e espesso silêncio desce. É como se eles estivessem esperando que eu iniciasse uma rotina de música e dança, mas eu esqueci todas as letras. Não consigo me lembrar dessa coreografia ou do que devo fazer.

A cabeça de Conor se inclina e a epifania me atinge no rosto.

Pressiono a mão sobre o coração e gesticulo em direção ao corpo esparramado na estrada.

— Oh... meu Deus... isso é tão horrível... o que eu fiz...

Mais silêncio. Uma coruja pia nas sombras da floresta.

— Que tragédia... — Continuo enquanto enxugo meus cílios secos. — Tão triste... nunca vou me perdoar.

— Porra, Cristo Jesus. — Batman sussurra e rosna. — Típico.

— Com licença?

— Típico **— ele diz novamente, avançando para olhar para mim. — Você é a princesinha perfeita de alguém que literalmente não dá a mínima para um cara inocente que foi pego em seu caminho de destruição.**

O protesto que começo a fazer sobre a "inocência" de Merrick se perde quando Conor desliza a mão pelo peito de Batman na tentativa de afastá-lo. — Ei cara, vamos lá...

— Sempre dependendo de alguém para vir e limpar sua bagunça para você. — Batman continua, rosnando em meio aos protestos cautelosos de Conor, seu sotaque vindo à tona mais uma vez. — Navegar pela vida quase sem deixar marcas, não importa quem fique no seu caminho.

Avanço e elimino a distância entre nós, parando tão perto que posso sentir o cheiro doce de menta de seu hálito acima do cheiro da água do lago. Minha expressão é nada menos que letal enquanto olho para seu rosto mascarado. — Seria um bom momento para lembrá-lo de que sou sua cliente? Ou mais tarde? Este é o seu trabalho, lembra?

— Não, não é.

— Mas eu pensei que você fosse um maldito faxineiro.

— Você pensou errado, Barbie Desastrada.

— Então por que você está aqui?

— Eu não tenho escolha.

Batman me dá as costas enquanto se abaixa para pegar o braço frouxo de Jamie, erguendo o cadáver sobre o ombro com um grunhido. Quando ele se aproxima de mim com um olhar furioso, não recuo, embora meu coração grave meus ossos a cada batida martelada.

— Você não me conhece — eu sibilo.

Seu olhar queima minha pele. — E eu não quero. — diz ele.

Eu o vejo caminhar até o caminhão de reboque com o corpo pendurado no ombro. Meus olhos nunca se desviam de sua forma enquanto ela desaparece nas sombras, nem mesmo quando Conor para ao meu lado.

— Sinto muito por ele. — diz Conor, com a voz baixa e calma enquanto segura a nuca com a mão enluvada. — Ele é apenas... sim. Não foi uma boa noite para ele. Eu sei que provavelmente é difícil de acreditar, mas não é nada pessoal. E ele está fazendo isso há muito tempo, eu acho.

Concordo com a cabeça e desvio o olhar do caminhão de reboque onde Batman está ocupado embrulhando o corpo em plástico e depois em um cobertor. Embora eu ouça seu grunhido enquanto ele coloca Merrick na parte de trás do veículo, mantenho minha atenção na floresta. As árvores me convidam a encontrar um lugar tranquilo onde possa sentar-me com meus pensamentos. Talvez eu pudesse encontrar um pouco de paz, se o mundo ficasse em silêncio, só por um tempinho...

— Voltaremos com o caminhão guindaste amanhã à noite e tiraremos o carro do lago. Vou limpar tudo o que ficou na estrada esta noite. — diz Conor, interrompendo minha fantasia fugaz. Posso sentir seus olhos na lateral do meu rosto, mas não olho em sua direção. — Batman aí... ele pode ser áspero, mas é tão sólido quanto parece. Nós vamos fazer isso. Garantiremos que nada ligue você a este lugar. Não há registros. Nenhuma evidência. Em breve será como se todo o acidente nunca tivesse acontecido.

— Certo. — Eu sussurro, mas meu sorriso é passageiro. Se era para tranquilizá-lo de que estou totalmente bem, falhou. Quando olho na direção de Conor, posso ver a preocupação brilhar em seus olhos,

embora o resto de suas feições esteja obscurecido pela máscara. Eu me esforço um pouco mais com aquele meu sorriso. — Que acidente, certo?

— Isso mesmo. — diz ele com uma risada. Ele provavelmente pensa que é apenas uma piada sem entusiasmo e sem graça quando se afasta para ajudar o descontente Cavaleiro das Trevas a pegar seu equipamento de mergulho nas rochas e colocá-lo no carro. E embora um leve traço de sorriso permaneça em meu rosto, esperando que ambos passem, sinto-me mais sozinha do que nunca sob ele.

Batman Econômico joga a roupa de mergulho no porta-malas aberto de seu Dodge Charger vintage. Ele vestiu uma calça jeans preta que abraça suas coxas musculosas, uma camisa preta de mangas compridas e uma máscara de esqui nova. Ele calça um novo par de luvas de couro e caminha em minha direção enquanto resisto à vontade de agarrar a arma que está escondida na minha bolsa.

— Hora de ir. — Ele grita enquanto se aproxima de onde eu planto meus pés no centro da estrada.

Cruzo os braços. — Que tal, 'Hora de ir, por favor.' Ou: 'Vamos partir? Meu Batmóvel espera, bela donzela'.

Há um estrondo constante na brisa fresca. Por um momento penso que é um veículo distante se aproximando. Talvez um com um silenciador de merda.

Mas não.

É ele. *Rosnando***.**

Eu recuo, mas ele se choca contra mim. Em um movimento que causa náusea, ele me joga por cima do ombro e gira, e então minhas entranhas batem contra seus ossos e músculos enquanto ele caminha em direção aos veículos. Pego meus pertences antes que caiam, e a vontade de atirar na bunda dele é quase tão irresistível quanto a de vomitar nas costas dele.

— *Deixe-me descer.* **— Meus esforços para acertá-lo são tão inúteis quanto tudo o mais que tento, desde me contorcer, xingar e tentar derrubá-lo com minha bolsa gigante.**

— Claro, sua maldita catástrofe.

Em um movimento rápido, caio de bunda no chão com as pernas penduradas para fora do porta-malas do carro dele.

— Absolutamente não. — Eu rosno. Tento sair do porta-malas, mas parece que meu cérebro foi sugado da cabeça e substituído por sopa. Tudo *chacoalha*. Meus pensamentos. O mundo. O conteúdo do meu estômago. Demora muito para lembrar como fazer meus membros funcionarem. Quando o faço, Batman me mantém enjaulada, com as mãos enluvadas apoiadas na base do tronco, de cada lado das minhas pernas. As pontas de seus polegares tocam minhas coxas. Ele ocupa todo o espaço ao meu redor, embora eu feche os olhos, sua presença está em toda parte. Sinto o cheiro dele, menta e água do lago. Sinto o calor de sua respiração em meu rosto. Quando encontro seu olhar, seus olhos azul marinho são a primeira coisa que vejo, sua intensidade amplificada pela máscara de esqui preta que os emoldura.

Um nó se aloja na minha garganta. O tremor começa em meus braços e se arrasta em direção às minhas mãos. — Por favor, você não entende. — Eu digo.

— Entre.

— Não.

— Agora.

— Por favor **— eu sussurro. — Não aqui. Eu vou com o caminhão de reboque.**

— Não, você não vai. Não com a montanha de provas que o meu colega irá retirar daqui. E não vou arriscar que você seja vista sentada na frente. — Batman grita.

— Isso parece extremo e mais como se você simplesmente não quisesse se sentar ao meu lado.

Batman encolhe os ombros e se inclina um centímetro mais perto. Quase não há espaço entre nós. Seus olhos caem para meus lábios, que estão manchados com maquiagem espessa, pintados de vermelho e preto. — Acho que você nunca saberá — diz ele, com a voz um estrondo baixo. — Mas não há outra opção.

Meu nariz dói, mas recuso a súbita tentação de lágrimas frustradas. Não vou chorar, não na frente desse idiota. Se ele sente meus joelhos tremendo, ele não percebe. Ele apenas se aproxima, seus olhos presos aos meus. Eu sei que ele não vai recuar. E ele também pode ver isso, no momento em que a compreensão realmente se instala em minhas veias.

Meus ombros caem. — Eu estou te implorando — eu sussurro.

— Você não está fazendo um bom trabalho, infelizmente.

— Você realmente é um idiota.

— E você quer sair daqui tanto quanto eu. Esta é a sua única saída, então é melhor você ficar quieta — ele diz, então sua mão está na minha cabeça, me empurrando para baixo com uma leve pressão enquanto a outra guia a tampa para baixo atrás de mim, forçando-me na escuridão até que eu apertar meus olhos fechados. — Quando chegarmos a Providence, vou deixar você sair e você poderá causar estragos em seu próprio tempo. Até então, tente se comportar.

O porta-malas fecha. Meus olhos se abrem para a escuridão total. Meu batimento cardíaco troveja em meus ouvidos. As lágrimas que escondi dele vêm com força total agora enquanto enrolo meu corpo em uma bola apertada e abraço minha bolsa contra o peito, a roupa de mergulho descartada do Batman úmida contra o topo da minha cabeça. Puxo o braço para baixo e descanso na minha testa, onde uma película de sangue coagulado, maquiagem branca e suor implora para ser raspada da minha pele.

Você está bem. Você está bem, você está bem, você está bem. Você sabe o que fazer.

Repito meu mantra até que minha respiração em pânico diminua apenas o suficiente para captar o som das palavras abafadas trocadas entre Batman e Conor. É uma conversa curta e pragmática. Minha esperança de que Conor coloque algum bom senso em seu amigo é passageira, porque um momento depois a porta do motorista se abre e se fecha. O motor dá partida com um rosnado e então partimos.

Preciso de um novo plano.

Aproveito minha fúria para manter o foco enquanto manobramos algumas curvas suaves e nos estabelecemos em velocidade constante. Quando tenho certeza de que Batman deve estar confiante de que vou me comportar bem, bato o punho no teto do porta-malas, numa confusão de carne contra metal.

— Não tenho certeza se você já ouviu isso antes, *mas você é um idiota total.* **— Eu grito, com lágrimas ainda escorrendo dos meus olhos. Minha batida se torna uma percussão para pontuar meu canto. —** *Idiota, idiota, idiota.*

— Cale a boca — ele rosna antes de aplicar mais pressão no acelerador.

— Venha me fazer, eu te desafio. — Bato de novo e ele finalmente aumenta o volume da música para me abafar. No momento em que começa, suavizo meus golpes e protestos, e então deixo que eles desapareçam.

Quando estou convencida de que ele pensa que ganhou esta rodada, ligo a lanterna do meu telefone e vasculho minha bolsa.

Minha gargalhada maníaca é abafada pelo motor e pela música enquanto retiro a barra aparafusada da minha guitarra Jackson com minha mão suada e trêmula. Posso ter nascido Montague, que vem com sua própria história de loucura, mas também sou Covaci, e meu padrasto me ensinou todos os tipos de truques úteis, como me livrar das braçadeiras. Como dar nó de carrasco. Como carregar uma arma.

E como escapar do porta-malas de um veículo.

A trava vintage é um pouco complicada, mas pelo lado positivo provavelmente não há nenhuma luz de advertência no painel mecânico para alertar meu motorista quando consigo soltá-lo na terceira tentativa. Seguro o mecanismo para manter a tampa do porta-malas aberta apenas o suficiente para poder ver a estrada desaparecer atrás de nós. Ainda estamos no meio do nada – sem trânsito, sem pedestres, quase sem casas. É apenas a floresta. Eu e as lanternas traseiras escuras e vermelhas que sangram na noite negra.

O carro diminui a velocidade. O eixo motor desengata quando

Batman muda de marcha e freia. As lanternas traseiras acendem. Um pisca, sinalizando uma curva para a direita.

Abro a tampa apenas o suficiente para escapar do porta-malas antes de pararmos. Não é uma desmontagem elegante. Raspo um joelho no asfalto e rasgo meu moletom. A fumaça do escapamento se espalha pelo meu rosto quando me ajoelho atrás do para-choque. Seguro suavemente a tampa para baixo para que ele não perceba pelo retrovisor. As dobradiças antigas são rígidas o suficiente para não abrirem quando eu diminuir a pressão. Não consigo fechá-la completamente, mas se o Batman não me vir enquanto se vira, talvez eu tenha tempo suficiente para desaparecer.

As luzes diminuem quando ele tira o pé do freio. Com um rosnado e uma nuvem de fumaça cinza, o motor acelera. O carro faz a curva e arranca.

Fico apenas por um instante, agachada na estrada vazia. E então me levanto, enxugo as lágrimas geladas do rosto e vou embora na direção oposta.

Você não me conhece, **penso quando dou uma última olhada no carro antes que ele desapareça em uma curva.**

E ele está certo.

Ele não quer.

Capitulo Dois
ALVO



...UM ANO DEPOIS.

— Faz anos que não temos um happy hour como esse — diz Leander enquanto joga um dardo. Um instante depois, um grito distorcido ecoa nas paredes de concreto quando a ponta de metal atinge a bochecha de Robbie Usher. Mais alguns dardos tremem em seu rosto enquanto ele treme de medo e dor. Seus soluços escapam da mordaça que estica os cantos de sua boca para revelar suas gengivas inchadas e ensanguentadas. Seus dentes superiores e inferiores chegaram até os molares. Deixando de lado o sangramento nas gengivas, o dardo pendurado em seu lábio inferior parece especialmente doloroso. Naturalmente, esse é o favorito de Leander.

Até aqui.

Não posso dizer que esta é a vida que imaginei para mim, arrancando dentes com um alicate e jogando dardos na cara de um cara no porão do meu chefe numa sexta à noite. Quem faz isso, eu, acho? Pensando bem, provavelmente não passei grande parte da minha infância imaginando o que queria ser quando crescesse. Eu estava muito ocupado tentando descobrir como sobreviver. Não me lembro de sonhar em ser bombeiro, policial, professor ou qualquer coisa assim. Os devaneios mais vívidos de que me lembro, eram como escapar impune de um assassinato. Até desejei isso no meu

aniversário de treze anos, quando meus irmãos juntaram dinheiro suficiente para comprar ingredientes para fazer um bolo para mim.

E todos nós sabemos o que dizem sobre desejos.

Leander me oferece um dardo novo na palma da mão virada para cima. Eu fico olhando para ele. Engulo meu desgosto. Peguei um suspiro irritado em meu peito. Tento evitar que minha máscara apática escorregue. Mas Leander Mayes me conhece desde que eu tinha dezessete anos, quando ele apareceu como um anjo nos meus momentos mais sombrios.

Mal sabia eu que aquele anjo seria o diabo disfarçado.

— Vamos agora, Lachlan. Você sabe o quanto eu adoro dardos.

— Certo... — eu digo, levando meu copo aos lábios e tomando um longo gole de água. *Droga*. **Eu gostaria que fosse algo mais forte, mas aprendi da maneira mais difícil a não me entregar ao extenso suprimento de uísque de trinta anos de Leander em uma noite de sexta-feira, quando ele está com vontade de um "happy hour". A última vez que isso aconteceu, acordei três dias depois, enchendo o rosto de melancia enquanto estava sentado em uma calçada em Carlsbad, Novo México, literalmente sem nenhuma lembrança de como cheguei lá.** *Novo México*. **Filho da puta.**

Leander sorri como se tivesse entrado na porra do meu cérebro enquanto eu pego o dardo e o jogo na direção de Robbie, sem tirar os olhos do meu chefe. A julgar pelo barulho do metal contra o concreto, errei e bati na parede.

Leander suspira e passa a mão pelos cabelos prateados. Seus olhos brilham de diversão, embora ele tente parecer desapontado.

— Sabe — ele diz enquanto coloca outro dardo na palma da mão aberta. — Eu sempre cumpri minha promessa a você. Nunca lhe dei uma pessoa inocente para matar. E você sabe tão bem quanto eu que Robbie não é nenhum santo.

Ele tem razão. Eu sei. Ouvi o nome de Robbie Usher aparecer ao longo dos anos. Meu irmão Rowan até o mencionou uma vez como alguém que ele queria matar antes que o merdinha imprudente

começasse sua competição anual de assassinatos com Sloane e perdesse o interesse em traficantes de drogas idiotas como Robbie.

— Sim, eu simplesmente prefiro terminar essas coisas e acabar logo. De forma limpa. Não assim... — digo, acenando com a mão na direção de Robbie. Quando olho em sua direção, ele tenta implorar por liberdade. Lágrimas e ranho acumulam sangue em seus riachos enquanto escorrem por sua pele pálida. — Meu trabalho é um assassino contratado. Não é um limpador. Não é um torturador.

— Seu trabalho é o que eu preciso que seja.

Quando encontro o olhar de Leander mais uma vez, a diversão em seus olhos cor de musgo desapareceu. Resta apenas um aviso.

— Pelo que me lembro, a última vez que você esqueceu seu trabalho e suas boas maneiras, você teve alguns problemas. Definitivamente não me lembro de ter instruído você a irritar um de nossos clientes mais valiosos, não é?

Embora muitas vezes eu pense que deveria ser imune a emoções como vergonha ou constrangimento, às vezes elas se aproximam de mim e queimam minhas bochechas. Assim como agora, quando me lembro das consequências do trabalho de limpeza que ele me mandou fazer no ano passado, na noite de Halloween. Esse contrato específico murchou depois daquela noite, junto com minhas esperanças de sair do controle de Leander.

E a parte que mais me irrita? Nem sei por que agi como um idiota com aquela mulher cuja bagunça fui enviado para consertar.

Talvez eu já estivesse chateado por ter que deixar Fionn para trás naquela maldita festa quando ele estava chorando para fazer a limpeza quando esse não era meu trabalho. Talvez fosse a maneira como ela agia como se a morte e o caos que acabara de causar não fossem grande coisa. Talvez tenha sido até o fato de ela estar claramente ferida quando me disseram que ela estava bem. Ela definitivamente não estava bem. E isso inexplicavelmente me deixou quase tão irado quanto ser chamado para mergulhar em águas escuras e geladas na noite de Halloween. Não tenho certeza do que foi que me levou ao limite. Só sei que a Barbie Desastrada escorregou bem

debaixo da minha pele. E eu, porra, a deixei fazer isso. Pior ainda, ela escapou e eu nem sei *como.*

Eu balanço minha cabeça.

Nós nos encaramos por um longo momento antes que a expressão de Leander se suavize. Ele coloca a mão em meu ombro, a outra ainda segurando o dardo como uma oferenda preciosa.

— Robbie é quem está por trás do último lote de fentanil arco-íris que a polícia descobriu em uma operação na semana passada. Maldito fentanil arco-íris. Ele fazia suas drogas parecerem doces. — sussurra Leander, uma melodia sombria que ressoa em meus ouvidos. As sobrancelhas de Leander se levantam enquanto Robbie grita seus protestos do outro lado da sala. — Ele está mirando em crianças de propósito, Lachlan. E desta vez, ele alcançou crianças cujos pais podem contratar o tipo de pessoa que realmente fará justiça onde ela é mais necessária. Pessoas como você.

Volto minha atenção para Robbie enquanto ele luta contra as braçadeiras que prendem seus pulsos e tornozelos a uma cadeira de metal. Seus olhos arregalados não são inocentes. Seus protestos abafados são apelos egoístas, não palavras de remorso. Embora eu não tenha me dado ao trabalho de procurar os detalhes das últimas aventuras de Robbie antes de pegá-lo, sei que Leander não está mentindo. Ele nunca faz isso.

Meus olhos não se desviam de Robbie enquanto tiro o dardo da palma de Leander. Não há necessidade de olhar para meu chefe para avaliar sua reação. Eu posso sentir isso. Seu sorriso é uma respiração contra minha pele antes de ele recuar.

Eu atiro. Robbie grita quando o dardo atinge sua testa e ricocheteia no osso e cai em seu colo.

— Ufa, boa tentativa. Quase um alvo. Mas estou ganhando — declara Leander enquanto se alinha para dar a próxima tacada. Ele está prestes a lançar o dardo quando um alerta de segurança soa nos alto-falantes. Viramos em uníssono para a tela pendurada atrás do bar. Um jogo de rugby está mudo e a imagem de segurança no canto superior direito mostra o portão da frente da propriedade de Leander.

Há um velho Honda Civic esperando para entrar.

Um segundo depois, uma ligação chega ao celular de Leander. — Deixe-o entrar — ele diz em vez de cumprimentá-lo. Ele desliga sem se despedir e eu observo pela tela enquanto os portões se abrem. O carro segue em frente na calçada, que serpenteia por entre pinheiros.

Troco meu copo pela arma e caminho em direção à porta fortificada do porão enquanto Leander lança outro dardo. — Já volto — resmungo. O grito estridente de Robbie estala em meus calcanhares quando o aço pesado se fecha atrás de mim.

O silêncio no resto da casa é um bálsamo, calmante e doce depois do sofrimento. O sol de outubro já está tão baixo atrás da floresta que cerca a casa que todos os móveis caros e decorações selecionadas estão cobertos de sombra. A esposa e os filhos adolescentes de Leander passaram o fim de semana fora. Até os seguranças estão mantendo distância. Às vezes, o chefe quer fingir que é apenas um cara simples com uma vida descomplicada. O tipo de cara que toma algumas cervejas na sexta à noite. Diverte-se com suas ferramentas. Pede comida para viagem. Talvez jogue uma ou duas rodadas de dardos.

Mas em seu típico estilo psicopata de alto funcionamento, Leander dá um toque sangrento a praticamente tudo o que faz.

Abro a porta da frente e mantenho minha arma escondida atrás do mogno grosso, o cano apontado para o garoto. Na casa de Leander, cuidado nunca é demais.

— Um pepperoni e um amante de carne? — ele pergunta enquanto verifica o recibo.

Meu estômago revira desconfortavelmente. Pizza nunca é um bom sinal. Leander sempre se comporta melhor quando o assunto é tailandês – ele não gosta de desperdiçar a boa comida. — Parece correto.

Depois de dar uma gorjeta ao garoto e trancar a porta atrás de mim, coloco minha arma no coldre e levo as caixas de volta para o porão, lançando um olhar ansioso para o relógio de parede enquanto

ando. Quase cinco e meia. Graças a Deus, eu tenho uma desculpa para dar o fora daqui esta noite.

Robbie tem mais três dardos cravados na pele quando entro na sala.

— Porra, sim. Estou morrendo de fome. Isso é um esporte, você sabe. — diz Leander enquanto lança um dardo em um arco alto, provavelmente na esperança de prendê-lo no topo da cabeça de Robbie como uma bandeirinha. Em vez disso, ele cai em sua coxa, a ponta de metal alojada profundamente, o som da angústia de nosso cativo é um acompanhamento áspero da música que toca nos alto-falantes montados nas paredes.

Uma dor de cabeça surge atrás dos meus olhos. — Hummm.

— Trabalho duro.

— Sim, você está realmente suando muito aí.

Leander sorri e me segue até o balcão de seu bar de cobre, onde coloco as caixas ao lado do alicate manchado de sangue e dos incisivos descartados. — Com fome?

— Surpreendentemente, de jeito nenhum.

— Apenas uma fatia?

Eu balanço minha cabeça. — Me guardando para esta noite.

— Ah sim. Rowan está pronto para a inauguração de sua nova casa Butcher & Blackbird? — Leander abre a caixa de calabresa e tira uma fatia. Meus molares se apertam como fazem toda vez que ele menciona meus irmãos pelo nome. Leander nunca foi nada além de gentil com eles nas raras ocasiões em que ficou cara a cara com meus meninos. Mas a bondade é uma máscara insidiosa. Uma isca no escuro. Eu vi a criatura grotesca que está por trás da linda luz.

— Tão pronto como ele sempre estará.

— Deseje-lhe sorte para mim, certo? — Seu sorriso é luminoso enquanto ele dá outra mordida na pizza e a acompanha com um longo gole de cerveja. — Dois restaurantes. Quem diria que todos vocês estariam onde estão agora. Rowan, um chef de sucesso. Fionn, um

maldito médico. E você com seu próprio estúdio. Aposto que vocês nunca poderiam ter imaginado isso no primeiro dia em que encontrei vocês, meninos.

— Sim. — eu digo, minha voz fina enquanto a névoa da memória desce para lutar com o presente.

— Ainda me lembro como se fosse ontem: Rowan, um adolescente desajeitado com sangue escorrendo pelo queixo. Parecia algo saído de um filme de zumbi. A princípio pensei que ele tivesse arrancado um pedaço de Fionn, até que percebi que Fionn estava costurando o lábio de Rowan com a porra de uma agulha de costura.

Concordo com a cabeça, ou pelo menos acho que sim. Leander continua falando, mas eu realmente não o ouço.

A memória está imaculada. É como se eu tivesse entrado naquele momento. Cada imagem é tão nítida. Tão claro. Lembro-me de todos os detalhes, do minuto ao monumental. Ainda sinto a batida fantasmagórica na ponta do dedo que foi cortado. Posso ver o tom preciso de vermelho que emanava de um corte profundo no lábio superior de Rowan. Imagino o rosto de Fionn enquanto ele puxava o fio pela carne rasgada, a concentração em seus olhos. Lembro-me de como o luar entrava pela janela e refletia nos cacos de vidro quebrados e nos últimos pratos de porcelana de minha mãe espalhados pelo chão.

E, de forma mais vívida, lembro-me do corpo sem vida do meu pai deitado aos meus pés, com o cinto enrolado em seu pescoço, uma das pontas ainda enrolada em meu punho pegajoso e trêmulo.

Rowan se virou para mim, a linha esticada entre o lábio cortado e a agulha presa nos dedos de Fionn. Seus olhos eram suaves, tão suaves que percebi que talvez fosse a primeira vez que o via relaxado. — Você pode soltar, Lachlan — ele disse enquanto seu olhar descia para minha mão.

Foi apenas um momento depois que Leander entrou e mudou tudo, até mesmo as coisas que já haviam sido irrevogavelmente alteradas. Esse cinto ainda estava enrolado no meu punho. E quando Leander olhou para mim, ele sorriu.

— ...e então Rowan disse: 'Juro que foi quase um acidente', e pensei, sim, essas crianças estão bem. — diz Leander com uma risada baixa. Pisco para afastar a memória, percebendo que perdi parte do que ele estava dizendo...

... e tudo o que ele estava fazendo.

— O que diabos você está fazendo?

Leander pega uma fatia de pizza de amante da carne e coloca no liquidificador onde a primeira fatia já está dobrada, com gordura e condensação espalhadas pelo vidro. — Smoothies.

Olho da caixa de pizza para o liquidificador e vice-versa. — O quê?

— Smoothies. **Você sabe, comida batida.**

— Um... smoothie de pizza...?

Leander simplesmente sorri enquanto coloca meia lata de cerveja no liquidificador.

— Por quê?

— Robbie realmente não tem mais dentes. De que outra forma ele fará uma última refeição? — Leander volta sua atenção para Robbie, que chora em sua cadeira. — Ninguém te disse que doce vai apodrecer seus dentes, idiota? Falando nisso...

Leander desliza os dentes do balcão para a palma da mão antes de colocá-los no liquidificador e ligá-lo. A cerveja espuma. O queijo derretido gruda no copo. São necessárias algumas paradas e recomeços, mas eventualmente ele transforma a mistura em uma pasta marrom espessa e borbulhante.

— Porra, Cristo Jesus. Isso é realmente horrível.

Leandro dá de ombros. — Ainda só pizza e cerveja, mas com cálcio extra.

— Ele não tinha um dente dourado em um deles?

Leander espalha a mistura e espia dentro da jarra, mas não há muito para ver na lama marrom. — Sim, ele tinha. Então, tem cálcio

sofisticado. De qualquer forma, tenho certeza de que o gosto é praticamente o mesmo.

— Duvidoso. Você deveria tentar. Teste sua teoria e me avise.

— Porra, não — ele diz logo após uma risada enquanto despeja a mistura em um copo de cerveja. — Eu tenho uma queda por dentes.

Eu gemo e Leander gargalha de novo, claramente encantado consigo mesmo. Ele passa a mão pelos cabelos prateados e depois vasculha as gavetas atrás do balcão até tirar o funil com um som de triunfo. — Cristo Jesus, cara. Estou indo embora.

Eu me viro, mas não dou nem um passo para trás antes que suas palavras me parem.

— Sabe, garoto, eu poderia fazer você ficar.

Olho para a porta por um longo momento, sem piscar, antes de me virar para encarar Leander. Ele ainda está sorrindo enquanto passa por mim com o funil em uma mão e o copo cheio na outra. Mas há sempre uma ameaça por trás de seu sorriso descolorido e das rugas que aparecem nos cantos dos olhos. Há um lado predatório em Leander que corta essa máscara como uma navalha.

Leander aponta a cabeça para Robbie numa tentativa de eu siga-lo, e eu o faço. — Ainda bem que sou todo benevolente e essas merdas. Eu não gostaria que você perdesse a noite especial do seu irmão mais novo. E eu *definitivamente* não gostaria que ele cuspisse na minha refeição na próxima vez que eu fosse visitá-lo. O que se diz é que, embora ele possa ter reduzido o teatro do Açougueiro de Boston pela cidade, ele ainda está um pouco perturbado. Eu entendo que recentemente ele não estava fazendo nada de bom no Texas com aquela namorada dele. Foi para lá que eles foram, certo? Texas? E... ah, onde estavam antes disso...? Eu me lembro, agora. Califórnia. Calabasas, especificamente. E Virgínia Ocidental...

— O que você quer de mim? — Eu rosno.

Leander sorri. — Basta mantê-lo firme.

Com um brilho ofuscante, fico atrás de Robbie e pressiono as palmas das mãos em cada lado de sua cabeça. Ele treme em meu

aperto.

— Abra bem, filho da puta. — Leander empurra a ponta do funil além da mordaça de Robbie. Robbie tenta se livrar do meu aperto, mas não há como escapar. — Última refeição no cano abaixo. Você sabia que o filho dos Nelson teve que ser alimentado por sonda depois que teve uma overdose com seu doce de fentanil? É mais ou menos a mesma coisa. — diz ele enquanto despeja as primeiras porções grossas de smoothie de pizza no funil.

— Não é exatamente a mesma coisa — resmungo acima do som da tosse gorgolejante de Robbie.

— Perto o suficiente. — Leander derrama mais mistura, mas acaba escorrendo pelos cantos da boca de Robbie. Um suspiro frustrado sai dos lábios do meu chefe psicótico. — Ele não está engolindo.

— Não consigo imaginar por quê.

— É só pizza e cerveja, Robbie.

— E dentes.

— Imagine que seja proteína em pó. Vamos lá, cara. Descendo pela escotilha. — diz Leander enquanto tenta novamente. Robbie choraminga e geme, mas ainda não engole. Um suspiro petulante sai dos lábios do meu chefe enquanto seus ombros caem. — Aperte o nariz dele.

— Passe difícil.

— Isso não foi uma pergunta, garoto.

— Leander...

— *Faça isso*, **Lachlan, e então deixarei você ir para sua festa.**

Nossos olhos se travam por um momento que parece interminável.

Eu poderia quebrar o pescoço do Leander. Com um soco na garganta, eu poderia esmagar sua traqueia. Eu poderia enfiar a palma da mão na base do seu nariz com um estalido satisfatório. Ou eu

poderia pegar o caminho mais fácil e atirar nele. Deixá-lo sangrar pelo chão como tantos outros antes dele que se encontraram em seu porão em uma noite de sexta-feira.

Mas a vingança pela minha traição seria rápida e impiedosa. Seus irmãos igualmente idiotas me caçariam até os confins da terra, assim como eu faria com os meus. E a vingança deles não começaria nem terminaria comigo.

Meus dedos envolvem o nariz de Robbie e apertam-no com força.

— Os Nelsons queriam que ele sofresse como eles sofreram. Isto não é tortura, Lachlan. Não é assassinato. Isso é justiça. — diz Leander, sem desviar os olhos dos meus enquanto enche o funil.

Desta vez, Robbie não tem escolha senão engolir. Nem todo o líquido desce pela garganta, é claro. Mas Leander não para, não até que o copo esteja vazio. E mesmo assim, ele mantém seu olhar inabalável em mim.

Quando está satisfeito, Leander dá um único aceno de cabeça.

Eu solto Robbie do meu aperto, tiro minha arma do coldre e atiro na cabeça de Robbie.

A pressão e a dor por trás dos meus olhos diminuem agora que os gorgolejos, soluços e súplicas de Robbie não soam mais ao nosso redor. É apenas a música, e agora o gotejamento constante, gotejamento de sangue que cai no chão.

Deslizo minha arma de volta no coldre. Não pode haver nenhuma ameaça quando eu deixar minhas próximas palavras fluírem entre nós. — Eu quero me aposentar.

Um sorriso lento e predatório surge no rosto de Leander. — Não diga — ele diz, virando as costas para mim. — Estou totalmente chocado.

— Leander, sou grato por tudo que você fez por mim e pelos meninos. Protegendo-nos em Sligo. Nos trazendo aqui, nos preparando. Você sabe o quanto eu aprecio isso. Eu dediquei anos para pagá-lo, você sabe que sim. Mas isso... — digo, parando enquanto olho para o corpo caído ao meu lado. — Acho que não posso mais fazer isso.

Leander solta um suspiro profundo enquanto coloca o copo e o funil ao lado da pia e se vira para mim. — Vou ser franco com você, garoto. Eu sempre sou.

Concordo com a cabeça quando ele levanta uma sobrancelha.

— Quando você irritou Damian Covaci no ano passado, isso não acabou apenas com nosso contrato com ele. Também teve efeitos em cascata em outros contratos, quando a fofoca se espalhou em certos círculos. E quer saber, garoto? Isso me irritou.

Vermelho rasteja em minhas bochechas. — Então eu agi como um idiota uma vez. Isso parece extremo.

— Você colocou um Covaci na porra de um porta-malas, Lachlan.

Merda. Eu realmente fiz.

Leander se encosta ao balcão e cruza os braços sobre o peito. Ele pode estar perto dos sessenta, mas ainda tem a constituição de um bruto, e seus bíceps grossos se esforçam contra os limites do suéter preto. — Nós conversamos sobre isso. Goste ou não, estamos no negócio de atendimento ao cliente. Você deveria saber o que isso significa, você faz isso todos os dias em seu estúdio. Se algum cliente entrar no Kane Atelier para comprar alforjes de couro para sua moto ou algo assim e te irritar, você vai trancá-los na porra do armário? Pelo amor de Deus, espero que não. Porque isso seria um péssimo *atendimento ao cliente.*

— Então, o que, eu tenho que continuar fazendo isso indefinidamente?

Leandro dá de ombros. — A menos que você encontre magicamente uma maneira de consertar o dano que causou, sim. Eu acho que sim.

Um momento suspenso permanece entre nós. Leander pode fingir decepção comigo, mas às vezes me pergunto se esse meu erro funcionou em benefício dele, mesmo que os empregos tenham diminuído gradualmente como ele afirma. Como se pudesse ver esses pensamentos girando em minha mente, Leander se afasta antes que eu possa ler muito em sua expressão.

— Vá em frente, saia daqui. — diz ele enquanto abre uma cerveja fresca. — Diga oi para os meninos por mim.

Espero que ele encontre meus olhos, mas ele não o faz.

Sem outra palavra, eu me afasto. A porta de aço se fecha atrás de mim com um baque reverberante.

Deixo Leander para trás.

Mas eu sei que nunca vou realmente escapar.

Capitulo Três
GUILHOTINA



Toco o interfone do apartamento do meu irmão Rowan pela segunda vez e dou um passo para trás no painel para olhar para o prédio de tijolos no terceiro andar. Seguro com força a garrafa de uísque Athrú Keshcorran enquanto reprimo a vontade de jogá-la na janela. Amaldiçoando, avanço para pressionar o dedo no pequeno botão preto quando uma voz estala no alto-falante.

— Se você está vendendo peidos em uma jarra, eu não os quero.

Meus olhos se estreitam. *Fionn.* **Eu amo muito nosso irmão mais novo, mas ele é um merdinha.**

— Você e eu sabemos que você os encomenda pela Internet em grandes quantidades. Deixe-me subir, seu idiota. — Digo, puxando o gargalo da garrafa do saco de papel marrom enquanto o seguro em direção à câmera acima da porta. — A menos que você não queira nada disso.

A porta vibra e eu entro.

Quando chego ao patamar do terceiro andar, Fionn está lá com um sorriso tortuoso, encostado na soleira da porta aberta enquanto pega um saco de coisas para trilhas. Posso ouvir música, pedaços de conversa e risadas saindo do apartamento.

— É bom ver você, seu merdinha. — Eu digo enquanto passo meus braços em volta dele. Ele é alguns centímetros mais alto que eu,

construído com músculos magros e poderosos, sólidos sob meus braços. Ele me dá dois tapinhas fortes nas costas, como se estivesse provando sua força. — Por quanto tempo você nos agraciará com sua presença em Boston?

— Só até segunda-feira.

— Ou você poderia simplesmente ficar permanentemente.

— Passe difícil.

Nós nos separamos o suficiente para encostar nossas testas, algo que fazemos desde o primeiro momento em que o segurei nos braços no quarto do hospital em Sligo, no dia em que ele nasceu. Quando ele dá um passo para trás, Fionn examina os detalhes do meu rosto com intensidade clínica. — Você parece infeliz.

— E você parece um idiota com a porra do seu saco de alpiste.

— Os ácidos graxos ômega diminuem a inflamação e o colesterol LDL — diz ele enquanto passo para entrar no apartamento de Rowan, um espaço que ocupa todo o terceiro andar do prédio estreito.

— Tenho certeza que sim. Eles também aumentam suas chances de parecer um idiota, Dr. Kane.

Fionn conversa sobre ácidos graxos e inflamação cerebral enquanto segue atrás de mim pelo corredor que se abre para a área de tijolos aparentes e janelas industriais. Nossa amiga Anna me acena da cozinha, onde está preparando dois martinis. Há uma mulher pequena, mas de aparência feroz, sentada no sofá com uma perna quebrada apoiada na mesa de centro, seu gesso preto adornado com um único adesivo de estrela dourada. Percebo que é sobre ela que Rowan está me mandando mensagens, a motociclista artista de circo ferida que de alguma forma acabou hospedada na casa de Fionn em Nebraska e com quem, segundo ele, Sloane fez amizade depois de um incidente com uma muleta. Fionn a apresenta como Rose, mas parece não querer fornecer qualquer contexto para o relacionamento deles, que arquivo para mais tarde, para que possa irritá-lo. A julgar pelo sorriso sarcástico nos lábios de Rose, ela está pensando o mesmo. O gato demoníaco de Rowan e Sloane, Winston, está sentado ao lado do pé

levantado dela, com o rabo balançando de um lado para o outro, como se ele estivesse pensando em quão rápido ele poderia arrancar um dos dedos expostos dela. Minha atenção se volta para Sloane, que se levanta da cadeira para se aproximar de mim com um sorriso cauteloso.

E então ela se afasta e minha respiração fica presa quando a mulher mais linda que eu já vi aparece. Seus olhos azuis brilhantes fixam-se em mim, seus lábios carnudos curvados em um sorriso malicioso, mas caloroso, suas ondas brilhantes cor de mel caindo em cascata sobre seu ombro. Acho que deveria dizer ou fazer alguma coisa, mas não consigo fazer nada além de olhar.

— Lachlan — diz Sloane.

Engulo em seco e substituo meu choque por um sorriso forçado enquanto desvio minha atenção da mulher desconhecida e me concentro em Sloane. — Senhora Aranha. Como estão seus hobbies de artesanato atualmente? Fez algum novo projeto?

Seus olhos se estreitam. Mesmo que ela pudesse tirar meus olhos da minha cabeça, ela ainda é tão divertida de antagonizar.

— E os esboços? Deixar mais desenhos de pássaros para meu irmãozinho apaixonado?

As bochechas de Sloane ficam vermelhas e meu sorriso se espalha enquanto estendo a garrafa de uísque para ela pegar, mas antes que ela possa agarrá-la, Fionn a arranca da minha mão enquanto passa entre nós. Ela nem sequer olha para Fionn, sua atenção fixa em mim como se ela estivesse tentando comunicar um aviso com seu olhar sombrio. — Lachlan, essa é minha amiga Lark.

Mudo meu foco para Lark e estendo a mão. Quando ela se aproxima, os detalhes de seu rosto ficam confusos e eu me amaldiçoo por ter deixado meus óculos no carro. Posso não ser capaz de ver os melhores traços de seu sorriso a esta distância, mas posso sentir sua energia, uma lambida de calor em minha pele. Meu olhar cai para nossas mãos. Um zumbido elétrico percorre minha pele ao toque dela.

— Lark Montague. Prazer em conhecê-lo. — diz ela. Há um lado

tortuoso nela, como uma vibração que desliza entre nossas palmas. — Então, você é o notório Lachlan Kane.

— Notório? — Eu digo, levantando as sobrancelhas.

— De fato. Eu ouvi... coisas.

— Oh, você ouviu *coisas*, não é? Que tipos de... coisas?

Ela ri e solta a mão da minha enquanto diz: — Bem, acho que a palavra 'chocante' pode ter sido usada por aí.

— Agora, agora. — Fionn repreende enquanto me traz um copo de uísque com gelo. — Não descaracterize meu pobre irmão. Eu disse que ele é um idiota taciturno.

— Idiota. — Rose fala. — Você disse que ele é um 'idiota taciturno cujo único hobby é carrancudo'.

Sloane bufa. — Preciso.

— *Ei*, eu faço mais do que apenas fazer cara feia. — Eu me inclino para mais perto de Lark e dou-lhe um sorriso torto e libertino. — Eu tenho *hobbies.*

Ela ri quando eu lhe dou uma piscadela. — Oh sim? Tipo o quê, crochê? Eu pude ver você sendo um grande cara do crochê. Aposto que você faz um guardanapo horrível.

Rose gargalha, seus olhos dançando de uma pessoa para outra. — Não, esse é o forte do doutor...

Meu irmão engasga com um gole de uísque. — Rose...

— Ele está em um clube, na verdade...

— Meu Deus, *Rose...*

— Eles se reúnem todos os domingos. Chama-se Irmãs da Sutura, e ele é... — As próximas palavras de Rose se perdem na palma da mão que meu irmão coloca sobre sua boca, sua risada diabólica substituindo o que quer que viria a seguir. O olhar que Fionn me lança é ao mesmo tempo horrorizado e suplicante.

— Não conte para Rowan — ele implora. — Finalmente consegui

ressuscitar seu apelido MerdaPiscada quando ele veio para Nebraska.

Solto uma risada e balanço a cabeça. — Meu doce, adorável e ingênuo irmãozinho. É claro que vou contar ao Rowan. É meu trabalho promover o máximo de conflito entre vocês dois. Essa é a única maneira de conseguir alguma paz. — Coloco a mão em seu ombro e passo por ele para me sentar em uma das poltronas de couro. — Odeio dizer isso a você, garoto, mas você ainda está no auge da era do HomemTriste Cinder seja lá o que for, com essa merda de guardanapo. Rowan vai adorar isso.

Fionn dá alguma explicação sem sentido, algo sobre um panfleto e um simples mal-entendido, mas eu realmente não presto muita atenção. Não quando Lark segue e se senta à minha frente na ponta do sofá. O gato psicopata de Sloane se enrola em seu colo no momento em que ela se acomoda.

Posso vê-la muito mais claramente a esta distância, desde a verruga na borda do lábio superior até a ondulação na pele perto da linha do cabelo, um corte que deve ter sido deixado sem reparo e curado com bordas irregulares. Mas mesmo que eu não pudesse vê-la claramente, seria impossível não notá-la. Toda a energia da sala parece fluir através dela e se concentrar antes de irradiar através de seus olhos azuis brilhantes, de sua pele brilhante e de seu sorriso fácil. Isso transparece em sua risada e aquece as notas de sua voz. E mesmo que eu não esteja ouvindo a discussão bem-humorada entre Fionn e Rose, ela está. Ela intervém com frequência suficiente para apoiar a pessoa que ela parece pensar que está perdendo em um determinado momento, que é principalmente Fionn. *Você aceita comissões? Ou aposto que você poderia ganhar muito dinheiro com Etsy.* **Ela concentra toda a sua atenção na pessoa que está falando enquanto sua mão percorre o pelo de Winston, seu ronronar ressoando sob a conversa. É como se nada nem ninguém mais existisse no mundo, nem mesmo eu. Se ela consegue sentir o peso do meu olhar em seu rosto, ela nunca deixa transparecer.**

Lark Montague é *linda.*

E eu tenho que parar de olhar como um maldito canalha.

Olho para a bebida em minhas mãos. Cicatrizes escondidas sob tinta. A ponta faltante do meu dedo indicador. Tatuagens nos nós dos dedos. Anéis de prata. Bato um deles no vidro antes de levá-lo aos lábios. Minhas mãos ficariam tão bem em sua pele perfeita. Dobradas em torno de suas coxas macias. A imagem dos meus dedos tatuados agarrados à sua carne lisa me faz mudar de posição na cadeira em uma tentativa fracassada de aliviar a tensão do meu pau duro contra o zíper. Alguém como eu com alguém como ela? Até imaginar isso parece errado.

No entanto, tão deliciosamente *certo.*

Quando olho para cima novamente, a discussão sobre o guardanapo ainda continua, mas os olhos de Lark se conectam com os meus, seu sorriso conspiratório. É apenas um lampejo de camaradagem antes que ela volte sua atenção para Fionn e Rose, mas há algo naquele breve sorriso que fica comigo. Uma conversa silenciosa. Uma familiaridade que não consigo explicar.

Mesmo depois que a conversa toma outros rumos, esse sentimento permanece comigo. É como se houvesse um fio fino nos unindo. E enquanto Lark aproveita a oportunidade para fugir para a varanda quando parece pensar que sua ausência não será notada, essa conexão aperta meu peito. Embora eu passe alguns minutos tentando soltá-lo, ele ainda puxa e não se solta mesmo depois de eu segui-lo.

Quando abro a porta da varanda, Lark não se move de onde está encostada no corrimão, como se estivesse me esperando.

— Ei. — Não é minha frase de abertura mais esperta, eu sei. Mas Lark ainda sorri quando olha para mim por cima do ombro.

— Ei. Você não está vindo aqui para ser um idiota, não é?

Eu rio, fechando a porta atrás de mim. — Não, isso é apenas nos dias úteis das nove às cinco. O resto do tempo eu apenas fico pensando.

— Isso parece tão errado — ela diz com uma risada tilintante. — É como se você passasse as noites em um galinheiro sentado sobre uma ninhada de ovos. Mas de alguma forma faz sentido com a vibração do guardanapo do seu irmão.

— Você está certa, risque isso.

Ela bufa. — Riscar? Você está realmente apegado aos trocadilhos de frango, não é?

— Oh meu querido Cristo. Esta é a abertura menos suave que já tive. Deixe-me começar de novo. — Eu me viro e entro. Posso ouvi-la rindo através do vidro enquanto abro a porta novamente e volto para a varanda. — Que noite adorável. Importa-se se eu me juntar a você? A propósito, não sei nada sobre galinhas.

— Isso é bom. O último cara gostava muito de aves.

— Ele parece um idiota. Fetiches de penas não são realmente minha praia.

— Que pena, eu adoro brincar um pouco com penas...

Viro-me novamente, abrindo e fechando a porta pela terceira vez antes mesmo dela terminar de rir. — Oi. Meu nome é Lachlan e não sei nada sobre galinhas, mas gosto de penas nas circunstâncias certas.

Lark ainda está rindo, seus olhos brilhando no brilho ambiente das luzes da cidade. — Bem, você parece meu tipo de cara. O primeiro cara tinha uma obsessão por galinhas e o próximo odiava penas. Estou batendo por dois aqui. Mas você pode compartilhar meu pequeno poleiro.

Chego perto o suficiente para sentir o cheiro do perfume na brisa de outono, a fragrância doce dos cítricos. Lark estuda a queda abaixo de nós e eu sigo seu olhar, embora já tenha me destacado aqui muitas vezes antes. Não é a melhor vista daqui. Apenas um beco escuro, um prédio de tijolos ao lado que parece muito próximo do outro lado de um abismo negro. Mas de alguma forma ela faz com que até isso pareça mais do que uma estreita faixa de espaço suspensa sobre a escuridão. Seu grande interesse por tudo que ela observa me faz querer prestar mais atenção, como se talvez estivesse faltando alguma coisa nos detalhes.

— Primeira vez em Boston? — Pergunto quando ela levanta o foco para varrer os prédios à distância.

Lark sorri e joga seu cabelo dourado por cima do ombro para

poder me ver melhor. — Não exatamente. Eu cresci não muito longe.

— Whereabouts?

— Rhode Island.

Murmuro uma nota e aceno com a cabeça, depois tomo um gole da minha bebida. — Sloane disse que vocês são amigas há muito tempo.

— Sim — diz Lark. Seu sorriso diminui, mas apenas por um momento. Com um piscar de olhos, ela controla a emoção sob um sorriso mais brilhante. — Nós nos conhecemos no internato, na verdade. Demorei um pouco para cansá-la, mas agora somos melhores amigas.

— Isso não requer muita imaginação.

Lark encolhe os ombros e torce os dedos entrelaçados. — Sloane não é tão superficial quanto parece. Ela pode ter um exterior duro, mas é mole no meio.

— Eu quis dizer você. — eu digo, dando-lhe um sorriso enquanto uma risada me escapa. Uma ruga pisca entre as sobrancelhas de Lark quando seu olhar pousa no meu sorriso persistente e torto. — Eu pude ver você desgastando-a. Duvido que ela pudesse ter resistido a você por muito tempo.

Lark revira os olhos e se vira para mim, apoiando seu peso no corrimão de ferro forjado. Ela tenta parecer feroz, mas não consegue evitar o sorriso que se estende por seus lábios. — E por que isso acontece exatamente? Você vai dizer minha personalidade brilhante? Meu amuleto despreocupado?

— Praticamente, sim. — Admito, e isso me rende uma risada. — Está funcionando em mim.

— Trabalhando para quê, exatamente?

Eu mantenho o olhar dela. Ela parece tão cativante e doce que eu esperaria que uma mulher como Lark recuasse enquanto eu olhava. Pelo menos me dê um rubor. Uma mordidinha nervosa em seus lábios carnudos. Uma respiração instável. Mas ela não faz nenhuma dessas

coisas. Seu meio sorriso permanece inalterado.

Eu me inclino mais perto. Na verdade, seus olhos brilham de diversão.

— Talvez em direção a mim beijando você. Ou, mais precisamente, você está me pedindo.

— Que ousado — ela diz com um tsk, mas posso dizer pelo brilho em seus olhos que ela gosta. — Você acha que eu iria querer isso?

Eu sorrio e olho para o meu copo enquanto giro a bebida no gelo. A imagem das minhas mãos em sua pele retorna, meus dedos tatuados agarrados com força em sua carne. Levo apenas um momento para me entregar a essa fantasia antes de levantar meu olhar para ela e encolher os ombros. — Eu possuo uma coleção impressionante de penas.

Lark ri e tomo um longo gole da minha bebida, meus olhos fixos nos dela por cima da borda do meu copo. Ela desvia o olhar, mas sua atenção volta como se fosse atraída para mim, apesar de seus melhores esforços para cortar a energia que crepita entre nós. Ouço o momento em que ela cede, a maneira como ela suspira. Vejo isso até na neblina que escapa de seus lábios e sobe com a brisa refrescante.

— Apesar dos rumores, você não parece muito idiota. — Lark diz enquanto desamarra os dedos para agarrar o corrimão.

— Eu posso ser um pouco. Às vezes.

— Isso provavelmente não é uma coisa ruim.

— Você acha?

Lark levanta um ombro. — Claro. Se você for muito legal, poderá ser obrigado a fazer guardanapos aos domingos.

— Foda-se, Fionn. — eu digo, meu lábio curvado em um sorriso zombeteiro. — O que eu não daria para descobrir o que Rose estava prestes a dizer antes que ele a interrompeu. Ele provavelmente é o tesoureiro do pequeno clube deles. É definitivamente o tipo de coisa pela qual ele se veria envolvido. Ele sempre foi um garoto doce. Muito doce para o seu próprio bem. — Lark sorri, mas suas sobrancelhas

tremem como se ela estivesse resolvendo um problema complexo. — O que é?

— Nada — ela responde enquanto balança a cabeça, sua expressão suavizando enquanto seu olhar passa entre os meus. — Eu só... não sei. Algo em você parece familiar. Provavelmente é porque estou conhecendo Rowan e vejo a semelhança em você.

Eu rio e cutuco seu cotovelo antes de tomar outro gole da minha bebida. — Agora é um idiota. Não me compare com esse merdinha imprudente.

— Oh, pare — ela repreende, dando-me um tapa suave com as costas da mão no meu braço. — Ele e ótimo. Tão perfeito para Sloane. Não seja um idiota.

Eu sorrio, meus olhos presos em seus lábios carnudos. — Tudo o que você disser, senhora.

Ela bufa. — 'Senhora'. Por favor, não.

— Senhorita?

Seu nariz torce.

— Madame? — Eu ofereço. Lark balança a cabeça. — Sim, isso não é muito melhor do que 'madame', eu acho. Espere, eu entendi. *Duquesa.*

— Oh, eu gosto disso. De alguma forma, funciona com a coisa das penas. Majestoso, mas atrevido.

Atrevido. **Não sei por que essa palavra faz algo com meu sangue quando ela a pronuncia, como se ela tivesse se conectado às minhas veias e as atingido com um choque elétrico. Imagens de Lark passam pela minha mente em todos os tipos de cenários** *majestosos, mas atrevidos*, **e mesmo aqueles que inexplicavelmente envolvem perucas de Maria Antonieta são sexy pra caralho.**

— Você está bem aí? — A voz de Lark é suave, mas a diversão ainda colore cada nota. — Parece que você entrou no modo ninhada completa.

— Sim. — Eu digo enquanto limpo a garganta e forço minha mão a relaxar em volta do copo antes de esmagá-lo. — Eu, hum... estou bem.

— Tem certeza que...? Talvez você não seja tão ousado, afinal.

O calor do corpo de Lark penetra no meu enquanto ela se aproxima. Quando me viro para encará-la completamente, um leve sorriso aparece em seus lábios. Mesmo que eu não consiga ver os detalhes de suas feições claramente a esta distância, o tom cristalino de seus olhos ainda é penetrante, cortando a luz mais fraca.

— Parece que algo que eu disse deixou você um pouco... confuso. — ela sussurra. Sua cabeça se inclina enquanto ela me olha, seu olhar caindo do meu para se fixar na minha boca. — Foi o comentário 'régio' que fiz? Talvez você goste de espartilhos e tule para combinar com o fetiche por penas.

Cristo Jesus. Agora *espartilhos*. **— Na verdade...**

— Que pena, isso teria sido super quente.

— Quero dizer, não *apenas* **espartilhos e tule. Também perucas.**

Sua risada rica e melódica me envolve.

Lark Montague rasteja direto em meu cérebro e injeta fantasias selvagens e inesperadas em meus pensamentos toda vez que ela abre a boca. Ela assumiu o controle de alguma parte da minha mente que nem tenho certeza se sabia que existia, e não tenho ideia de para onde ela vai me mandar em seguida. Só sei que vou seguir qualquer trilha que ela traçar. É enervante. Mas também é irresistível.

— Acho que você poderia tirar um colete e calça. — Lark diz com um sorriso enquanto dá o último passo, fechando qualquer espaço entre nós. Seus dedos se enrolam na minha camisa, um após o outro, cada um tocando suavemente meu peito até que ela enrole o tecido preto em seu punho delicado. — Essas tatuagens no seu pescoço ficariam bem gostosas aparecendo por baixo de uma gravata.

Eu engulo, minha respiração fica presa em meus pulmões enquanto Lark fica na ponta dos pés, seus olhos presos em meus lábios, meu coração como um martelo sob sua mão. Cada uma de suas exalações derrama um calor elétrico em minha carne. — Lisonjeiro, mas elegante. — eu finalmente digo em um sussurro rouco.

— Combina muito bem com 'régio, mas atrevido', você não acha?

— Sua cabeça se inclina e parece que o mundo inteiro se destila até esse momento. — Talvez você não seja o ousado, afinal.

Qualquer resposta inteligente que estou prestes a tentar se perde no momento em que os lábios de Lark pressionam os meus.

Meu cérebro é um vazio negro atrás das minhas pálpebras fechadas. O aroma cítrico de Lark inunda minhas narinas. Ela passa a ponta da língua pelos meus lábios e sinto o gosto do refrigerante de laranja que ela estava bebendo. O gemido mais suave vibra de sua boca para a minha.

E eu me desfaço.

Minha língua saqueia sua boca. O punho de Lark aperta minha camisa. O copo que tenho na mão corre o risco de ser reduzido a pó ou jogado na varanda. Estou desesperado para moldar sua carne em minhas mãos, mas em vez disso me contento em colocar uma mão na lateral de seu pescoço. No segundo em que minha palma toca sua pele, ela choraminga de necessidade. Minha ereção dói contra o zíper enquanto ela pressiona seu corpo contra o meu.

Nossos dentes se chocam. O beijo fica brutal. Em segundos, Lark rompeu qualquer restrição que eu pensava ter. Ela me beija com o tipo de desespero febril que me faz sentir não apenas desejada. Ou necessário. É como se ela me desejasse. Ela agarra minha nuca como se fosse desmoronar se não segurasse. Quando ela respira fundo, ela mergulha mais fundo, me rebocando para a escuridão com ela. Cada vez que penso que consegui controlar o beijo, ela o arranca de mim. Com um toque. Com uma mordida, uma chupada ou um gemido.

A língua de Lark passa sobre a minha e então ela se afasta, levando meu lábio inferior com ela antes de deixá-lo deslizar entre os dentes, sua mordida no equilíbrio perfeito entre dor e prazer.

— Lark...

Sua risada ofegante erradica qualquer pensamento sobre qualquer apelo que eu estivesse prestes a fazer. Ela traça uma linha de beijos de boca aberta ao longo do meu queixo. Meus dedos se enroscam em suas ondas douradas quando ela morde o lóbulo da

minha orelha com força suficiente para eu assobiar. Eu aperto mais os fios ao meu alcance e ela geme, sua boca caindo no meu pescoço, onde ela chupa minha carne tatuada.

Um grunhido escapa do meu peito enquanto agarro seu cabelo. — Porra, Cristo Jesus. — eu gemo.

Seus lábios param no meu pulso.

... *Merda.*

Eu imediatamente afrouxei o punho emaranhado em seus cabelos. Fiz algo de errado? Definitivamente algo parece errado. É óbvio na maneira como ela enrijece.

— O que você disse? — ela sussurra, seu hálito quente na minha pele.

Porra. *Porra.*

O que eu fiz? Foi tudo o que você *não deve usar o nome do Senhor em negócios vãos?* **Talvez Lark seja super religiosa. Não me lembro se ela ou Sloane mencionaram se o internato era algo estritamente católico. Freiras. Havia freiras?**

Eu engulo. — Uh, eu disse 'porra de Cristo Jesus'.

— Rosnado — Lark responde.

— Porra, Cristo Jesus.

Há um único batimento cardíaco de quietude no mundo.

E então Lark se afastou do alcance, o calor de seu corpo desapareceu, um arrepio permaneceu em minha pele. Ambas as mãos cobrem a boca, mas não conseguem mascarar o choque em seus olhos.

Choque e... *fúria.*

— Oh meu Deus. — Ela sussurra entre os dedos.

— O que...? Foi o Jesus?

— Não. Não, não foi *'o Jesus'* **— ela diz com aspas no ar e um sorriso de escárnio enquanto se inclina perto o suficiente para enfiar um único dedo no meu peito. — Era 'o Batman'. O Batman** *Econômico***.**

Lark dá um passo para trás. Cruza os braços. Levanta uma única sobrancelha.

Meus olhos se estreitam em fendas finas. As palavras saem como um silvo venenoso quando digo — Barbie Desastrada.

— Oh. Meu. Deus. *Ohmeudeusmeudeus.* **— diz Lark, batendo as mãos como se estivesse tentando tirar qualquer resíduo meu de dentro dela. — Você colocou sua língua na minha boca.**

— Eu odiaria lembrar a nós dois, Barbie Desastrada, mas *você me* **beijou.**

— E você me deixou. Você *sabia* **que era eu.**

— É claro que não, ou teria me arriscado com a escada de incêndio.

— Não há saída de incêndio.

— Pre-cisa-mente.

Lark revira os olhos antes que eles se fixem em mim com um olhar letal. — Você é muito mentiroso. Você estava na minha cara naquela noite. Com uma *lanterna.* **Uma que você bateu na minha cabeça.**

— Seu rosto estava coberto de maquiagem. E eu não bati...

— Minha *concussão* **na cabeça. Onde eu precisei de pontos que nunca recebi porque tive que caminhar para casa,** *muito obrigada.* **E então você rosnou para mim como um guaxinim bagunceiro[2] que estava prestes a arrancar minha perna e me jogou no porta-malas do seu carro, seu maldito psicopata.**

— Oh, *eu sou* **um psicopata, eu sou?** *Foi você* **quem pulou de um veículo em movimento depois de jogar um pobre coitado em um lago e depois fingiu chorar quando deixei cair o corpo dele aos seus pés. E nem eram boas lágrimas falsas. Eram lágrimas de sarcasmo. — rosno. Dou um passo mais perto e me inclino para encontrar o nível dos olhos dela, enxugando meus olhos enquanto limpo a garganta para minha melhor impressão vocal doce. — Boo-hoo, sou a Barbie Desastrada e acabei de** *matar um homem***. Meu erro. Mas não se preocupe, vou pedir a**

outra pessoa para consertar isso, para que eu possa voltar à minha vidinha perfeita.

— Essa é a maior pilha de besteiras hipócritas que já ouvi. A propósito, como vai o trabalho do assassino contratado? Ganhar um bom dinheiro com suas habilidades de mergulho autônomo, Batman? — Lark bufa e caminha em minha direção, desenhando um círculo gigante na frente do meu rosto com um dedo delicado. — O que você acha que sabe sobre mim, ou qualquer coisa, francamente, é isso. — ela diz enquanto continua o círculo. — Mas o que você realmente sabe é isso. — Ela para abruptamente para manter o indicador e o polegar juntos, apenas um sussurro de espaço entre eles.

— O que eu realmente sei é que você é um grande pé no saco.

— E o que eu *realmente* **sei é que você é um idiota monumental. — Ela solta um suspiro exasperado. — Isso é algum tipo de piada cruel? Por que você me deixou beijar você, seu maluco?**

— Como eu disse, eu não reconheci você. Era Halloween, pelo amor de Deus. Você estava fantasiada. Com maquiagem. Maquiagem *espessa.*

Seu queixo cai. Depois fecha. Depois cai novamente. — Seriamente? — Quando não respondo, ela fecha os punhos ao lado do corpo, e me pego desejando que ela tentasse dar um soco só para que eu pudesse ter a satisfação de capturar toda a sua fúria na palma da minha mão calejada. — Você é inacreditável. Você estava usando uma máscara completa e eu o reconheci pelo seu sussurro resmungão e pelo Cristo Jesus virado para trás. Tudo o que eu tinha naquela noite era uma pintura facial branca e sombra colorida. Não é a mesma coisa que seu disfarce de super-herói.

Decidindo que é hora de desequilibrá-la, dou de ombros e me inclino contra a grade. Minha súbita indiferença parece enfurecê-la tanto quanto eu esperava, então tomo um longo gole da minha bebida antes de contar a verdade. — Estava escuro. Eu não estava usando meus óculos.

— *Seus óculos* **— ela repete depois de uma bufada incrédula. — Perdoe-me, idiota, mas isso parece uma besteira completa.**

— Perdoada. Bem, pelo menos para isso.

— Você não está usando eles agora.

— Altamente observador de sua parte, *duquesa.* **Provavelmente está tudo muito bem também. Imagino que você estaria arrancando-os do meu rosto para esmagá-los, certo? — Quando estreito meu olhar para ela, Lark sorri, incapaz de esconder sua concordância. — Talvez agora seja um bom momento para informar que você me meteu em tanta merda no trabalho. Ou você esqueceu a parte em que conseguiu dizimar sozinha um contrato muito importante para meu empregador? Você não tem ideia da merda que meu chefe me fez passar.**

— Eu? **Você acha que fui eu quem fodeu seu contrato? — ela grita. — Em primeiro lugar, eu não fiz tal coisa. Mas não posso evitar se os rumores sobre suas péssimas habilidades de atendimento ao cliente chegaram ao seu empregador. Mereceu. Você estava sendo um idiota. Até o seu amigo Conor concordou.**

Caramba, Conor. **Ele deveria saber que não deve divulgar seu nome. Um grunhido baixo escapa da minha garganta e um sorrisinho demoníaco surge no rosto de Lark. Oh, o dardo dela atingiu o alvo e ela sabe disso.**

Minha expressão de mau presságio não parece assustá-la, nem mesmo quando me inclino um pouco mais perto. — Este não é o tipo de indústria onde você exige ver o gerente e deixa uma crítica ruim, princesa.

Uma sobrancelha perfeita se levanta. Seu sorriso se alarga e seus olhos brilham na penumbra. — Ah, não é? — ela diz, sua voz melosa. Ela se aproxima, um passo lento após o outro. — Porque certamente parece que é exatamente assim que sua indústria funciona, e você está chateado por ser chamado por agir como um idiota. Você decidiu descontar em mim sob a suposição errônea de que fui eu quem te colocou em apuros, em vez de você se olhar no espelho e ter uma conversa severa com você mesmo.

Lark para tão perto de mim que meu peito tocará o dela se eu respirar fundo. Seus olhos caem para meus lábios e permanecem lá.

Calor formiga em minha carne. Ainda posso sentir o gosto do beijo dela, a doçura do refrigerante em seus lábios. Não tiro os olhos de seu rosto enquanto ela toca meu esterno e caminha dois dedos em direção ao meu pescoço.

— Suposições errôneas são o seu forte, não são? Mas desta vez acho que são apenas as consequências de suas ações voltando para assombrá-la, querido.

Eu pego a mão dela com força e dou uma risada. Mesmo com seu tom cruel, este ainda parece o primeiro verdadeiro momento de deleite que tive em muito tempo. Bem, pelo menos desde o beijo que acabamos de compartilhar, embora esse evento em particular agora pareça ter acontecido com outro homem. — Esse é exatamente o tipo de merda hipócrita e alheia que eu esperava que viesse de alguém como você.

Há um lampejo de dor em seus olhos azuis, mais fugaz que um raio. — *'Alguém como eu'?* **Você não tem ideia de quem eu sou ou o que sei sobre as consequências.**

A raiva em seu rosto é combustível. Quero encontrar cada um de seus botões e martelá-los até que ela exploda, só para ver o que ela fará a seguir. Mas desta vez ela não recua. Em vez disso, sua coluna se endireita. Seu queixo se inclina para cima. Ela solta os dedos do meu punho com um puxão rápido. Luto contra a estranha vontade de puxá-la para mais perto de mim. Estou instável. Não atracado. Como se eu tivesse sido atingido por uma onda violenta e perdido o equilíbrio. Mas eu afasto o sentimento.

Lark aponta para a porta de vidro. — Essa é minha melhor amiga ali. — diz ela, com a voz baixa e ameaçadora, os olhos fixos em mim. — E ela merece comemorar com o amor da vida dela. Seu irmão. — O rosto de Lark se contrai como se ela tivesse acabado de provar algo amargo. Em um instante, ela alisou a máscara novamente e deu um passo mais perto. — Então eu vou ser legal com você. Por *ela***. E você pode continuar sendo o idiota carrancudo, rabugento e babaca de sorriso forçado que quiser, mas não receberá mais nada de mim.**

Sem sequer piscar, ela tira a bebida da minha mão e a engole.

Seus olhos lacrimejam assim que a bebida atinge sua língua.

— Pensei que você não bebesse, duquesa. — eu digo com um sorriso.

— Acho que sua companhia estimulante tem esse efeito. — retruca Lark antes de empurrar o copo contra meu peito, nada mais do que lascas de gelo deixadas para trás. — E vá se foder com essa merda de 'duquesa'. Aquela vadia encontrou a guilhotina.

— O que você quiser. — rosno para ela, mas ela já abriu a porta de vidro e passou pela soleira. Ela nem percebe a forma como fecho a porta atrás de mim com um baque que é um pouco abrupto demais, um pouco alto demais.

Lark está caminhando em direção à cozinha quando Sloane a intercepta no corredor que leva ao escritório doméstico. — Ei, eu estava prestes a encontrar você. — Seu leve sorriso desaparece enquanto ela examina os detalhes do rosto de Lark. — Você está bem?

Lark passa um braço em volta dos ombros de Sloane, sem diminuir o passo. — Sim, claro. A propósito, você está tão linda. Eu já te falei isso?

— Você pode ter dito isso uma ou duas vezes quando tentou colocar adesivos de estrelas douradas em meus seios.

— Eles merecem isso. Esse vestido é muito quente.

— Ah, obrigado.

— Eu realmente gostaria de uma taça de vinho, ou talvez uma banheira de tequila, então vamos para o restaurante imediatamente, estamos atrasados. Não quero que Rowan fique preocupado com você.

— Tudo bem... — Sloane olha por cima do ombro para mim, seus olhos se estreitam em escrutínio. Eu levanto minhas mãos e ando atrás deles com um sorriso puxando um canto dos meus lábios, algo sobre o meu sorriso forçado parece estranho desta vez, e com a forma como uma ruga pisca entre as sobrancelhas de Sloane, acho que não sou o único que posso sentir isso.

E aquela sensação de ser empurrado para fora do meu eixo? Bem,

isso não sai. Não enquanto combinamos dois Ubers para o restaurante, Lark garante que ela não vai no meu. Não enquanto comemos nossa refeição e celebramos a noite de estreia de Butcher & Blackbird, e ela passa o tempo todo irradiando seu sorriso para todos os lugares, menos para mim. Nem mesmo quando ela foge logo após Rowan e Sloane. Assim como na primeira noite em que nos conhecemos, ela desaparece, deixando apenas um vazio desconhecido para trás.

Mesmo depois que ela se foi, esse sentimento permanece, como se algo tivesse mudado no mundo que me rodeia. Como se eu tivesse sido deslocado.

Como se eu estivesse na sombra.

Capitulo Quatro
GERMINAR



Deslizo a ferramenta de tensão na parte inferior do buraco da fechadura. Em seguida, a agulha da pistola instantânea. Quando está posicionado abaixo dos pinos da fechadura, eu aperto o gatilho até que eles cedam. Cinco tiques silenciosos de fricção de metal. Um momento depois, estou na casa dos meus adversários.

Eis que venho logo, trazendo comigo a minha recompensa, para retribuir a cada um o que fez.

Guardando minhas ferramentas no bolso, fecho a porta atrás de mim e verifico meu caderno. Já memorizei os detalhes. Verifiquei novamente pouco antes de vir para cá. Mas não deve haver espaço para erros.

2 de agosto. 13:00. Consulta de tatuagem, Prism Tattoo Parlour. Tempo estimado de ausência: duas horas.

Guardei o caderno e olhei para os detalhes da sala.

O interior é familiar para mim. Já vi isso muitas vezes pelas janelas. Eu sei onde o Tecelão de Orbes se senta para fazer seu trabalho. A que horas ela recebe ligações recorrentes. A que horas ela gosta de tomar um café da manhã. Os hábitos do Açougueiro de Boston foram inicialmente mais difíceis de rastrear. Mais fácil agora que obtive acesso aos horários dos restaurantes. Mas observei por tempo suficiente que surgiram padrões.

Um grunhido emana de baixo da mesa de centro. Dobro a cintura até encontrar os olhos do gato.

— Ah, sim. — eu digo com um sorriso lento. — Olá.

O felino sibila para mim e eu fecho minha mão enluvada em punho. Minha frequência cardíaca dispara enquanto impulsos obscuros ameaçam assumir o controle. A lembrança da raiva de minha mãe os acalma.

Deixe os ímpios mudarem de atitude e banir a simples ideia de fazer o que é errado. Voltem-se para o Senhor para que tenha misericórdia deles. Sim, volte-se para o nosso Deus, pois ele perdoará generosamente.

Afasto-me do animal e caminho até a porta de correr que dá para a varanda. Abro e saio. Muitas vezes vi o Açougueiro e a Aranha aqui. Eles compartilham café em dias quentes. Uma taça de vinho à noite. Eles cometem atos obscenos, como se ninguém mais pudesse vê-los.

Mas eu sim. Eu tenho assistido.

Pelo meu sofrimento e servidão, meu Senhor recompensou minha dedicação. Uma noite, ele me mostrou meu verdadeiro prêmio aqui, exatamente onde estou agora. O irmão. O assassino. Olho por olho.

Mas ele me deu um presente ainda mais precioso. Ele me mostrou a melhor amiga. Aquela tão próxima da Aranha que poderiam ser irmãs. A cantora.

Dente por dente.

Entro novamente no apartamento e fecho a porta atrás de mim. A mão do Senhor me guia. Sua voz sussurra e eu a sigo.

Paro no aparador da sala de jantar, onde as fotos emolduradas ficam voltadas para a janela. O Açougueiro de Boston e o Tecelão de Orb. Rostos que reconheço. Caras que eu não conheço. Entre as fotos, há uma no restaurante em uma cabine. Rowan Kane e Sloane Sutherland sentados um ao lado do outro. Lark Montague sorrindo para a câmera. Lachlan Kane, assassino de aluguel, a serpente mais mortal em um ninho de cobras. Seu olhar está preso na Srta. Montague. O ódio e o desejo são muitas vezes indistinguíveis para mim. Mas sei o

que vi na varanda na mesma noite em que o restaurante abriu. Eu sei o que ouvi. Havia raiva entre eles. Mas por baixo disso, havia necessidade. Queimou nos olhos de Kane como chamas gêmeas enquanto ele a observava se afastar.

Meu foco volta para Lark Montague. A querida filha de dois impérios do pecado. A querida amiga do Tecelão de Orbes. O cobiçado objeto de desejo de Lachlan Kane. E a inspiração divina ataca. Uma nova ideia. As sementes de um plano magnífico. Um plano não apenas para vingar, mas também para desbridar suas almas apodrecidas com o fogo purificador e justo da dor. De sofrimento.

O pior sofrimento não é a morte. É viver, dia após dia, sabendo que você perdeu para sempre aquilo que mais amava. Mais amado. Mais desejado. É ser obrigado a continuar existindo num mundo indiferente à sua dor. Para perceber o quão impotente você é contra a maré da ira de Deus.

Então vou trazer-lhes dor. O Açougueiro. A Aranha. Lark Montague. E qual é o pior destino para um homem como Lachlan Kane?

Para garantir que qualquer pessoa deixada para trás acredite que ele é a causa da destruição de Lark Montague.

Com o puro você se mostrará puro. E com os tortuosos você se mostrará astuto.

Passo um. *Desestabilizar.*

Eu sorrio e me viro para sair, o gato dando um tapa na minha perna enquanto eu vou.

Mas saiba disto: nos últimos dias haverá sofrimento.

Pois ele então retribuirá a cada um de acordo com o que ele fez.

Olho por olho.

E dente por dente.

Capitulo Cinco
TÓPICOS



...UM ANO DEPOIS.

Entrei na ampla casa de minha tia-avó Ethel, o ritmo familiar das ondas seguindo em meus calcanhares vindo da costa rochosa próxima até que fechei a porta atrás de mim. O aroma de lavanda e rosas me cumprimenta no hall de entrada vindo dos grandes buquês que se alinham em ambos os lados da entrada. Há uma foto emoldurada de Ethel e meu tio-avô Thomas descansando entre dois vasos, uma foto que tirei na festa de aniversário de casamento deles há seis meses. Estou olhando para a foto quando minha irmã mais velha, Ava, aparece vindo da cozinha, a cadência de seus passos é tão familiar que não preciso olhar para cima para saber que é ela.

— Foi uma ótima festa, não foi? — digo quando ela para ao meu lado para admirar o calor dos rostos enrugados de nossos tios, seus sorrisos congelados para sempre enquanto dançam tendo como pano de fundo amigos e familiares.

— Sim, foi. Além daquela salada gelatinosa de cenoura. Que porra é aquela.

— É Ethel. Ela gosta do que gosta.

— Aparentemente, ela gosta de fazer o resto de nós engasgar na mesa. Como ela pode ser tão boa em muffins e tão horrível em

literalmente todo o resto, eu nunca saberei. — Ava estremece na minha visão periférica antes de se virar para me abraçar. — Ei, Rouxinol.

— Senti sua falta — respondo, e ela aperta com mais força antes de me soltar. — Você ainda está pronta para levar Ethel ao local neste fim de semana se tudo com o casamento surpresa de Sloane correr conforme o planejado?

Ava suspira, meus bíceps agarrados em suas mãos enquanto ela me avalia. Algo em sua expressão parece tenso agora que tenho a chance de realmente olhar para ela. Talvez seja apenas o estresse da recente viagem da Califórnia. Ela não é do tipo que relaxa, e provavelmente isso está começando a afetá-la junto com tudo o que ela está organizando aqui. Dou-lhe um sorriso brilhante e canto alguns versos da "Marcha Nupcial" mas isso não quebra sua máscara estoica.

— Claro, posso levá-la lá, mas não posso ficar para o casamento, infelizmente. Você terá que dar o meu melhor para Sloane se ela acabar dizendo sim a esse plano maluco de casamento. — Ava finalmente diz enquanto solta meus braços.

— Onde está à tia Ethel, afinal? Ela me queria aqui exatamente às onze horas, por algum motivo. — digo enquanto meu olhar percorre a sala de estar. Normalmente, quando minha tia exige um horário específico, ela já está na porta, pronta para rosnar suas ordens.

— Ela está lá em cima. Mamãe e papai estavam na sala de estar com Tremblay na última vez que os vi. Estarei no escritório revisando os oitenta milhões de pedaços de papel que ainda restam. Se você não me vir, optei por encerrar as coisas cortando papel em vez de ler outro livro de pedidos de farinha e açúcar.

— Eu sei o que vai te animar.

— Margaritas?

— Salada gelatinosa.

— Da maneira mais amorosa possível, vá se foder.

Minha irmã me dá um sorriso sardônico antes de dar um beijo em minha bochecha e depois se afastar, desaparecendo no corredor,

passando pelas caixas de papelada que ela colocou no corredor. Uma sensação de desconforto se instala em meu peito como uma calda espessa que gruda em meus ossos.

Meu relógio vibra com uma mensagem de texto da minha tia.

TIA ETHEL

Você não está atrasada, está?

Reviro os olhos, mas sorrio enquanto pego meu telefone para responder.

EU

Bem na hora, tia. Acabei de chegar.

TIA ETHEL

Bom. Suba os degraus de trás. E me traga a loção para as mãos do banheiro ali embaixo, por favor? Sem pressa.

Meu rosto se contrai. Não desconheço as estranhas exigências da minha tia. Se apresse. Então não tenha pressa. Traga-me uma coisa aleatória. Mesmo assim, é um pouco estranho.

Dou de ombros e mando a ela um simples "ok" antes de ir em direção ao banheiro ao lado da escada que leva à ala onde o quarto da minha tia dá para o mar. Estou quase lá quando ouço vozes tensas flutuando no corredor. É o tom e a cadência familiares do meu padrasto falando, seguido pela voz de outro homem que reconheço ser de Stan Tremblay. Seu profundo tom de barítono provoca arrepios na minha pele.

Normalmente, eu deixaria minha mãe e meu padrasto com seus segredos e planos e com as maquinações intermináveis que mantêm seus respectivos negócios funcionando e suas famílias felizes. Eu ouço reuniões como essa desde que me lembro. Elas fazem parte da escuridão que ondula sob a superfície imaculada que dá a aparência de

uma vida perfeita.

— ...o nome de quem trabalhou para o Leviathan?

Meus passos vacilam. A voz da minha mãe evoca memórias da noite em que bati o veículo de Merrick no reservatório. Pretendo pegar a loção da minha tia e continuar andando como se pudesse simplesmente ignorar que isso faz parte da minha vida. Isso não é da minha conta, essas conspirações constantes, essas batalhas intermináveis. Mas são as próximas duas palavras que me prendem ao chão.

— Lachlan Kane.

Olho para a sala de estar no final do corredor. Uma das portas duplas está entreaberta. Com apenas um momento de hesitação, sigo o fluxo de vozes, entrando furtivamente no escritório vazio do outro lado do corredor.

— O fato é que pode haver uma centena de pessoas diferentes que querem meio quilo de carne de qualquer um de nós. Não podemos sair por aí matando todos que o querem. — Meu padrasto solta uma risada sarcástica. — Não sobraria ninguém em Rhode Island.

A bufada irritada de minha mãe escapa da sala. Imagino que seus olhos azul-prateados sejam afiados o suficiente para arrancar a pele do rosto do meu padrasto. Ela pode amá-lo com cada batida de seu coração de aço, mas quando se trata de trabalho, há limites que eles não ultrapassam, mesmo que seus negócios se misturem cada vez mais com o passar do tempo. — Damian, não estamos falando apenas de alguém que quer foder uma fábrica e tornar sua vida miserável por alguns meses. Estamos falando de alguém que nos visa deliberadamente. Kelly Ellis estava no meu conselho. Cristian era seu maldito primo. Todo mês há outro assassinato. É um relógio. Quarenta dias. Não é uma coincidência.

— E a cada quarenta dias voltamos à estaca zero. Não temos testemunhas nem provas. Certamente nada que aponte concretamente para alguém do Leviathan.

— Kane tem habilidade. — diz Tremblay enquanto ouço o som de

papel grosso batendo em uma superfície de madeira. — Ele trabalhou para o Leviathan por dezesseis anos. Talvez ele esteja se vingando por ter sido solto.

As páginas farfalham. Um zumbido pensativo ressoa no tom caloroso do meu padrasto. — Temos certeza de que ele foi demitido? Pelo que sabemos, eles o mantiveram. Eu cancelei todo o contrato deles... não é como se eu tivesse dito a eles para se livrarem de Kane.

— Mais uma razão para ele ir atrás de nós se as pessoas erradas estiverem se aproveitando da situação. Como sabemos que o Leviathan não foi contratado por um concorrente?

— Nós não sabemos. Porque tudo isso são apenas conjecturas. Não temos provas que apontem para alguém ou algo específico. — Um suspiro pesado escapa do meu padrasto e eu o ouço se mexer na cadeira. — Olha, eu concordo que é possível que Kane ou talvez Leviathan tenham algo a ver com esse... padrão. Eles certamente têm os meios. Mas também poderia ser um concorrente como Bob Foster...

Minha mãe bufa.

— ...ou alguém pago por um de nossos concorrentes ou uma centena de outras opções. Não acredito que seja prudente ir atrás de uma organização como a Leviathan ou de um de seus talvez funcionários sem ter certeza absoluta.

— E se não eliminarmos as ameaças mais prováveis, provocaremos danos à nossa porta — diz Tremblay, outro papel colocado sobre a mesa. — Kane tem dois irmãos. Um parece ser... normal. Um médico que mora em Nebraska. Mas o outro... — Os papéis se misturam. — Rowan Kane. Ele é volátil. Ele apoiará seu irmão e já fez isso antes.

Não. Não, não, não.

Minha mão cobre minha boca para capturar o som desesperado que implora para escapar. Parece que o mundo virou, como se eu estivesse caindo do precipício.

Minha mãe parece tão chocada quanto eu quando ela diz: — Rowan Kane...? O mesmo Rowan com quem Sloane vai se casar?

— Sim. Eu estive investigando ele, perguntando por aí. Ele tinha um histórico de violência, algumas citações juvenis logo após imigrar para Boston, mas os detalhes parecem estar faltando nos registros policiais e nada resultou em acusações. E houve algo em seus vinte e poucos anos também, uma briga em um bar que colocou Lachlan no hospital. A notícia da minha conexão é que Rowan espancou o homem que feriu seu irmão e o deixou no beco. Há registros do tratamento médico de Lachlan, registros do outro homem que acabou morto no hospital, mas nada sobre Rowan.

Meu sangue corre em ondas ensurdecedoras na minha cabeça, entorpecendo a conversa silenciosa entre meus pais enquanto as páginas farfalham. Mas eu entendo suas breves perguntas. *Sloane está segura? E a Lark? Precisamos de provas. Mas podemos correr o risco de esperar…?* **Cada palavra parece um golpe forte.**

— O que você está sugerindo, Stan... — meu padrasto diz, deixando seus pensamentos se dispersarem. Posso imaginar o estresse em seu rosto, o jeito que ele provavelmente está balançando a cabeça. — Poderíamos eliminar os Kanes e ainda assim não resolver o problema e depois? Então temos o Leviathan respirando em nossos pescoços de verdade, é isso. Precisamos de provas.

— Não podemos sentar e esperar que as provas caiam em nosso colo. Se o fizermos, mais pessoas do nosso povo morrerão. Você está me dizendo que não fez pior pela Covaci Enterprises?

— Stan... — minha mãe rosna.

— E é por isso que nem tudo deveria ser terceirizado. — diz Tremblay. As páginas se embaralham e depois batem na madeira. — Nina, deveríamos discutir isso com Ethel, pensar em como lidar com esse tipo de coisa do jeito que os Montagues sempre fizeram...

— Não. — Minha mãe interrompe, em tom firme. — Deixe-a fora disso. Ela já tem o suficiente com que se preocupar agora. Damian e eu vamos resolver isso. Dê-nos uma semana e lhe diremos o que queremos fazer. Obrigada, Stan.

Parada nas sombras, observo pela fresta entre as dobradiças enquanto Stan Tremblay sai da sala de estar. Ele não olha em minha

direção enquanto se afasta com passos seguros e poderosos, a cabeça baixa e os papéis debaixo do braço. Ele pode estar perto dos setenta anos, mas ainda é uma das pessoas mais formidáveis que conheço. Um espectro da minha infância.

Meus pais saem alguns momentos depois, conversando sobre coisas mundanas. Almoço e bebida. Onde eles poderiam ir jantar. Coisas que parecem tão distantes da conversa que acabaram de terminar, mas sempre foi assim. Negócios em cantos escuros. A vida na luz.

Deixo-os passar e espero até que meu coração se acalme o suficiente para poder ouvir claramente antes de sair do meu esconderijo e pegar o frasco de loção no banheiro, depois subir as escadas de dois em dois.

Com as mãos trêmulas, ando apenas alguns metros pelo corredor antes de colocar a loção na mesa e pressionar as palmas das mãos em uma das mesas decorativas ao longo do corredor e olhar para o meu reflexo no espelho dourado. Minhas bochechas estão vermelhas enquanto ondas de adrenalina percorrem minhas veias.

Não posso deixá-los tirar Rowan de Sloane. Preciso encontrar uma maneira de detê-los. *Devo.*

Mas não sei como.

Não tenho nenhum executor da família ao meu lado. Ninguém que possa defender a minha posição. Sempre fui eu quem protegeu, não quem brigou com os outros predadores por uma fatia de presa ou território.

— Eu não sei como fazer isso. — eu sussurro para meu reflexo enquanto lágrimas brotam em meus olhos.

Meu relógio vibra em meu pulso e olho para baixo para ver o nome de Rose aparecer na tela.

ROSE

Olá chefe Anfitrião! Estarei pronta para fazer uma corrida de duque em breve!

Meu nariz torce e eu limpo os olhos enquanto tento decodificar a linguagem circense de Rose, pegando meu telefone para piscar para a mensagem dela, como se pudesse ajudar vê-la em uma tela maior. Isso não acontece.

EU

Chefe Anfitrião…?

ROSE

Chefe ANFITRIÃO. O cara responsável pelo show. Esse cara é você.

EU

Ok... E eu devo fazer o que agora?

ROSE

Uma corrida de duque, sabe? Para o Leytonstone Inn para levar toda a merda do casamento para o local? Que tal nos encontrarmos às 15h na sua casa? Tem o vestido? Mal posso esperar para ver!

Olho para o corredor em direção à ala favorita da casa da minha tia e mordo a borda interna do meu lábio até o sangue escorrer pela minha língua. Embora eu possa não saber como consertar esta situação que parece tão inevitável quanto uma avalanche, também não posso decepcionar Sloane no dia mais importante de sua vida. Ainda temos alguns dias até o casamento surpresa que Rowan vem planejando nas últimas semanas. Talvez eu consiga convencer ela e Rowan a fugir. Eles poderiam sair de Boston. Sair do país. Viver alguma outra vida paradisíaca longe daqui. Mas tão rápido quanto essas ideias surgem, também surgem os pensamentos que sussurram sobre como isso nunca funcionará. Porque famílias como a minha, não chegamos onde estamos deixando a merda passar ou permitindo que coisas simples como fronteiras e geografia fiquem no nosso caminho. Não quando temos todos os recursos ao nosso alcance para fazer o que queremos.

Preciso encontrar outro caminho.

Eu reprimo meu pânico. Eu só preciso pegar o vestido e dar o fora daqui para encontrar um lugar seguro e tranquilo para descobrir isso. Respirar. Planejar os próximos passos e executá-los um de cada vez, assim como pratiquei.

Com uma única respiração profunda que preenche cada fenda dos meus pulmões, enxugo os olhos uma última vez.

EU

Eu estarei lá.

Deslizo meu telefone no bolso e volto minha atenção para o espelho. Respiro fundo novamente.

Sorria, **digo a mim mesma.**

Continue sorrindo.

Eu sorrio e sorrio e sorrio até que tudo fique perfeito, até que tudo o que está por baixo dele seja guardado. Só quando tenho certeza de que estou exatamente como deveria, dou um passo para trás do espelho e sigo pelo corredor.

Encontro Ethel não na cama, onde costuma estar logo antes do almoço, mas em sua sala de artesanato, onde tintas, linhas, fios e telas se alinham nas prateleiras e mesas brancas, tudo disposto com precisão impecável e mantido limpo apesar do uso frequente. Ela está sentada em sua poltrona favorita, que fica de frente para uma janela com vista para o mar, o cabelo uma nuvem de cachos brancos descansando sobre os ombros curvados, o foco concentrado no bordado em suas mãos. Com um palavrão repentino e um silvo, ela coloca um dedo na boca e por um segundo meu sorriso é genuíno.

— Você deveria parar de se esfaquear para poder visitar sua sobrinha favorita. — eu digo com brilho fabricado quando entro no quarto.

Ethel inspira bruscamente e assustada, que sai com uma tosse estrondosa. — Doce menino Jesus, menina. Você vai me matar de susto

antes que eu chegue à casa de repouso.

— Essa é uma maneira de irritar mamãe e Ava. Elas estão fazendo as malas há dias.

Coloquei o frasco em sua mesa e dei um beijo gentil na bochecha de minha tia, sua pele enrugada polvilhada com pó e blush, o perfume evocando minhas memórias de infância de sentar em sua penteadeira enquanto brincava com sua maquiagem. O conforto desses momentos não é suficiente para mascarar a preocupação que queima em meu peito e ameaça entrar em pânico.

— Ava deveria voltar para a Califórnia. Ela já tem o suficiente com que se preocupar em casa, ela não precisa estar aqui. — diz Ethel enquanto me viro e encaro a bolsa preta que está pendurada na borda superior da porta do armário.

— Você sabe que ela não vai, pelo menos até que ela tenha tudo arrumado. Ela é teimosa. Pergunto-me de onde ela tirou isso.

— Eu não, se é isso que você está insinuando, minha garota.

— Não. — eu digo sem expressão. — Eu nunca faria isso, tia.

Minha tia olha para cima e eu lhe dou um sorriso brilhante e fugaz. Dou um passo mais perto do armário, mas posso sentir seu escrutínio sobre mim, o olhar atento de Ethel afiado o suficiente para cortar qualquer armadura que eu tente colocar entre nós. Eu deveria ter pensado melhor antes de tentar enganar a mulher que construiu um império com farinha e açúcar – detalhes são o forte de Ethel. É melhor pegar o vestido e sair daqui para que eu possa descobrir o que diabos devo fazer.

O único problema é que cheguei um pouco tarde demais.

— O que está errado? — Ethel pergunta, sem hesitação em seu tom. — Você não tem certeza sobre o casamento de Sloane?

Meus olhos não se desviam da sacola de roupas, embora sinta o olhar da minha tia perfurando minha cabeça. Sinto um forte desejo de resgatar o vestido de seu casulo preto, como se a felicidade de Sloane fosse sufocar ali se eu não a soltasse.

Balanço a cabeça enquanto ando em direção à bolsa e pego o cabide. — Não, tia. Absolutamente não.

Estou abrindo o zíper dos primeiros centímetros da sacola de roupas quando Ethel diz: — Bem, isso é uma pena, querida, porque seria um pouco mais fácil resolver o problema de Kane se ela de repente passasse a não gostar daqueles meninos.

Quando me viro para encará-la, minha tia está puxando um fio pela tela, com um sorriso tortuoso nos lábios. — Como você sabe sobre os Kanes? — Meus olhos se estreitam. — Você me armou para ouvir mamãe e Damian.

— Talvez.

— Por que você simplesmente não me contou?

Minha tia dá de ombros. — É melhor você ouvir isso da boca do cavalo. Sua irmã acha que sou senil. Quem sabe o que estou inventando?

Ponto justo. Eu sei tão bem quanto qualquer um que não devo confiar em metade das merdas que Ethel Montague faz. Faz parte do poder dela sempre manter você na dúvida. — Como você sabe disso tudo?

— Rouxinol — ela diz com um estalar de língua enquanto me fixa com um olhar fixo acima das bordas de acetato de seus óculos. — Esta ainda é minha casa. E os negócios desta família ainda são minha preocupação, quer seus pais pensem que deveria ser ou não.

Minha garganta aperta quando dou alguns passos para mais perto de minha tia, a sacola de roupas parcialmente aberta pendurada em meus braços levantados como uma oferenda. Abro a boca para dizer alguma coisa, mas as palavras morrem na minha língua quando minha tia sorri e volta sua atenção para o bastidor de bordar que ela segura na mão.

— Sente-se, minha garota.

Faço o que ela ordena e sento-me à sua frente enquanto ela enfia a agulha na tela para criar pontos vermelhos. — Não acho que os Kane estejam envolvidos no que está acontecendo. — digo. Ela mantém os

olhos baixos em seu trabalho, mas assente. — Definitivamente não é Fionn. Rowan nunca faria nada para me machucar inadvertidamente, prejudicando pessoas que conheço, não importa quão tênues essas conexões possam ser.

— E Lachlan?

Ele iria? Isso é retaliação em nome do chefe dele, como meus pais e Tremblay estavam dizendo lá embaixo? Poderia Lachlan ser do tipo que se vingaria de nós por cancelarmos o contrato? Por ele ter sido sugado cada vez mais para uma vida que nunca pediu? Ele certamente é afiado com uma lasca gigante e irregular em seu ombro. Mas simplesmente não parece certo. — Não creio que ele correria um risco que pudesse pôr em risco a saúde ou a felicidade dos seus irmãos. Não.

— Eu também não. Pessoalmente, acho que Bob Foster está finalmente agindo, aquele merdinha nojento. Deixe que ele chute um cachorro moribundo quando ele estiver caído. Mas Tremblay tem uma opinião diferente e sua mãe está inclinada na direção dele. — Ethel olha para mim enquanto estica o fio. — Damian não parece apegado à ideia de que Lachlan esteja envolvido nesses assassinatos, sem trocadilhos. — ela diz enquanto momentaneamente baixa o olhar para o vestido espalhado em meu colo. — Mas é uma das razões pelas quais eu a amo tanto como se ela tivesse nascido Montague. Ela é tão mandona e conivente quanto eu.

Um suspiro profundo enche meus pulmões. — Talvez haja alguma maneira de provar isso, como um álibi sólido que desconsideraria Lachlan.

Eu sei tanto quanto Ethel que não existe um álibi sólido quando pessoas como Lachlan estão envolvidas. — Ele é um profissional. Pessoas como ele, com acesso aos recursos certos, podem inventar qualquer desculpa, fabricar qualquer história e evidência verossímil.

— E se eu simplesmente conversar com mamãe e papai, convencê-los de que ele não faria isso...

— Será preciso mais do que uma conversa para vender essa história, Lark.

— Mas não posso simplesmente deixar isso acontecer com Sloane. Não posso. Não depois de tudo o que aconteceu quando estávamos em Ashborne...

A mão da minha tia se estende e pega a minha, apertando com uma força surpreendente. — Eu sei aonde você quer chegar com isso, Lark. Mas você não pode se culpar pelas coisas que aconteceram naquela escola. Nada disso foi culpa sua, você me ouviu?

Embora eu acene com a cabeça, as lágrimas ainda embaçam minha visão com uma película aquosa. Embora eu saiba que o que o Sr. Verdon fez não foi minha culpa, nunca consigo me livrar da culpa que ainda sinto. É uma sensação de vergonha que me envolve como um véu. Eu me questionei milhares de vezes, me culpei por estar presa no medo que ele injetou em meus pensamentos com suas ameaças e promessas sussurradas. E assim como me questionei repetidamente, também me tranquilizei. *Não foi minha culpa.*

Mas talvez se eu tivesse agido antes...

— Você não pode questionar as decisões que tomou para sobreviver. — Ethel solta minha mão e tosse, um estrondo de desconforto que marca seu rosto de dor. Quando estendo a mão para colocar uma mão reconfortante em seu braço, ela me acena.

— Poderíamos trazer enfermeiras aqui para você. Preparar um quarto do jeito que você deseja. Você não precisa ir para uma casa de repouso — digo enquanto sua tosse continua e seu rosto fica vermelho de tensão. Meu coração aperta quando Ethel leva um lenço à boca e limpa uma mancha de saliva ensanguentada dos lábios. — Eu posso organizar tudo para você. Eu não me importo.

— Eu me importo — ela ofega. Leva um momento, mas ela recupera a compostura, embora seus olhos nublados ainda estejam vidrados com uma fina película de lágrimas pelo mero esforço para respirar. — Não permitirei que todos vocês corram por esta casa como pequenos hamsters enlouquecidos enquanto eu lentamente murcho na vida após a morte.

— Bem, isso é... desanimador. E meio estranho.

— Talvez seja hora de você aprender que o poder pode ser encontrado em decisões inesperadas. — Ethel pega o bastidor com uma mão, a agulha com a outra e me encara com um olhar sério. — Fui eu quem decidiu ir para Shoreview. Ninguém vai me ver deteriorar em minha própria casa. Isso não impedirá que isso aconteça, é claro. Mas é ainda pior desmoronar-se à vista de todos no coração simbólico do império que construí. Além disso, estarei mais perto de você. E nunca se sabe — ela diz com uma piscadela antes de seus olhos finalmente se voltarem para o trabalho. — Talvez eu precise manter um pouco de poder para um ou dois esquemas finais

Minha cabeça se inclina, mas Ethel não olha para cima, nem mesmo quando descemos para um longo momento de silêncio. — Esquema…?

— De fato. Você sabe — diz Ethel enquanto perfura a tela esticada para puxar um fio vermelho através do tecido. — Algo que adoro em sua mãe e Damian é que eles são tão firmes em suas crenças. Primeiro a família. As promessas feitas devem ser cumpridas. Votos, honrado.

Meu olhar se desvia pela janela em direção ao mar enquanto eu aceno. Espero que minha tia diga algo sobre como é nosso dever compartilhado nesta família tomar decisões difíceis para cuidar uns dos outros. Há uma lição sobre isso, ela dirá. Às vezes, todos nós precisamos sacrificar um pouco de felicidade para proteger aqueles que amamos e cumprir nossas promessas de cuidar uns dos outros. E nada é mais importante do que isso. Mas o buraco no meu estômago só vai ficar mais profundo. Mais desolado. Mais insaciável.

— Na escola, quando Sloane protegeu você, você prometeu cuidar dela em troca?

Pisco para Ethel, só agora percebendo que minhas bochechas estão úmidas. — Sim.

— Sim — minha tia ecoa. — Você fez. E você pode cumprir essa promessa fazendo outra. O tipo de promessa na qual seus pais não interfeririam. Pelo menos, não se eles estivessem... convencidos.

— Eu não entendo…

Ethel deixa minha confusão pairar no ar enquanto ela passa a linha pelo tecido. Perfure e puxe. Perfure e puxe. Talvez ela esteja esperando que eu mesmo encontre uma solução, ou que adivinhe seus Pensamentos a partir de seu simples movimento, mas eu não o faço. — Você sabe qual é a minha coisa favorita sobre sua mãe e seu padrasto?

— Sua capacidade de destruir a concorrência e eliminar seus oponentes, mantendo a imagem de uma família perfeita e feliz?

— Isso também — diz Ethel. — Principalmente, porém, é a lealdade deles. Seu profundo amor um pelo outro. Seu profundo amor por vocês, meninas. — Ethel dá um último ponto carmesim na tela antes de dar um nó na linha e prendê-la com uma tesoura. — Sua relutância em quebrar promessas feitas àqueles que amam.

Ela está certa, é claro. Eu sei que, apesar de toda a escuridão em suas vidas, minha mãe e meu padrasto nos amam profundamente. Assim como minha mãe amava meu pai, Sam. E muito antes de conhecer meu pai, ela amava Damian. Seu namorado de infância. Um amor jovem que ardia intensamente, mas não conseguia sobreviver às exigências do tempo. Ou assim devem ter pensado, até que meu pai faleceu e aquelas brasas lentamente voltaram à vida.

— Então você acha que posso convencê-los a não matar Lachlan porque, o que... meus pais amam a família deles...? Isso não faz sentido, tia.

Ethel se vira para mim e encontro seus olhos, da cor da neblina, uma névoa sobre a mente perspicaz que se desgasta sob a película cinza. — Você se lembra de ter ido ao funeral do pai de Damian quando era pequena? — Eu balanço minha cabeça. — Você tinha cerca de cinco anos. Foi a primeira vez que sua mãe e seu padrasto se viram depois de tantos anos separados. Tenho certeza de que não sou a única que consegue sentir aquela carga elétrica entre eles. Mas sua mãe teve vocês, meninas. Ela tinha Sam. A vida seguiu em frente. E não importa quanto amor Damian e Nina ainda tivessem um pelo outro, eles nunca quebrariam os votos de sua mãe ou machucariam seu pai. Se não tivéssemos perdido Sam, isso nunca teria mudado.

Engulo em seco, tentando evocar uma lembrança do funeral, mas

ela não vem. Nem o significado do que Ethel está tentando me dizer, embora ela observe minhas reações de perto, como se estivesse implorando para que eu entendesse. — Eu realmente não entendo. Você está dizendo que acha que eles não farão nada contra Rowan quando ele e Sloane se casarem, porque não interferirão nos votos dela...?

Ethel ri e balança a cabeça. — Não. Eles se preocupam com Sloane, é claro. Mas eles se importam porque você se importa. Eles acolheram Sloane por causa do que ela fez por você em Ashborne. Mas é a sua felicidade que é a prioridade deles. Seu coração eles não suportam quebrar.

— Então, e... se fosse eu me casando...?

Notas que pareciam discordantes de repente se misturam. Um acorde que surge do caos.

— Olhe para o seu colo de novo, garota. — minha tia diz, e eu baixo meu olhar para o vestido de noiva pendurado em minhas pernas. — E me conte mais sobre Lachlan Kane.

Capitulo Seis

LEYTONSTONE



As portas do Leytonstone Inn se abrem para revelar o oceano e uma passarela curva repleta de flores. Uma melodia angelical de piano e violão vem em nossa direção junto com o cheiro do mar.

O aperto de Sloane em meu braço aumenta e eu olho para ela pelo canto do olho. Seu cabelo preto está puxado para longe do rosto em ondas soltas que se levantam com a brisa que entra na sala. Um rubor surge em suas bochechas enquanto ela sorri, sua covinha se aprofundando próximo aos lábios.

Ela olha para mim com olhos castanhos penetrantes. — Você está olhando para meus seios?

Eu gaguejo e engasgo com a brisa do mar.

— Cristo Jesus. — eu sibilo enquanto ela me lança um sorriso tortuoso e dá um passo à frente, me levando a acompanhar seu passo. — Bem quando eu pensei que meu irmão era o maior pé no saco, você apareceu.

— Estou tentando mantê-lo humilde, Lachlan. Um trabalho impossível, honestamente. — diz ela, seu sorriso só se alargando quando murmuro um protesto fraco. — Mas falando sério, não esqueça o que eu disse.

Um gemido sobe pela minha garganta. Eu lembro.

Não seja um idiota. Dance com a dama de honra.

Respiro fundo para perguntar por que isso é importante ou para fazer outra tentativa de sair dessa, mas Sloane me interrompe.

— Ordens da noiva — sussurra Sloane, como se tivesse entrado direto no meu cérebro. — Ou vou dar uma olhada.

— Eu gostaria de ver você tentar.

— O que eu disse sobre me ameaçar com diversão? — Quando Sloane olha para cima, um pequeno tremor treme em seus lábios e os resmungos que quero responder a ela evaporam. Sua provocação vacila e ela sabe que posso ver isso, o nervosismo sob a máscara, o brilho vítreo na linha dos cílios.

— Ei. — Eu digo, dando um tapinha na mão dela. — Você se lembra de quando você entrou no restaurante pela primeira vez e eu estava lá?

Sloane balança a cabeça enquanto mantém seu olhar longe de mim.

— Eu sussurrei algo para meu irmão. Quer saber o que eu disse?

Ela faz uma pausa e balança a cabeça novamente.

— Eu disse: 'Essa garota é boa demais para você, idiota, mas ela te ama de qualquer maneira. Não estrague tudo. E ele não vai. De uma coisa eu tenho certeza, Senhora Aranha. Você e Rowan foram feitos um para o outro.

O rosto de Sloane se enruga enquanto ela luta ao máximo para conter as lágrimas. Com algumas respirações profundas e uma passagem de lenço de papel sob os cílios, ela se recompõe. — Obrigada.

— Claro. Apenas mantenha meu irmão longe do uísque. Ele vai começar a cantar 'The Rocky Road to Dublin' e isso é ruim. É tão ruim. Ele tem uma voz que fará Satanás chorar.

— Dê a Rowan todo o uísque. Entendi.

— Cristo Jesus.

Uma risada ansiosa borbulha de Sloane. Quando chegamos à

porta aberta, ela está vibrando, o braço instável contra o meu.

E então ultrapassamos o limite.

Posso sentir o momento exato em que ela vê meu irmão esperando no final do longo corredor sob um arco de flores, o mar como um cenário brilhante iluminado pelo sol da manhã. O aperto da garra de Sloane em meu braço relaxa. Os tremores desaparecem. Seu sorriso fica mais brilhante.

E quanto a Rowan?

Ele é uma bagunça chorosa.

Rowan pressiona um lenço sobre os olhos, mas isso não impede que mais lágrimas substituam as que ele pega. Ele muda o peso de um pé para o outro até que Fionn coloca a mão em seu ombro e sussurra algo em seu ouvido. Seja o que for, Fionn recebe um tapa na lateral da cabeça, mas Rowan nunca tira os olhos de Sloane.

— Vocês, meninos, alguma vez se deixam sozinhos? — Sloane sussurra para mim enquanto Fionn sorri e Rowan retorna ao seu estado de desordem em ruínas.

— Normalmente não. Não.

— Claro que não.

Caímos em silêncio enquanto nos aproximamos dos assentos limitados. Há apenas alguns convidados, a maioria amigos de Rowan e alguns dos colegas de trabalho mais próximos de Sloane e a tia idosa de Lark, todos observando nosso progresso com sorrisos calorosos e encorajadores. Eles bloqueiam nossa visão dos músicos sentados em algum lugar à esquerda, perto do arco de flores, mas mesmo sem vê-los, reconheço a voz do cantor.

Meus olhos se estreitam. Meu sorriso parece mais uma careta.

Tento resistir à vontade de olhar na direção do guitarrista e do pianista, acenando com a cabeça para os poucos convidados que reconheço quando nos aproximamos do arco. Mas é inútil.

Meu olhar se dirige aos músicos. Para a fonte da voz que rasteja em meu peito e se contorce como arame farpado sob meus ossos.

Para Lark Montague.

Seus brilhantes olhos azuis se conectam com os meus apenas por um instante, apenas o suficiente para olharmos um para o outro e desviarmos o olhar. Uma carga elétrica surge em meu coração. Eu quero mil coisas. Deixar. Ficar. Para continuar de onde paramos naquela varanda. Mas que momento eu escolheria? Aquele em que pressionei meus lábios nos de Lark, com o cabelo dela preso com força em meu punho? Ou a discussão que ainda parece inacabada, que quero reabrir como uma ferida purulenta, um corte nas minhas memórias que se recusa a curar? Não importa quantas vezes eu tente ignorar, essa conversa ainda invade meus pensamentos. Meu estômago se revira quando me lembro daquele breve momento em que minhas palavras duras atingiram um alvo. Ainda posso ver o flash de mágoa em seus olhos.

Você não tem a menor ideia de quem eu sou ou o que sei sobre as consequências, **ela disse enquanto submergia sua dor sob a fúria.**

Suas palavras ecoam em minha mente enquanto Sloane e eu paramos e ficamos diante de meu irmão mais novo em desintegração. A música desaparece nos compassos finais da música.

— Você está bem, garoto bonito? — Sloane sussurra para Rowan enquanto ele substitui seu lenço úmido por um novo.

— Você parece... — Rowan para e limpa a garganta para tentar novamente. É uma tentativa admirável, mas sua voz permanece pouco mais que um sussurro rouco quando ele diz: — Você está tão linda, Corvo...

— Você meio que se limpou bem. Embora eu esteja um pouco decepcionado por você não estar usando um macacão de dragão de veludo.

— Precisaria de uma lavagem. — Ele grita.

Rose dá uma gargalhada e esconde seu sorriso em seu buquê. Fionn resmunga algo ininteligível sobre esportes enquanto um rubor surge sob seu colarinho. Lark se junta à festa nupcial agora que a música terminou. Ela está radiante. Lágrimas umedecem seu rosto

enquanto ela leva as flores de Sloane junto com as suas. E, por Deus, demoro muito para perceber que Conor acabou de perguntar quem estava entregando a noiva e cabe a mim responder. Sloane percebe o atraso, é claro. Seu beliscão em meu braço é o que me impede de tentar decodificar Lark, uma mulher que consegue jogar um pobre coitado em um lago sem nenhum remorso, mas chora tanto no casamento de sua melhor amiga que um de seus cílios postiços cai. Seriamente. Aquele filho da puta desliza por sua bochecha e ela o passa em sua mão, não dando a mínima para nada além de Sloane e Rowan.

Coloco a mão de Sloane na de Rowan e tento manter minha atenção em meu irmão enquanto ele funga em seus votos. Talvez sinta uma pontada no meu nariz quando Conor os declara legalmente casados pelas leis de Massachusetts. Talvez minha garganta queime um pouco quando Rowan enquadra o rosto de Sloane entre as palmas das mãos e apenas olha para ela, certificando-se de que ela saiba que este é o acontecimento mais monumental de sua vida.

— É melhor você me beijar, lindo garoto. Você não é meu marido até que o faça. — sussurra Sloane enquanto uma única lágrima rompe seus cílios e desliza em direção a seus lábios.

Rowan a beija, é claro. Ele desliza um braço pelas costas dela e a abaixa enquanto o pequeno público aplaude. Lark é a mais barulhenta de todos.

Tomamos alguns drinques no Leytonstone Inn, onde a tia de Lark, Ethel, preparou canapés e caixas de champanhe, muito mais comida e álcool do que jamais poderia ser consumido por um grupo tão pequeno de pessoas, mesmo com três irmãos irlandeses desordeiros na mistura. Quando todos estão suficientemente agitados, entramos em vans com motorista e seguimos para a cidade. Acabamos em uma taverna na mesma rua, um lugar simples cheio de bugigangas à beira-mar, painéis de madeira e moradores locais joviais. Um jantar de churrasco de costeletas, batatas fritas e cerveja é servido com guardanapos impressos com o logotipo de uma casquinha de sorvete derretida e as palavras *CONFRONTO ANUAL DE AGOSTO COM AÇOUGUEIRO E CORVO.* **O detalhe surpresa faz Sloane primeiro rir e depois chorar enquanto Rowan dá um beijo em sua bochecha. Quando**

o DJ começa a música e declara que é hora da primeira dança, cercamos meu irmão e sua esposa, e embora eu tente não deixar isso transparecer, fico maravilhado com o quão longe ele chegou do garoto imprudente que sempre estava no meu encalço ou criando problemas para eu consertar. De alguma forma, observando Rowan agora, com sua vida exatamente onde deveria estar, a minha parece um pouco vazia, mesmo que eu não pudesse estar mais feliz por ele. E embora eu reflita sobre isso enquanto assisto, não consigo definir um motivo.

— Idiota — diz Fionn, interrompendo meus pensamentos enquanto para ao meu lado na beira da pista de dança, que está repleta de uma combinação de nossa pequena festa de casamento e moradores locais que foram arrebatados em nossas comemorações.

— Doutor Doily. — Eu sorrio quando ele me lança um olhar que é em partes ameaçador e suplicante. Dou um aceno de cabeça em direção à pequena multidão. — Boa festa, não é?

— Sim. Embora você pudesse se divertir mais se não fosse tão idiota e convidasse a dama de honra para dar uma voltinha na pista de dança.

— Ahh. A noiva mandou você fazer isso?

Fionn zomba. Revira os olhos. — Eu sou médico, seu idiota. Habilidades de observação são o meu tipo.

— O mesmo acontece com o crochê e uma incapacidade chocante de dizer não a merdas idiotas.

— Pare de se desviar do problema em questão.

— Oh, então você quer dizer que essa conversa tem algum sentido?

— Com certeza existe. E a questão é esta: qual é o seu problema com Lark Montague?

Algo sem nome e inesperado aperta meu peito. — O que você quer dizer?

Fionn sorri e deixa minha pergunta persistir enquanto toma um longo gole de cerveja. É preciso mais concentração do que deveria para

não olhar para onde vi Lark conversando com o DJ pela última vez e folheando suas opções de música. Ela estava espalhando seu sorriso ensolarado sobre ele, e o filho da puta estava se deleitando com isso como se estivesse tentando pegar um bronzeado. Não que eu estivesse prestando muita atenção.

— Você acha que teria aprendido a ser um pouco mais suave, visto que passou a última década passando pelas mulheres de Boston mais rápido do que trocando a porra das meias. — Fionn finalmente diz.

Meu sangue esquenta e bato um dos cubos no copo enquanto tomo um gole, resistindo à vontade de engolir tudo, com gelo e tudo. — Eu não sei do que você está falando.

— Eu estive observando você olhar para ela o dia todo. Num minuto você está furioso, no outro você está olhando para ela como um gatinho perdido, então você está olhando para ela como se ela tivesse arrancado à cabeça do seu ursinho de pelúcia.

— Foda-se. — Eu rosno. — E deixe o Sr. Buttons fora disso.

Fionn ri, perplexo. Voltamos nossa atenção para a pista de dança, embora eu não olhe, posso sentir a diversão desaparecer do meu irmão mais novo. Honestamente, prefiro que fique, porque posso receber e retribuir dez vezes mais. É o que vem depois que não consigo navegar.

— Sério. Você está bem, irmão? — Fionn finalmente pergunta. Posso sentir seus olhos em mim, mas mantenho os meus focados nos dançarinos. — Não é típico de você ficar tão infeliz com uma mulher. Ou por uma mulher, aliás.

— Eu não estou infeliz, seu *trouxa.*

— O que deu em você?

— Nada. Absolutamente *nada.*

— Então por que você está sendo um idiota? Tipo, mais idiota do que o normal?

— Eu não estou sendo um idiota.

— Não. Você está certo, você parece perfeitamente charmoso. Tenho certeza que ela acha isso cativante.

Rosno e me viro o suficiente para imobilizar Fionn com uma carranca ameaçadora. Ele olha diretamente para mim, mas suas sobrancelhas se unem de preocupação. — Estou aqui parado, tomando uma bebida, tentando sobreviver ao meu irmãozinho super analisador, cuidando da minha vida. Não tenho ideia do que diabos você está falando.

— Certo. Bem, é melhor você descobrir isso logo, porque tenho a sensação de que a noiva notou que você fez o possível para evitar Lark o dia todo. É meio difícil não perceber sua atitude mais horrível do que o normal, irmão. E se há alguém nesta sala mais assustador do que você — diz Fionn enquanto me dá um tapinha no ombro. — É *ela.*

Ele me dá uma risada rouca e vai embora.

Porra.

Embora eu tente manter minha atenção em suas costas, posso sentir o peso do olhar assassino de Sloane no meu rosto.

Com um suspiro pesado, finalmente encontro seus olhos na pista de dança.

Sloane aponta um dedo em minha direção.

Eu? **Eu falo, minha palma pressionada contra meu peito, minha expressão é de doce inocência, embora minhas entranhas se revirem em minha barriga.**

Sloane aponta para mim novamente e acena com a cabeça na direção de Lark, embora eu não me atreva a olhar para esse lado. *Dance*, **ela murmura em um comando silencioso.**

Finjo estar confuso.

Ela *não finge* **estar furiosa.**

Sloane imita a coreografia mais triste que já vi enquanto faz outra exigência muda. *Dance com Lark. Agora mesmo, porra.*

Aponto para meu ouvido e balanço a cabeça. *Não consigo ouvir*

você.

Sloane revira os olhos, depois gira sobre os calcanhares e vai embora, seu olhar não desviando do meu até que ela chegue ao bar. Quando o barman se inclina sobre a madeira polida para anotar seu pedido, uma sensação de pavor invade minhas veias.

— Ah, *merda* **— sussurro enquanto ele lhe passa uma garrafa cheia de uísque Teeling. Ela me lança um sorriso sombrio e tortuoso. Minhas mãos se levantam em uma trégua. — Está bem, está bem.**

Sloane balança a cabeça e aponta para a orelha antes que sua expressão mude para um beicinho sarcástico. *Não consigo ouvir você,* **ela murmura.**

— Uma dor na bunda. — Estou prestes a atravessar a pista de dança e implorar para que ela não dê a garrafa para Rowan quando o rosto de Sloane se transforma. Um sorriso lento brinca em seus lábios e seus olhos se movem para algo logo acima do meu ombro.

Toque, toque, toque.

Três tapinhas suaves pousam em meu ombro e me viro apenas o suficiente para encontrar os olhos cristalinos de Lark presos aos meus. Eles ainda são lindos e brilhantes. Mas *cortantes.*

— Dance comigo.

O que quer que ela sinta sobre essa exigência que acabou de fazer, não tenho a menor ideia. Sua voz é quase monótona, sua expressão é uma pátina neutra. É enervante. Esta não é a mulher vibrante que beijei na varanda de Rowan, nem a impetuosa com quem discuti momentos depois. Não é aquela que encontrei algumas vezes desde então, que poderia ter ficado descontente em me ver, mas que ainda mantinha calor dentro de si, como se não conseguisse conter seu calor radiante. Esta versão da Lark não é nenhuma dessas coisas. Esta mulher diante de mim está fria, com bordas irregulares.

Olho para Sloane como se ela pudesse lançar alguma luz sobre a situação, mas acho que ela nem piscou.

— Sloane vai ficar aí olhando até você dançar comigo. — diz Lark.

— Cristo. Você provavelmente está certa. — Um suspiro pesado passa pelos meus lábios enquanto continuo esperando que Sloane pelo menos pisque, mas ela não o faz. — Acho que poderíamos também.

— Esse é o espírito. Apenas o entusiasmo pelo qual toda mulher está morrendo.

Eu estendo minha mão. — Pronta, duquesa? — Eu pergunto. Ela não responde, apenas olha para a palma da minha mão como se tivesse que se esforçar para me tocar. Talvez seja a ponta do meu dedo faltando? Isso a assusta? Talvez ela nunca tenha notado a primeira vez que nos encontramos e apertamos as mãos. Ela não parece o tipo de pessoa que ficaria desanimada, mas quanto mais ela hesita, mais fico inseguro. — Não é tão ruim assim. — resmungo.

Ela inclina a cabeça para o lado. — O que não é? Dançar com alguém que te odeia?

Lark observa enquanto engulo e tento suavizar minha surpresa sob uma máscara apática. — Eu... eu quis dizer o dedo.

A confusão aprofunda a ruga entre as sobrancelhas de Lark até que eu mudo o ângulo da minha mão para que ela possa ver melhor a ponta faltante do dedo. Agora ela apenas parece... insultada. Ela zomba e desliza a palma da mão sobre a minha, sem tirar a atenção do meu rosto quando enrolo meus dedos tatuados em sua mão. — Sinto muito pelo que aconteceu com você — ela diz enquanto nos encaramos. — Mas você é realmente um idiota.

— Apenas o elogio pelo qual todo homem está morrendo de vontade.

Com uma piscadela que me faz revirar os olhos, começamos a dançar, apenas um movimento lento em um arco suave no piso de parquet polido. Embora não falemos, sinto que há algo que Lark está ansiosa para dizer. É como se ela não soubesse como começar, então ela aperta os lábios e cantarola. No início, é tão silencioso que não tenho certeza se imaginei, mas depois fica mais alto. Logo ela não consegue evitar de cantar uma palavra ocasional, seu olhar preso em algum lugar além do meu ombro enquanto ela perde o foco na melodia.

— Eu não te odeio. — Eu finalmente digo na esperança de que a tensão entre nós se quebre, meu tom baixo e calmo, pouco mais que um sussurro. Seus olhos se voltam para os meus e seu lado frio está de volta.

— Com certeza. E acho que também não gosto de você.

— Você realmente se importaria se eu fizesse isso?

— Sim, mas não porque estou desesperada para que algum idiota goste de mim.

— Obrigado.

— É simplesmente estranho. Então, sim, eu me importo. — Não há nenhum indício de hesitação na voz de Lark. Sua honestidade não é apenas surpreendente, é revigorante. Ela deve ter notado que me pegou desprevenido com sua resposta, porque deixa seus olhos pousarem em mim por um momento antes de desviar o olhar e encolher os ombros. — Apesar do que você pensa, sou muito legal na maior parte do tempo. Pessoas como eu. Mesmo aqueles que me traem.

— *Trair você?* **Isso é dramático — eu zombo, embora um pico irracional de raiva ainda se incendeie e se dissolva em meu peito. — Eles não podem gostar tanto de você se se voltarem contra você.**

— Eu disse que eles gostam de mim. Eu não disse que eles me respeitam. Há uma diferença.

Reviro suas palavras em minha mente, refletindo sobre minhas interações com pessoas do passado e os momentos em que me senti traído e desrespeitado. — Talvez você esteja no caminho certo, duquesa. Não tenho certeza de quantas pessoas gostam de mim, mas a maioria me respeita, eu acho.

— A maioria das pessoas não gosta de você? Que revelação chocante.

A mão de Lark deixa meu ombro e olho para baixo para ver seu sorriso brilhante e seu aceno na direção de Sloane. Em apenas um instante, ela se transforma, de fria e cortante para brilhante e ofuscante. Na verdade, posso sentir o amor e a adoração dela por Sloane, como raios de sol atravessando uma nuvem. Mas não parece

forçado ou hipócrita. Seu calor parece tão real quanto o desconforto gelado que desce assim que ela se afasta de Sloane e volta para mim.

— Como está o trabalho? Ainda está nadando bem? — ela pergunta. — Muitas críticas elogiosas?

Uma risada triste escapa e examino os convidados ao nosso redor. Suas palavras são um gatilho para uma resposta automática para verificar o que me rodeia. — Está fantástico pra caralho. — eu digo sem expressão. — Consegui todos os empregos divertidos, graças a certa ex-cliente minha.

Olho para baixo e vejo a pulsação no pescoço de Lark, onde a pele fica manchada com um rubor carmesim profundo. Ela olha para mim, mas não consegue segurar meu olhar. — E se eu lhe dissesse que posso consertar isso?

Dou uma risada. Olhe para elo. Ria novamente. — *Consertá-lo?*

— Isso mesmo. E já que seu senso de intuição é tão funcional quanto peitos em uma pedra, vou lhe dizer que esse plano me deixa muito infeliz, se isso servir de consolo.

— Bem, isso tem certo apelo. Continue.

Lark morde o lábio por um longo momento, e desta vez permaneço em silêncio, determinado a esperar que ela acabe. — Ouvi dizer que você está pensando em se aposentar de suas... aventuras... freelance.

— Você quer dizer meu trabalho paralelo de assassino contratado e todas as outras besteiras em que me envolvo regularmente por causa do meu chefe psicopata?

— Sim — Lark diz depois de engolir audivelmente. — Isso.

— Claro, a aposentadoria seria o objetivo, mas não acho que isso vá acontecer.

— Você está certo, não vai. Não, a menos que você tenha um pouco de ajuda.

— E você acha que pode me ajudar?

Os olhos azuis gelados de Lark me cortariam se pudessem. — Eu sou a única pessoa que pode.

Minha bufada se transforma em uma risada enquanto o silêncio se instala entre nós, o olhar duro de Lark imaculado pela minha bufada desdenhosa. — Duvido muito disso, duquesa. Além disso, por que você iria querer? Você não gosta de mim, lembra?

Ela levanta um ombro. — Verdade. Mas preciso da sua ajuda tanto quanto você precisa da minha. E se eu conseguir, posso garantir que seu chefe recupere o contrato da Covaci. Além disso, vou conseguir para ele o contrato da Montague também.

Minha testa se enruga enquanto consumo cada micro expressão que passa pelo rosto de Lark. — Sua família tinha um contrato? Nunca ouvi falar disso.

— O lado Montague não. Sempre lidamos com nossas próprias merdas. Mas as coisas estão mudando. — Ela olha para mim e depois olha para algo por cima do meu ombro. Quando me viro para seguir sua linha de visão, vejo Sloane recolher a saia do vestido de noiva para poder sentar no colo de Rowan. O braço dele envolve sua cintura, as mangas de sua camisa enroladas até os cotovelos, sua tatuagem recente é uma explosão de preto e cor em cicatrizes curadas. Eles sussurram um para o outro enquanto passam a garrafa de uísque entre eles. — O lado Montague da família vai precisar terceirizar em breve. — diz Lark, chamando minha atenção de volta para ela. — Proteção. Correção. Limpeza. Não será tão trabalhoso quanto o contrato do meu padrasto, mas ainda assim o suficiente para ser do interesse do seu chefe, tenho certeza.

— Qual é o negócio? Se for contrabando de drogas, não farei isso.

Lark revira os olhos. — Não é contrabando de drogas.

— E então, armas? Logística de envio? Investimentos?

Lark respira fundo e endireita os ombros. — Muffins.

— Muffins...? O grande negócio ruim da sua família são os *muffins?*

Lark enfia um dedo no meu peito. — Você não sabe que a indústria alimentícia do mercado de massa está cheia de sociopatas,

assassinos e comportamentos duvidosos? — Lark sibila enquanto eu desabrocho na risada. — Você nunca ouviu falar da história de literalmente alguma franquia ou produtor de alimentos e bebidas? Montague Muffins pode psicopatar com os melhores deles.

— E você precisa de contratos. Para o seu negócio de *muffins.*

— É uma indústria altamente competitiva. Você não conhece Bob's Banoffees? Esse cara está sempre montando na bunda da minha tia.

Levanto brevemente minha mão de sua cintura em um gesto de rendição. — Ok, ok, eu acredito em você. Qualquer pessoa que sinta a necessidade de argumentar sobre esse ponto claramente se enquadra no projeto.

— Tudo bem. Talvez às vezes as armas sejam enviadas em um ou dois lotes, mas a maior parte é apenas sobre os muffins. — Lark revira os olhos e volta sua atenção para os outros casais na pista de dança. Seus passos ficam menores enquanto ela os observa, seus movimentos rígidos. Talvez seja apenas nervosismo o que sinto nela. Ela está claramente preocupada em chegar ao ponto que deseja com o acordo proposto. Mas quando seus olhos se fixam em Conor e sua esposa, Gabriela, enquanto eles dançam por perto, não é apenas ansiedade o que vejo em Lark. Parece uma perda. Como rendição. Como se ela estivesse tentando se envolver em uma armadura apertada, quando tudo que ela realmente quer, tudo que ela realmente precisa, é apenas respirar fundo o ar fresco.

Eu sei como é isso, porque sei como é. — O que você quer de mim? Porque não vou arrancar minha perna de uma armadilha só para me ver preso em outra.

— Falou como um verdadeiro guaxinim bagunceiro — diz Lark com um sorriso fugaz e melancólico. Quando ela desvia o olhar de Conor e Gabriela, ela mantém os olhos longe dos meus, com o rosto pálido. — Parece que alguém está matando os sócios de negócios da minha mãe e do meu padrasto. Está se espalhando para minha família extensa. E este não é realmente o tipo de coisa em que queremos que a polícia mexa nas nossas merdas. Tenho certeza de que você entende o

desejo de manter os funcionários da lei longe das pessoas que você ama, certo?

— Certo. — eu respondo, minha voz sombria. Eu automaticamente examino a sala para encontrar meus irmãos. — Você tem alguma coisa para continuar?

— Nada de concreto ainda além de um cronograma definido. O assassino parece ter como alvo as vítimas quando elas estão sozinhas e não deixa nada para trás. Mas espero que você possa me ajudar a juntar as peças. Pelo que entendi, esse tipo de coisa faz parte do seu conjunto de habilidades. — Lark acena na direção de Rowan e Sloane. — Você sabe investigar crimes tanto quanto sabe causá-los. Eu sei que você reuniu informações para o jogo anual deles.

— Acho que não deveria ficar surpreso que você saiba disso.

— Vamos supor de agora em diante que eu sei mais sobre você do que você sobre mim, certo?

O olhar malicioso de Lark não é apenas um golpe para mim, é um aviso. E embora eu tente manter minha expressão neutra, nós dois sabemos que ela está certa. Desde a noite em que nos conhecemos, tenho feito o possível para evitar qualquer coisa que tenha a ver com ela, principalmente por pura vergonha e teimosia. A consequência? Lark Montague agora está em vantagem.

— Então meu chefe fica com os dois contratos, você fica com o assassino e eu fico com minha liberdade. Todo mundo ganha. Isso resume tudo?

Linhas finas enrugam-se nos cantos dos olhos enquanto o rosto de Lark se contrai. — Quase.

— O que você quer dizer com *quase?*

— Há um pequeno problema.

— Mal posso esperar para ouvir isso.

— Precisamos nos casar.

— Besteira. **— Eu dou uma risada, mas nada muda na expressão de Lark. Eu rio de novo e é um som irônico e triste, mas ela não recua. —**

Oh meu Deus, você está falando sério.

— Tristemente.

— Por que...? Por que diabos precisaríamos fazer isso?

— Porque é a única maneira de garantir sua segurança. Minha família vê você como um provável suspeito.

— Eu.

— Assassino descontente com meios para se vingar das pessoas que estragaram seu trabalho de assassino contratado? Meio que se encaixa no projeto, você não acha?

Entendo o que ela quer dizer, mas não quero dar isso a ela. — Não. — eu digo.

Lark suspira, exasperado. — Faz alguma diferença se não for você? Você é um forte candidato como ameaça potencial, então para eles é melhor apenas colocá-lo no chão e ver se isso resolve o problema. E eu atestar você não vai resolver isso. Meus pais não vão se importar se pensarem que somos amigos. Eles não vão se importar se eu contar que eu mesma contratei você. E eles não vão se importar se estivermos apenas namorando. Mas casamento...? — Lark faz uma pausa. Seus olhos azuis brilham, mas ela rapidamente desvia o olhar. — O casamento é diferente. É um voto que ambos levam muito a sério e não vão brincar com isso se acreditarem que é o que eu realmente quero. Eles não correriam o risco de me machucar dessa maneira. Principalmente meu padrasto. Ele é meio da velha escola quando se trata das pessoas que ele ama.

Eu zombo e reviro os olhos, tentando esconder a crescente sensação de pavor que sinto. — Esta não seria a primeira vez que tenho um alvo nas costas. Posso resolver isso sozinho. Desculpe pelas mortes e tudo mais, mas tenho certeza de que você ficará bem. — Embora eu diga essas palavras em voz alta, imediatamente quero enfiá-las de volta na minha maldita boca salgada. Resolvo investigar a situação dos assassinatos no círculo íntimo de Lark sem o fardo adicional de tê-la por perto.

— Certo. Sinto sua preocupação com meu bem-estar em minha

alma. Mas como você claramente não está motivado pela minha saúde e felicidade, você deve saber que você e eu não somos os únicos na linha. — A determinação de Lark é uma fortaleza quando ela acena para Rowan e Sloane, e só posso quebrar contra ela como uma onda. — Eles sabem o suficiente sobre seu irmão para pensar que ele é um risco. E não sofrem riscos, eles os atenuam. Para minha família, é melhor acabar com todos os animais vadios.

Demoro um momento para perceber que paramos de nos mover ou que parei de respirar. Que outros casais passem por nós. Que a música mudou. Estamos suspensos no tempo, e tudo que vejo são os azuis variados nos olhos de Lark me ancorando no lugar.

A mão de Lark escorrega da minha. Meu batimento cardíaco bate em meus ouvidos e amortece todos os outros sons, exceto a voz dela, quando ela diz: — Sem mim, Lachlan Kane, você vai morrer. E não posso garantir que o acerto de contas irá parar em você.

E então ela recua, fora de alcance.

Uma salva de palmas e gritos me tira do meu estupor enquanto Rowan sobe ao pequeno palco ao lado do DJ, microfone em uma mão, uísque na outra. Ele inclina a garrafa em minha direção e pisca enquanto limpa a garganta e canta os primeiros versos de —"The Rocky Road to Dublin".

— Avise-me se tivermos um acordo até o final da noite — diz Lark, com a voz grave enquanto se eleva acima das letras desafinadas que vazam dos alto-falantes. — Não temos muito tempo.

Lark sorri e se afasta de mim para se juntar à multidão na frente de Rowan. Ele sorri enquanto ela aplaude mais alto do que qualquer outra pessoa e canta junto.

Um dois três quatro cinco

Cace a Lebre e leve-a para a estrada rochosa

Todo o caminho até Dublin.

Capitulo Sete
JUSTIÇA



— Este é provavelmente um dos piores dias da minha vida. — digo enquanto coloco um pouco de adesivo em spray nas pétalas de uma rosa branca imaculada.

Uma série de palavrões, súplicas e exalações de pânico acompanha a música que toca ao fundo.

— Quer dizer, não posso dizer que seja o pior, mas definitivamente entre os cinco primeiros, com certeza. Provavelmente o número três. E considerando que os dois primeiros lugares envolveram mortes horríveis e experiências angustiantes e traumáticas que deixaram marcas indeléveis em minha alma, isso é realmente uma grande conquista para o dia do casamento.

Meu prisioneiro se esforça contra suas amarras de couro. Os dedos dos pés descalços rangem na parte inferior do caixão de acrílico quando uma fita de epóxi cai em suas pernas da torneira do barril que coloquei em um suporte acima dele. Esta antiga fábrica que venho transformando constantemente em meu retiro musical pessoal, um espaço não utilizado que meu padrasto me deu de presente, veio com todos os tipos de dispositivos que realmente falaram com minha alma artesanal. E este projeto é o mais ambicioso até agora. Pobre papai – ele provavelmente me deu esta antiga fábrica têxtil na esperança de que eu me divertisse tanto transformando que me adaptasse a um estilo de vida mais sedentário. Mal ele sabia que o espaço também

seria útil para garantir que ninguém ouviria os gritos finais de Patrick O'Neill.

Olho para o rosto coberto de suor de Patrick. A caixa está quase cheia até os ouvidos. Ele não será capaz de me ouvir em breve.

Com um pote de purpurina dourada na mão, inclino-me sobre a borda do gabinete de Patrick e bato as manchas brilhantes na superfície da rosa, o excesso caindo na resina infundida com purpurina ao lado de sua cabeça. — Você é casado, certo? Você ficou nervoso quando se casou?

— Foda-se, sua vadia psicopata — ele rosna antes que sua fúria se transforme em soluços frustrados.

— Acho que provavelmente é normal ficar nervoso, certo? É um grande dia. Tipo, o maior. — Deixo a rosa de lado para secar e pego a próxima, desta vez inclinando-me sobre o caixão transparente enquanto borrifo o adesivo para que as gotas caiam no rosto de Patrick. — Conte-me um segredo, Sr. O'Neill. Na verdade, vamos chamar isso de sua oportunidade de arrependimento. — digo enquanto sorrio para seu desespero e angústia. Ele não consegue decidir entre raiva ou medo enquanto meu sorriso assume um tom tortuoso. — Você ficou nervoso na primeira vez que preparou um aluno?

Os lábios de Patrick franzem e eu consigo me esquivar do cuspe que ele atira em mim. Ele cai e pousa em sua própria bochecha com um baque grosso e desliza para dentro da resina que sobe cada vez mais a cada segundo que passa.

— Você viu o que eu fiz lá? Casamento. Noivo. Preparativos. Achei que era muito inteligente literalmente não dormir. — Encolho os ombros e torço a flor entre os dedos, os espinhos cortados. — Sempre me perguntei por que vocês, homens casados, não são um pouco mais cuidadosos. Faz sentido para os solteiros. Mas você é igualmente ingênuo. Bastou, o quê? Um ou dois dias provocando você online antes de você tentar se encontrar?

— O que você quer de mim? — ele sibila.

— Para você morrer, obviamente. — Reviro os olhos e derramo o resto do pote de purpurina na rosa, o excesso caindo em uma película fina que adere à pele de Patrick. — Gosto de pensar nisso como justiça, mas faça com que seja brilhante. Além disso, preciso de uma mesa de centro.

— Basta ir para o Target.

— Mas eu gosto de DIY. — Respondo encolhendo os ombros, colocando minha rosa ao lado das outras. — Meu noivo – Deus, eu odeio essa palavra – está se mudando amanhã e eu queria uma peça ousada para que ele não pense que pode simplesmente trazer alguns móveis de merda do apartamento de solteiro. E como eu gosto de tirar um pequeno troféu de cada saco de merda que eu apago desse mundo lindo, imaginei dois coelhos, uma cajadada só, sabe? Preciso de uma mesa de centro, você é um pedófilo – é o destino.

— Você pegou o homem errado. — Patrick implora enquanto eu abro um novo pote de purpurina e começo com uma rosa fresca.

— Não, eu não fiz.

— Eu nunca quis machucar ninguém.

— Sim, você quis.

— Se você me deixar ir, juro que nunca mais chegarei perto de outra escola.

— Bem, pelo menos podemos concordar no seu último ponto. Você definitivamente nunca mais chegará perto de outra escola. — Com um sorriso fraco e ameaçador, inclino-me para dentro de seu recinto e sopro a superfície da rosa, espalhando uma fina nuvem de poeira brilhante sobre sua pele. — Você nunca atrairá outro aluno. Nunca tocará em outra criança. Nunca roubará outro futuro. Nunca quebrará outra alma. — Fixo os olhos em Patrick por um longo momento, o tom cinza-azulado de sua íris contrastando com a rede de minúsculos vasos sanguíneos vermelhos que atravessam o branco de seus olhos. Não pela primeira vez, gostaria que Sloane conhecesse esse meu lado. Seu talento para remover os olhos das vítimas talvez seja um pouco grosseiro para o meu gosto, mas há algumas pessoas que

simplesmente merecem ser aliviadas de partes de seus corpos, e esse Patrick O'Neill é certamente um bom candidato.

Mas por mais tentador que fosse dar uma pista para Sloane sobre meu hobby, que na verdade foi inspirado por ela, também seria inseguro. Então digo a mim mesma o mesmo mantra que sempre repito quando surge a vontade de confessar:

Quanto mais Sloane souber, mais perigo ela correrá.

Inspiro profundamente uma rosa fresca e as pétalas sussurram contra minha pele, o perfume quase forte o suficiente para mascarar a fumaça da resina. Por um tempo, apenas observo a ondulação do epóxi na torneira. Uma sensação de calma toma conta de mim, apesar dos intermináveis xingamentos e súplicas de Patrick. Há uma correção na doce fragrância da rosa e no brilho do ouro. Há beleza no terror quando ele desperta vida nas almas sombrias.

O alarme do meu relógio dispara, interrompendo minha paz momentânea. Onze da manhã. Sloane estará pronta para me buscar a uma e o casamento é as duas em ponto. E espero sinceramente que esta aventura na confecção de mesas me ajude a acalmar, não apenas para as minhas próximas núpcias, mas para enfrentar Sloane. Foi como um balão de chumbo quando eu disse a ela, dois dias depois de seu casamento, que iria me casar com Lachlan Kane, e ela tem me perseguido em busca de detalhes desde então, detalhes que tenho evitado compartilhar. Mas acho que é hora de encarar a música, como dizem.

— Bem, Patrick, isso foi divertido e tudo — digo enquanto borrifo a rosa final e polvilho com glitter para colocá-la na mesa com minhas outras flores que vou amarrar com uma fita. — Mas eu realmente tenho que começar. Grande dia e tudo. Eu quero estar no meu melhor, sabe? Este macacão provavelmente não vai servir, mesmo que eu esteja me casando com um idiota certificável.

Os apelos intermináveis de Patrick ficam mais altos quando me levanto e tiro o pó do macacão. — Você não pode fazer isso. — diz ele enquanto luta para manter a cabeça erguida acima do líquido viscoso que enche sua caixa.

Sorrio enquanto abro totalmente a torneira do barril de epóxi e mudo as músicas da minha playlist. A batida pesada ecoa pelos alto-falantes montados nas paredes. — Eu posso fazer isso, na verdade — respondo enquanto volto em direção à cabeça de Patrick e agarro a alça de metal do carrinho onde seu caixão está apoiado. — E eu vou.

Com as mãos agarradas ao aço frio, empurro o carrinho para frente. As rodas rangem enquanto giram no concreto polido.

— P-por favor, eu imploro. — Patrick soluça. Seus olhos saltam entre mim e o líquido dourado que espalha pelo seu corpo enquanto eu o rodo mais perto da torneira. Cobre suas pernas. Seus quadris. Seu abdômen inferior. Veias se projetam sob a pele pálida e suada de suas têmporas enquanto nos aproximamos, centímetro por centímetro. — Eu vou te dar tudo o que você quiser. Qualquer coisa.

— Sr. O'Neill. Você provavelmente já deveria ter descoberto isso. — Empurro o carrinho até que a batida do cano suspenso paire logo acima da garganta dele. Seu pulso acelerado desaparece sob ondas cintilantes de resina. — Quero coisas que nenhum homem pode simplesmente fornecer.

Com um empurrão final, o carrinho para onde sua boca se alinha com o fluxo viscoso. Patrick fecha os olhos com força. Balança a cabeça de um lado para o outro. Estala e cospe, lançando respingos de resina contra o plexiglass. Ele implora por ajuda, por um Deus que não responderá.

— Não se preocupe em pedir ajuda a Ele. — digo enquanto calço minhas longas luvas de trabalho de couro e enfio as mãos na piscina. Com as palmas das mãos pressionadas contra suas têmporas, mantenho sua cabeça firme sob o riacho. — Ele também nunca me respondeu.

Patrick luta, treme e prende a respiração até não poder mais. O ar escapa de seus pulmões rapidamente. Só há líquido esperando para encher sua boca na próxima inspiração.

Eu sei que ele não pode me ouvir sob a resina enquanto listo os nomes de todas as garotas que ele machucou. Mas eu as digo em voz alta de qualquer maneira. Eu nomeio cada criança que ele transformou

em sobrevivente enquanto seus pulmões param em uma pulsação rítmica. E quando seu corpo fica imóvel, retiro minhas mãos de lindos redemoinhos dourados e observo até que seu rosto e corpo desaparecem sob a superfície cintilante.

Com uma última olhada satisfeita para o bloco dourado, ligo os aquecedores e ventiladores para ajudar a secar o epóxi, pego minhas flores e vou embora.

Meu cachorro se levanta de seu lugar favorito no chão da sala de artesanato e me segue enquanto caminho pelo corredor, em direção ao andar principal do que já foi uma fábrica têxtil. Passo pelo velho elevador de aço que ainda funciona, mas me assusta pra caralho, em vez disso, sigo em direção à escada de metal na parede oposta, subindo os degraus em pares até chegar ao meu apartamento, com tijolos aparentes, janelas altas e decorações ecléticas – fotos e esculturas, tapeçarias e pôsteres – a maioria coisas que colecionei dos tempos em que passei me apresentando na estrada. Pode até haver algumas lembranças de justiça brilhante, embora estejam quase todas escondidas da vista, sua presença ainda faz com que este espaço pareça um lar.

Achei que meu projeto de móveis lá embaixo me faria sentir melhor com o que estava por vir, embora tenha ajudado, o efeito é mais temporário do que eu esperava. O nervosismo volta a cada segundo que passa, como uma melodia contagiante que toma conta dos meus pensamentos nota por nota até ser tudo o que consigo ouvir. Aumento o volume da minha música na esperança de que isso afogue a ansiedade. Eu danço enquanto enrolo meu cabelo em bobes e canto enquanto faço minha maquiagem. Até pego meu violão e toco algumas músicas antes de vestir um terninho de cetim marfim com um espartilho de renda sem alças. Quando termino e todos os detalhes estão no lugar, aproveito um momento para girar de um lado para o outro no espelho que vai até o chão do meu quarto. Provavelmente não é nenhuma surpresa dizer que sempre pensei que teria um grande casamento branco. Um vestido de princesa e um véu esvoaçante. Quinhentos convidados e fogos de artifício e um conto de fadas.

Mas essa não é a minha realidade e não estou chateada com isso.

Ainda estou nervosa? Claro. Mas também me sinto feroz. Destinada a desafiar as expectativas.

Quando Sloane manda uma mensagem dizendo que chegou, estou mais preparada do que nunca.

E eu sei no instante em que entro no carro dela que estou fazendo a coisa certa.

— Que porra está acontecendo? — Sloane pergunta, preocupação gravada em suas feições, os tons verdes de seus olhos castanhos mais vibrantes contra a evidência injetada de sangue das lágrimas de preocupação que ela deve ter derramado durante sua viagem até aqui. — Eu pensei que você odiava Lachlan. Você não pode estar falando sério sobre se casar com ele.

— O que lhe deu a impressão de que eu o odeio?

— Você dizendo, 'Lachlan é um idiota, eu realmente odeio esse cara', pode ser um dos motivos.

Solto uma risada instável enquanto tento não me mexer com o buquê preso em meu punho de ferro. — Bem, ele pode ser meio idiota, claro, mas o ódio pode ser um pouco forte.

Sloane se vira para mim, o carro ainda parado. — Diga-me o que diabos está acontecendo, Lark. Você é meu melhor amigo. Você é a pessoa mais impetuosa que conheço, mas isso ? Um casamento aleatório com Lachlan Kane quando vocês conversaram umas cinco vezes? E todos esses momentos foram de alguma forma miseráveis? Tem que haver uma razão para esta súbita cento e oitenta. — Ela balança a cabeça enquanto lágrimas frescas brotam da linha dos cílios. Sua voz é pouco mais que um guincho tenso quando ela diz: — A matemática. Não é matemática.

Pego a mão de Sloane no console central e olho nos olhos dela. É preciso mais força do que deveria para permanecer firme, para não ceder à tentação de mandar para o inferno esse plano insano antes de fugir para sabe-se lá onde. — Eu prometo a você, querida, tudo ficará bem.

— Mas...

— Eu te amo — sussurro enquanto coloco a mão ao lado do rosto de Sloane. Não há nenhum alívio em sua expressão quando lhe dou um sorriso tranquilizador, um que parece discordante com a dor em meu nariz e o torno que aperta meu coração. — Você não precisa cuidar de mim desta vez, Sloane. Eu realmente só preciso que você confie em mim, sem fazer perguntas. Eu cuido disso.

Demora um longo momento, mas Sloane finalmente controla as lágrimas. — Tudo bem — ela diz. — Mas se ele machucar você, juro por Deus que vou arrancar a porra dos olhos dele.

— Parece bom para mim.

— Devagar. Com uma colher enferrujada. Tipo, uma arrancada total. Arestas. Merda com aparência amadora. Trabalho realmente de má qualidade.

— OK. Bem, você poderia me deixar um olho.

— Estou falando sério, Lark.

— Sim, eu também. Acho que provavelmente gostaria que você me ensinasse seus truques. — digo com um sorriso.

Depois de um olhar final e minucioso, Sloane muda para a direção e nós partimos em direção ao centro de Boston.

Eu conecto minha playlist ao carro de Sloane em nosso caminho até o tribunal para este dia auspicioso. "Chapel of Love" da Dixie Cups. 'Marry You" de Bruno Mars. Tem uma vibração divertida que espero que melhore meu humor. "Single Ladies" de Beyoncé, porque obviamente. Embora eu cante e tenha um sorriso pronto sempre que ela olha em minha direção, Sloane não aceita nada disso.

— E sua mãe e Damian? — ela pergunta, diminuindo o volume da música enquanto nos aproximamos da Prefeitura de Boston em meio ao trânsito do meio-dia.

Meu coração aperta. — E eles?

— Eles não ficarão chateados?

— Talvez — respondo, mexendo na bainha da minha jaqueta de cetim branco. Meu olhar muda para fora da janela e eu olho para os

prédios que passam. — Acho que eles têm muito com que se preocupar com Ethel.

— Não está indo tão bem? — Sloane pergunta, e eu balanço minha cabeça. Quando não olho em sua direção, ela tira minha mão do colo e a segura no console central. — Sinto muito, Lark.

— Obrigada. — Meu sorriso frágil pouco ajuda a tranquilizar Sloane, a julgar pela forma como sua testa franze quando ela olha em minha direção. — Talvez isso lhes dê algo em que se concentrar, em vez de tia Ethel.

O rosto de Sloane se contrai. — Você acha que seu casamento para um homem que eles nunca conheceram vai ajudar nisso?

— Claro — eu digo com um encolher de ombros. — Entretenimento, sabe? Algo para distraí-los de... coisas.

— Que tipo de coisas?

— Tipo, coisas da morte de Ethel.

— Não foi isso que você quis dizer.

— O que mais eu quero dizer?

Sloane suspira e seu aperto no volante fica mais forte, os nós dos dedos brancos nos ossos. — Algo como, não sei, a verdadeira razão por trás do que é claramente um casamento falso com um homem que você detesta?

— Sloane, pensei que tivéssemos concordado. Eu cuido disso.

— Nós não concordamos com coisa nenhuma. Você acabou de me dizer para não me preocupar, o que me deixa exponencialmente mais preocupada.

— Mais preocupada do que se de repente eu dissesse: 'Sloaney, acabei de perceber que estou perdidamente apaixonada por Lachlan Kane e vamos nos casar'?

Sloane pisca. Inclina a cabeça. Calcula. — Não. Todas as opções são uma merda.

— Mesmo aquela em que somos oficialmente cunhadas?

— Ok, essa é a vantagem. Mas a única.

— Bem, considere isso o raio de sol que é — Dou um tapinha na perna de Sloane e ela me encara, abrindo o primeiro sorriso genuíno que acho que dou em dias. Adoro cutucar o lado letal de Sloane, especialmente sabendo que tenho imunidade total à sua retribuição. — Honestamente, ainda não tenho certeza de como vou contar a todos eles. Estava pensando que poderia improvisar. Combina com o tema do casamento.

— Estou chocada. Verdadeiramente.

— Talvez eu apenas envie uma foto para Ava. Sem contexto, apenas eu, Lachlan e o oficiante. Então desligue meu telefone.

— Você não me disse uma vez que Ethel era a única pessoa que gostava mais de cutucar sua irmã do que você?

— Sim... — eu digo, inclinando a cabeça para o lado. — Por quê?

— Bem, acho que a doce e velha Ethel está cuidando de tudo hoje.

Sloane acena com a cabeça em direção à calçada. Sigo sua linha de visão e meu olhar pousa em uma senhora idosa familiar, com o cabelo enrolado em um halo de ondas brancas, o vestido floral esvoaçando sob um casaco de pele preto brilhante, embora seja um dia ameno de outubro, uma bengala de ébano na mão.

Seu outro braço está preso ao de ninguém menos que o maldito Lachlan Kane.

— Como diabos é sempre amoroso... — eu sibilo.

— Parece que ela também gosta de cutucar você — diz Sloane, dando uma cutucada divertida em meu ombro.

Nós deslizamos para uma vaga de estacionamento ao lado de onde eles estão andando, o que provavelmente teria passado despercebido se Sloane não tivesse buzinado alegremente. Minha tia sorri para mim do outro lado do vidro colorido.

— Eu odeio vocês duas — sussurro com um sorriso falso antes de meu olhar se voltar para Lachlan. — Mas eu o odeio acima de tudo.

A tinta sobe pela pele de Lachlan por baixo da gola de seu terno preto. Seu cabelo está penteado para trás, um sorriso arrogante levantando uma borda de seus lábios quando seus olhos se conectam aos meus. Ele dá um tapinha na mão enluvada da minha tia como se quisesse provar um ponto, e meus olhos se estreitam em fendas finas.

— Realmente? Você o odeia? Porque parece que você quer subir nele como se fosse uma árvore.

Viro-me para encarar Sloane. — Eu não.

— Você tem razão. Você não. Parece que você quer decapitá-lo e desfilar pela cidade com a cabeça dele em uma lança. — Sloane se aproxima enquanto minha boca se abre e minha carne fica vermelha. — Um conselho, Lark. Se sua intenção é convencer alguém de que este não é apenas um casamento falso, você provavelmente deveria pelo menos fingir que quer foder seu marido no dia do seu casamento.

— Merda. Você provavelmente está certa. — Meus ombros levantam e descem com um suspiro pesado. — Ele parece muito bem. Eu só tenho que fingir que ele não é apenas um terno sexy sobre um interior completamente de merda.

— Esse é o espírito — Sloane fala inexpressivamente.

Dou-lhe um sorriso fraco e volto minha atenção para a janela onde minha tia e Lachlan permanecem na calçada. Rowan acena para eles, andando mais rápido para alcançá-los, mas sua tentativa de mostrar entusiasmo pouco faz para disfarçar sua preocupação. Ele provavelmente pensa que isso é tão louco quanto todo mundo pensa, inclusive eu. Bem, todos, exceto Ethel, que parece estar se divertindo muito.

Abaixo a janela fumê apenas o suficiente para ser ouvida claramente pela fresta. — Oi, tia.

Os olhos de Ethel brilham apesar da névoa causada pela catarata. — Olá querida. Lindo dia para um casamento.

— Claro.

Volto minha atenção para Rowan e aceno para ele. Então olho para Lachlan, cujo sorriso se tornou diabólico. Para alguém que

provavelmente odeia essa ideia tanto quanto eu, ele certamente parece estar se divertindo tanto quanto minha tia.

Para não ficar atrás, coloquei meu sorriso mais vibrante. — Querido.

O sorriso malicioso de Lachlan se ilumina. — Duquesa.

— Dá azar ver a noiva antes da cerimônia de casamento.

— É isso? Huh. — Lachlan passa a mão pelo rosto recém-barbeado, os anéis brilhando ao sol de outubro. — Você quer dizer que pode piorar?

— Da maneira mais amorosa possível, vá se foder. — digo, lançando a Lachlan um sorriso sardônico enquanto abro a janela escura.

— Sim, então... talvez precisemos trabalhar um pouco nisso — diz Sloane, e então ela dá um tapinha na minha perna em um comando mudo para permanecer sentado. Ela sai do carro e espera na minha porta até que os outros desapareçam na esquina. Só então ela me ajuda a sair do veículo. Mas mesmo quando estou firme em meus sapatos de salto agulha pontiagudos, Sloane ainda aguenta. Ela aperta minha mão. Oferece uma promessa em sua expressão severa. — Ainda podemos nos virar.

— Eu sei — digo, mas dou um passo à frente. Ela me dá um sorriso resignado.

Eu odeio vê-la se sentindo assim, tão preocupada sem ter como consertar isso porque eu a mantive no escuro. Eu odeio ser o único a fazer isso com ela. Odeio tudo neste plano, exceto que ele me dá a melhor chance de mantê-la segura e de descobrir o que diabos está acontecendo com minha família.

Nunca mais.

Endireito os ombros e aperto a mão de Sloane com mais força. — Vamos acabar com isso. Quanto mais cedo fizermos isso, mais cedo poderemos ir beber no Dubliner como irmãs oficiais.

— Noite de núpcias, Lark — diz Sloane enquanto caminhamos de

mãos dadas em direção à entrada da prefeitura. — Você deveria ir foder seu marido, lembra? Não tomar dois martinis e começar a chorar por um estranho.

— Eu não faço isso. Sou uma bêbada adorável.

Sloane bufa quando passamos pelas portas e entramos no saguão. Nossos saltos batem no chão e ecoam nas paredes rígidas e no teto abobadado. — Ou adoravelmente feliz ou adoravelmente choroso. Cinquenta por cento de chance de uma Lark feliz ou uma Lark triste. Cem por cento de chance de cantar e chorar.

— Tudo bem, tudo bem, talvez um pouco de choro aconteça de vez em quando. Mas acho que desta vez tenho passe livre. É o dia do meu casamento. As lágrimas são justificadas.

Encontro os olhos de Sloane com um estremecimento, e ela reflete uma quantidade igual de desconforto para mim. — Não acho que você deva fazer essa cara toda vez que diz 'casamento', 'casado' ou 'marido'. Apenas para sua informação.

— Certo — digo enquanto entramos nos elevadores para a secretaria municipal. — Sorriso. Finja que quero transar com ele. Entendi.

— Pelo menos ele parece muito bem. Ele é como uma combinação de Keanu da era *Constantine* **com Tom Hardy da era** *Mad Max.* **Quente e meio triste.**

Eu me viro e olho para Sloane. Ela tenta não sorrir, mas sua covinha a denuncia, como sempre acontece quando ela está tramando algo ruim. — Essa é a coisa mais profana que você já disse. Estou enojada, Sloane Sutherland.

O sorriso de Sloane se abre quando o elevador apita e a porta de metal se abre. — Você só é salgado porque sabe que estou certa.

Quando saímos para o nosso andar, Lachlan está no final do corredor, parado ao lado de Rowan com as mãos nos bolsos. Minha tia está sentada em uma das cadeiras encostadas na parede. E embora eu não admita, Sloane descreveu isso perfeitamente — ele é um pouco Keanu-Hardy, todo quente, perigoso e triste. Embora Lachlan sorria

com o que quer que minha tia esteja dizendo, há algo assombrado em seus olhos, algo faltando.

E quando ele se vira para mim, esse abismo se enche de fogo.

Não sei o que ele está pensando, se é ódio, determinação ou suspeita. Não consigo interpretar seu olhar duro e sombrio ou sua testa franzida. Tudo o que sei com certeza é que ninguém nunca olhou para mim do jeito que ele olha agora.

Empurro meus ombros para trás. Levante o queixo. Se estiver com frio na barriga, eles vieram armados, porque parece que estou sendo esvaziado. Raspado e limpo.

A ruga se aprofunda entre as sobrancelhas de Lachlan quando paro na frente dele. Ele observa os detalhes do meu rosto, dos olhos aos lábios, onde seu foco permanece, depois o rubor que aquece minhas bochechas, depois a cicatriz na linha do meu cabelo. Um leve sorriso levanta um canto de seus lábios enquanto seu olhar se reconecta com o meu. — Pensei que não deveríamos nos ver antes da cerimônia, duquesa.

— É isso? Isso é tudo que você tem? Reviro os olhos e dou um passo à frente para contorná-lo e cumprimentar minha tia, mas Lachlan segura meu pulso. Sua expressão ficou séria, qualquer traço de diversão desapareceu.

— Você está linda. — Ele sussurra, sua atenção fixada em meus lábios. Ele ressuscita uma memória que continuo tentando enterrar, mas que abre caminho para a luz com mais frequência do que eu gostaria. Gostaria de dizer que é a primeira vez que penso no nosso beijo na varanda de Rowan, mas isso seria uma mentira completa.

Engulo o gosto fantasma de uísque em minha língua enquanto dou um tapinha no peito de Lachlan. — É melhor não dizer isso muito alto. Alguém pode ouvir você. Não gostaria que eles tivessem a impressão errada e pensassem que você é realmente agradável.

— Não se preocupe, sabemos que ele não é. — Rowan fala por trás do ombro de Lachlan, o que lhe rende um chute forte na canela de seu irmão mais velho. Rowan estremece e caminha em um círculo que

termina ao lado de Sloane. — Parece ótimo, Lark.

— Obrigada...

— Sim, você está tão linda, querida. — Minha tia diz, e Lachlan finalmente desvia o olhar do meu rosto para se virar e ajudá-la a se levantar da cadeira. Quando ela está firme, ela estende uma caixa de joias antiga de veludo vermelho em minha direção. — Aqui, eu quero que você fique com isso. Considere isso como algo antigo.

Pego a caixa dela com uma mão hesitante, lançando um olhar para Sloane, que levanta um ombro, sua expressão tão confusa quanto a minha deve ser, eu abro...

... em seguida, fecho a tampa.

— Não. — Empurro-o na direção de Ethel enquanto balanço a cabeça. Um punho se aloja na minha garganta, lágrimas repentinas queimam meus olhos. — Eu não posso aceitar isso.

A mão enrugada da minha tia se dobra sobre a minha e empurra a caixa de volta na minha direção. — Sim, você pode.

— Você não pode me dar isso.

— Posso dar para quem eu quiser.

A primeira lágrima escorre pelo meu rosto. — Ava deveria ficar com isso.

— Por quê?

Tento afastar a caixa novamente, mas para uma octogenária moribunda, Ethel é muito forte. Ela crava as unhas nas costas da minha mão apenas o suficiente para causar desconforto. Minha voz é um apelo entrecortado quando digo: — Porque ela é minha irmã mais velha. E isso a deixaria feliz.

— Mas dar isso a você *me* deixará feliz.

Olho para Lachlan, que nos observa com uma ruga entre as sobrancelhas. Ele parece mais pensativo do que o normal. Talvez seja o terno combinado com os óculos que dá um toque calculista à sua presença já intimidante. Sinto que estou sendo estudada. Medido.

Provavelmente considerado insuficiente, porque, afinal, é Lachlan Kane. Quando ele chama minha atenção, ele parece perceber de repente que sua atenção é intensa demais. Ele olha para minha mão e relaxa sua postura, mas o entalhe entre suas sobrancelhas permanece.

Ethel abre a caixa e tira o anel. É um enorme diamante amarelo escuro flanqueado por diamantes brancos com lapidação baguete em cada ponta. — Quando Thomas me pediu em casamento este anel, foi o dia mais feliz da minha vida. Mas eu era ingênua, é claro. Eu não sabia nada sobre como construir um casamento bem-sucedido. Demorou um pouco para aprender que estar apaixonada não basta. Escolher o amor é o que é preciso. — diz ela enquanto desliza o anel no meu dedo. A mão de Ethel dobra sobre a minha e ela olha não para Lachlan, mas para onde Rowan e Sloane estão atrás de mim antes de se inclinar um pouco mais perto. — Você está escolhendo o amor, Lark. E estou muito orgulhosa de você.

Minha tia levanta a mão e eu olho para aquele diamante. Há tantas lembranças lindas de minha tia e meu tio refletidas nas facetas familiares que brilham na luz. Aperto os lábios com força e tento sorrir para Ethel em meio à névoa de lágrimas. Isso me rende um conjunto de cílios desonestos que cai em minha bochecha, e depois de um abraço breve, mas feroz, com minha tia, Sloane me puxa para consertar minha maquiagem no banheiro, e nos reunimos com os outros assim que somos chamados ao escritório. para a cerimônia.

— Esta pronta? — Lachlan pergunta quando paro na frente dele enquanto os outros abrem caminho para a sala. As mãos enfiadas nos bolsos, o terno perfeitamente passado, aquele maldito sorriso — ele parece tão calmo e controlado, e eu me sinto uma bagunça sob um sorriso forçado.

— Foi ideia minha, não foi?

Era. Foi minha ideia maluca que não estou cem por cento arrependido agora. *Oh meu Deus, o que estou fazendo? Eu literalmente perdi a cabeça. Vou me casar com Lachlan Kane, o maior idiota de Boston. Isto é provavelmente mais louco do que explodir alguém com fogos de artifício.*

— Claro que foi, duquesa. — diz Lachlan com um sorriso fugaz.

Ele se inclina um pouco mais perto, com a voz baixa o suficiente para que só eu possa ouvi-lo quando ele sussurra: — Não é tarde demais para mudar de ideia.

Eu me permito apenas uma respiração profunda. Um momento para viver no fio da navalha entre dois futuros. — Eu fiz minha escolha.

Com um único aceno de cabeça, Lachlan estende o braço e eu o pego, e seguimos nossos entes queridos para dentro da sala.

Rowan faz FaceTimes com Rose e Fionn para que elas possam assistir à cerimônia. Estamos diante de uma estante de vidro. Lachlan segura minhas mãos. Ele me observa como se esperasse que eu desistisse e fugisse. Mas eu não. Talvez ele pense que vou chorar. Eu também não faço isso. Repito os votos depois do oficiante e minha voz é clara, nunca vacilante. Colocamos nossas alianças nos dedos um do outro, em apenas alguns minutos, acabou. O oficiante nos declara casados. Uma união sob as leis de Massachusetts. *Você pode beijar a noiva.*

Não sei o que esperava deste momento. Talvez para Lachlan pressionar rapidamente seus lábios nos meus e ir embora. Talvez até um beijo na bochecha. Inferno, eu nem tenho certeza se esperava que chegássemos tão longe. Mas eu sei que não esperava que Lachlan olhasse tão atentamente para mim como se estivesse saboreando os detalhes do meu rosto e deste momento agridoce. Não pensei que veria a saudade escondida em suas profundezas azuis escuras. Eu nunca imaginei que ele afastaria a ponta do meu rabo de cavalo alto do meu ombro e deixaria as pontas dos dedos roçarem meu pescoço, ou que ele se inclinaria lentamente.

— *Geallaim duit a bheith i mo fhear céile dílis duit, fad a mhairimid le chéile*[3]*.* **— Lachlan sussurra antes de seus lábios pressionarem os meus em um beijo que cobre meu coração com uma carga elétrica. Necessidade e negação. Dor de cabeça e perda. Sinto tudo quando sua boca se inclina sobre a minha e me afogo em seu cheiro de âmbar e menta. Ele me beija como se eu fosse exatamente o que sou. Sua chave para a sobrevivência.**

E eu o beijo de volta como se estivesse me despedindo de algo que

nunca foi meu. Porque estou escolhendo o amor.

Só não o meu.

Capitulo Oito
ATRITO



Há uma tensão constante no ar, o ruído cortante da fricção e um motor elétrico envolto na melodia da música que ecoa pelo corredor de concreto. A voz de Lark se mistura com o caos, um som puro e precioso, o único fio de calma dentro de uma cacofonia. Quando paro na porta, ela está de costas para mim, balançando a cabeça no ritmo da música enquanto ela guia uma lixadeira pela superfície de um longo bloco dourado de uma mesa de centro em um carrinho elevado. Um cachorro enorme descansa a poucos passos de seus chinelos. Sua pelagem espessa é uma mistura de branco e escuro, manchas tigradas e salpicos de pontos, como se o universo dissesse foda-se e apenas misturasse todas as opções. A fera me sente acima da lixadeira e se levanta, erguendo sua cabeça de urso para soltar um latido único e autoritário.

A sala mergulha em um silêncio repentino quando Lark desliga a lixadeira e a música, depois se vira para mim.

Cruzo os braços e resolvo manter os olhos no rosto de Lark e não na fina faixa de pele exposta que posso ver entre as laterais do macacão e a camisa curta que roça suas costelas. — Oi.

Lark não sorri. Na verdade, ela parece um pouco desapontada quando abaixa a máscara e levanta os óculos de segurança na testa para me olhar como se eu tivesse arruinado suas esperanças ao aparecer em sua porta. — Oi. — O cachorro se levanta e fica entre nós,

com uma postura rígida, como se as pernas atarracadas tivessem sido fundidas em aço sob o pelo. Se ela der o comando certo, tenho certeza de que Lark poderia pedir à fera para rasgar minha garganta e ela obedeceria de bom grado. — Vá deitar.

O cachorro me lança um olhar feio e dá um passo mais perto antes de cair no chão bufando, com as pernas tortas.

— O que é? — pergunto, mudando minha atenção para Lark enquanto a fera lança seu olhar para o lado do meu rosto.

— Alguns chamariam isso de cachorro.

— Que tipo de cachorro.

— Akita americano.

— Ele parece... quebrado. — eu digo, observando suas pernas bambas que parecem dobradas em ângulos desconfortáveis.

— Ele é um Akita. É o que eles fazem.

— Qual o nome dele?

— Bentley.

— Bentley? **— Eu dou uma risada. — Deixe-me adivinhar, qual foi o último carro que você bateu antes do Escalade?**

Lark olha para mim e depois se vira, passando a mão sobre a mesa. — Bentley Beetham. — O cachorro solta um longo suspiro, como se já tivesse ouvido essa explicação mil vezes. Ele claramente está tão farto de mim quanto ela já está. — Ornitólogo. Alpinista. Ele escalou o Everest em 1924. Mas meu pai estava mais interessado em como ele desceria penhascos de rapel com uma corda na cintura para poder fotografar gansos-patola com uma câmera que provavelmente pesava metade do que ele pesava.

— Um pouco nervoso, não é? — pergunto, e quando Lark me lança um olhar penetrante por cima do ombro, sorrio. — Seu pai. Um observador de pássaros.

— Sim. Qual foi sua primeira pista? — Larks diz, sua voz cheia de sarcasmo.

— Quando eu o encontrarei? Vou trazer alguns binóculos e alpiste. Fionn deve ter um pouco de sobra.

Lark balança a cabeça, os olhos fixos na mão enquanto ela varre a poeira da superfície da mesa. Ela não responde nada, então dou alguns passos para dentro da sala com um amplo espaço ao redor do cachorro, absorvendo os detalhes do que parece ser seu espaço de hobby. Há latas fechadas de resina epóxi de secagem rápida empilhadas ao lado de um balcão de aço onde as ferramentas ficam ao lado de tecidos dobrados e caixas de ferragens. Pregos. Parafusos. Fio de artesanato em ouro e prata e cobre e rosa. Pincéis em potes de vidro manchados com um arco-íris de respingos secos. E brilho. Potes e potes e potes de glitter, em todas as cores que o glitter pode ser feito. Dourado acima de tudo.

— Grande fã de brilhos? — pergunto enquanto pego um pote com manchas douradas e o giro na luz. O glitter gruda nas paredes do pote como uma ameaça.

— Você veio aqui para me incomodar por causa do glitter?

— Na verdade, vim falar sobre o plano. Temos muito que descobrir. Onde você quer começar? — Coloco o pote na mesa e puxo um banquinho de metal gasto debaixo da mesa. Quando estou sentado de frente para ela, desfaço meu cinto personalizado e enrolo o anel de metal em volta do dedo médio para esticar a tira de couro.

— Umm, não com ficar nua, isso é certo.

— Você deseja, duquesa. — eu digo com uma piscadela e um sorriso enquanto tiro meu canivete do bolso e começo a passar a ponta pelo couro, afiando o aço polido. — Quero dizer de verdade. Onde você quer começar? Provavelmente é melhor não atrapalhar a Barbie Desastrada nesta nossa situação, não acha?

Lark me olha por cima do ombro e sinto o ardor de seu olhar enquanto ele desliza pelo meu rosto, até a tinta que cobre meus braços, até a nova aliança de casamento em meu dedo e vice-versa. — Acho que você tinha razão em conhecer minha família. É melhor fazermos isso primeiro, antes que cortem sua garganta e cremem você em um forno industrial.

— Isso... isso aumentou rapidamente.

Lark encolhe os ombros. — De qualquer forma, não seria a primeira vez que eles tentaram isso, de acordo com minha tia Ethel.

— Você quer dizer a doce senhora Ethel de ontem? *Aquela* **Ethel?**

Com um gesto de desdém da mão, Lark abaixa os óculos de segurança até o nariz. — Sim, mas tipo, quem sabe com ela. Não creio que os fornos rotativos fiquem quentes o suficiente para cremar alguém. Mas eles fariam um ótimo trabalho na parte de matar. — Lark me lança um sorriso brilhante e despreocupado antes de colocar a máscara sobre o nariz e ligar a lixadeira para limpar a superfície perto de uma das extremidades da mesa. — Devíamos ir até a casa dos meus pais no domingo — ela diz acima do barulho da lixadeira. — Brunch em família, faça chuva ou faça sol.

— Nada como mergulhar no fundo do poço. Talvez devêssemos praticar antes disso? Você sabe, para ser convincente e essas merdas?

— Se você quer dizer 'talvez devêssemos fazer sexo', você pode se foder imediatamente.

Eu bufo, embora a imagem das minhas mãos tatuadas em suas coxas macias inesperadamente surja em minha mente. — Quero dizer, talvez devêssemos tentar fingir que podemos nos suportar em um ambiente público. Eu gosto de não morrer.

— Você não é aquele cuja família está sendo ativamente assassinada — diz Lark. Um pico de raiva protetora substitui instantaneamente o desejo que acabei de sentir. — Então, sim, eu também não acho que seja sensato esperar mais do que o necessário. Para o meu bem ou para o seu.

— Certo. O forno industrial.

— Exatamente. — Lark olha para mim por cima do ombro enquanto continua girando a lixadeira sobre a mesa. Seu olhar permanece em mim por um longo momento e eu provavelmente deveria mencionar algo sobre como ela está prestes a deixar a superfície da mesa irregular, mas parece que as palavras escaparam da minha língua. — Precisamos ser convincentes com minha família —

ela diz antes que eu possa emendar uma frase. — Você acha que é capaz disso?

Um canto da minha boca se transforma em um sorriso arrogante. — Você é?

Lark revira os olhos. Meu sorriso se espalha. Algo sobre irritá-la é viciante. Cada vez que faço isso, parece que entrei furtivamente sob suas defesas para enlouquecer em um lugar que a maioria das pessoas nunca vê.

Mas, como aprendi rapidamente, ela nunca fica atrás. — Vadia, *por favor*. **Tenho anos de prática. — diz ela.**

Minha risada parece assustá-la. A lixadeira rosna contra a mesa para acompanhar o olhar letal que ela me lança.

— Mal posso esperar para ver com que rapidez essa coisa toda será banida.

— Acho que 'banido' é ruim? — ela pergunta, e minhas sobrancelhas se levantam em afirmação. — Bem, então, se tudo der errado, não será porque fui eu quem não conseguiu. E posso garantir que não serei eu no forno. Então acho que é melhor você não estragar tudo.

Lark me dá um sorriso meloso por baixo da máscara, um que posso ver em seus olhos, na maneira como eles se estreitam e enrugam nos cantos. Eu respondo com um sorriso sombrio. Se ela pensa que não posso jogar esse jogo com os pais dela, ela está errada. Farei deste o melhor primeiro encontro parental que ela já teve, tão bom que até ela vai pensar que se apaixonou por mim.

... Provavelmente.

Porra.

Lark me tira de minhas dúvidas crescentes quando diz: — E o seu chefe? Presumo que precisaremos conhecê-lo também.

Toda aquela diversão que senti enquanto a provocava momentos atrás desapareceu como se ela tivesse apertado um interruptor. A ideia de levar Lark para conhecer Leander está em minha mente desde

o casamento de Sloane e Rowan. Ele nadou na escuridão de todas as outras preocupações que surgiram com esse plano insano, mas esta é a primeira vez que ele consegue uma mordida.

— Sim — respondo, apertando o cabo da lâmina com tanta força que minha mão dói. — Ele não espera ver um romance de verdade...

— Graças a Deus.

— ...Mas ele vai querer garantias comerciais. Provavelmente um compromisso financeiro.

Lark me dá um único aceno afiado. Seu olhar não se desvia do meu. — Dê-me a papelada. Eu vou fazer isso.

— Leander Mayes é seriamente fodido, Lark. Mesmo que ele queira algo de você, você não pode se considerar seguro, certo?

— Eu vou ficar bem — diz ela, estreitando os olhos por trás dos óculos de segurança. — Eu disse que vou fazer isso, e vou.

Embora eu odeie admitir, admiro sua determinação. Lark não vacila, mesmo quando eu espero que ela o faça. Mas não sei por que continuo pensando que ela vai se separar quando nunca o fez, nem uma vez desde a primeira vez que a conheci. Ela poderia ter se esquivado de mim naquela noite, mas em vez disso ela me atacou com sua merda do Batman Econômico. Eu a prendi no meu porta-malas e ela escapou. No momento em que percebi que ela havia partido, dei meia-volta e ziguezagueei pelas estradas rurais, procurando por ela até o amanhecer. Toda vez que discuti com ela desde então, ela revidava com a mesma força ou deixava minhas farpas deslizarem sobre seus ombros como se não fossem nada mais do que seda.

— Tudo bem, duquesa. Assim que você entregar sua alma ao diabo, usaremos os recursos do Leviathan para rastrear esse seu assassino. É melhor nos encontrarmos com Leander o mais rápido possível, depois de sua família. Ele viaja muito, então vou saber os detalhes do que ele quer e quando estará por perto para que você possa preparar tudo com antecedência.

Lark acena com a cabeça antes de desviar sua atenção de mim. No momento em que ela olha para a mesa, ela estremece como se

estivesse chocada, seu suspiro audível apesar do som da máquina.

Dei dois passos apressados em direção a ela antes mesmo de perceber o que estou fazendo, minha lâmina esquecida no chão e o cinto batendo em minha coxa. Estou quase ao lado dela quando aquele cachorro gigante se levanta, novamente colocando seu corpo entre nós.

— Você está bem? — pergunto enquanto ela desliga a lixadeira. Lark ainda segura à máquina em uma das mãos enquanto bate a outra na mesa, com o olhar preso na superfície. Ela solta a lixadeira para tirar os óculos de segurança e a máscara, mas não olha na minha direção. — Você se machucou?

— Não. Não. Totalmente bem.

Ela não parece nada bem. — Você tem certeza disso, duquesa?

— Muita certeza.

— Algo errado com a lixadeira? Posso dar uma olhada. — Dou alguns passos lentos e cuidadosos ao redor de Bentley, mas Lark tenta me afastar. — Eu sou muito bom em desmontar coisas assim, provavelmente posso consertar...

— *Não.* **Eu estou bem. Eu só... — Todo o corpo de Lark está tenso, desde a palma da mão em que ela pressiona seu peso, até seus ombros tensos, até seus lábios que estão dispostos em uma linha sombria que prende quaisquer palavras que ela estava prestes a dizer.**

— Você apenas...?

— Acabei de perceber que deveria colocar uma estrela bem aqui. — Lark acena para sua mão, onde ela está espalhada sobre o epóxi lavado, mas ela não a levanta, nem mesmo quando eu entro em seu espaço para parar em seu ombro. — Sim. Ali. Uma grande estrela negra e brilhante.

— Ok... bem... vá em frente.

— Eu vou.

— Então o que está impedindo você?

— Não quero perder meu lugar. Tem que ir bem aqui. Sim. Este exato local. Eu posso sentir isso. — Uma careta passa por seu rosto antes de se transformar em um sorriso que é ao mesmo tempo dolorido e um pouco... perturbado. — Há uma forma de bolo em forma de estrela na cozinha, no segundo armário à esquerda do fogão. Você pode, por favor, pegar para mim?

— Você tem uma forma de bolo em forma de estrela gigante? Por que isso não me surpreende.

— Por favor, vá buscá-la, sim?

— Que cheiro é esse...?

Um rubor repentino acende nas bochechas de Lark. — Bentley. Ele peidou.

Volto minha atenção para o cachorro, que olha para Lark ao ouvir seu nome. Ele solta um bufo descontente e olha para mim como se fosse eu quem transmitisse o vento. — Tem certeza de que ele não está doente ou algo assim? Parece que ele comeu algo rançoso. Você deveria mudar a comida dele.

— Vou levar isso em consideração, Lachlan, mas pelo amor de todas as coisas sagradas, por favor, com uma cereja brilhante em cima... forma de bolo?

— Tudo bem, tudo bem. Vou. — Com um revirar de olhos que Lark não vê, giro nos calcanhares e saio da sala, mas não antes de dar a ela uma última olhada por cima do ombro. Cabeça baixa, ombros caídos, quase posso sentir seu alívio.

Aperto o cinto enquanto vou em direção às escadas e subo para o apartamento, onde minhas duas malas estão fechadas ao lado da porta. A forma de bolo está exatamente onde ela disse que estaria, o que por algum motivo acho surpreendente. Lark parece caótica, mas quando espio alguns armários, tudo está altamente organizado. Canecas alinhadas por tamanho e design. Chá organizado por cor. Cada lata de sopa ou molho em fileiras organizadas, com os rótulos voltados para frente.

Guardando essa observação, levo a forma de bolo para baixo e

entro na sala onde Lark paira sobre a mesa enquanto derrama uma fina camada de epóxi preto na superfície. Quando passo a estrela para ela e espero para ver o que ela fará a seguir, ela murmura um agradecimento, mas não tira os olhos da superfície da mesa. Ela coloca a estrela no chão para cercar a pequena porção que já derramou e então acelera o processo até preencher todos os ângulos e pontas com resina preta brilhante.

Encosto-me a borda da mesa e cruzo os braços. — Tudo bem?

— Hummm. Ótimo. — Lark fica em silêncio, toda sua concentração nas bordas do metal enquanto verifica os limites em busca de bordas pretas sangrando. Quando ela parece satisfeita, ela coloca uma lâmpada UV sobre a estrela e a acende antes de limpar o resto da mesa. Ela cantarola enquanto trabalha, uma melodia que não reconheço até que ela deixa a letra começar a escapar. O tom de sua voz é ao mesmo tempo assombroso e puro, tanto luz quanto sombra, como se você pudesse pegar o que quiser dela e ouvir a música do jeito que só você precisa.

— Você é fã dos Smiths? — Eu pergunto. O canto de Lark desaparece no silêncio, a limpeza fica mais lenta e ela me observa por um longo momento. — 'How Soon Is Now?', certo?

— Sim. Você gosta deles?

Um dos meus ombros se ergue antes de me curvar para pegar minha faca rebelde. — Eu gosto daquela música. Nem todas as coisas deles.

— Mesmo. — Ela volta sua atenção para a mesa, mas olha por cima do ombro para mim como se não conseguisse desviar o olhar. — Você ouve muita música?

— Sim, na loja.

— O estúdio de couro?

— Isso mesmo.

— Você fez a ala acima do estande de Sloane. — diz Lark, e eu aceno. — É lindo.

— Obrigado.

Lark me observa por um momento, como se esperasse que eu explicasse melhor. Eu poderia contar a ela como foi a maior peça que já fiz, ou como trabalhei à mão cada pena individualmente antes de colocá-las todas juntas. Ou talvez ela espere que eu pergunte se já a ouvi cantar antes, se conheço alguma de suas músicas. E eu tenho, mas também não digo isso. Com certeza não preciso de mais conexões com Lark além das legais que já nos unem. Quero que sejam fáceis de quebrar quando chegar a hora. Então eu permaneço em silêncio.

Eu vejo algo em seus olhos. Desapontamento. Talvez um pouco de dor.

Lark volta ao seu projeto e logo ela volta a cantarolar enquanto limpa a superfície da mesa e examina as bordas. Ela não diz mais nada enquanto trabalha, até dar uma olhada no relógio acima da pia da oficina e depois no relógio, os lábios se movendo em um cálculo silencioso. Ela desliga a lâmpada ultravioleta e a coloca em sua bancada antes de se virar para mim.

— Ajude-me a subir? — Lark pergunta, e olho para a mesa antes de levantar o olhar para ela.

— Você terminou?

Ela assente.

— Tudo bem — eu digo. — Mas só se estivermos usando o elevador. Não vou carregar essa coisa oito milhões de degraus acima, como fizemos com o seu sofá quando ajudei você a se mudar no ano passado.

Embora Lark revire os olhos, ela parece nervosa, acho que a mais nervosa que já a vi sobre qualquer coisa. — Tudo bem — é sua única resposta antes de eu me posicionar para empurrar o carrinho, e ela começa a dirigir na frente, com Bentley seguindo atrás de nós pelo corredor.

Quando chegamos ao centenário elevador de carga Otis, as portas já estão abertas, o chão coberto por uma fina película de poeira. É a primeira área intocada que vi até agora neste enorme edifício. É

verdade que não estive em todos os quartos escondidos ou áreas de armazenamento, mas é difícil não notar como este lugar é limpo, apesar de seu tamanho e finalidade anterior. Até as janelas estão perfeitamente livres de riscos, sem teias de aranha oscilando nas correntes de ar que vêm de seus cantos, sem insetos ressecados reunidos em seus peitoris.

Lark sai do caminho enquanto empurro a mesa para dentro do elevador. Ela paira perto da porta quando ela está em posição, observando da soleira enquanto eu vou até os controles manuais para descobrir o mecanismo simples.

Lark não faz nenhum movimento para entrar. — Você está entrando ou o quê? — Eu pergunto. Seu corpo parece enrijecer, como se ela estivesse pronta para sair correndo, mas ela entra, com o cachorro grudado em seus calcanhares. Embora eu lhe dê um olhar interrogativo, ela simplesmente me ignora. Espero até que seu olhar se desvie de mim antes de acender a luz fluorescente do teto e ela se assustar. — Para cima ou para baixo. Parece bastante simples. Você quer abrir a porta aí, duquesa...?

Lark pisca como se estivesse saindo de uma névoa e olha de mim para a corda que fechará as duas metades da porta. Mas ela não se move.

— Tem alguma coisa com elevadores?

— Não.

— Você tem certeza disso?

— É só que... eu não confio neste aqui, — diz ela. Quando ela olha para mim novamente, seu rosto está vermelho. — Meu padrasto disse que eles ficaram presos na primeira vez que ele foi ver o lugar com o corretor de imóveis. Ele fez a manutenção quando o comprou, mas isso foi há alguns anos.

— Se não teve muito uso, tenho certeza que está tudo bem. É tudo mecânico. E não vamos subir muito.

Lark ainda não se move. — Eu não tenho medo.

Não tento esconder meu sorriso e posso dizer que isso a irrita. —

Certo. Mas, para fins de argumentação, se estiver, basta subir as escadas.

— E deixar você andar sozinho com minha mesa de centro? Grande chance. Tem valor sentimental para mim e tenho certeza que você adoraria nada mais do que quebrá-la *acidentalmente.*

Eu pisco para ela. — Uma mesa... que você acabou de fazer... tem valor sentimental para você...?

— Foi o que eu disse.

— E você acha que vou quebrar um metro de resina epóxi com o quê, com as minhas próprias mãos? — Dou um tapa nele e Lark parece que vai desmaiar ou arrancar meu rosto, e não tenho certeza de qual reação me traz mais alegria. — Por que você fez isso tão enorme, afinal?

Os olhos de Lark se estreitam em fendas finas. — Se você não gostar, pode ficar sozinho no seu quarto. — Ela puxa a corda para fechar a porta, depois cruza os braços sobre o peito e levanta uma sobrancelha em desafio. Muito teimosa. Ela tem a vontade de ferro de alguém acostumado a conseguir o que quer. Isso alimenta minha vontade de encontrar algo para pressioná-la, cada vez mais forte, até que ela seja forçada a ceder. Na verdade, não tenho certeza se há muita coisa neste momento que me daria maior satisfação do que ver Lark Montague admitir a derrota em alguma coisa. *Qualquer coisa.*

Balançando a cabeça, solto uma risada baixa enquanto volto minha atenção para o mecanismo. — Tudo bem, sua maldita catástrofe. Dedos cruzados, certo?

Movo a alavanca para cima e o elevador dá uma guinada quando o motor ganha vida e os cabos começam a passar pela roldana. É um começo instável, mas o carro sobe em direção ao andar superior. Viro-me o suficiente para ver Lark, que parece um pouco mais aliviada agora que estamos nos movendo. — Ver? — Eu digo. — Eu disse que tudo ficaria bem.

Mas então há uma guinada. O motor fica em silêncio e o elevador para.

Lark e eu nos encaramos, imóveis. Na verdade, posso observar o pânico tomar conta de seu corpo, sua pulsação acelerando nas pequenas veias que incham perto de sua têmpora.

— Estamos no segundo andar? — ela pergunta, e eu olho ao redor para a caixa em que estamos, como se ela pudesse me dar uma resposta.

— Não exatamente.

— Então por que estamos parados?

— Presumo que um dos fios elétricos do motor queimou.

— Pensei que você disse que era mecânico.

— É mecânico. Com motor elétrico. — Quando eu dou de ombros para ela, os olhos de Lark se estreitam em uma onda de ameaça em resposta. — Vamos ficar felizes por as luzes ainda estarem acesas, certo?

A lâmpada fluorescente pisca.

Minha mão paira sobre o interruptor. — Pelo amor de Deus.

— Não, não toque nisso. — As mãos de Lark estão estendidas, seu olhar disparando entre mim e o teto enquanto a lâmpada zumbe e apita com o esforço para dizer. Seu peito sobe e desce com respirações pesadas. — Por favor... não sei como sair. Eu preciso da luz...

O terror absoluto nos olhos de Lark atinge meu coração. Dou um passo em direção a ela...

E então mergulhamos na escuridão.

Lark solta algum tipo de som que nunca ouvi uma pessoa fazer, apesar de ter pensado que tinha ouvido todos eles, algo entre pânico, impotência e desespero. O cachorro choraminga. Há um estrondo contra a parede de aço.

— Lark.

Ela não responde, mas ouço sua respiração cada vez mais rápida no canto da caixa preta. E então a ouço sussurrando, embora não consiga entender o que ela diz.

— Lark — digo novamente enquanto tiro meu telefone do bolso e ligo a lanterna. Mantenho-o apontado para o chão e giro em direção a onde ela está sentada encolhida no canto como alguém preso em um filme de terror, com as mãos cobrindo os ouvidos e os olhos arregalados, mas desfocados. Bentley fica ao lado dela e solta outro gemido, com a língua pendurada a cada expiração ofegante. Dou a volta na mesa e o cachorro me dá um único latido de alerta. Quando me agacho e tento parecer tão inofensivo quanto um cara como eu consegue, o cachorro fica colado ao lado dela, mas parece relaxar um pouco. — Eu não vou machucá-la.

Eu mudo minha atenção para Lark. Ela está tremendo. Sua testa está coberta de suor. Ela sussurra uma série de números. *Dois vinte e quatro três dezoito cinco trinta e nove seis doze seis cinquenta e dois.* **A sequência se repete duas vezes antes que eu consiga me aproximar o suficiente sem incomodar o cachorro e poder colocar a mão em seu tornozelo.**

— Lark...

Ela ainda não responde. Um calafrio toma conta de mim. Eu já vi esse visual antes. Foi quando a larguei no porta-malas do meu carro na primeira noite em que nos conhecemos. Havia um apelo em seus olhos, apesar de seu desafio. Eu pensei que era petulância.

Eu estava errado. *Muito errado pra caralho.*

Tento ignorar a sensação em meu peito como se estivesse afundando, preso por uma âncora que me puxa para as profundezas mais escuras do oceano. — Ei, duquesa. — Aperto seu tornozelo, só um pouquinho, minha aliança de casamento é um ponto desconhecido de reflexo no escuro. Quando o sussurro de Lark desaparece lentamente e seus olhos se concentram na mancha de luz no chão, parece a primeira vez que respiro desde que as luzes se apagaram. — Tudo bem.

Lark não responde, apenas pisca para mim por um momento até que algo parece se instalar em seus pensamentos e ela desvia o olhar. Suas bochechas ficam com um vermelho mais profundo. Ela aproxima as pernas ainda mais do peito e eu a solto, embora não queira. Parece errado, de alguma forma. Mas ela parece envergonhada de me deixar

vê-la em perigo. Eu não deveria querer tocá-la, mesmo que eu ache que ela precisa disso.

Limpo a garganta e me inclino para trás para colocar algum espaço entre nós, sem realmente me afastar. — Sou bom em consertar coisas — digo pela segunda vez esta noite. — Posso tirá-la pela escotilha e depois dar uma olhada no mecanismo.

Lark vira a cabeça para mim apenas ligeiramente. Suas inalações ainda são irregulares, suas lágrimas são um fluxo contínuo que ela não consegue parar. — E quanto a Bentley?

— Ele ficará bem aqui por um tempo.

— Quanto tempo?

— Não sei, duquesa. Talvez vinte minutos. Talvez uma hora. Depende.

Lark balança a cabeça e passa um braço trêmulo em volta do cachorro, que afunda ao seu lado. — Não. Eu ficarei.

— Lark...

— Vá. — ela diz, sua voz instável, embora seu tom não admita discussão. Ela se mexe o suficiente para tirar o telefone do bolso do macacão e ligar a lanterna. — Eu vou ficar bem.

— Você pode me ligar.

— Vou ligar para Sloane.

Essa sensação de tristeza volta a encher meu peito enquanto vejo Lark trazer seus contatos favoritos, onde meu nome não aparece na pequena lista. Ela digita o nome de Sloane, mas vai direto para o correio de voz. Sem olhar para mim, ela liga para Rose em seguida, que atende no segundo toque.

— Chefe anfitriã. Como vai a vida de casada, linda moça? — Rose diz para uma saudação.

Lágrimas frescas ainda brilham na pele de Lark e seus ombros tremem, mas sua voz é o sol do verão quando ela diz: — Oh, você sabe, muita coisa está acontecendo. Como você está, o que há de novo? Já

ensinou ao bom doutor algum truque novo de circo?

Rose gargalha do outro lado enquanto Lark me lança um olhar que claramente diz *vá se foder imediatamente.* **E eu deveria querer ir embora. Eu não deveria querer ficar aqui. Lark preferiria ficar sozinha nesta caixa de metal com seus medos no escuro do que compartilhar as sombras comigo. E é melhor assim.** *Para nós dois.*

Mas quando me afasto do seu foco de luz, parece que é a coisa errada a fazer.

No tempo que levo para subir na mesa e abrir a escotilha, nunca ouço uma reclamação de Lark, apenas suas perguntas para Rose, qualquer coisa para manter sua amiga falando ou fazê-la rir. Suas vozes me seguem enquanto eu forço a abertura da porta do segundo andar, que não fica muito longe do teto do elevador. Salto para a área de estar e jantar em plano aberto de Lark e volto para o primeiro andar, com uma pequena coleta de ferramentas em sua sala de artesanato, consigo consertar a conexão elétrica defeituosa em uma hora.

Lark parece que não dorme há dias quando o elevador finalmente abre onde deveria. Coloco a mesa de centro na sala e trabalhamos juntos para colocá-la exatamente onde ela deseja. Lark se afasta para olhar seu trabalho por um longo momento, com uma expressão ilegível.

— Parece bom — eu digo. — Como se merecesse valor sentimental, apesar de ser totalmente novo.

Lark não responde às minhas provocações, nem revida. Ela apenas me dá um leve aceno de cabeça.

Eu a encaro e respiro fundo. — Lark, eu...

— Não. — Ela se vira para mim, seus olhos azuis brilhantes estão rosados por causa das lágrimas. — Acabei por hoje. Obrigada pela ajuda.

Eu quero dizer mais. Eu quero que ela fale comigo. Eu quero ouvir. Mas não há cadência em sua expressão.

É o melhor...

Dou-lhe um aceno de cabeça e deixo que ela me mostre o quarto de hóspedes. Ela leva Bentley para sua última caminhada noturna enquanto eu desfaço minhas malas. Não a vejo quando ela volta para o apartamento, apenas a ouço entrar no quarto principal com o cachorro atrás dela. Embora eu cozinhe o suficiente para dois e mande uma mensagem quando estava pronto, ela não aparece para jantar. Se não fosse pela música baixa que sai pela fresta debaixo da porta, eu estaria convencido de que estou sozinho. Até as melodias suaves desaparecem antes da meia-noite, e vou dormir desejando ter dito mais do que disse.

Acordo de um pesadelo pouco depois das três da manhã e vou para a cozinha pegar um copo de água fresca. A última coisa que espero ver é Lark sentada encolhida em uma cadeira redonda perto da janela, um violão aninhado no colo e fones de ouvido nos ouvidos, papéis espalhados diante dela e uma caneta descartada nas páginas.

Ela não me vê. Mas eu a vejo claramente. Olhos inchados. Pele manchada. Lábios inchados. O brilho das lágrimas em seu rosto, como se não tivessem parado. Ela está nua até as pontas, até os nós dos dedos sangrentos da luta contra a vida. Também perdi pele nesta luta para sobreviver, embora tenha tentado cobrir as marcas físicas com tinta, as que estão na minha memória parecem nunca sarar. Às vezes, velhas cicatrizes ainda doem, um eco de momentos agudos.

Eu a machuquei? Eu sei que sim. Mas talvez não com um ataque novo e superficial que logo seria esquecido. Não, acho que cortei um tecido fino na primeira noite em que nos conhecemos. E ainda há algo sangrando profundamente sob a ferida.

— *Dois vinte e quatro três dezoito* **— ela canta, com o olhar desconectado do mundo ao seu redor enquanto olha pela janela. —** *Cinco trinta e nove seis doze seis cinquenta e dois…*

Viro-me e saio antes que ela possa me ver, sentindo como se finalmente estivesse no fundo do mar.

Capitulo Nove
BANIDO



EU

Preciso te fazer uma pergunta.

SLOANE

Vá em frente.

EU

Lark, a coisa dela por espaços escuros e fechados, o que há com isso?

SLOANE

Por que você mesmo não pergunta a ela? Ela é sua esposa neste casamento estranho sobre o qual nenhum de vocês vai me contar, então se você quiser fazer o papel de marido, que tal esta ideia nova: CONVERSE COM ELA.

EU

Acho que ela não vai me contar. Esperava que você pudesse me dar algumas dicas...?

A resposta de Sloane leva um momento para chegar, o que logo percebo é porque ela passa esse breve tempo gritando com Rowan sobre por que sou tão idiota.

SLOANE

Você acha que vou apenas contar a história da minha melhor amiga em uma bandeja para você? Lachlan Kane, seja tão real agora.

ROWAN

Ei, idiota. Minha esposa quer saber por que você é tão idiota.

Devo dar a ela a versão longa ou a versão curta?

SLOANE

Você honestamente acha que eu lhe diria isso? Sério? VAI SE FODER.

ROWAN

Proteja seus olhos. Repito. Proteja seus olhos.

SLOANE

Se você está tendo problemas com seu “casamento” e conversando com sua “esposa” por que não abre a porra de um livro? Um livro de ROMANCE, não mais da sua besteira de “história do couro”. É literalmente um manual de instruções para idiotas como você.

E se foda.

METAFORICAMENTE.

ROWAN

Se você puder encontrar um seguro para a enucleação do globo ocular, agora seria um bom momento...

— Puta *besteira*. — Deixo meu telefone cair na minha mesa e apoio minha testa latejante em meus braços enquanto tento descobrir o que diabos devo fazer.

Depois daquela primeira noite em que nos conhecemos, tentei afastar todos os pensamentos sobre Lark. Eu nunca olhei para ela. Nunca a cacei. Embora eu tenha passado até o amanhecer procurando por ela quando percebi que ela havia fugido do meu carro, a vergonha me impediu de tentar encontrá-la depois daquele dia. Eu nem percebi que ela era parente de Damian Covaci até Leander me arrancar uma tira por ter arruinado o contrato. Eu não queria me preocupar com Lark Montague. Mas cada momento que passa parece mudar minhas ideias sobre a mulher com quem pensei ter me casado. E ultimamente parece que não procurei Lark porque tenho medo do que vou encontrar.

Mas acho que ela precisa de ajuda. Parece que sou o único que pode ver isso. E estou totalmente perdido em como fazer isso.

Desde que me mudei há duas noites, Lark mal dormiu. Na primeira noite, quando acordei de manhã, ela ainda estava naquela cadeira de frente para a janela, com fones de ouvido e violão nas mãos. Ela estava dormindo, mas parecia inquieta. Quando tentei tirar o violão do colo dela, ela acordou com um olhar cruel e foi para o quarto sem dizer uma única palavra. Ontem à noite ela não apareceu na sala, mas a luz permaneceu acesa debaixo da porta. Às vezes, sua voz acompanhava enquanto ela cantava ou cantarolava. Ela passou os últimos dois dias correndo, apenas se acomodando o tempo suficiente para passar alguns minutos de um filme, algo com Keanu Reeves, mas desligou com um "*Constantine*" murmurado quando perguntei o nome dele. Caso contrário, ela irá para Shoreview, para onde sua tia acaba de se mudar e onde ela começará um novo emprego como musicoterapeuta na próxima semana, ou levará seu cachorro para passear, ou limpará com uma precisão que beira a obsessão, ou ensaiará com uma banda que ela está apoiando. Já posso dizer que ela está exausta.

Posso não conhecê-la bem, mas ela não parece a mesma desde aquela experiência no elevador. E preciso saber por quê.

Além disso, agora tenho certeza inequívoca de que sou um idiota ainda maior do que jamais imaginei.

A imagem de Lark sentada no porta-malas do meu carro se repete

em minha mente. Havia medo em seus olhos. Determinação também. Embora estivessem cheios de lágrimas, ela piscou para afastá-las. Ela *implorou.*

E eu a empurrei para baixo e fechei a tampa.

— Puta merda. **— murmuro, mal percebendo que disse isso em voz alta.**

Se Lark e eu quisermos descobrir o que diabos está acontecendo e conseguir o que ambos queremos deste casamento, teremos que trabalhar juntos. E não podemos fazer isso se ela estiver desmoronando. Se eu quiser entender Lark, terei que fazer isso através dela, não perto dela. E estou muito fora do meu alcance.

Já fiz muita merda desonesta na minha vida. A vida reduziu a maioria das minhas emoções a pouco mais do que pedra lisa e polida. Mas de vez em quando, encontro um sentimento há muito negligenciado que corta como vidro quebrado. Como, por exemplo, o intenso desconforto de perceber que preciso pedir ajuda à minha cunhada.

Pego meu telefone e começo uma nova mensagem para Sloane.

EU

Senhora aranha do globo ocular, peço humildemente uma trégua.

SLOANE

Eu não acabei de dizer para você pegar a porra de um livro?

EU

Cristo Jesus. Você é tão amarga.

SLOANE

Obrigada. Que porra você quer agora?

EU

Você e Rowan estão livres para almoçar hoje no B&B? Quero convidar Lark, mas talvez ela fique mais confortável se você estiver lá.

Há uma longa pausa antes dos três pontos começarem a dançar na minha tela.

EU

OMD, EU SABIA QUE HAVIA UM CENTRO PEGAJOSO LÁ EM ALGUM LUGAR.

SLOANE

SIM, ESTAREMOS LÁ. Rowan sai às 14h, me avise se funcionar.

Você ainda é um idiota. Só para ficarmos claros.

Tento não sorrir, mas acontece mesmo assim.

Preciso respirar fundo algumas vezes antes de conseguir digitar minha próxima mensagem. Demoro um tempo surpreendentemente longo para descobrir:

EU

Ei.

A princípio acho que ela não vai responder, e estou quase digitando uma segunda mensagem quando a resposta de Lark chega.

LARK

O que está errado?

Minhas sobrancelhas estão muito tensas enquanto olho para o telefone em minhas mãos.

EU

Nada… Só queria saber se você gostaria de vir almoçar no B&B às 14h? Rowan e Sloane estarão lá.

Posso te dar uma carona. Ou podemos nos encontrar lá, se você quiser. Você tem uma pausa então, certo?

Os pontos da resposta de Lark piscam na parte inferior da minha tela. Eles param. Eles começam de novo. Eles param outra vez e, finalmente, a mensagem dela chega.

LARK

OK. Encontro você lá.

Meu coração sobe pelo meu peito, ressuscitado de onde parece ter caído em minhas entranhas.

EU

OK.

Eu fico olhando para minha tela mesmo depois que ela fica preta. Embora meu pulso comece a desacelerar para um ritmo normal, o espaço vazio entre cada batida ainda dói com uma sensação que não consigo nomear. Uma inquietação que surge em meu sangue enquanto conto as horas entre agora e a próxima vez que a verei.

Minha manhã na loja passa lentamente. Saio cedo para o restaurante, quando passo pela porta, ela já está sentada na mesa com meu irmão e minha cunhada. O sorriso cauteloso que ela lança em minha direção desperta uma esperança inesperada em meu peito, uma esperança que eu não pedi. No entanto, de alguma forma, não é suficiente.

Lark é efervescente com Rowan e Sloane, e se eu não soubesse o contrário, pensaria que ela estava tão descansada e feliz quanto meu irmão e sua esposa. Ela ri, brinca e coloca um adesivo de estrela dourada na covinha de Sloane quando faz uma piada que não entendo sobre sorvete de biscoitos e creme que tira a cor do rosto de Rowan. E talvez eles estejam muito ocupados tentando descobrir o status do nosso "casamento estranho" com suas ocasionais perguntas curiosas ou olhares minuciosos. Mas posso ver o que eles não percebem. A forma como o sorriso de Lark vacila quando ela pensa que ninguém está olhando. A maneira como ela pressiona dois dedos na têmpora antes de tirar um ibuprofeno de sua bolsa gigante. O bocejo que ela esconde em um punho. Lark está exausta, operando com cafeína e pura determinação para evitar que sua máscara escorregue.

Quanto mais isso passa, mais me arrependo de tê-la convidado para esse maldito almoço. Ela poderia ter tentado pegar uma soneca. Talvez ela pudesse ter se aninhado com Bentley no sofá, ao sol. Eu só quero levá-la para casa. Ela não vai se importar em tentar tanto se formos só nós dois. Lá fora, no mundo, é como se ela precisasse ser tudo para todos, sem sobrar nada para si no final do dia.

Mas parece inevitável, mesmo para as pessoas que a amam.

— Eu vi os primeiros pôsteres do seu show no Amigos. — Sloane diz, e eu sei, pela maneira como Lark sorri e acena com a cabeça, que ela não compartilhou o quão desgastante está sendo tentar impulsionar a banda com a qual ela está tocando. Ela só mencionou o

show para mim de passagem, como se não fosse grande coisa, mas posso ver o efeito que isso tem sobre ela quando ela tem que reorganizar sua agenda para caber em tudo, desde postagens nas redes sociais até ensaios para o próximo show. É mais um favor para uma amiga que provavelmente não aprecia o esforço que está fazendo. — Lamento não poder comparecer, estarei ausente naquela semana para uma reunião.

— Para onde você vai desta vez?

— Cingapura. O cliente é um pé no saco, mas vale a pena pela viagem. Vou reservar um dia extra para passear.

— Isso é incrível, Sloaney. — Embora o sorriso de Lark seja genuíno e caloroso, ainda me encontro me mexendo na cadeira, ansioso para sugerir que ela me acompanhe, mesmo sabendo que ela nunca o faria. Não importa o quanto eu me lembre de que não é da minha conta e que não deveria me importar, e é melhor ficar longe, não funciona.

Como se sentisse meu desconforto, Sloane se concentra em mim com a precisão de um falcão mergulhando em busca de sua presa inocente. — Você vai, certo, Lachlan? Eu preciso de fotos. Nunca perco um show quando estamos na mesma cidade.

Além das conversas mundanas sobre agendamento e dos detalhes mínimos, Lark e eu não conversamos sobre o show. Ela não me convidou. Não sei se ela está tão desconfortável quanto eu com a pergunta de Sloane, mas não me atrevo a olhar para ela para descobrir.

Minha mão encontra minha nuca e olho para meu irmão, mas ele não ajuda em nada, sorrindo para mim como o maldito sabotador que é. Quando faço uma expressão áspera de "não brinque comigo" sorriso dele só aumenta. — Eu não sei. Eu...

Sou interrompido pelo som de uma voz familiar. — Lachlan Kane.

Bem quando eu penso que não pode ficar pior, fica.

Meus olhos se fecham por um piscar de olhos. Quando os abro e me viro, capto o olhar atento e cauteloso de Lark antes que minha

atenção pouse na fonte da voz familiar.

— Claire.

Claire Peller parece exatamente como eu me lembro dela. Cabelo penteado para longe do rosto em um rabo de cavalo alto. Um sorriso branqueado e predatório. As linhas minimalistas de um terno preto. É tudo uma aparência imaculada de um desejo profundamente oculto de deixar tudo bagunçado.

Claire sorri e volta sua atenção para Rowan. — Olá, Rowan.

Ele dá a ela um único aceno de cabeça, mas não há calor em sua resposta simples. Claire não dá a mínima. Na verdade, ela adora. Ela vira seu olhar para Sloane e Rowan antecipa tudo o que ela está prestes a dizer quando ela respira fundo. — Esta é minha esposa, Sloane. Sloane, Claire.

— É um prazer. — diz Claire. Sloane apenas dá um sorriso tenso, mas Claire mal percebe, seu foco já mudando para Lark.

— E esta é Lark — eu digo enquanto inclino minha cabeça em sua direção. — Minha esposa.

Uma risada incrédula explode em Claire e meu sangue vira fogo. Ela olha entre nós como se estivesse esperando o final da frase, que não vem.

— Você está *casado?*

— Sim.

— Lachlan Kane — ela diz e balança a cabeça. — Nunca pensei que veria esse dia. Muita coisa certamente mudou desde aquela festa de Halloween, há dois anos. — Há um tom cortante na voz de Claire que pretende deixar feridas. Mas quando encontro os olhos de Lark, há apenas uma máscara ilegível me observando. Eu provavelmente deveria me sentir aliviado por ela parecer ilesa, mas parte de mim está um pouco desapontada, por mais que eu não goste de admitir isso.

— Sim. Bem, vejo você por aí. — digo com firmeza enquanto volto para minha comida.

— Sim, definitivamente. — Claire diz enquanto seu telefone toca.

— Vou passar na loja algum dia. Podemos nos atualizar adequadamente.

Antes que eu possa protestar, Claire aceita a ligação e seus saltos estalam no chão de ardósia enquanto ela sai da Butcher & Blackbird. Balanço a cabeça, concentrado na comida, até sentir tensão no ar e olhar para cima.

Lark e Sloane trocam algum tipo de conversa silenciosa.

Sloane levanta uma única sobrancelha.

Os olhos de Lark se estreitam.

Sloane suspira e encolhe os ombros.

E então Lark está saindo da cabine. Ela se levanta e coloca sua bolsa ridiculamente enorme no ombro.

— Bem, isso foi divertido. Tenho que correr. — ela diz enquanto dá um sorriso brilhante como um laser para Sloane e Rowan. Quando ele pousa em mim, aquele sorriso parece que poderia abrir minha pele. — Vejo você em casa.

E então ela está saindo de Butcher & Blackbird, sua energia seguindo-a como um cometa.

Rowan ri e balança a cabeça antes de tomar um gole de sua bebida. — A menos que você queira salvá-la da prisão, é melhor você ir buscar sua esposa.

Eu me recosto na cadeira e bato o anel do dedo indicador no copo enquanto tento não olhar para a porta. Em vez disso, meu foco recai sobre Sloane, que mascara seu sorriso com um pedaço de comida.

Uma sensação de afundamento cobre meu peito. — O que você está falando?

— Vá buscá-la antes que ela esfaqueie Claire, seu babaca. — ela diz.

— Não... ela... — Olho para a porta e depois para Sloane, com os olhos cheios de faíscas. — O que...?

— Escute. — ela diz, colocando a palma da mão contra a mesa

quando finalmente encontra meus olhos. Aquela covinha sangrenta aparece perto de seu lábio. É como o morcego dela para travessuras. — Lark Montague pode ser fofa como um botão, *toda brilhante e feliz merda de líder de torcida ra-ra,* **mas a vadia é vingativa pra caralho. Eu a amo demais, mas vamos apenas dizer que aquele unicórnio em particular não caga arco-íris.**

Ainda não consigo conciliar suas palavras com as da mulher que acho que conheço. — *Aquela* **Lark...?** *Vamos cobrir tudo de brilhos e cantar uma música Lark...?* **Você está me dizendo que ela tem um lado legítimo de rancor? Tipo... ela não é apenas uma catástrofe ambulante,** *mas propositalmente* **maliciosa...?**

Ambos riem. Merda de *risada***.**

— Lachlan — diz Sloane, balançando a cabeça. — Vou lhe dar este aqui porque você não tem esperança e tenho pena de você.

— Obrigado...

— Lark Montague não tem apenas uma 'faixa rancorosa'. Ela pega a ideia de retribuição e a transforma em um desfile de vingança cheio de brilho.

Rowan aponta o garfo para ela. — Ela colocou uma bomba de purpurina no meu carro para quando fiz Sloane chorar e disse a ela para ir para casa. Gastei muito dinheiro limpando o carro e ainda encontro glitter diariamente.

— Quando estávamos no internato, uma garota chamada Macie Roberts chamou uma das amigas de Lark de 'balde de porra vadio'. Então Lark entrou no quarto de Macie e passou uma noite inteira escrevendo *Eu sou uma vadia* **com tinta para tecido em literalmente todas as peças de roupa que Macie tinha, até mesmo em suas roupas íntimas.**

— Conte a ele sobre as lantejoulas.

— Lantejoulas? — Eu pergunto enquanto os dois riem.

As sobrancelhas de Sloane se levantam enquanto ela coloca um pouco de comida no prato. — Alguns anos atrás, Lark estava morando com o namorado da época, um cara chamado Andrew. Um fim de

semana, enquanto Lark estava fora da cidade, ele e sua amiga em comum, Savannah, ficaram no apartamento de Lark e Andrew — ela diz enquanto uma onda irracional de raiva varre através de mim. — Algumas semanas depois, Lark invadiu a casa de Savannah enquanto ela dormia e escreveu *vadia traidora* **em seu rosto com Gorilla Glue e lantejoulas. Ela roubou o frasco de removedor de esmalte de Savannah, seu telefone e computador, então ela não teve escolha a não ser sair e comprar mais para tirar a cola. Mesmo depois de as lantejoulas terem desaparecido, ainda era possível ver as marcas. Foi incrível.**

Não posso negar que adoro a ousadia desse plano. Quase sorrio, mas então percebo a troca de olhares sombrios entre Sloane e Rowan. — O que é?

— Bem... Lark não confirmará nem negará seu envolvimento, mas dois meses depois, Andrew morreu em um 'acidente' estranho com fogos de artifício. — diz Sloane com aspas no ar.

— Você acha que Lark... Assassinou alguém...? *Aquela* **Lark?**

Sloane dá de ombros.

— Não sei por que você ainda está sentado aqui quando ela provavelmente está cortando o rosto de Claire para fazer uma pipa, mas acho que é o dinheiro da sua fiança. — diz Rowan, e num piscar de olhos estou a meio caminho da porta.

O som das risadas de Rowan e Sloane me segue até a rua.

Paro na calçada, esticando o pescoço para olhar além dos pedestres. Procuro ouvir a voz de Lark, que sempre soa como sinos de vento.

Nada.

Eu giro um único giro antes de seguir meu instinto e seguir para o leste.

O telefone está tão apertado na minha mão que pode quebrar. Abro o número de Lark, onde está salvo nos favoritos, e toco nele.

Direto para o correio de voz.

— Malditas besteiras — eu sibilo, e a memória de sua risada me dá um tapa. Ela iria zombar de mim por dizer isso. Provoque-me até que eu seja forçado a me virar para esconder o sorriso malicioso que implora para se libertar toda vez que ela me aperta. Então ela me faria algum comentário sarcástico sobre o Batman Econômico e ergueria suas paredes de volta, assim como eu tento evitar que as minhas caiam.

Mas desta vez, o problema não são as barreiras entre nós. Não é o que acontecerá se deixarmos um ao outro entrar.

É o que ela está deixando escapar.

Eu saio correndo. *Ela não pode estar longe.*

Não sei se é instinto, ou destino, ou pura sorte, mas olho para um beco e a vejo um pouco antes de passar por ele. Lark está invadindo a passagem estreita, a bolsa batendo na bunda redonda.

Minha frequência cardíaca dispara com a emoção de persegui-la. Felizmente, não é difícil abordá-la sorrateiramente com a série de palavrões que ela murmura para si mesma enquanto caminha pelo beco.

Agarro Lark pela garganta e quebro a cadência de seus passos de marcha. O ar sai de seus pulmões quando eu a empurro contra a parede de tijolos, seus olhos presos nos meus, chocados e ferozes.

— Que *porra* **é essa? — Lark agarra meu braço e tenta puxar minha mão, mas eu não me movo. — Me deixe ir.**

— Acho que não, duquesa.

— Pare com a porra de duquesa já.

— Pare de perseguir mulheres aleatórias para matá-las e cortar seus rostos.

— Aleatório, minha bunda. — Ela zomba. O nariz de Lark se contrai, seu pulso bate forte sob minha palma. — E ela poderia viver sem rosto.

Minha cabeça se inclina enquanto observo os detalhes da expressão de Lark, desde a indignação em seus olhos semicerrados até

o rubor de seus lábios carnudos e a cicatriz na linha do cabelo, uma lembrança de nosso primeiro encontro que grava um pedaço de arrependimento em minhas memórias sempre que eu olho para isso muito de perto. — Acho interessante que sua primeira objeção seja sobre a aleatoriedade e não sobre o corte do rosto.

— Eu estava discutindo sequencialmente.

— Claro que você estava. E qual era o seu plano, exatamente? Porque algo me faz pensar que você não estava prestes a convidar Claire para comer pipoca e assistir a uma maratona de filmes de Keanu.

O brilho que Lark lança em meus olhos é nada menos que letal. — Não. Diga o nome dela. Na mesma frase. Com Keanu Reeves. *Nunca.*

— Você parece estar encobrindo o ponto principal do que eu disse.

— Você tem um ponto? Eu só pensei que você estava sendo um idiota mandão.

Consigo reprimir um grunhido frustrado, mas por pouco, e Lark percebe. Estou convencido de que há pouco mais que dá verdadeiro deleite a Lark Montague do que deslizar sob meu autocontrole e libertar minhas restrições. — Qual diabos era o seu plano, Lark?

— Eu não sei. — ela diz com um aceno de mão desdenhoso. — Talvez segui-la para casa. Invadir a casa dela...

— Cristo...

— Preparar algumas latas de adesivo em spray e colocar uma bomba de purpurina no armário dela, eu acho. — O brilho tortuoso nos olhos de Lark torna-se totalmente maníaco. — Você consegue imaginar aquela mulher com um guarda-roupa sofisticado e brilhante? Acho que esse seria o inferno pessoal dela.

— Na verdade, posso, já que meu irmão disse que você fez algo parecido com o carro dele recentemente. Parece que você tem um certo lado psicótico, duquesa.

Lark olha para mim.

— Ok, então entendo por que você faria isso com Rowan. Provavelmente foi merecido, já que é meu irmão idiota. Mas por que você se importaria com Claire?

Lark pisca, sua garganta trabalhando sob minha mão enquanto ela engole. Não tenho certeza se ela estava apenas agindo por instinto e agora está lutando para ligar os pontos, ou se ela não quer me dizer por que estava prestes a caçar uma mulher que conheceu apenas uma vez.

— Diga isso, duquesa. — Eu me inclino mais perto e tento não deixar isso óbvio quando respiro fundo seu doce perfume. Meu olhar percorre suas feições e sua respiração fica presa, seus olhos presos nos meus. — Qual é o seu problema? Apenas fale comigo.

— É meio difícil de fazer com a mão na minha garganta.

Eu afrouxo meu aperto, mas não estou disposto a soltar quando percebo o modo como seus olhos se dirigem para o fim do beco, como se ela estivesse pronta para retomar sua caçada. — De uma chance. De alguma forma, acho que você consegue...

— Ela é a razão, certo? — A linha dos cílios de Lark brilha com lágrimas furiosas que ela pisca para se submeter. — Aquela noite. Halloween. Você não queria sair da festa e não teve escolha por minha causa.

Meu aperto em sua garganta relaxa quando me lembro daquela noite com perfeita clareza. Fionn era uma bagunça, por mais que fingisse não ser. Eu quase o convenci a voltar para casa no mês anterior e Claire estava estragando tudo. E então veio aquela ligação de Leander. Ignorei sua primeira tentativa. A segunda também. Mas atendi na terceira tentativa e ele me mandou para o reservatório de Scituate com meu equipamento de mergulho para limpar o acidente descuidado de uma mulher.

Ou assim pensei.

— Eu arruinei sua chance — sussurra Lark. — Eu sou a razão pela qual você saiu da festa. E Claire é a razão pela qual você quis ficar.

— Não, duquesa. ***Fionn*** **é a razão pela qual eu quis ficar.**

A boca de Lark se abre em uma respiração aguda destinada a palavras que nunca vêm. Espero em silêncio enquanto ela avalia suas opções antes de escolher uma única. — O que...?

É preciso remendar cada fragmento de autocontrole para não sorrir diante de sua confusão, mas isso desaparece quando me inclino um pouco mais perto e o calor de seu corpo destrói outras camadas de meu controle. — Claire partiu o coração de Fionn. Ele estava uma bagunça naquela festa, foi a primeira vez que a viu desde que se separaram.

— Ela estava com Fionn...?

Concordo com a cabeça e as bochechas de Lark ficam rosadas. — Eles estavam juntos há alguns anos. Eles se conheceram quando ele estava na faculdade de medicina e ela estava se formando em direito. Ele estava quase terminando sua residência e estava pronto para propor casamento. Ele carregou aquele maldito anel por semanas, apenas esperando o momento certo. Quando ele finalmente se ajoelhou, Claire o soltou. Isso destruiu meu irmão. Foi por isso que ele se mudou para Nebraska, para ficar o mais longe possível dela. Quase o convenci a voltar, até que aquela festa estragou tudo.

— Mas... o jeito que ela disse...

— Sim. Tenho certeza que ela queria foder. É claro que eu nunca seria indulgente com Claire, mas ela não aceita bem a rejeição. Não é realmente o tipo de personalidade dela.

— Então... não foi porque eu estraguei sua chance com Claire...?

— Não, Lark.

É preciso mais esforço do que deveria para não deixar meus pensamentos fugirem com o significado por trás de suas palavras. Não sei por que ela se importaria com Claire. E não sei por que de repente é tão importante conhecer a história de lá.

O olhar de Lark cai para meus lábios e se estreita enquanto ela parece trabalhar em seus pensamentos. — Você me odeia porque acha que estraguei sua chance de trazer Fionn para casa. Você teve que vir me buscar e não pôde cuidar dele.

Algo desconfortável se contorce em meu peito, uma pequena cobra que agarra meu coração e aperta. — Eu não odeio você. Mas eu certamente gostaria de falar sobre o seu plano de cortar o rosto de Claire.

Lark revira os olhos e bate em meu braço, liberando meu aperto em sua garganta. — Certo. Eu tenho que ir.

Num piscar de olhos, ela desliza livremente entre mim e a parede. O espaço deixado para trás é frio e sem vida. Seu cheiro permanece, uma tentação que me acena, doce e escura. Pisco para tentar tirar Lark dos meus sentidos, mas é inútil.

— Precisamos conversar. — eu grito enquanto ela se aproxima da entrada do beco.

— Passe difícil — ela grita de volta, e me mostra o dedo do meio antes de desaparecer.

Fico parado no corredor estreito por um longo momento, observando sua ausência como se ela fosse retornar e preenchê-lo com revelações enquanto repasso tudo o que Rowan e Sloane disseram no restaurante.

E então viro na direção oposta e vou para o meu carro para dirigir direto para casa e me recompor. Para fazer o que deveria ter feito meses atrás.

Para caçar Lark Montague.

Capitulo Dez
TROFÉUS



Quando entro na sala do nosso apartamento, fico por um longo momento no centro da sala, tentando ver através de um olhar diferente. Bentley observa do sofá, julgando severamente o que estou prestes a fazer.

— Eu também não gosto disso — digo a ele, embora ele não pareça convencido. — Mas ela vai se meter no tipo de problema do qual não poderei tirá-la se não descobrir o que ela está escondendo.

Eu nem tiro a jaqueta antes de começar a procurar. Pelo quê, não tenho certeza. Sinto como se estivesse faltando pedaços dessa mulher há tanto tempo, talvez haja tesouros que ela não quer que ninguém encontre.

Abro armários. Abro gavetas e passo os dedos por suas barrigas. Caço em lugares que evitei propositalmente nos últimos dois dias, por respeito à privacidade de Lark. Ela na suíte. O quarto dela. Se ela acredita que eu a desprezo, talvez ela pense que eu nunca iria querer ver sua gaveta de lingerie? Eu poderia facilmente provar o contrário enquanto eu mudava de renda, seda e alças finas penduradas. Meu pau dói com cada pedaço de material que toco enquanto imagino Lark em cada um deles. Fico um pouco perturbado por um certo espartilho azul profundo que acende todas as fantasias da Duquesa Lark que venho tentando e não consegui suprimir. Fico olhando para aquele tecido em minhas mãos por mais tempo do que provavelmente deveria,

imaginando como ele poderia roçar as curvas de Lark, como sua pele ficaria coberta de renda.

Embora eu tenha vontade de roubá-lo para alimentar minhas fantasias na privacidade do meu quarto do outro lado do corredor, coloco o espartilho de volta no lugar e pressiono os olhos fechados enquanto fecho a gaveta.

Respirando fundo, me viro e volto para a sala.

— Caralho — digo ao cachorro, que solta um suspiro desinteressado. — O que ela vê?

Ela vê a cidade de sua cadeira redonda enquanto conta as horas entre o anoitecer e o amanhecer. Ela vê fotos de amigos e familiares e lugares por onde viajou. Ela vê a mesa dourada que ela fez e uma parede de macramê com pequenas estrelas. Ela vê enormes pôsteres de filmes impressos em tela. *A Vida Aquática. Os Fantasmas se Divertem. Sharknado. Constantine.*

Constantine.

Respiro fundo e caminho até o pôster, levantando-o suavemente da parede. Atrás dele, finalmente encontrei o que procurava. Uma folha fina sobre um buraco irregular na parede de gesso.

Quando Lark volta ao apartamento, uma hora depois, já limpei o buraco e recoloquei o pôster na parede. Mas agora fico com uma pequena caixa de papelão contendo muito mais perguntas do que inicialmente. Eu quero respostas. E a única mulher que pode me dar isso entra com um olhar cortante, a suspeita é uma nota pesada no tenso silêncio entre nós.

— Ei — digo quando o silêncio na sala fica do tamanho de um buraco negro.

Equilibrando uma bandeja coberta com uma das mãos, Lark olha para cima e coloca a bolsa no chão com a outra. Ela não diz nada, apenas me lança um olhar breve e exausto, como se soubesse que algo está por vir, mas esteja fraca demais para evitar a colisão.

— Precisamos conversar, Lark. Realmente.

Ela suspira e esfrega a testa com a mão livre. — Lachlan, honestamente, não quero falar sobre Claire agora ou qualquer uma dessas merdas. Eu só quero existir em um lugar cheio de cafeína, manteiga e açúcar. — Lark coloca uma bandeja com muffins sobre o balcão e levanta a tampa de plástico. O cheiro de maçã e canela vem em minha direção. — Eu me ofereci para dar aulas de música esta tarde e esse garoto, Hugo, literalmente tenta roer o violoncelo todas às vezes. Ele é tão estranho.

— Isso é importante.

— É sobre o assassino misterioso?

— Não exatamente.

— Então não é mais importante do que a cafeína que preciso para sobreviver à fixação de Hugo por lascas na boca.

— É sobre você.

Lark olha para mim, a cautela filtrada em seus olhos. — Já que esse é o seu assunto menos favorito e eu estabeleci como objetivo de vida pessoal causar a você o maior sofrimento humanamente possível. — ela diz enquanto faz uma pequena reverência e graciosamente passa a mão diante dela. — Por favor, continue.

Normalmente, eu responderia com um sorriso diabólico. Talvez um golpe ou dois para irritá-la. Mas desta vez, meu estômago revira desconfortavelmente quando enfio a mão na caixa de papelão debaixo do braço para retirar o primeiro item em questão.

— O que é isso? — pergunto enquanto seguro um disco plano de tecido.

O lampejo de choque em sua expressão desaparece tão rapidamente quanto aparece. Ela limpa a garganta. — Parece ser uma montanha-russa.

— Não exatamente — respondo enquanto dou um passo mais perto. — É uma montanha-russa feita de um cadarço de bota extra grosso com fio de reposição. Um com uma mancha suspeita nas fibras.

Lark solta uma risada desdenhosa, mas há uma faísca de

apreensão em seu olhar quando ele passa do barbante em minha mão para meu rosto. — Um cadarço de bota de reposição? Ele veio com um pacote de spoiler e silenciador? — Ela revira os olhos e caminha em direção à cozinha enquanto eu a sigo como um espectro triste. — É uma mancha de vinho em uma base para copos, Lachlan. Você poderia ter conseguido em qualquer lugar.

— Eu poderia ter feito isso, mas não fiz. Peguei aqui mesmo no apartamento.

Ela zomba, mas não olha para mim.

Em seguida, tiro da caixa dois gravetos com pontas bulbosas pintadas de cores vivas. — E o que são esses?

Seu foco se volta para os itens em minha mão. Ela evita meus olhos. — Maracas, claramente.

Limpo a garganta para obter um efeito dramático. — Maracas... — Lark assente. — E do que eles seriam feitos, exatamente?

Lark vai até a geladeira em busca de manteiga. — Como eu vou saber?

Eu os chacoalho, os objetos dentro deles batem nas paredes laqueadas do que parece suspeitamente ser pele. — Você sabe que sou um fabricante de couro, Lark. Quer tentar de novo?

Ela se recusa a me reconhecer.

— O que você acha que aconteceria se eu... — Minhas palavras evaporam enquanto esmago uma das lâmpadas com o punho. Dentes humanos caem na palma da minha mão, vários caindo no chão enquanto Bentley corre para investigar a possibilidade de comida rebelde. — De alguma forma, era isso que eu esperava, mas ainda assim estou surpreso. Que maldito enigma.

Lark finge se concentrar no muffin que coloca no micro-ondas.

— Ok... — Inclino minha mão e deixo os dentes caírem na caixa. — Voltaremos a esse assunto. Enquanto isso — digo enquanto seguro meu prêmio final. — O que é isso...?

Os olhos de Lark passam do item sobre a mesa e voltam para o

micro-ondas enquanto ele apita. Ela dá de ombros. — Um anel...?

Deixo o peso do meu olhar martelar na lateral de sua cabeça, mesmo que ela se inquiete, ela resiste à vontade de se virar. — Um anel — repito.

Ela assente.

— Por acaso você notou que ele está *preso a um dedo na porra de uma jarra?*

Uma risada nervosa surge atrás dela enquanto Lark se move em direção a pia. Ela agarra a borda de aço inoxidável como se esperasse que ela pudesse sugá-la pelo ralo. Quando ela finalmente se vira para mim, ela está mordendo o lábio inferior, incapaz de controlar o encolhimento que aparece em suas feições.

— Ha... sim... — A risada indiferente de Lark se desintegra quando coloco a jarra de vidro sobre a mesa com um baque contundente. Um pequeno arrepio percorre seu corpo enquanto ela se levanta e levanta a cabeça, preparando-se para um confronto. — Bem, há uma explicação muito direta.

— Qual é?

— Eu não consegui tirá-lo. Seus dedos eram muito grossos.

Limpo a garganta, cada palavra cuidadosamente selecionada é uma proclamação quando pergunto: — Então você pegou o dedo inteiro?

Uma onda de irritação surge em seus olhos. — Parece ser o caso, gênio. Vejo que suas habilidades de observação não melhoraram com a presença dos óculos.

Soltei um suspiro longo e lento. — Vamos tentar de outra maneira. Por que você se sentiu obrigada a pegar essa combinação de dedo e anel e guardá-la em uma jarra? A propósito, foi surpreendentemente fácil de encontrar. Para o futuro, sugiro um cofre, não um buraco literal na parede.

— Não é como se eu tivesse pedido para você bisbilhotar meus negócios.

— Proteger você é problema meu. Isso fazia parte do acordo que você propôs no casamento, lembra? E não faço distinção entre mantê-la protegida de pessoas externas e mantê-la protegida de si mesma. — Dou um passo mais perto e levanto a jarra entre nós. — Então? Alguma explicação...?

— Ele não merecia usá-lo. *Claramente.*

Não tive tempo de procurar o brasão do anel de sinete, mas obviamente tem um significado significativo para ela que ainda não entendo. Talvez haja até uma pista na superfície interna, e começo a girar a tampa para abri-la e tentar puxar o anel para fora da polpa cinzenta e cerosa.

— Não. **— diz Lark. Há pânico total em seus olhos. Sua pele fica instantaneamente pálida. — Não abra,** *por favor,* **Lachlan. — Quando levanto uma sobrancelha em uma pergunta silenciosa, ela balança a cabeça. — Sério. O formol. Eu odeio o cheiro. Quase vomitei umas cinco vezes só de derramar ali. Se você abrir, com certeza vou vomitar.**

— Bem, estou feliz que você tenha conseguido pelo menos o tempo suficiente para colocar purpurina no pote.

Lark murmura algo que parece babaca enquanto coça a cabeça e olha para o chão.

— Não entendi bem, duquesa.

— Flocos de neve — ela repete um pouco mais alto, depois balança a mão em minha direção sem olhar nos meus olhos. — Agite.

Olho dela para o pote e vice-versa antes de pegá-lo para sacudi-lo. O anel bate no vidro e o dedo bate na tampa de aço. Quando o coloco de volta na mesa, pequenos flocos de neve brilhantes giram em torno do dedo decepado antes de caírem lentamente em direção à base do pote.

— Um globo de neve — digo lentamente, esperando que ela olhe para cima, o que ela não faz. — Você transformou um dedo decepado em um maldito globo de neve.

— Era quase Natal — diz ela, encolhendo os ombros. — Parecia... festivo.

— F... fest... — Solto um suspiro longo e fino e coloco o pote de volta na mesa com os dedos dormentes. — Eu só... *que porra é essa,* **Lark... você está...**

Lark inclina a cabeça, as sobrancelhas levantadas enquanto espera que eu continue. Seus ombros ficam rígidos, e eu sei que ela está se armando para a batalha, então é melhor cuspir isso antes que ela coloque a última cota de malha psicológica.

— Você é um serial killer?

— Não. — Ela zomba. É totalmente forçado. — Claro que não. Não. Eu sou mais como uma... — Ela mergulha em pensamentos enquanto parece pesar várias respostas possíveis. O pavor afunda em minhas entranhas enquanto sua testa franze e depois suaviza. Um segundo depois, um sorriso vibrante surge em seu rosto. — Sou mais como um *eliminador múltiplo.*

Lark dá um aceno único e decisivo, as ondas loiras e brilhantes de seu rabo de cavalo balançando em seu ombro. Acho que nem pisquei ainda, mas parece que ela acabou de tomar dez doses de café expresso quando abre um sorriso brilhante e diz: — Honestamente, é muito melhor finalmente contar a alguém.

Lark gira sobre os calcanhares para ficar de frente para a máquina de café expresso.

O silêncio desce. Não é novidade que ela o enche de cantarolar.

Ela mói os grãos. Pega uma caneca rosa em forma de caveira. Despeja o leite na jarra de aço inoxidável e liga a máquina. Ela não parece notar que estou olhando para ela o tempo todo com a boca aberta.

— 'Múltiplo... eliminador'? **— Eu finalmente digo. Lark não olha para cima enquanto sorri e balança a cabeça. — Um múltiplo eliminador', Lark? O que é isso em Cristo Jesus?**

— O que em Cristo Jesus é 'Cristo Jesus'? — ela dispara de volta com uma risadinha enquanto aperta um botão e a máquina de café expresso ganha vida. — Esta é a lista de chamada de Jesus na escola? 'Cristo-vírgula-Jesus, por favor, levante a mão se estiver na aula'.

Estupefato. *Estou muito pasmo.* **Eu nem sei o que dizer.**

Não que isso importe, porque Lark simplesmente segue em frente.

— *Bueller... Bueller... Bueller...*[4] **não, ele desmaiou no Thirty-One Flavours ontem à noite. Cristo... Cristo... Cristo...**

— Que porra...?

— Oh meu Deus, você nunca viu o dia de folga de Ferris Bueller? — Os olhos cristalinos de Lark brilham de diversão. — Ah, uma maratona de comédia clássica, é disso que você precisa para tirar aquela vassoura da bunda. Preciso pegar pipoca. *Imediatamente.* **Tenho uma escalação ótima em mente...**

— Afaste-se, porra. — interrompo, minha voz baixa e severa enquanto dou um passo mais perto. A mudança em Lark é instantânea. A diversão evapora de sua expressão.

Não, **eu percebo.** *O contrário.*

É como uma névoa repentina que vem do mar para obscurecer o sol.

A luz embota em seus olhos enquanto ela endireita os ombros. Ela segura a jarra entre as palmas das mãos, o leite ainda não espumado, os nós dos dedos descoloridos pela força do aperto. Pela expressão de determinação em seu rosto, imagino que usarei aquele leite se der mais um passo à frente.

Mas não é apenas determinação. Posso ver isso na maneira como seu pulso pulsa na coluna lisa de seu pescoço.

Eu conheço o medo. E eu sei disso melhor do que a maioria.

Tento relaxar minha postura, embora, a julgar pela maneira como seus olhos vão do meu rosto para os meus ombros, para os meus punhos cerrados e vice-versa, não tenho muito sucesso em parecer tranquilizador.

Quando luto para manter as mãos soltas, coloco-as nos bolsos e digo: — Que tal voltarmos à parte do 'múltiplo eliminador' por um

segundo?

Lark engole.

— De quantas... eliminações... estamos falando exatamente?

— Hum. — O olhar de Lark se desloca para o teto. — Eu acho... sete?

— Sete?

— Não, oito. Definitivamente oito.

— Você não pode estar falando sério.

— Bem, teve um cara que morreu no hospital talvez quatro dias depois. Ele realmente conta?

Minha resposta é um olhar silencioso e morto.

— Ele poderia ter morrido por incompetência médica. — ela continua, batendo as pontas dos dedos calejados no jarro de metal. — Ou talvez ele tenha se engasgado com um bagel. A alimentação no hospital é muito ruim, sabia? Poderia ter sido qualquer coisa, na verdade. Sim, acho que ele não conta. Quatro dias já devem ter passado do período de carência.

— Não há período de carência, Lark.

Ela suspira. — Sim, você provavelmente está certo. Faça nove.

— Você está me dizendo que matou...

Lark rosna.

— Tudo bem, você *excluiu* **nove pessoas — eu digo, tirando a mão do bolso para acenar na direção dela. —** *Você.* **Lark, maldita Montague.**

Com os olhos fundidos de ousadia, ela me dá um sorriso sardônico. — Kane. Lark maldita Kane.

Suas palavras me acertam como um soco no rosto.

Quer nossos votos tenham sido reais ou não, quer ela *acredite* **neles ou não, quer use o nome dela ou o meu, ela habilmente me lembrou da verdade suprema: para o bem ou para o mal, estamos**

unidos.

As dinastias Montague e Covaci mantiveram-na a salvo, pelo menos das autoridades. Posso ter experiência em atravessar o mundo dela, até mesmo prosperar nele, mas não tenho os meios para oferecer a mesma proteção. Pior ainda, venho com outro conjunto de alvos, vinganças e bagagem que poderia colocá-la em perigo. Se alguém descobrir o que ela fez...

Ainda estou preso nesse novo medo quando ela inclina a cabeça e respira fundo.

— Então havia esse cara...

— Lark.

— Dez — ela sussurra.

Ficamos em silêncio enquanto tento escolher as mil perguntas que competem pelo primeiro lugar no meu cérebro em curto-circuito. Ela me observa com olhos arregalados e inocentes, e mesmo ouvindo isso de sua própria boca, tenho dificuldade em acreditar que seja possível. A Lark Montague que conheço é irritantemente gentil, pelo menos com todos, menos comigo. Ela é infalivelmente leal. Empática em seu próprio detrimento.

E ela é... uma assassina em série...?

Uma pergunta finalmente chega ao topo.

— Por que, Lark? Por que você mataria dez pessoas?

Ela engole, os lábios apertados em uma linha decidida. Eu a vi feroz. Eu a vi determinada. Eu a vi cheia de luz, radiante de alegria. Eu a vi morder e provocar. Adoração e derrota, resignação, desgosto e esperança. Eu vi todos eles em Lark. Mas agora há algo em seus olhos, profundamente enterrado sob todas as suas camadas, escondido nas sombras da música, do caos, das citações de filmes e de toda a luz do sol que ela usa como uma armadura ofuscante.

A armadura é a Lark que pensei conhecer.

E embora eu já tenha visto isso antes, esta é a primeira vez que realmente olho sob seu escudo e vejo alguém completamente

diferente. Vejo a dor que inflama no escuro.

Lark pode ter medo de mim, mas ela não recua, não deixa seus olhos desviarem dos meus quando diz: — Para que ninguém que eu amo tenha que fazer isso por mim nunca mais.

Suas palavras são uma lâmina que desliza entre minhas costelas.

— Sloane...? — Eu pergunto, minha voz baixa. — Ela... foi isso que aconteceu no internato...?

A única admissão de Lark é o brilho em seus olhos, e eu me contenho antes de pressioná-la demais.

Quando foi a última vez que me senti assim? Eu nem consigo me lembrar. Só deixei espaço suficiente para me preocupar com meus irmãos, meus negócios e meu chefe psicopata, e nada mais, mais ninguém. E de repente surge Lark, que nunca foi feita para estar aqui, nunca foi feita para iluminar lugares que eu pensava que só poderiam permanecer escuros. Mas com essas palavras ela consegue chegar lá dentro e acender algo que nunca pensei que sentiria. Dor, perda e sofrimento por alguém que está do lado de fora da minha pequena esfera.

Eu limpo minha garganta. — Lark...

Basta um sorriso brilhante e tudo o que acho que ela quer dizer desaparece.

— De qualquer forma — ela diz enquanto empurra a jarra em minha direção. — Eu provavelmente deveria ir.

— Mas...

— Tenho que correr. — Num único giro, ela pega a bolsa do sofá e caminha em direção à porta, com o cachorro atrás dela. Ela tropeça e eu instintivamente dou um passo mais perto, mas ela levanta a mão e eu paro.

— Maldição, mulher, onde...

— Tchau.

A porta se fecha.

Fico parado por um longo momento no espaço entre os quartos. Não é bem a cozinha. Não a sala de jantar ou escritório. O vazio.

Sempre que ela sai da sala, é como se o calor desaparecesse. É como retornar a uma versão de mim mesmo que não sou mais eu.

Bem, foda-se essa merda.

Ando em direção à porta e a abro com mais força do que o necessário, um metal batendo na parede. Lark já desceu a dois terços da escada.

— Pare aí, Lark Montague. — Eu grito atrás dela.

— Não tenho certeza de quem você está falando — ela grita de volta.

— Lark *Kane.* **— Minha voz ecoa pelo espaço aberto do armazém e volta em nossa direção. Lark para com uma das mãos agarrada ao corrimão, mas não se vira. — Precisamos conversar sobre isso.**

— Na verdade, Lachlan, nós não.

— Descobrir que você é casado com uma assassina em série...

— Múltiplo eliminador.

— ...*'múltiplo eliminador'* **provavelmente justifica uma conversa, você não acha?**

Lark encolhe os ombros. — Não particularmente.

— Então por que diabos você admitiria isso para mim?

Seu aperto aperta o corrimão enquanto Lark se vira apenas o suficiente para me cortar com seu olhar. — O que eu ia dizer quando você sacudiu o pote de dedo? 'Opa, não tenho certeza de como aqueles flocos de neve foram parar ali com um dedo decepado, mas tenho certeza de que não há nada com que se preocupar'?

Engulo minha irritação e fico plantado no patamar, sem vontade de me aproximar dela, mesmo que eu queira. Mas não posso. Não posso suportar aquela onda de medo nela novamente. Não de mim.

— Apenas... venha aqui e fale comigo.

Bentley se joga entre nós na escada de metal com um bufo descontente, como se eu fosse o idiota mais idiota que já existiu. Eu juro que seus olhos reviram quando Lark solta uma risada incrédula. — Falar com você? Desde quando você torna divertido fazer isso? Você mal pode esperar para me julgar novamente. Você realmente é um idiota, Lachlan Kane. — Lark balança a cabeça, e o sorriso que deveria ser tão brilhante que cega, só parece sombrio e letal. — Você me perguntou uma vez se eu realmente me importava com o que você pensava de mim, e eu disse que sim. Bem, vá em frente e me julgue o quanto quiser, porque eu superei isso. Muito rápido também, devo acrescentar.

— Isso é... — Isso é o quê? Bom? Ruim? Porra, eu não sei. Balanço a cabeça e seguro o corrimão com as mãos, mas o metal frio não faz nada para acalmar o calor que percorre minhas palmas.

Lark observa. Espera. Mas sinto que algo está quebrado dentro de mim. Como se eu continuasse pressionando uma tecla do piano e nenhum som saísse.

Por um momento, a expressão nos olhos de Lark é de pena. — Eu não contei a Sloane porque eu a amo, Lachlan. Não contei ao Rowan porque o amo. Eles esperam que eu seja uma pessoa diferente daquela que sou. Todo mundo espera. E não quero que eles fiquem desapontados. Não quero que pensem o pior de mim. Mas você já faz. Você fez isso desde o primeiro momento em que colocou os olhos em mim. Então, o que importa se eu te contar? O que realmente vai mudar em morar com você? Você vai gostar menos de mim? — Com uma risada sardônica e um revirar de olhos, Lark se vira. — Tenho coisas maiores com que me preocupar do que saber se você vai gostar menos de mim.

Seus passos ecoam nas paredes de concreto e nas vigas de aço enquanto ela desce as escadas, com Bentley como um fantasma em seu rastro. E eu apenas observo. Eu não os chamo e eles não olham para trás. A porta é uma exclamação de metal e depois silêncio.

Ainda estou aqui. Fico parado. Segurando. Segurando o quê?

Solto o corrimão e viro as palmas das mãos para cima. Pequenos

flocos de ferrugem mancham minha pele.

Só agora que ela se foi é que a compreensão realmente se instala em meus pensamentos.

Mesmo com esses segredos revelados, ainda não sei quase nada sobre Lark Montague.

— Kane. — eu digo em voz alta. — Não sei nada sobre Lark Kane.

Entro no apartamento, a determinação crescendo a cada passo que dou. Então pego minhas chaves e jaqueta e saio.

Capitulo Onze
HOLOGRAMA



Meus olhos ainda estão fechados enquanto um pensamento gira em minha cabeça, uma música repetida: Tenho muitos arrependimentos. E a maioria deles está relacionada com essa porra de cadeira. Talvez um ou dois relacionados a Lachlan. Mas principalmente a cadeira.

Passava pouco da meia-noite e eu tinha acabado de me afastar da limpeza para me sentar naquela cadeira redonda de vime perto da janela. É aqui que quase consigo me convencer de que estou ao ar livre, as luzes da cidade espalhadas diante de mim como um manto de estrelas, uma vista que parece infinita. Lachlan foi ver seu chefe depois da nossa discussão e voltou com os detalhes memorizados do que Leander quer da minha família. É uma lista bem simples. Um mínimo de quatro empregos por contrato por ano. Uma taxa de retenção de quinhentos mil dólares. Muffins caseiros pela própria Ethel.

— Eles são realmente tão bons? — Lachlan perguntou.

Lancei-lhe um olhar desconfiado enquanto ele assomava na minha periferia. — Você nunca experimentou um?

Quando ele balançou a cabeça, um pouco de decepção penetrou em meus pensamentos. Se a situação fosse inversa, eu já teria experimentado todos os sabores para conhecer melhor meu adversário. Assim como pesquisei tudo sobre seu estúdio, Kane

Atelier, no Google. Vi todas as fotos do portfólio de Lachlan e li todos os depoimentos sobre seu negócio. Também dei uma olhada em suas postagens nas redes sociais - a maioria delas é sobre seus diferentes projetos de couro, com ocasionais despejos de fotos de mergulho. Quero dizer, eu realmente só me importo que ele saiba tudo sobre mim, porque isso tornará muito mais difícil convencer minha família de que estamos realmente apaixonados. Essa é cem por cento a única razão.

— Bem — eu disse encolhendo os ombros. — Gostaria de pensar que sim. Mas se você decidir experimentar um Montague Muffin, vá até a loja principal na Weybosset Street, em Providence. É sempre melhor do que o material produzido em massa.

Lachlan ficou ali como se quisesse iniciar outra conversa, provavelmente sobre o elevador, ou Claire, ou talvez meu estoque de troféus, todos os quais são absolutamente a última coisa que quero discutir com ele. Então coloquei meus fones de ouvido e tentei me concentrar na partitura na frente dos meus joelhos dobrados. Dedilhei meu violão até que Lachlan finalmente desapareceu.

Deviam ser quase cinco horas quando finalmente adormeci na cadeira redonda, e passava pouco das seis quando acordei com o violão ainda no colo.

E agora estou tentando desdobrar minhas pernas.

Não consigo sentir meus pés. Ou minha bunda. Ou uma das minhas mãos, que passou a última hora presa entre a minha perna e o corpo do violão. Tiro meus fones de ouvido e gemo, um som que se transforma em um gemido exausto enquanto esfrego os olhos.

Quando os abro, uma xícara de café aparece à vista, segurada por uma mão tatuada.

— Não queria te acordar com a máquina de café expresso. — Lachlan diz enquanto eu olho para ele, o outro ainda não está disposto a encarar a realidade. — Esta é a merda liofilizada, mas pensei que poderia ajudar enquanto você se orienta.

Ao aceitar a xícara, eu o estudo. Ele parece sério hoje. Não há uma

única nota provocadora em sua voz. Ele olha para mim como se eu estivesse morrendo e não soubesse o que fazer. Uma ruga profunda se formou entre suas sobrancelhas e mesmo depois de eu tomar um gole do vil líquido marrom que me recuso a chamar de café, ele ainda paira, algum tipo de ansiedade reprimida rolando dele em ondas, apesar de suas tentativas de disfarçá-la. Ele até arranca o violão da minha mão quando tento colocá-lo no chão.

— Você não foi para a cama ontem à noite? — Lachlan pergunta, seus olhos percorrendo meu rosto.

— Não. Acho que não.

— Você também não foi na noite anterior.

— Suas habilidades de observação finalmente melhoraram desde a primeira vez que nos conhecemos.

Lachlan suspira. — Eu já te disse. Eu não estava usando meus óculos.

Estalo os dedos e dou-lhe um sorriso tortuoso. — E eu estava usando maquiagem. Um disfarce infalível. — Digo enquanto coloco a caneca na mesinha lateral e me levanto da cadeira.

O revirar de olhos de Lachlan quase rivaliza com o de Sloane e o calor se espalha em meu peito. Irritá-lo é ainda mais energizante do que a lama nojenta que levo comigo para a cozinha.

— Obrigada por esta tentativa — digo enquanto despejo o café no ralo. — Mas é basicamente o diabo em forma líquida e agora temos que exorcizar a pia. *In nomine Patri, et Filii, et Spiritus Sancti*[5]**.**

— Você sabe latim?

Eu bufo e enxáguo a caneca. — Eu conheço 'Constantine, John Constantine'. — Como esperado, quando olho por cima do ombro para ele, Lachlan parece sem noção. — Você realmente não viu *Constantine***? Achei que você estava brincando quando perguntou outro dia, mas sinceramente não me surpreende nem um pouco que você não tenha ideia do que estou falando. Forno industrial para você.**

— Achei que você fosse dizer que aprendeu naquele internato

onde conheceu Sloane. Ashborne, certo?

— Sim. — Um sorriso frágil aparece em meus lábios. Estou surpreso que ele não me retribuiu. — Ashborne.

— Mas você não se formou lá — diz Lachlan enquanto se senta e passa a mão pela superfície da minha nova mesa de centro. Lanço-lhe um olhar desconfiado enquanto começo a moer um novo lote de grãos de café expresso. — Sloane me contou há um tempo.

— Isso mesmo. Terminamos os estudos na casa da minha tia, com professores particulares.

— Por quê?

Dou uma risada. — Nenhum de seus negócios.

— Você não acha que isso é algo que eu deveria saber? Vamos para a casa dos seus pais em quanto tempo, seis horas? E quase não sabemos nada um do outro. Eu gostaria de ser convincente, certo? Gosto da ideia de não morrer nos fornos industriais.

— Acredite em mim quando digo que o assunto da minha educação em Ashborne não será discutido na mesa de jantar. — A máquina de café expresso zumbe e sibila enquanto preparo dois Americanos bebíveis. Levo-os de volta para a sala e sento-me em frente a Lachlan, lembrando distraidamente que provavelmente pareço um cadáver reanimado. Dou de ombros e deslizo uma caneca para ele sobre a resina brilhante. — Você deveria saber coisas como meu filme favorito. *Constantine.* **Ou se eu ficar com medo do palco. A propósito, eu não. Ou onde eu gostaria de ir na nossa lua de mel. Se isto fosse real, seria a Indonésia. Eu gosto de orangotangos.**

Lachlan solta um pequeno bufo, um som de surpresa. — Quero ir lá também, para mergulhar.

Concordo com a cabeça e tomo meu café. Mesmo com meus olhos fixos na minha caneca, posso senti-lo me observando como se eu fosse algo quebrado que ele não sabe como consertar. Já faz muito tempo que ninguém me olha assim, tanto tempo que esqueci como isso me fazia sentir. Danificada. Irreparável. *Fraca.* **Mas, por alguma razão, não quero me esforçar para cobri-lo com um verniz novo, uma superfície**

brilhante. Acho que essa é a ironia de ser casado com alguém que não tenho absolutamente nenhum desejo de fazer feliz. Pela primeira vez, não preciso me esforçar tanto para projetar uma coisa enquanto sinto outra, e a percepção de como isso é exaustivo se instala em meus pensamentos. Mas com Lachlan posso desligar o holograma e simplesmente existir.

...Bem.

Isso é uma epifania aterrorizante.

Tomo um longo gole do meu café, embora ainda esteja muito quente, e deixo o resto para trás. — É melhor eu ir passear com Bentley antes que ele comece a ficar todo dramático. — eu digo enquanto me levanto. Mas Lachlan segura meu pulso quando passo, segurando-o apenas o tempo suficiente para me parar antes de soltá-lo.

— Eu já fiz isso enquanto você dormia.

— Ele deixou você colocar uma coleira nele?

Lachlan encolhe os ombros como se não fosse grande coisa. — Eu o subornei com frango.

Olho para Bentley, que mantém a cabeça baixa sobre as patas cruzadas e observa nossa conversa com olhos cheios de culpa. — Traidor.

— Se serve de consolo, ele ficou o mais longe que pôde de mim na ponta da coleira.

— Isso me faz sentir um pouco melhor.

Ainda estou de pé, com os olhos grudados no meu cachorro, sem saber para onde devo olhar ou o que devo fazer a seguir, quando Lachlan roça minha mão com um dos nós dos dedos. — Ei — ele diz. Minha atenção volta para ele, mas não digo nada em resposta. — Apenas... sente-se.

Levanto uma sobrancelha e mordo o lábio, tentando não sorrir. — Você está mandando em mim na minha própria casa?

Lachlan cora. — Não... mas... por favor? — ele pergunta, mexendo

nos óculos. — Vou fazer o café da manhã. Podemos conversar um pouco mais antes de irmos.

— Falar de quê? — pergunto, sem fazer nenhum movimento para sentar.

— Não sei. Que tal começarmos pela Indonésia?

Nossos olhos se encontram mais uma vez e eu realmente me permito olhar para Lachlan. Olhos azuis profundos, da cor de um mar frio e traiçoeiro. Seu cabelo escuro penteado no lugar. Tatuagens que descem pelo pescoço, sob a gola de sua Henley cinza, escrita irlandesa em espiral e uma triquetra intrincada de um lado, um anjo chorando do outro. Não sei o que significam ou a história que contam, mas sei muito sobre dor e sofrimento. Às vezes, você precisa gravar na pele as coisas que perdeu para se lembrar do que deixou para trás.

Sento-me em frente a Lachlan e seus ombros caem de alívio.

— Eu adoraria ser voluntária lá, se pudesse encontrar um bom lugar para fazê-lo. Eu acho que trabalhar com orangotangos na selva de Borneo por algumas semanas provavelmente não é a ideia de uma lua de mel divertida para todos. — Eu digo com um encolher de ombros. — Não é realmente um refúgio romântico na praia.

— Eu também não gosto de ficar a toa. Ame a água, não a praia. Fica chato depois de um ou dois dias. Sua ideia parece divertida para mim.

Olho para Lachlan e o leve sorriso em seu rosto pode ser o mais genuíno que já vi. E eu sei que ele ainda é um idiota. Não vou esquecer isso. Não é como se ele alguma vez tivesse se desculpado comigo por ser um idiota ou por me enfiar no porta-malas. Não vou deixar isso passar também. Mas é normal ouvi-lo quando ele me dá aquele sorriso, ou quando ele se levanta e prepara o café da manhã e é realmente muito bom - e bônus: não está envenenado. Talvez haja um cara decente enterrado em algum lugar. No fundo, no fundo, no fundo. Não que eu queira descobrir, mas aprender um pouco sobre ele não faz mal, eu acho.

A questão é: será suficiente para convencer minha família?

Isso, eu não sei. Mas em pouco tempo, estaremos a caminho de descobrir.

Paramos primeiro no Shoreview Assisted Living para pegar minha tia, apesar das múltiplas ofertas de Lachlan para ajudar, vou para a instalação sozinha. Encontro Ethel em seu quarto já esperando para ir, cabelo penteado, batom, bengala polida. Quando a acompanho para fora da porta, Lachlan está parado do lado de fora de seu Charger, no vento forte, esperando com o banco virado para frente para que eu possa sentar no banco de trás antes que ele ajude minha tia a se sentar no banco do passageiro. A tosse de Ethel é cruel com a transição do calor para o frio e para o calor novamente, mas ela luta para superar o estrondo persistente para fazer a Lachlan um milhão de perguntas sobre o veículo. Eles conversam durante quase uma hora inteira de viagem até a casa dos meus pais em Providence.

Quando paramos na garagem e Lachlan desliga o motor, minha tia se vira para mim com um sorriso malicioso. — Pronta para agitar alguma merda, minha garota?

Eu balanço minha cabeça. — Não. Não, não estou.

— Muito ruim. — Ethel volta sua atenção para Lachlan e bate em seu braço com a bolsa. — E você?

— Sim, senhora. Pronto para agitar a merda.

— Esse é o espírito. — Lachlan solta uma risada silenciosa antes de sair do carro para pegar o presente que trouxe para meus pais no porta-malas. Perguntei-lhe o que era, mas ele não quis me dizer.

— Eu gosto dele, Rouxinol. — diz Ethel.

— Você deveria ter se casado com ele então.

— Tarde demais agora. — ela declara quando Lachlan abre a porta. Com uma gargalhada de alegria, ela pega a mão dele e sai do carro.

Começo a segui-la, tentando controlar meus nervos para o que está por vir, quando a mão de Lachlan alcança o banco de trás. Eu aceito, sentindo uma segurança inesperada por compartilhar calor com a única outra pessoa que poderia sentir o que estou sentindo

agora. Quando estou fora do carro e parada ao lado dele, ele não me solta como pensei que faria.

— Você está bem? — ele pergunta.

Sinto como se estivesse me cobrindo com camadas de papel machê quando sorrio. — Sim, claro.

Mas Lachlan não acredita nisso. — Tem certeza disso?

— Estou nervosa — deixo escapar, e não sei por quê.

Minha reprimenda interna é imediata. Ele não deveria ver nenhuma fraqueza em mim. Lachlan Kane não gosta de mim. Ele só está passando por toda essa aventura insana para salvar a pele.

Eu travo minha coluna e puxo meus ombros para trás. — Estou nervoso por você. Se eles sugerirem levá-lo para um passeio por uma instalação industrial em Portsmouth, você deve recusar educadamente. E então *corra.*

A preocupação surge na expressão de Lachlan antes que ele a sufoque com um sorriso malicioso. — Tudo bem, sua maldita catástrofe. Deixe-me mostrar como isso é feito.

Eu bufo. — Se eles não jogarem você no forno, eu mesmo farei isso.

Com um olhar final um para o outro que não machuca muito, seguimos minha tia até a porta da frente, nossas mãos ainda entrelaçadas.

Capitulo Doze

EM NOME DO PAI



Minha tia toca a campainha e esperamos. Ela não consegue evitar de bater a bengala na porta algumas vezes quando alguém leva mais tempo do que deveria para nos buscar. Quando a porta se abre, Ethel já está sorrindo, pronta o suficiente para nós dois detonarmos algumas bombas no que normalmente é um brunch semanal sem intercorrências. Ela dá um beijo nas duas bochechas de Ava, depois fica de lado no hall de entrada para observar as primeiras gotas de caos atingirem a panela quente que é o temperamento volátil da minha irmã.

— Rouxinol. — Ava diz, com suspeita em sua voz enquanto ela me dá um abraço fraco.

— É bom ver você — eu digo. — Achei que você voltaria para casa logo?

— Outra semana. Edward está muito ocupado com o trabalho agora para sentir minha falta de qualquer maneira. — Ela me solta e examina meu rosto com a precisão que só uma irmã consegue fazer. Ela olha para Lachlan e depois para mim. Mas não sou novata. Não demonstre medo do diabo - *em nome do Pai* **e tudo mais. Eu mantenho minhas coisas trancadas. — Então — Ava diz enquanto lentamente gira para encarar Lachlan. — Você vai me apresentar?**

— Claro. — Eu sorrio e coloco a mão no bíceps duro de Lachlan. Mal resisto à vontade de cutucá-lo e ver se há alguma cedência. —

Lachlan, esta é minha irmã, Ava. Ava, este é meu... Lachlan. — Eu digo, me acovardando no último minuto.

— *Marido*, querida. — Minha tia interrompe.

Ava solta um grito ensurdecedor que ecoa pelo teto abobadado do hall de entrada.

— Marido...? Marido. *Marido.* Que porra é essa? — Ava agarra minha mão e grita novamente enquanto se vira para minha tia, boquiaberta. — Que *porra?*

Ethel está se divertindo muito vendo minha irmã, normalmente fria e composta, entrar em espiral. E no verdadeiro estilo Ethel, ela adora acelerar a descida. — Acredito que a resposta adequada é 'parabéns pela seu casamento escondido', querida.

— O que está acontecendo? Você está *casada?* Quando? Eu não entendo.

— Qual é toda essa comoção? — Minha mãe pergunta ao entrar no saguão, a cadência irregular de seus passos anunciando sua presença antes de sua voz. — Oh, olá, Lark, querida, eu...

A voz da minha mãe é interrompida no instante em que ela vê Lachlan, mas Ava está lá para preencher o vazio. — Ela está casada, mãe. Lark. Está. *Casada*. — Ava diz enquanto agarra meu pulso e empurra minha mão em direção a minha mãe. Mamãe imediatamente reconhece o anel e lança um olhar chocado para Ethel.

Ethel sorri.

— Puta que pariu — sussurro para Lachlan quando minha mãe, Ava e Ethel começam a conversar uma com a outra. — Ainda nem entramos na casa.

Lachlan dá uma risadinha e olha para mim por cima do ombro. — Assista e aprenda, Barbie Desastrada.

Ele pisca para mim. Malditas piscadelas. E então ele entra na briga segurando a sacola preta com o presente que trouxe. — Talvez devêssemos abrir isso e eu posso explicar. — diz ele enquanto alcança a nuvem de papel de seda e tira uma garrafa de Château Pétrus 2018.

— Ou há uma garrafa de uísque Springbank, se essa for sua preferência. Achei que todos nós poderíamos querer compartilhar algo um pouco mais forte, dadas às circunstâncias.

A discussão para momentaneamente quando as três mulheres olham para ele.

— Eu prometo que esta história não é tão selvagem quanto parece.

Ninguém diz nada por um momento e começo a pensar que teremos que sair pela porta e desistir desse plano. Mas então Ava tira a garrafa de uísque da sacola com um olhar furioso e segue em direção aos fundos da casa.

Minha mãe permanece por um momento com um olhar longo e sério em minha direção, em seguida, fixa seus olhos azuis prateados em Lachlan. — Estou ansiosa para ouvir esta versão 'não selvagem' dos acontecimentos. Por favor, entre. — ela diz antes de seguir minha irmã, minha tia atrás dela.

Lachlan estende a mão para eu segurar. Cruzo os braços e ele encolhe os ombros como se dissesse *como quiser.*

— Você estava acentuando seu sotaque para atrair minha mãe e minha irmã com seu charme irlandês inexistente? — Eu sibilo.

O sorriso de Lachlan é nada menos que tortuoso. — Você me feriu com suas acusações, minha querida esposa.

— Você acabou de fazer isso de novo.

Lachlan pisca seus dedos tatuados em minha direção e solto um suspiro dramático antes de pegar sua mão novamente. — Eu disse que eu ficaria bem.

— Cale-se. Já se passaram uns cinco minutos. Tempo de sobra para você estragar tudo.

O som de uma conversa acalorada nos cumprimenta enquanto nos dirigimos para a cozinha, onde minha mãe e minha irmã tentam explicar simultaneamente ao meu padrasto que sim, sou realmente casada e sim, o nome dele é Lachlan Kane. Felizmente, minha irmã

parece confusa quando meus pais trocam olhares de conhecimento. Se Ava soubesse das preocupações deles em relação a Lachlan, tenho certeza que ele já estaria morto. Ela sempre teve uma energia superprotetora de irmã e tenho noventa e nove por cento de certeza de que ela passou a vida adulta procurando uma desculpa para ativar seus genes assassinos Montague.

Coloquei tudo para irradiar o que sei que eles precisam ver. Felicidade. Contentamento. Adoração pelo homem cuja mão seguro com muita força. Apresento Lachlan ao meu padrasto e fico com velcro ao seu lado até ter certeza de que meu novo marido não será assassinado na ilha de mármore. A enxurrada de perguntas começa, é claro, e elas não param enquanto levamos a comida para a mesa de jantar e nos sentamos. Alguns momentos da inquisição são mais dolorosos que outros. *Quando isto aconteceu? Onde? Por que não fomos convidados?*

— Porque eu disse a eles para não convidarem vocês. — declara minha tia, silenciando o bombardeio. — Todos vocês já têm muita coisa acontecendo ultimamente com os negócios. Comigo. Então, quando Lark me disse que conheceu alguém e queria se casar com ele antes que eu falecesse, pedi a ela que fizesse assim. Ela queria algo íntimo e eu queria estar lá. E agora está feito.

Como se quisesse esfregar, Ethel tosse, a princípio um estrondo suave que não tenho certeza se ela não está evocando, mas que rapidamente se transforma em um ataque prolongado. Minha mãe esfrega o ombro da minha tia enquanto minha irmã vai buscar uma caixa de lenços de papel, e quando finalmente passa, a primeira coisa que minha tia diz é: — Você sabe como esses dois se conheceram? Será uma ótima história para os netos. Ele a jogou no porta-malas de um carro.

Oh querido Deus.

— Você o quê? — Minha irmã deixa cair talheres e balas em Lachlan, e é a primeira vez desde que ele entrou aqui que eu realmente o vejo sendo jogado para fora do eixo. — Você a colocou *onde?*

— Não é tão ruim quanto parece — protesto, embora na realidade

seja pior. — Eu estava em uma… situação. E era a única maneira de sair com segurança.

— Uma situação.

— Sim.

— Cuidado ao elaborar? — Ava pergunta, com as sobrancelhas levantadas.

— Na verdade não.

— E envolveu colocar você. Lark Montague. Na porra de um baú.

— Bem, eu saí, então... — Dou de ombros e forço meu caminho com um pedaço de rosbife que normalmente dizimaria. — Nós trabalhamos, além disso. Tudo acabou bem no final. Como a Tia disse, é uma história engraçada. — Mentiras. Tantas mentiras e meias verdades que sinto como se estivessem grudadas na minha pele, como se todas as máscaras com as quais me cubro fossem escorregar na lama oleosa dos meus enganos.

— O porta-malas não foi minha melhor ideia na época — diz Lachlan enquanto uma pitada de rubor surge em suas bochechas. — Mas nossas opções eram limitadas, felizmente para mim, Lark tem um coração muito misericordioso.

Tusso tomando um gole de água, quase cuspindo de volta no copo.

Minha mãe e meu padrasto trocam olhares ponderados. Vejo fúria na minha mãe, mas decepção no meu padrasto, e de alguma forma este último é pior. Coloquei minha mão na dele, esperando que ele encontrasse meus olhos. — Sinto muito, papai. — eu sussurro, minha garganta de repente se apertando com minhas palavras. — Eu sempre quis que você me acompanhasse até o altar. Mas me apaixonei por Lachlan tão rápido — digo, olhando para Lachlan de uma forma que espero ser convincente. — E simplesmente… aconteceu.

Parte de mim deseja que meu padrasto me desafie nisso. Cave um pouco mais fundo. Chame-me. Mas para ele, este é provavelmente apenas mais um exemplo em uma longa linha *de Lark fazendo suas próprias coisas, foda-se as consequências.* **O que mais ele esperaria de**

alguém que telefona para ele no meio da noite para encobrir um acidente fatal? Ou quem larga o emprego para sair em turnê por seis meses, ou faz as malas por capricho e se muda para mais perto de casa porque sua melhor amiga o fez?

Ele nunca me chama, não realmente. Em vez disso, ele abre um sorriso fraco e aperta suavemente meus dedos. — Está tudo bem, Lark. Estou apenas... muito surpreso. É um grande choque.

— Eu entendo. Mas eu só quero que você saiba que estou feliz de verdade. — Sorrio e mudo meu olhar para onde Lachlan está sentado à minha frente. Eu provavelmente deveria ter perguntado a ele se ele já se apaixonou, porque, honestamente, se esta é sua tentativa de parecer apaixonado, é uma droga. Ele parece mais dolorido do que qualquer coisa. Como se ele estivesse tentando, mas houvesse muita preocupação e ansiedade borbulhando logo abaixo de sua superfície.

Seus olhos se estreitam para mim, apenas brevemente. Com um leve movimento de cabeça, percebo que ele está se comunicando comigo. *Perguntando se estou bem***.**

Meu sorriso fica um pouco mais brilhante. *Claro que estou bem***.**

Há uma ligeira inclinação em sua cabeça enquanto ele me estuda. Ele não parece convencido.

Meus olhos se arregalam até que eu sei que eles parecerão um pouco perturbados. *Vá em frente, a menos que queira fazer um tour pelos fornos industriais.*

— Eu tenho que agradecer ao meu irmão, de verdade. — Lachlan fala. — Se não fosse pelo casamento dele e por toda a preparação necessária nos bastidores, não acho que Lark e eu teríamos poupado tempo um ao outro.

Pelo menos a mentira dele é bastante convincente, porque com certeza não poupamos um ao outro um único segundo. Cada vez que Lachlan era sugerido como companheiro para uma corrida até a floricultura ou o local do evento, eu dava todas as desculpas possíveis para levar outra pessoa ou fazer isso sozinha. Tenho certeza de que o mesmo aconteceu com Lachlan, embora eu tenha feito questão de

nunca perguntar sobre ele, embora me lembre de cada detalhe que caiu no meu colo. Ainda me lembro da satisfação que senti, mas afastei-me quando Rowan disse que Lachlan não levaria acompanhante para o casamento. Eu não analiso esse pensamento.

Minha tia aproveita a menção do casamento para redirecionar a conversa para as núpcias de Rowan e Sloane, e finalmente sinto que posso respirar. Quando as perguntas chegam a Lachlan, ele as responde com facilidade. Perguntas sobre seu estúdio. Sobre a Irlanda. Sobre seus pais, que o fazem se mexer na cadeira. Ele chama seu pai de "um homem problemático" e se concentra em sua mãe. Eu sei muito disso por Sloane e Rowan, pelo menos superficialmente. É diferente não apenas ouvir isso de Lachlan, mas ver isso nele. As profundezas assombradas em seus olhos, onde os segredos prosperam nas sombras. Seu sorriso ao falar dos irmãos com orgulho conquistado pela dor que deve ter suportado para criá-los quando sua mãe faleceu. De vez em quando, Lachlan chama minha atenção enquanto fala, especialmente sobre assuntos mais difíceis. Ele não fala os detalhes, mas posso ouvi-los, as notas fantasmagóricas em uma melodia.

E quando terminamos o prato principal, estou um pouco mais à vontade. Não apenas comigo mesma, ou porque sei que minha família está pelo menos tentando dar sentido a esta situação, mas com Lachlan também. Quando Ava tira nossos pratos e volta com café e sobremesa, me sinto mais calma. Podemos não estar seguros ainda, mas estamos no caminho.

Que é, naturalmente, *exatamente* **quando Ethel decide atacar.**

— Agora que você assediou o pobre garoto com suas perguntas fúteis, por que não abordamos o elefante na sala? O contrato com o Leviathan.

Meu padrasto passa a mão no rosto. Minha irmã engasga com o café. Minha mãe tenta castigar Ethel, o que parece encantar a velha matriarca. Eu gemo e me recosto na cadeira enquanto uma dor de cabeça atinge meus olhos insones. E Lachlan? Parece que ele quer se fundir em alguma outra dimensão, o que me traz uma pequena alegria ao perceber que estou sentada em frente a um assassino mortal que está fora de seu alcance com o drama familiar.

— Não há contrato. — dizem meus pais em uníssono.

Ethel sorri. — Haverá para os Montagues.

— Não assinei nada. — declara minha mãe.

— Isso é porque eu não lhe dei o poder para fazer isso. Nem eu. Nomeei Lark como diretora de segurança. — Ethel tira um envelope grosso da bolsa e o desliza sobre a mesa em minha direção. Meu rosto esquenta e o resto da família me encara como se eu tivesse orquestrado um golpe. Levanto as mãos e balanço a cabeça, o que parece bastante convincente, pois todos voltam a se concentrar em Ethel.

— Conflito de interesses. Ela não pode contratar a empresa para a qual seu marido trabalha.

Minha tia bufa. — 'Conflito de interesses', meu velho e enrugado traseiro. Não somos médicos ou advogados. Fazemos muffins, Nina. Desde quando nos preocupamos com um conflito de interesses?

— Desde agora. Ela não pode contratar o Leviathan.

— Lachlan está se aposentando. Problema resolvido. — eu interrompo. Todos estão tão chocados quanto eu. Não sei de onde isso vem, mas, puta merda, é tarde demais para parar agora. — Obrigada, tia. Espero deixar todos vocês orgulhosos. Eu concederei o contrato ao Leviathan, esta família estará protegida, Lachlan irá se aposentar, todos ficarão felizes.

— Ninguém ficará feliz. — diz minha irmã.

— Estou feliz. — protesta Ethel.

— Você está morrendo e meio louca. Sem ofensa.

— Estou morrendo e perfeitamente sã. Certificada por três médicos e meu advogado — minha tia diz enquanto coloca outra pilha de papéis na mesa. — Inrefutável, a propósito. Apenas no caso de você tentar reverter minha decisão.

— Ótimo. Então está resolvido. — Sorrio para cada um dos membros da minha família, deixando Lachlan por último. Seu rosto parece como eu imagino que seria se ele estivesse perseguindo sua

presa à distância. É como se ele tivesse desligado todas as partes de si mesmo, de modo que apenas o instinto e a habilidade permanecessem.

O olhar da minha mãe salta de uma pessoa para outra antes de pousar em mim, a mão agarrada ao guardanapo com tanta força que os nós dos dedos ficam brancos. — Você não sabe o que está fazendo, Lark.

— Eu faço. Eu escolhi o amor — digo, incapaz de suportar o peso de uma mentira sobre algo tão precioso. — Nós somos casados. Esta é a vida que escolhi. Ele é o homem que escolhi.

— Ele é um assassino. — minha mãe sibila, jogando a penúltima granada.

Meu coração se parte quando digo suavemente: — Talvez todos devêssemos ser transparentes pelo menos uma vez e admitir que, quando se trata desta família, ele não é o único.

Há um breve segundo de silêncio absoluto. Posso sentir a descrença como uma entidade que paira sobre nossos pratos, um fantasma preso entre nossos corpos rígidos enquanto ficamos sentados imóveis em seu meio.

A inspiração aguda do meu padrasto quebra o feitiço. — Lark Montague...

— Kane, papai. **— Coloco o garfo na mesa e cruzo as mãos no colo. Todos os outros ainda estão suspensos, presos no tempo, incluindo Lachlan. Mesmo Ethel não se move, o rosto congelado em um momento de alegria reprimida e intrigante. — Lark Kane. Vou manter Montague no palco, por enquanto. Mas já comecei a mudar isso em todos os outros lugares. Na verdade, tirei minha nova carteira de motorista na sexta-feira.**

Jogo o cartão de plástico sobre a mesa. A última bomba.

Um brilho cobre os olhos da minha mãe, mas ela pisca antes de endireitar a coluna, como faz quando está chateada e se preparando para a batalha. — Bem. Isso é só...

— Isso é simplesmente adorável, querida — diz Ethel, e me dá um sorriso recatado que se transforma em melancolia. Meu peito dói

quando ela me estuda. — Você sempre foi uma pena ao vento, minha Rouxinol. Você merece ser feliz em seus próprios termos. Mas eu nunca quis que você ficasse sozinha. E agora você não está. — Ela levanta a garfada de bolo para mim em um brinde antes de colocá-lo na boca. A última palavra, pontuada por um carimbo de chocolate amargo.

Enterro minhas unhas curtas nas palmas das mãos. O peso do olhar de Lachlan pesa sobre meu rosto, mas não consigo olhar para cima. Não sei o que acontecerá se eu fizer isso.

Meu padrasto toma um gole de café e limpa a garganta, e embora ele force um sorriso, tudo que vejo é o coração partido por baixo dele. — Lachlan deve significar muito para você.

Suas palavras evocam uma névoa na minha visão e uma dor na garganta. Olho para Lachlan. Ele me estuda antes de sua atenção se voltar para meu padrasto e voltar novamente. É como se ele soubesse que há muito mais que não foi dito, mas ele não consegue ver o caminho através da neblina.

— Claro que sim, papai. — eu sussurro, minha voz instável. — Eu não teria me casado com ele de outra forma. Ele é um bom homem. E você também verá isso com o tempo.

— Eu estou... — Minha mãe olha para meu padrasto, que lhe lança um olhar de advertência. Ela começa de novo: — Estamos felizes que você tenha encontrado alguém, Lark. Isso simplesmente não é o que nenhum de nós esperava.

— Você sempre pode fazer outra comemoração aqui ou na propriedade na praia, é claro que adoraríamos realizá-la. — diz meu padrasto. Ele me dá um sorriso fraco. — Nós adoraríamos muito isso.

Eu aceno com um pouco de entusiasmo. — Obrigada. Pensaremos nisso quando as coisas se acalmarem um pouco. — Não consigo olhar para eles, então olho para todos os outros lugares. Meu relógio. A sobremesa meio comida. Minha xícara de café vazia. Finalmente, encontro o olhar de Lachlan e respiro. — Temos que ir, me desculpem. Precisamos levar tia Ethel de volta e depois teremos o ensaio. — Não tiro os olhos de Lachlan enquanto me mexo na cadeira. Ele é mais

rápido do que eu, fluido e gracioso quando chega ao meu lado da mesa e puxa minha cadeira para trás. — Obrigada pelo brunch. Lamento que tenha saído um pouco de lado, mas saiba que eu amo vocês.

Dou beijos rápidos nas bochechas em minha mãe e minha irmã antes de meu padrasto nos levar até a porta. Seu abraço é longo e apertado. Seu cheiro familiar é ao mesmo tempo um conforto e uma dor ardente no meu peito. Meus olhos ardem quando ele beija o topo da minha cabeça. — Você parece cansada, Rouxinol. — ele sussurra. — Tente descansar um pouco.

Aperto um pouco mais forte antes de soltá-lo e dar um passo para trás. Lachlan está lá com a mão estendida, após uma breve hesitação, meu padrasto a pega.

— Eu sei que você não tem nenhum motivo para confiar em mim, Sr. Covaci — diz Lachlan. Ele solta o aperto de mão para poder entrelaçar seus dedos nos meus. — E eu sei que há mais coisas acontecendo do que discutimos hoje. Mas minha palavra vale minha vida. Fiz uma promessa a Lark. Eu protegerei minha esposa.

Uma carga elétrica atinge meu coração. *Isso não é real, lembro a mim mesma*. **Mas a maneira como Lachlan olha para mim,** *realmente* **olha para mim, eu acredito nele. Posso ser sua esposa apenas no papel, mas sei o que ele está tentando me dizer com um simples olhar. Ele manterá sua palavra.**

— Estou contando com isso. — diz meu padrasto. E com um último sorriso melancólico partilhado entre nós, partimos.

Caminhamos em silêncio até o carro, Lachlan acompanhando minha tia, que parece se mover mais devagar agora depois de tanta excitação. Mas ele também não solta minha mão. Ele mantém o controle mesmo quando não podemos ser vistos de casa. Ele não me solta até que eu entre no banco traseiro, mesmo assim, sinto uma relutância momentânea. Uma relutância que, por algum motivo, compartilho.

É apenas camaradagem, **tento me lembrar, quando o momento passa e ele empurra o banco para trás antes de ajudar Ethel a se acomodar no banco do passageiro. E então partimos, meu coração**

ainda batendo rápido demais no peito.

— Não sei nada sobre ser chefe de segurança, Ethel. — digo quando a casa está fora de vista, como se eles pudessem nos ouvir.

— Eu sei que você não sabe. É por isso que você terceiriza.

— Não garantimos nada sobre o contrato da Covaci. Papai não vai assinar merda nenhuma. Não tenho influência nisso. — Meu suspiro é instável. Pressiono os dedos nos olhos, quando os abro mais uma vez, vejo o olhar inquieto de Lachlan pelo retrovisor. — Desculpe. Eu prometi a vocês dois contratos e vou cumpri-los.

Lachlan se vira o suficiente para me dar uma breve olhada. — Eu sei, Lark. Está tudo bem.

— Encontraremos uma solução alternativa. — diz minha tia.

— Você acha que nós os convencemos? — pergunto enquanto minha tia se vira para lançar seu olhar esfumaçado para mim. — Você acha que eles acreditam que estamos apaixonados?

— Você não precisava convencê-los. Você precisava dar-lhes dúvidas suficientes para impedi-los de agir. Tenho certeza de que eles enviarão alguém para ficar de olho em vocês dois durante o próximo tempo, então se vocês quiserem se agarrar em público, não seria a pior ideia...

— Tia. — eu sibilo, mas ela apenas ri do constrangimento em meu tom. Lachlan ri e vejo seus olhos no espelho. Eu sei que ele provavelmente pode ver meu rubor profundo, o calor queimando em minhas bochechas. — 'Agarrar'? Sério?

— O quê? **Eu sou velha. — Quando solto um suspiro pesado, a leveza evapora lentamente no carro e Ethel se aproxima de mim para pegar minha mão. — Não se preocupe, minha garota. Claro, eles provavelmente terão dúvidas persistentes. Apresentamos-lhes uma situação difícil de aceitar. Mas quanto a dar a seus pais motivos suficientes para repensar quaisquer planos que pudessem estar planejando para enfrentar o Sr. Kane? — Ethel solta minha mão para dar um tapinha afetuoso na manga revestida de couro de Lachlan. — Tenho certeza que você fez isso. A licença foi muito inteligente, Lark.**

Solto um longo suspiro e olho pela janela enquanto a vizinhança familiar passa. Mordo meu lábio inferior até sentir o gosto de um fio férreo de sangue. — Talvez.

— Você fez um bom trabalho, Rouxinol. Eu sei que dói agora, mas seu coração vai melhorar. Damian te ama muito, sempre.

— O que foi isso? Com a licença? — Lachlan pergunta, mas eu não respondo. Não tiro os olhos das ruas suburbanas. Lugares onde me senti perdida. Lugares onde fui encontrada. Os caminhos e passagens que meu padrasto me acompanhou. Aqueles onde ele me ensinou a andar de bicicleta. Aqueles onde ele me ensinou a dirigir. Ele gastou tempo para fazer desta casa a minha casa. Ele fez todas as coisas que meu pai teria me ensinado a fazer, se estivesse vivo.

— Lark nunca adotou o nome Covaci — diz Ethel, com a voz baixa e calma. — Ela sempre disse que nunca deixaria aquele pedaço de seu pai, Sam, para trás. Mas ela fez isso. Por você.

Posso sentir Lachlan me observando pelo retrovisor. Mas não suporto encontrar seu olhar.

— Sua esposa acabou de partir o coração da família — diz Ethel. — E ela fez isso para salvar sua vida.

Capitulo Treze
NETWORK



Como podemos voltar disso quando você me deixou no escuro?

Você me deixou no escuro.

Mas não consigo me conter. Eu não consigo parar de querer você.

Rascunho as últimas linhas do texto e fecho meu caderno, colocando-o de volta na bolsa enquanto observo pela janela do quarto da minha tia. Nunca estive tão bloqueada com uma música antes. É como se eu simplesmente não conseguisse descobrir o que dizer. Não consigo ouvir as notas que deveriam vir naturalmente. Eu gostaria de pensar que é porque estou cansada. *Tão cansada pra caralho.* **Mas eu sei que não é só isso. Nos últimos dez dias desde que fomos para a casa**

dos meus pais, Lachlan penetrou nos meus pensamentos, na minha vida diária. Ele faz café e café da manhã todas as manhãs. Ele me traz pequenas coisas todas as noites, como se achasse que elas poderiam me ajudar a dormir. Uma máscara de seda para os olhos. Ele corou quando me deu isso. Um difusor de incenso. Esta noite, ele me preparou uma xícara de chá de camomila e me entregou com um olhar assombrado, como faz todas as noites. Ele desaparece em seu quarto e amanhã faremos tudo de novo, repetidamente, até morrermos.

Mas há uma coisa que Lachlan não fez? Desculpar-se. E não consigo esquecer aqueles primeiros momentos em que nos conhecemos. Minha dor ainda piora, e talvez eu só precise que ele abra essa ferida. Mas ele não vai.

— Bem, foda-se ele. — eu sussurro e me inclino para trás na minha cadeira.

— Sim, foda-se ele. Preciso viver indiretamente através de alguém e a vida amorosa de Ava é chata. Estou meio convencida de que o marido dela é um robô. — diz Ethel.

Um suspiro de surpresa deixa meus lábios enquanto me endireito e olho para minha tia. Ela me lança um sorriso tortuoso antes de levantar a cabeceira da cama.

— Desculpe. Eu não queria te acordar — eu digo.

— Você não fez isso. Tenho observado você olhando pela janela nos últimos dez minutos. Aquele garoto Kane está te irritando?

Embora eu revire os olhos ao ouvir o brilho provocador na voz da minha tia, o calor ainda invade meu rosto. — Ele está tentando.

Ethel balança a cabeça e tosse, mas acena quando me levanto para ajudá-la com água ou lenços de papel. Desta vez a tosse demora muito para diminuir. O desconforto queima minhas entranhas. A culpa rasteja em minhas veias. Ela tem estado tão animada com todas as intrigas ultimamente, mas talvez isso tenha exigido muito dela. De repente, ela parece tão frágil, a dor gravada em sua pele enrugada.

Apesar de seus protestos, aperto o botão de chamada da enfermeira, que entra um momento depois, seguida por um médico,

que entra enquanto o ataque ainda persiste. A médica mantém seu distanciamento profissional quando me diz que vão administrar uma intravenosa para alívio da dor e antibióticos para prevenir infecções secundárias, mas já estou em instalações como esta há tempo suficiente para saber que o prognóstico do câncer de Ethel é sombrio e esta pode ser a rápida deterioração de uma doença que minha tia se recusa a tratar.

A tosse de Ethel se dissipa enquanto eles preparam os líquidos e a cânula. — Eu não gosto de agulhas — minha tia diz, seus olhos indo em direção à porta de seu quarto e permanecendo ali. Estou prestes a seguir seu olhar quando ela agarra minha mão. — Cante para mim como distração, garota.

— O que você gostaria?

Um sorriso melancólico levanta os lábios da minha tia. — Aquela que você cantou na nossa festa de aniversário.

É difícil acreditar que não foi há nem um ano.

Minha tia e meu tio dançaram sob as luzes do pátio que penduramos na barraca. Eles se olharam nos olhos quando eu comecei a cantar e pensei, *eu me pergunto quanto amor existe assim, realmente. Eu me pergunto se algum dia vou encontrá-lo. E se eu fizer isso, espero merecer.*

E agora penso: *talvez não o encontremos. Não apenas aparece. Não é fantasia, não é um conto de fadas. Fazemos escolhas, nota após nota, acorde após acorde, até criá-lo.*

Eu me inclino e dou um beijo na bochecha da minha tia antes de limpar a garganta e cantar:

Eu não posso te dar nada além de amor, baby

Essa é a única coisa que tenho bastante, baby

Planeje um pouco, sonhe um pouco

Temos certeza de encontrar

Felicidade e eu acho

Todas aquelas coisas pelas quais você sempre desejou

Puxa, eu gostaria de ver você linda, baby.

A enfermeira insere a cânula na veia e minha tia não recua. Ela mantém os olhos em mim e eu nem termino a música antes que ela diga: — Boneca, vá buscar um doce para mim na recepção, por favor? Gosto daqueles caramelos duros.

Franzo o rosto em pergunta, mas minha tia apenas solta a mão da minha e me afasta.

— Tudo bem, tia — respondo balançando a cabeça. — Você é tão exigente, você sabe disso, certo?

— Menos conversa. Mais doces.

Dou um sorriso confuso para Ethel e deslizo para fora da cama enquanto a enfermeira verifica a bomba e o médico revisa seu prontuário.

E quando saio do quarto para entrar no corredor que leva à recepção, Lachlan está lá, de cabeça baixa, uma mão levantada na testa enquanto caminha em direção às portas como se não pudesse sair daqui rápido o suficiente.

— Lachlan.

Ele para instantaneamente, mas não se vira. Parei também, esperando por alguma coisa, talvez uma reação, uma palavra ou até mesmo um movimento, mas Lachlan permanece tenso e imóvel.

— Ei, Lachlan. — eu digo, e dou alguns passos mais perto. Ele move a cabeça o suficiente para mostrar que está ouvindo, mas não o suficiente para que eu veja seu rosto. — Tudo certo…?

Há uma longa pausa antes de ele concordar.

— Tem certeza disso?

Lachlan limpa a garganta, mas não se vira. Ele apenas me dá o canto do olho antes de desviar o olhar. — Vim dizer que Leander precisa de mim. Você também pode vir se estiver livre. Posso te dar uma carona, se você quiser. Ou se você quiser ficar, posso levar seu violão para que você não precise carregá-lo.

— Estou bem, obrigada — digo, embora me arrependa imediatamente e dou um passo mais perto. — Vou ficar um pouco. Vou deixar o violão aqui hoje para que o terapeuta do turno de amanhã possa pegá-lo emprestado.

— Oh. — Lachlan funga e acena com a cabeça, e uma pequena fissura em meu coração se abre.

— Tem certeza que você está...

— Eu tenho que ir. — Ele segura a nuca, a ponta faltante do dedo fica mais evidente na gola do suéter de tricô creme. Tatuagens e anéis cobrem suas cicatrizes, aquelas que senti quando peguei sua mão. Lachlan me dá um aceno de cabeça, mas parece mais uma afirmação para si mesmo do que para mim. — Leander vai ficar impaciente. E o impaciente Leander se transforma em um Leander esquisito.

— OK. Mande-me o endereço. Quando terminar aqui, pegarei um Uber e te encontro lá. Podemos conversar com ele sobre... coisas. Coisas da minha família.

Um aceno final, como se isso fosse tudo o que ele é capaz, e então Lachlan atravessa o saguão e entra no vento forte do outono. Observo o Charger partir e então pego um punhado de doces para Ethel.

Quando os levo de volta para o quarto da minha tia, ela está fingindo estar dormindo.

— Você é hilária — eu digo enquanto despejo os doces em seu cobertor. — Eu sei que você está fingindo. Você ronca quando dorme. Em voz alta, devo acrescentar.

— Não. — Ela diz sem abrir os olhos. — Você não foi com ele.

— Obviamente.

— Por que não?

— Estou ocupada aqui.

— Bem, eu não quero você, garota. Preciso do meu descanso de beleza. E presumo que seu marido precise de alguma coisa se veio aqui.

Cruzo os braços e olho para Ethel, embora ela ainda não tenha aberto os olhos. — Ele disse que posso ir à casa do chefe dele hoje, mas não me mandou instruções.

Um olho nublado se abre e me examina antes de Ethel enfiar a mão debaixo do travesseiro e pegar um telefone.

— O que você está fazendo?

— Mandando uma mensagem para seu marido para que eu possa ter um pouco de paz e sossego.

— Como você tem o número dele?

Minha tia me encara enquanto coloca o telefone de volta e se acomoda mais fundo sob as cobertas. — Eu recebo os números de todos os meninos, senhorita. — ela diz enquanto me afasta, o tubo intravenoso pendurado no topo da sua mão. Um segundo depois, uma mensagem de Lachlan chega ao meu telefone com um alfinete. — Agora saia daqui. E leve os muffins para o chefe dele com você. Fiz frescos esta manhã com a enfermeira Lucy. Eles estão na recepção.

— Como você... — Balanço a cabeça, mas ainda sorrio enquanto dou um beijo na bochecha da minha tia. — Amo você, criadora do inferno.

— Sh. Não dê ideias ao diabo. Eu quero me aproximar dele. E você e Lachlan não vão testar esses muffins. Tudo isso é para Mayes.

Ethel me abençoa com um sorriso atrevido, em seguida, com um suspiro profundo e satisfeito, fecha os olhos. Balançando a cabeça, pego minha bolsa e peço um Uber, em pouco tempo estou indo para a ampla casa de Leander Mayes com uma caixa de muffins da minha tia no colo.

Quando passamos pelo portão fortificado e a casa aparece, Lachlan está me esperando na entrada. Paramos e ele se adianta para abrir minha porta, com a mão estendida em uma oferta. Hesito apenas brevemente antes de tomá-lo.

— Obrigado por ter vindo. — diz ele enquanto esperamos a partida do Uber. Ele parece desconfiar das intenções do meu motorista até que as luzes traseiras desaparecem nas curvas da estrada sinuosa.

Eu me pergunto há quanto tempo ele está fazendo isso, estudando coisas e pessoas cotidianas, certificando-se de que nada está errado. Já vi isso nele antes, a maneira como examina uma multidão, em busca de ameaças. Ele é vigilante, cauteloso com inimigos escondidos à vista de todos, um instinto que foi gravado nele, tão indelével quanto a tinta em sua pele.

Eu me pergunto o quão cansativo isso deve ser, ou se ele percebe.

— Claro — eu digo. Ofereço um sorriso que ele não retribui. — Eu prometi que faria isso.

O rosto de Lachlan permanece sombrio enquanto ele abre a porta para mim. Sua mão encontra minhas costas quando passo pela soleira, seu toque acendendo um zumbido em minha barriga. — Lembre-se do que eu disse.

— Aquele Leander é um pouco maluco?

— Sim. E não recomendo aceitar bebidas destiladas. Raramente termina bem.

— Entendi.

— E pizza. Se ele pedir pizza, vamos embora.

— OK.

— Basicamente, não aceite nada que ele oferecer. — diz Lachlan com um estremecimento enquanto caminhamos pelo hall de entrada e por um corredor largo.

— Parece muito divertido.

Lachlan me conduz por outra porta, esta levando a uma escada de concreto que desce até o porão. Posso ouvir a voz jovial de um homem falando com música alta. Antes que eu possa dar o primeiro passo para baixo, Lachlan pressiona a mão na minha barriga para me impedir.

— Deixe-me ir primeiro — diz ele. Seu toque é gentil, apenas as pontas dos dedos me roçam, mas de alguma forma envia um arrepio pela minha pele. Agarro a caixa de muffins com um pouco mais de força. Acho que ele não percebe como minha respiração para ou meus lábios se abrem. Ele apenas olha diretamente para mim com uma

expressão tão cautelosa que parece dor. — Apenas tenha cuidado.

Ele levanta a mão e se vira para liderar nossa descida, deixando uma dor vazia para trás.

Não. Sem dor. Isso foi definitivamente uma pontada de fome. É só aquela conversa sobre pizza. Provavelmente.

E mesmo que não tenha sido a pizza e tenha sido uma dor, ainda é apenas uma simples biologia. Estou passando por um longo período de seca, só isso. E Lachlan está sendo extremamente taciturno e estranhamente protetor, e ele é gostoso, e eu tenho olhos. Eu posso apreciar o calor. Isso não significa que eu queira foder meu marido.

Eu dou uma risada.

A cabeça de Lachlan gira enquanto minha explosão ecoa pelo concreto. Ele olha para mim com confusão e medo, como se Leander pudesse entrar furioso pela porta no final da escada para explodir nossas cabeças.

E é basicamente isso que Leander faz.

— Bang, bang, bang.

Estou olhando para o cano de uma arma.

A princípio é tudo o que vejo, um instantâneo gravado na memória. A mão de Lachlan se estende e ele me puxa para o degrau atrás dele. O movimento demora apenas o suficiente para que eu capture a imagem de Leander na soleira da porta aberta, a arma erguida e um sorriso acolhedor, mas assustador, no rosto. E então tudo que vejo são as costas de Lachlan, meu corpo protegido pelo dele.

— Cristo fodido Jesus **seu psicopata. Guarde isso antes que você se mate e depois o resto de nós. — diz Lachlan, seu sotaque mais forte com sua irritação.**

Nosso anfitrião ri e abaixa a arma antes de se afastar da porta num convite para passar. — Nunca se pode ser muito cuidadoso.

— Você só estava tentando assustá-la.

— Ele terá que se esforçar mais da próxima vez — digo, embora

meu coração esteja batendo forte na minha garganta. Tento contornar Lachlan, mas ele desliza o braço em volta da minha cintura, colando-nos. Estendo a mão para Leander. — Lark Kane, prazer em conhecê-lo.

Leander sorri enquanto aperta minha mão. Há algo estranho nesse cara, assim como Lachlan disse. Uma desconexão entre seus olhos verdes penetrantes e seu sorriso cortante. — Kane, hein? Você não precisa continuar com isso aqui.

— Eu não estou. — Meu sorriso ganha um tom quando afasto a palma da mão e passo a ele a caixa de muffins que tenho na outra mão. — Por seu pedido. Estes foram preparados esta manhã pela própria minha tia. Seus famosos muffins de manteiga, maçã e canela.

— Oh, você me mima. Já gosto de você. — diz Leander, e sei pela forma como ele sorri para mim, que não é a manteiga, o açúcar ou a maçã e a canela que ele deseja. É poder. Para submeter a matriarca moribunda de Montague Muffins à sua vontade.

Em vez de voltar a mão para o lado do corpo, pego o braço de Lachlan, um detalhe que Leander absorve antes de nos levar para dentro.

Leander nos recebe em uma sala que parece um pub, com um bar abastecido, uma TV de tela grande e um alvo de dardos. Ele nos oferece bebidas que recusamos e nos direciona para um conjunto de sofás e cadeiras de couro. Não sinto nenhum conforto neste espaço que deveria parecer familiar. Tudo o que sinto está fora do meu alcance.

Mas ele não pode saber disso. E nem Lachlan pode.

Posso não saber o que estou fazendo negociando contratos neste mundo do submundo, mas uma coisa que sei é como desempenhar um papel.

— Vim discutir o contrato de Montague. — Digo. Leander está prestes a dar uma mordida em um muffin, mas faz uma pausa. Um sorriso lento se estende por seus lábios.

— Vamos direto ao assunto, hmm? Eu sabia que gostava de você. — Aquele sorriso de Leander alcança seus olhos enquanto ele olha para Lachlan. Ele dá uma mordida no muffin, deixando-nos em silêncio

enquanto mastiga e engole antes de falar. — Achei que você tivesse dito que haveria *dois* contratos em troca de sua aposentadoria.

Lachlan está rígido ao meu lado. Ele está sentado tão perto de mim que posso sentir a tensão irradiar de seus músculos contraídos. — Eu disse que minha esposa faria um acordo com você. As condições são com ela.

— Um contrato agora, pagarei o adiantamento integral e iniciarei um trabalho imediatamente — digo, forçando-me a manter seu olhar penetrante. — Assim que o trabalho estiver concluído, Lachlan estará fora e você terá seu segundo contrato.

As sobrancelhas de Leander se movem uma vez, uma reação que parece muito com insatisfação para o meu gosto. Sua cabeça balança com um aceno pensativo e ele dá outra mordida no muffin antes de levantar os olhos para mim. — Que garantia tenho de que você cumprirá o segundo contrato?

— Você não tem. — Lachlan diz antes que eu tenha a chance de responder. — Então não irei embora até que você o tenha.

Lanço um olhar penetrante para Lachlan antes que ele possa fazer mais promessas. Eu sei o quanto ele quer sair. Ele precisa disso. E não quero que ele fique nas mãos de Leander mais tempo do que o necessário. Algo sobre isso simplesmente não combina comigo.

Meu foco volta para Leander enquanto ele dá as últimas mordidas no muffin com um longo gole de cerveja. — Vou conseguir para você o contrato da Covaci, mas esse trabalho precisa ser feito primeiro.

— Procurar, proteger e matar, certo? — ele pergunta, e eu aceno. — Lachlan mencionou que o negócio dos muffins é mais sombrio do que parece. Certamente é delicioso. — Leander termina a última mordida e tira as migalhas das mãos antes de guardar o papel manteiga. — Alguns dos últimos feitos pela própria Ethel Montague. Beijo do chef.

Observo Leander beijar as pontas dos dedos em um gesto dramático de delicioso antes de seu olhar pousar no meu. Com apenas um piscar de olhos, ele passa de jovial e divertido a severo e sombrio.

Minhas sobrancelhas se levantam em uma pergunta silenciosa. E agora?

Depois de mais um gole de seu copo, Leander se inclina um pouco mais perto, juntando os dedos enquanto me olha. — Um milhão para o retentor. Cinco empregos por ano.

— Você me disse quinhentos mil — diz Lachlan. — E ela tem acesso ilimitado ao escritório para usar os recursos de investigação sempre que quiser.

O sorriso de Leander é predatório quando passa de Lachlan para mim. — Ela pode ter uso ilimitado. Para o dobro. E cinco empregos por ano.

— Seiscentos mil, acesso ilimitado ao escritório e quatro empregos por ano. E inicio esse trabalho hoje com um bônus de cem mil dólares se o agressor for identificado e morto antes que minha tia faleça. — Sinto o roçar fugaz dos nós dos dedos de Lachlan em meu pulso e me viro, encontrando a pergunta em seus olhos. Assim como no brunch com meus pais, sei o que ele está perguntando sem palavras. — Quero que ela saiba que sua família está segura antes de partir.

Um sorriso surge nos lábios de Leander enquanto ele estende a mão pelo espaço entre nós. — Feito.

Pego a mão dele, assim que a solto, ele já está escrevendo os números combinados e me passando a papelada para assinar.

Leander bate palmas. Com esse negócio concluído, seu comportamento muda novamente. Ele começa a cutucar Lachlan em busca de detalhes sobre os recentes casamentos de Kane, informação que Lachlan habilmente mantém no mínimo. Parece uma segunda natureza para Lachlan fornecer cor suficiente para Leander se sentir satisfeito e sombra suficiente para mantê-lo à distância. No momento em que transferi o dinheiro da retenção, Leander parece relaxado, talvez até um pouco bêbado, embora só tenha bebido um litro desde que chegamos.

Eu reprimo um sorriso sombrio.

— Tudo bem, crianças — ele diz com uma leve ofensa enquanto bate as palmas das mãos nos joelhos. — Sinta-se à vontade para começar no escritório sempre que quiser. Quanto mais cedo melhor, certo?

— Certo.

Leandro se levanta. Ele dá dois passos instáveis.

Então ele cai de cara no chão.

— Merda — Lachlan sibila enquanto se levanta. Aliso minhas mãos sobre minha saia enquanto Lachlan verifica a respiração de Leander e dá alguns tapinhas em sua bochecha. — Bem, isso é um bônus. Ele está vivo. — Quando o olhar chocado de Lachlan pousa em mim, estou esperando com um sorriso tímido. — O que diabos, Lark?

— Sim... eu meio que pensei que isso poderia acontecer.

— Sério?

Eu dou de ombros. — Ethel não gosta de ser mandada. Principalmente quando se trata de muffins. Ela fica um pouco vingativa.

— Que tal isso, sua maldita catástrofe - me dê uma pista da próxima vez antes de dar produtos assados drogados ao meu chefe psicopata, certo?

— Para ser justo, eu não tinha cem por cento de certeza de que eles estavam drogados. Ethel foi bastante vaga sobre não comê-los.

— Você ia me dizer isso?

— Achei que você não tocaria neles por despeito.

Lachlan balança a cabeça e aponta para o homem esparramado a seus pés. Um ronco estrondoso sobe do chão. Com uma série de maldições sussurradas, Lachlan o coloca na posição de recuperação e depois volta sua atenção para mim, com expressão incrédula.

— Não se preocupe. Ele ficará bem em quatro horas. E quando acordar lembrará que Ethel sempre dá a última palavra. Os Montagues podem psicopatar com os melhores, lembra?

— Cristo Jesus.

Com uma piscadela, levanto e bato palmas. O ronco de Leander continua, sem ser perturbado pelo som repentino. — Certo. Vamos para o escritório então, certo?

Lachlan me dá uma sacudida cansada de cabeça, depois gesticula para que eu o siga enquanto ele se dirige para a porta do porão.

A casa está vazia e silenciosa quando saímos pela porta dos fundos e caminhamos por um caminho curvo em direção a um prédio separado, que parece utilitário em comparação com a casa. Tijolo totalmente branco com telhado de aço preto, as janelas escuras não dando nenhuma indicação do que está dentro. O único ponto de acesso é uma porta de aço fortificada.

Lachlan coloca a mão esquerda em um painel de controle e depois se inclina em direção a uma lente circular que examina sua íris. Um momento depois, um conjunto de ferrolhos cilíndricos se desengata e a porta se abre.

— Muito chique. — eu digo enquanto Lachlan abre mais a porta e me permite passar pela soleira primeiro. — Eu deveria comprar isso para minha coleção de glitter. Eu sei que você está elaborando quando não estou por perto.

— Eu não tenho. — Lachlan finge parecer arrogante. — Se eu fosse roubar alguma coisa, seriam estrelas douradas. As estrelas douradas são claramente superiores às brilhantes.

Dou-lhe um sorriso provocador, e antes que qualquer um de nós possa ser sugado por um momento não abrasivo de leviandade, quebramos a conexão entre nós e nos aprofundamos na sala.

O interior é tão utilitário quanto o exterior do edifício, sem decorações no isolamento acústico waffle que reveste as paredes. Existem várias telas penduradas no teto, nada exibido em suas superfícies foscas. Quatro estações de computador ficam no centro da sala, cada uma com três monitores. As mesas são organizadas, apenas um mouse e um teclado em cada uma. Uma escada de metal leva a um nível inferior de onde ressoa um zumbido baixo.

— O que há aí embaixo? — pergunto com um aceno de cabeça para a escada enquanto Lachlan nos leva até uma das mesas.

— Funcionários — Lachlan responde enquanto puxa uma cadeira para eu sentar, em seguida, pega outra para si antes de ligar nossa estação. — Conor administra a maior parte em nome de Leander. Ele é o verdadeiro cara da tecnologia, mas ainda posso começar a busca. Normalmente, eu examinaria todos os arquivos de fundo que temos, pelo menos para o lado Covaci, mas como você está aqui, podemos pular algumas etapas.

— Você quer dizer que os arquivos estão *no computador?*

Lachlan olha de mim para o monitor e de volta para mim, a confusão estampada em suas sobrancelhas. — Sim… é… assim que funciona…

— Oh meu Deus, você literalmente não tem ideia do que estou falando. — Bato no braço de Lachlan com as costas da mão e reviro os olhos antes de clicar no campo de busca para digitar um nome. — É do *filme Zoolander***. Como estamos casados?**

Encontro o silêncio de Lachlan. Ignorando sua expressão reticente, puxo o teclado para mais perto. — Posso procurar alguém sobre isso?

— Sim, ele extrairá dados de diversas fontes. Registros de direção, informações médicas, antecedentes criminais, se houver. Algumas fontes são mais caras que outras, então começamos com o básico e construímos a partir daí. As informações mais valiosas podem ir para leilão, como se houvesse uma pessoa específica com uma recompensa pela sua cabeça, com vários empreiteiros explorando os registros, por exemplo. As informações do FBI têm um preço alto, então só iremos lá se tivermos certeza de que estamos no caminho certo. Custa-me uma pequena fortuna encontrar informações sobre assassinos em série para Rowan jogar seu joguinho com Sloane. Lachlan dá de ombros quando inclino a cabeça e franzo as sobrancelhas. — Mantém-no longe de problemas por aqui. E isso o deixa feliz.

Dou-lhe um breve sorriso que ele parece ignorar antes de voltar

para a tela. O sistema parece elegante, mas simples, e começo a digitar um nome no campo de pesquisa na parte superior da página.

Luís Campbell. Localização: Connecticut. Idade, deixo isso em branco. Ocupação: educação. Não me preocupo com os campos de pesquisa avançada, detalhes que não conheço ou talvez tenha conhecido uma vez, mas esqueci.

Eu pressiono enter. Sete Louis Campbells aparecem em uma lista abaixo dos campos de pesquisa. Cada um tem detalhes básicos – idade, endereço, detalhes de contato, seguro médico, prestadores de serviços públicos, histórico profissional. Um cartão de contato soa para mim como uma sirene.

— Louis Campbell? Quem é esse? — Lachlan pergunta, e sua pergunta fica pendurada como um enfeite no silêncio. Não respondo enquanto passo o cursor sobre o nome dele. — Você acha que ele tem algo a ver com o que está acontecendo com sua família?

— Não. — Digo enquanto retorno o cursor para a caixa de pesquisa e limpo a consulta. — Eu só estava curiosa.

Embora eu sinta Lachlan me observando, não me viro para ele. — Tem certeza que...

— Talvez devêssemos começar com os nomes mais óbvios e trabalhar a partir daí. — Meus dedos voam pelo teclado. — O inimigo da minha tia seria o candidato mais provável.

Tenho informações suficientes sobre Bob Foster para inserir nos campos de pesquisa e obter os resultados para gerar um único cartão de contato. Quando clico nele, uma série de dados mais detalhados preenche a tela. Há uma linha de consultas bloqueadas na parte inferior da página, as informações escondidas atrás de acessos pagos.

— Duvido que ele mesmo fizesse o trabalho sujo, mas ele é definitivamente o tipo de cara que paga pelo caos. Você acha que podemos descobrir se ele estava envolvido?

Quando encontro o olhar de Lachlan, sua testa está franzida, seus olhos escuros enquanto percorrem minha pele, deixando calor para trás. — É o seu contrato, duquesa. Faça o que você quiser.

Volto minha atenção para a tela e mordo o lábio.

— É um bom plano — diz Lachlan enquanto aponta para uma das peças trancadas. — Clique nele e digite o número da sua conta Leviathan. Verificaremos os registros bancários dele e veremos se há algum pagamento recorrente na mesma época dos assassinatos. É por aí que eu começaria.

Eu sorrio para Lachlan. E embora seja suave e quase tímido, ele sorri de volta.

E nós caçamos os registros juntos.

Capitulo Quatorze
RETIRO



Lachlan se encosta ao lado do passageiro do Charger com os braços cruzados. As portas do Shoreview Assisted Living se fecham atrás de mim e dou alguns passos em direção à luz fraca da manhã nublada, minha bolsa pendurada em um ombro e a alça de um estojo de guitarra no outro. Embora meus olhos estejam escondidos por óculos escuros, sei que ele pode ver a surpresa e a ansiedade em minha postura cautelosa enquanto paro. Não sei por que estou surpresa quando já faz pouco mais de duas semanas que Lachlan faz pequenas coisas para tentar derrubar a parede que tento manter entre nós. Não é a primeira vez que ele aparece inesperadamente em algum lugar para me oferecer uma carona. Mas desta vez algo em sua expressão parece diferente, mesmo à distância, e isso me mantém presa no lugar.

Lachlan desdobra os braços, dando um passo para o lado para abrir a porta do carro. Ele vira o banco do passageiro para frente para que eu possa colocar meus pertences no banco de trás. Quando ele me encara mais uma vez, não me movi nem um centímetro.

— Vamos, duquesa. Vamos.

— Ir aonde? — Eu pergunto.

— Não posso te contar.

Engulo e mexo na alça da bolsa, mas não me aproximo. Uma

batida pesada ressoa em meu peito enquanto a indecisão e a desconfiança me prendem ao chão.

Lachlan dá um pequeno passo à frente e eu permaneço imóvel, minha respiração constante vira uma névoa no ar frio. — O... uh... o banco do passageiro é confortável.

— Melhor que o porta-malas?

Ele estremece. — Achei que seria muito cedo para essa piada.

— Provavelmente iria surgir eventualmente.

Sua mão desliza para a nuca. Cruzo os braços sobre o peito, esperando para ver o que ele dirá. Nunca falamos abertamente sobre aquela noite... talvez sejamos ambos muito teimosos ou não estejamos dispostos a romper a frágil paz que cresceu entre nós. Mas algo parece diferente em Lachlan hoje. Como se houvesse dor de cabeça e esperança em seus olhos.

Ele dá mais um passo à frente. Eu mantenho minha posição. — Naquela noite em que nos conhecemos — diz ele, com a voz suave de pesar. — A maneira como agi, a maneira como descontei minha atitude de merda em você, colocando você no porta-malas... não foi certo. Sinto muito, Lark. Eu sei que o que fiz foi... foi cruel. Eu gostaria de poder voltar atrás. Eu gostaria de poder retirar muitas coisas. Mas não posso. Só posso dizer que sinto muito e não vou pedir que você me perdoe.

Endireito os ombros e levanto o queixo. — Bem, isso é um pedido de desculpas meio decente, além da parte estranha do perdão.

— Não vou pedir que você me perdoe porque quero merecê-lo. — Lachlan dá um último passo mais perto. Gentilmente, ele pega a alça da minha bolsa e a tira do meu ombro. — E quando eu fizer isso, você pode me avisar.

Minhas bochechas esquentam sob o frio cortante do vento. E ele vê isso. Seus lábios se curvam em um leve sorriso antes de ele se virar e começar a caminhar de volta para o carro.

— Você parece bastante seguro de si. — eu grito atrás dele.

— Sim, bem, eu não sou do tipo que desiste facilmente. Não tenho

medo de trabalhar.

— E se nós dois conseguirmos o que queremos e o tempo do nosso casamento acabar, mas eu ainda não te perdoei? — Eu pergunto. — Acho que você está limpo então, certo?

Lachlan se encolhe com a dor das minhas palavras.

Ele coloca minha bolsa no banco de trás e tira os óculos escuros enquanto se vira para mim. O couro das minhas luvas range quando meu aperto aperta a alça do estojo do violão. Agarro-o como se fosse uma tábua de salvação em águas agitadas. — Não há data final, duquesa. Entre — diz Lachlan. — Temos um lugar para ir, antes que você pergunte de novo, não vou lhe contar. É uma surpresa. Então, por favor, entre.

Eu sorrio e me aproximo, finalmente passando o instrumento para ele. — 'Por favor'? Não sabia que essa palavra estava no seu vocabulário.

— Estou cheio de surpresas — ele diz enquanto pousa o violão e coloca o banco do passageiro de volta no lugar. Ele se vira para mim e oferece a mão. Eu fico olhando para ele, imóvel e desconfiada.

— O que você está fazendo?

— Ajudando você a entrar no veículo. Você sabe, como um cavalheiro. Acredite ou não, normalmente sou um cara bem-educado e não um babaca total. Você acabou de me pegar em um dia ruim. — ele diz, o que lhe rendeu uma bufada. — Ok, talvez alguns dias de folga.

— Bem, esse lado cavalheiresco está me deixando estranho.

— Então eu acho que você tem duas escolhas. Acostume-se com o estranho ou lute comigo em cada etapa do processo. De qualquer forma, não vou parar.

— Você percebe que não vou ser idiota no plano de desculpas aceleradas de Lachlan Kane, certo? — Eu digo enquanto deslizo minha palma sobre a dele. Ele ri enquanto me coloca no carro.

— Vou colocar isso nas minhas anotações. — diz ele. — 'Não transforme Lark em perdão'.

Quando ele começa a dirigir, ele segura o volante com muita força, ficando um pouco distraído quando conecto meu telefone ao aparelho de som. Quando pergunto a ele sobre música, ele para o carro no sinal vermelho. Ele resmunga um punhado de palavrões e suas bochechas ficam vermelhas. Quando ele olha em minha direção, viro-me para olhar pela janela, escondendo um sorriso provocador.

Levamos um minuto para encontrar nosso passo. Mas logo estaremos falando de... tudo. Quando chegamos ao nosso destino, já estamos conversando há meia hora sem parar sobre a banda com a qual estou ensaiando e me sinto à vontade.

Pelo menos eu faço isso até virarmos em uma rua tranquila e pararmos no final de uma passarela pavimentada.

— O que é isso? — Minha cabeça gira entre Lachlan e a casa de toras no final do caminho. Sua placa preta e dourada diz apenas *ROCK ROSE LODGE.* **Meus olhos se estreitam com suspeita, todo o conforto que senti na presença de Lachlan de repente desapareceu e foi substituído por um nó desconfortável que aperta meu peito. — Este é algum tipo de lugar aonde você vai me deixar na tentativa de curar minha... como você a chamou...***veia psicopata brilhante?*

— Cristo Jesus. Não, Lark. — Lachlan se abaixa e solta meu cinto de segurança, guiando a fivela para longe do meu corpo e de volta ao seu lugar no meu ombro. — Rock Rose Lodge é um retiro para dormir.

Minha respiração fica presa na garganta enquanto tento processar suas palavras. — Um... o quê?

— Um retiro de sono. Eles são especializados no tratamento da insônia. — Lachlan tira um folheto do bolso interno da jaqueta e o passa para mim. — Sessões de terapia sonora. Yoga. Acupuntura. Terapia de luz. Planos de refeições. Há uma especialista em sono aqui, Dra. Sargsyan. Ela ajudará a fazer um plano personalizado para você seguir.

— Retiro de sono...? — Eu sussurro, minhas palavras são um eco, preso em um atraso.

— Isso mesmo. E você vai ficar durante o fim de semana

prolongado e cuidar de si mesma. Se não funcionar, tudo bem. Continuaremos procurando por algo que faça isso. O tempo livre será bom para você de qualquer maneira.

Meus olhos são fendas estreitas. — Você acabou de me sequestrar para fins nefastos sob o pretexto de dormir?

— *Não.*

— Mas...

— Você precisa de. Tempo. De descanso. — Seu olhar permanece firme no meu, como se esperasse de alguma forma gravar essas palavras em minha mente. Pressiono meus lábios enquanto lágrimas ardem em meus olhos. A mão de Lachlan se fecha em punho, como se quisesse me tocar, mas se detém. — Olha, eu sei que você poderia simplesmente ligar para um Uber assim que eu partir. Mas quero que você tente.

— Você não vai ficar?

— Não. — ele diz enquanto desliza a mão pela nuca. — Achei que seria melhor para você se eu não fizesse isso.

— Hum... sim. — eu digo com um sorriso frágil. — Faz sentido. — Embora eu baixe o olhar para o folheto, apenas dou uma olhada rápida nos detalhes, porque a verdade é que eu realmente quero fazer isso. Mas sou necessária em outro lugar. Dobro-o e coloco-o no colo, voltando os olhos para a cabana. — É que há tanta coisa acontecendo agora.

— E toda essa merda pode esperar. Você pode poupar um pouco de tempo.

Além de um leve aceno de cabeça, não respondo. Eu apenas mantenho minha atenção fixa no retiro enquanto fico inquieta, tocando uma música fantasma com uma mão nas costas da outra. Ninguém nunca fez nada assim por mim antes. — E você? — pergunto finalmente, ainda sem vontade de olhar na direção de Lachlan.

— Estarei fora o resto do dia. Mas você pode me ligar hoje à noite se precisar de mim, certo? Devo estar de volta às onze. Não tenho planos de falar sobre isso durante o resto do fim de semana.

Suas palavras são recebidas com silêncio enquanto mil pensamentos giram em minha cabeça. Um rubor sobe pelo meu pescoço enquanto olho pela janela e mordo meu lábio inferior. Eu quero ir. Mas e se algo acontecer com Ethel? E Bentley? Minhas responsabilidades? Ensaios da banda? E o mais inesperado, e se Lachlan estiver tentando se livrar de mim durante o fim de semana? Há alguma mulher que ele queira levar para casa? Não é como se fôssemos um casal de verdade. Nunca conversamos sobre não estar com outras pessoas. Então, por que um buraco queima no meu peito quando me pergunto se essa é a verdadeira razão pela qual ele está fazendo isso?

— São apenas alguns dias, Lark. Se acontecer alguma coisa, não demorarei muito para vir buscar você. Conor está procurando nas informações que obtivemos pistas sobre o pessoal de Foster e eu o coloquei monitorando as investigações policiais sobre os casos de assassinato, então não há muito que possamos fazer até que ele termine seu trabalho. E vou visitar Ethel. Vou levar Bentley para vê-la. Você pode desligar o telefone, eu tenho o número do retiro e eles te avisarão imediatamente se algo acontecer. Mas tudo ficará bem, sim...?

Não tenho certeza do que devo dizer. Para começar, como vou dizer a ele que tenho medo de perder algo que não é meu? Por que deveria significar alguma coisa para mim o que ele está fazendo ou com quem está saindo? Não é um casamento de verdade. *Não é real.*

O silêncio se estende no carro. E então sinto seu toque. Um simples toque de seus dedos nos ossos das costas da minha mão.

Minha cabeça gira e eu fixo Lachlan com um olhar letal.

Ele afasta a mão como se tivesse medo de ter ultrapassado o limite, mas isso só torna a situação ainda pior. Lágrimas frustradas enchem meus olhos.

— Lark...

— Por que isso é tão difícil? — Eu deixo escapar.

Lachlan balança a cabeça, confusão gravada entre suas sobrancelhas. — Por que o que é tão difícil?

A primeira lágrima rompe a linha dos meus cílios e desliza pela minha bochecha em direção aos meus lábios trêmulos. O rosto de Lachlan se enruga de preocupação enquanto perco a batalha para conter minhas emoções. — Você. — eu digo com um movimento da mão entre nós enquanto mais lágrimas escapam do meu controle. — Isso. É tão difícil. Não quero me importar com o que você está fazendo ou para onde está indo. Isso não deveria importar para mim. Mas isso importa, porra, e não sei *por quê...*

Lachlan agarra meu queixo e olha diretamente para mim até que eu feche os olhos. — Lark — ele sussurra. Tento enterrar o tumulto que sinto, mas ele é imparável, um núcleo derretido que se agita no escuro. Posso sentir isso no calor que irradia da minha pele, no martelo da minha pulsação sob o dedo que Lachlan deixa descansar em meu pescoço. — Lark, olhe para mim.

Abro os olhos, mas não consigo sustentar o olhar de Lachlan, não com a dor e a contrição que me encaram.

— Sei que este não é o tipo de casamento que nenhum de nós imaginou para si mesmo. Eu sei que não é... ideal. — ele diz enquanto coloca a outra mão sobre a minha, onde ela descansa no meu colo, minha atenção presa no simples toque. — Mas se você está preocupada com a possibilidade de eu te abandonar e quebrar nossos votos, esse não sou eu. Não importa que não seja um casamento normal. Se eu fizer uma promessa, eu a cumprirei.

O polegar de Lachlan desliza em um arco lento através da linha de lágrimas em minha bochecha enquanto eu respiro firmemente, soltando o ar novamente em um fluxo fino através dos lábios franzidos. É preciso mais esforço do que espero para enterrar meus medos, inseguranças e esperanças de volta ao lugar a que pertencem. Nas sombras. Eu visto uma armadura familiar e levanto o queixo, e quando encontro o olhar de Lachlan, ele reprime um sorriso indiferente. — Eu... eu realmente não me importo com o que você faz no seu tempo livre, você sabe. — eu digo.

Um sorriso surge em seus lábios enquanto sua mão cai do meu rosto, a suavidade de seu toque impressa em minha carne. — Definitivamente não, não.

— E eu não te perdoo.

— Confie em mim, eu sei.

— Se você acha que vai... me fazer dormir... para que eu te perdoe...

— Acho que talvez seja apenas hipnotizar...

— ...não vai funcionar. Você não pode me subornar com travesseiros ou algo assim.

— Não estou tentando subornar você. — Qualquer indício de leviandade desaparece da expressão de Lachlan. Ele se inclina um pouco mais perto e segura meu olhar. Desta vez, não desvio o olhar. — Eu vejo o quanto você está fazendo. Eu sei o que é estar tão ocupado cuidando de todo mundo que você se esquece de como cuidar de si mesmo. Você vai se queimar dessa maneira. E não vou apenas sentar e ver isso acontecer, Lark. Não se este lugar estiver bem aqui, pronto para ajudar.

Quando ele acena na direção do rancho, sigo sua linha de visão, passando a bainha da manga sob os cílios. — Tudo bem — respondo depois de um longo momento. Digo isso mais uma vez e pontuo minha declaração com um aceno decisivo antes de finalmente voltar meus olhos para Lachlan. — Obrigada.

Ele oferece um leve sorriso antes de sair do veículo, pegando meus pertences no banco de trás e depois uma mochila que ele arrumou para mim no porta-malas. Resmungo com ele sobre ter examinado minhas calcinhas, depois sobre meu aparelho e depois sobre a calcinha de novo, mas não posso deixar de apontar coisas que também gosto, desde o enorme prédio de troncos e pedra até o Lago Bantam que se estende atrás dele e as trilhas que serpenteiam pela floresta.

A equipe da recepção me registra e descreve as comodidades e o plano para os próximos dias, e sinto o foco de Lachlan em mim o tempo todo, sua atenção inabalável e protetora na periférica. Quando um atendente pega minha bagagem e começa a me guiar em direção ao meu quarto, paro no centro do saguão e me viro para encará-lo. Eu sei

que pareço uma merda. Meus olhos estão inchados, meus cílios úmidos com lágrimas frescas, minha pele manchada. Mas Lachlan olha para mim como se eu fosse linda. Como se ele não suportasse desviar o olhar.

— Obrigada, Lachlan. — eu sussurro.

Ele concorda. Eu deveria girar nos calcanhares e ir embora e colocar algum espaço entre nós.

Mas eu não faço. Nem mesmo quando Lachlan se aproxima.

Fico imóvel no centro do piso de pedra do saguão, como se tivesse sido esculpida nele, minha expressão insegura quando Lachlan para na minha frente. Ele passa a mão pelo meu cabelo e gentilmente puxa minha cabeça para seu peito. — Descanse um pouco — ele sussurra em meu ouvido. — Vejo você em breve.

Seus lábios pressionam minha têmpora em um beijo que dura apenas o suficiente para eu respirar fundo seu perfume de couro, âmbar e menta, e então ele me solta. Com um último sorriso melancólico, ele enfia as mãos nos bolsos da jaqueta e vai embora. Quando ele olha por cima do ombro, estou exatamente onde ele me deixou, minhas bochechas coradas e um leve indício de sorriso em meus lábios.

Antes que desapareça, Lachlan se vira e sai pela porta.

Capitulo Quinze
SINAIS



Entro no carro e seguro o volante. Uma respiração profunda é todo o tempo que me permito antes de ligar o motor e sair do Rock Rose Lodge.

Eu trabalho nas próximas horas, embora me mantenha ocupado, meus pensamentos sempre voltam para Lark. Meu pulso acelera a cada segundo que chega perto das onze. Parte de mim espera que ela não ligue. Que ela estará dormindo. Mas uma parte mais egoísta de mim precisa ouvir a voz dela.

São onze e dois minutos quando meu telefone toca.

— Ei, duquesa.

— Ei. — Posso dizer por essa palavra que ela está bem acordada. — Eu não conseguia dormir. Ainda um pouco nervosa, eu acho... Estou incomodando você?

— Não. De jeito nenhum.

Há uma pausa. — Como foi sua noite?

— Estava ocupado — respondo, tentando não deixar a excitação influenciar minhas palavras. Sei que o mistério do meu paradeiro esta noite a incomoda. — Vi algumas pessoas. Fiz alguma merda.

— Legal...

Ela quer perguntar. Mas ela não vai. E deixei o momento durar um longo tempo antes de finalmente dizer: — Quer ver o que eu estava fazendo?

Há um farfalhar ao fundo. Imagino Lark saindo da cama e correndo até a janela do quarto. — O que você quer dizer? Você está aqui?

— Talvez. — Eu digo, e ela não consegue abafar um grito animado que incendeia meu sangue. — Você quer vir comigo? Posso ter outra pequena surpresa para você, mas pode esperar alguns dias...

— Não, estou indo agora.

Meu sorriso se alarga quando a ouço juntar seus pertences. — Deixe a bolsa gigante aí, duquesa. E coloque um suéter. Saia pela porta dos fundos da pousada e tente não deixar ninguém te ver. Mantenha-me na linha até chegar ao carro, estou estacionado na frente.

— Ok — ela diz, um pouco sem fôlego.

Em apenas alguns momentos, Lark está correndo pelo caminho que sai do chalé e eu ligo o motor assim que ela abre a porta. Em um movimento giratório, ela está sentada ao meu lado, seu perfume familiar e sua energia brilhante são um bálsamo para a ansiedade inesperada que senti em sua ausência.

— Onde estamos indo? — ela pergunta.

— Não posso dizer. — Olho bem a tempo de ver seu beicinho provocador. Esses malditos lábios. Meu pau dói com a imagem repentina da minha ereção deslizando através do abraço quente de sua boca. Eu me movo no assento e me concentro novamente na estrada à frente enquanto nos afastamos. — Digamos apenas que o retiro do sono está em uma localização privilegiada. E isso constitui um álibi sólido.

Olho para Lark e encontro seu olhar cauteloso. Mas ela não consegue esconder a excitação que brilha em seus olhos.

Quase não conversamos durante a curta viagem até nosso destino, mas Lark preenche o silêncio com músicas. Talvez ela esteja tão nervosa quanto eu. Lembro-me do reservatório de Scituate e de

como cheguei ao local do "acidente" de Lark, de como minha lanterna iluminou uma mulher sozinha na estrada, com sangue escorrendo do corte profundo em sua testa. Eu me pergunto se Lark também volta a essa memória. Ela nunca me contou sobre Jamie Merrick, o homem que tirei do lago, mas estive pesquisando sobre ele no escritório de Leander em meu tempo livre durante minha recente busca para saber mais sobre minha esposa. Um dia, talvez ela esteja disposta a me contar tudo. Talvez até depois desta noite.

São onze e meia quando viramos em uma entrada de cascalho e estacionamos entre uma van branca e um Jaguar antigo. Há uma cabana em forma de A à nossa frente, o lago brilhando logo atrás dela, as ondas negras iluminadas pelas luzes que saem das altas janelas da cabana. Conor sai para a varanda e nos acena. Lark segura à maçaneta da porta e se move para sair do Charger quando eu agarro seu pulso para impedi-la.

— Você não precisa fazer isso. — Eu digo.

— Fazer o quê? — Os olhos de Lark mudam entre mim e a cabana. A confusão está gravada entre suas sobrancelhas. — A quem?

— Você vai ver. Mas estou lhe contando agora. Você pode ir embora.

Os olhos de Lark permanecem em mim, caindo na minha boca e descansando lá. Ela balança a cabeça e eu desdobro meus dedos de seu pulso.

Saímos do carro e retiro minha caixa de ferramentas do porta-malas. Resisto à vontade de pegar a mão de Lark enquanto subimos as escadas de madeira para encontrar Conor na varanda. Ele segura uma arma em uma mão e maços de papel na outra.

— Tudo certo? — Pergunto enquanto pego a arma e os documentos de suas mãos estendidas.

— Não há muito a relatar. Ele conseguiu ser pouco vocal. Dei a ele algo para aliviar a tensão e prendi-o bem com fita adesiva para que eu pudesse trabalhar um pouco, mas ele está acordado agora. — O olhar de Conor muda para Lark, e sinto a tensão irradiar dela enquanto ela

tenta entender o que está acontecendo. Uma espécie de esperança sombria se instala em meu peito quando volto minha atenção para a arma em minha mão e verifico a munição antes de me virar para encarar Lark. Quando ela estremece de frio, coloco meus pertences no chão e tiro minha jaqueta para colocá-la sobre seus ombros. Seus olhos brilham na penumbra enquanto ela me observa e o resto do mundo desaparece na escuridão. Tudo que vejo é ela. A maneira como seus lábios se abrem para derramar suas exalações nebulosas na noite. A pulsação que tamborila em seu pescoço. Minha mão se levanta além do meu controle e passo as pontas dos dedos por sua bochecha. Sua respiração fica presa ao meu toque.

— Entre se quiser. Você saberá quando. — Eu digo, deixando minha mão cair.

A cabeça de Lark se inclina. — Como?

— Vou te dar um bat sinal. — Sorrio quando Lark revira os olhos e aceno em direção à caixa de ferramentas aos meus pés. — Isso é para você. Até mais, duquesa.

Com um beijo rápido na bochecha de Lark, dou a Conor um olhar astuto e depois entro na cabana do Dr. Louis Campbell.

As luzes estão baixas, a sala está escura. Existem estantes de livros antigos. Pinturas a óleo em pesadas molduras douradas. Diplomas e prêmios. Fotos com políticos, os cabelos grisalhos de Campbell penteados, o sorriso descolorido, todos os ternos bem ajustados. Fotos dele com a esposa e os filhos comuns em uniformes escolares. Paro em uma mesa lateral e olho para uma foto de seu rosto sorridente congelado no tempo. Um gemido chega até mim na sala de jantar, e encontro os olhos aterrorizados do mesmo homem da fotografia, só que desta vez ele está amarrado a uma cadeira ornamentada. O diretor do Ashborne Collegiate Institute.

Estou genuinamente animado.

A princípio, pensei que sentimentos como alegria, esperança ou excitação tivessem sido entorpecidos em mim, desgastados pelas marés de um mundo implacável. Mas eu estava errado. Desde que Lark entrou na minha vida, me sinto animado todos os dias. Tudo começou

quando segui Lark até a varanda na noite da inauguração do restaurante Rowan, embora no início tivesse um toque cruel, gradualmente se transformou. Percebo agora que fico animado toda vez que a vejo. A necessidade de afastá-la tornou-se um desejo de aproximá-la. Não quero apenas ouvi-la rir, preciso merecê-la. Cada vez que ganho um pouco de terreno, quero mais. Quero sair da sombra e voltar para a luz dela. Mesmo sem perceber, fiquei viciado nisso. *Nela*.

As necessidades de Lark são minha prioridade. Mesmo aquelas que ela não conhece.

Como aquele que está preso diante de mim agora.

Aproximo-me do Dr. Campbell e arranco a fita adesiva de seus lábios.

— O-o que é isso? — ele gagueja. Sua voz com sotaque de Cambridge está tensa de pânico. Ele se debate, mas Conor amarrou até a cabeça no encosto alto da cadeira. Tudo o que ele pode fazer é desviar os olhos, e eles se movem em todas as direções com angústia. — Quem é você? Do que se trata?

— Do que você acha que se trata?

Campbell faz uma pausa, avalia as opções e depois escolhe a mais decepcionante. — Dinheiro. Se é dinheiro que você quer...

— Errado. Tente novamente.

Uma centelha de pânico brilha em seus olhos. Sua pulsação aumenta acima da borda afiada do colarinho da camisa. — Isso tem algo a ver com uma conexão política.

— Medíocre. — Um sorriso aparece em um canto dos meus lábios. — Para um homem que dirige uma escola de excelência em artes, seus palpites são pouco criativos, Dr. Campbell.

Ele não diz nada enquanto coloco os papéis sobre a mesa. Pego a folha de cima e a seguro para que ele possa ler.

— Estou aqui por algo muito mais divertido do que dinheiro ou conexões. — digo.

As bochechas de Campbell se iluminam com manchas vermelhas

enquanto seus olhos passam entre mim e as palavras no e-mail impresso.

Eu me inclino mais perto e mantenho seu foco enquanto meu sorriso se estende. — Estou aqui por vingança.

— Eu não fiz nada. — declara ele.

— Precisamente. Você não fez *nada*. Pego o próximo e-mail e o mostro para ele ler. — Você não fez nada quando a Sra. Kincaid levantou preocupações sobre a deterioração da saúde mental de uma estudante que estava trabalhando em particular com o diretor artístico Laurent Verdon em seus preparativos para a faculdade. — Jogo a folha de lado e pego a próxima. — Sra. Kincaid novamente, levantando questões sobre por que o Sr. Verdon estava passando tempo com outra garota fora da aula. Você também não fez nada e considerou isso um trabalho extracurricular para audições. Outro email, outra pergunta, outra garota. Eu o forço a ler um após o outro até chegar aos dois últimos.

— Eu não...

— *Cale a boca* — rosno, firmando minha mira para manter o cano da arma apontado para a testa suada de Campbell. Eu levanto o penúltimo papel perto de seu rosto. — Sr. Mehta desta vez. Ele te trouxe uma preocupação sobre uma aluna que parecia, o que ele disse de novo? Oh sim. 'Extremamente retraída'. Ele tinha visto o Sr. Verdon sair do salão de artes uma noite, enquanto se dirigia para a sala dos professores. No caminho de volta para seu escritório, o Sr. Mehta ouviu alguém chorando. A garota retraída estava na sala de artes, sozinha no escuro. Ela estava espalhando tinta preta em uma tela colorida. Quando ele perguntou o que aconteceu, ela não contou, mas o Sr. Mehta suspeitou que o Sr. Verdon tinha algo a ver com isso. Então ele pediu que você investigasse. Ele estava preocupado com a garota. — O pânico tira a cor da pele de Campbell. — Ela é a esposa do meu irmão. Sloane Sutherland.

Campbell tenta balançar a cabeça, mas ambos sabemos que seu protesto é inútil. — Falei com a Srta. Sutherland. Ela não me contou nada. Não havia razão para acreditar que Laurent Verdon estivesse

envolvido em atividades inadequadas com ela ou qualquer outra aluna. Não houve evidências para apoiar essas preocupações.

— Não havia vontade nem de procurar evidências, não é? Porque Laurent Verdon tinha tantas conexões quanto você, e você precisava explorar cada uma dessas oportunidades para garantir que o Ashborne Collegiate Institute permanecesse uma escola particular exclusiva e de alto nível, para que você pudesse garantir uma doação considerável de certo benfeitor rico, uma doação que você pretendia desviar para encher seus bolsos. Negócios são negócios, certo?

— Isso é categoricamente falso.

— Cuidado, Dr. Campbell. Se eu consegui esses e-mails, o que mais você acha que encontrei em minhas viagens pela sua sórdida vida privada? A propósito, como está sua amante? — Eu balanço minha cabeça e tsk. — Foder a babá, nada original.

O silêncio é tão denso que pressiona minha pele. Campbell engole em seco, com os lábios trêmulos. — Escute, quem quer que você seja. Embora eu entenda que você esteja chateado, permanece o fato de que as alegações sobre conduta inadequada são extremamente sérias e podem ter implicações destruidoras de carreira, e não devem ser perseguidas apenas com base em boatos. Além disso, o Sr. Verdon não está mais em Ashborne.

— Oh, eu sei que ele não está. — Eu digo.

Minha mão treme. Meu coração sobe pela garganta a cada batida. A raiva pinta minha visão de vermelho no momento em que seguro a mensagem final entre nós.

— Este é sobre uma garota feliz. Alguém que é querida. Talentosa. Efervescente. Aquela sobre quem o Sr. Aoki alertou você quando a encontrou tremendo em um canto da sala de música com o uniforme manchado e torto. Ele tinha certeza de que algo sério havia acontecido, mas ela não lhe contaria o que era. Ele estava preocupado com o bem-estar dela. E apenas um dia depois, Verdon desapareceu misteriosamente.

Campbell fica rígido sob suas amarras enquanto dou passos

lentos e predatórios ao redor da borda da mesa até ficar ao lado dele, meus olhos fixos nas palavras na página. Para o nome. À imagem da pessoa que evoca, e tudo isso deve estar escondido sob o que posso ver.

— O nome dela era Lark Montague. — A arma clica quando eu solto a trava de segurança. — E ela é *minha esposa***.**

— Não, por favor...

— Você deveria mantê-la segura. Mas você *falhou.*

— Por favor, *por favor...* **— Campbell implora enquanto pressiono minha arma em sua têmpora. — Se você a ama, você não vai me machucar. Fiz um acordo com os Montagues para ajudá-los a encobrir o desaparecimento de Laurent. Eu gravei essas discussões. Se alguma coisa acontecer comigo, a informação irá direto para o FBI.**

— Você quer dizer as informações que você armazenou no cofre do seu escritório em casa e as cópias que você guardou aqui em Bantam Lake? — Uma profunda sensação de satisfação floresce em meu peito quando Campbell choraminga enquanto pressiono o supressor com mais força contra sua pele. — Já que você tem uma tendência tão boa de não fazer nada, eu não queria que você começasse agora fodendo a vida dela do além-túmulo. Eu tenho tudo.

— E-estou implorando — diz Campbell. — Eu vou te dar qualquer coisa, só por favor, não me machuque.

— Isso não depende de mim.

Abaixo minha arma e dou um único passo para trás.

A porta se abre. Campbell choraminga enquanto passos lentos se aproximam.

A voz de Lark é baixa e calma quando ela diz: — Olá, Dr. Campbell.

Vejo o momento exato em que ele percebe quem é Lark, e uma esperança equivocada inunda seus olhos lacrimejantes. — Srta. Montague, *por favor...*

— Kane — diz Lark. — Sra. Kane.

— Sra. Kane, sinto muito. Por favor*, me ajude.*

Lark coloca a caixa de ferramentas sobre a mesa e apoia a mão na tampa enquanto se vira para fixar seu olhar no homem trêmulo na ponta da minha arma. Minha linda esposa. Um demônio angelical, tão perversamente inocente, suas feições doces e acolhedoras contrastavam com a frieza letal em seus olhos cristalinos.

— Meu marido me trouxe um presente. — diz ela enquanto abre os fechos da caixa. — Estou morrendo de vontade de saber o que tem dentro. E você?

Campbell soluça enquanto Lark abre a tampa.

Um grito assassino sai dos lábios de Lark enquanto ela bate palmas. Ela sorri para mim e não posso deixar de sorrir quando ela tira um pequeno pote de vidro. — Você me trouxe purpurina. — diz ela, sacudindo o pote. Dou de ombros e tento parecer indiferente, mas posso sentir minhas bochechas esquentarem com um rubor tímido. Lark tem piedade de mim e volta sua atenção para o conteúdo, demorando para examinar e anunciar cada item, desde adesivos de estrelas douradas até um conjunto novo de facas polidas.

Lark tira uma agulha e linha dourada da caixa.

— Sabe, foi minha tia quem me ensinou a costurar. — diz ela enquanto enfia a linha na agulha e dá um nó em uma das pontas. Campbell resiste às amarras e choraminga quando ela se senta em seu colo. — Eu sou muito boa nisso.

Com mão firme, Lark perfura o lábio inferior de Campbell. Ele chora de dor, mas não há ninguém à distância para ouvir seus pedidos de ajuda enquanto Lark puxa lentamente o fio através de sua carne.

— Você sabia que foi assim que finalmente contei a Sloane o que o Sr. Verdon estava fazendo comigo? — Lark enfia a agulha no lábio superior e estica a linha, fechando a primeira sutura. — Ele rasgou meu uniforme. Eu queria consertar isso. Mas eu estava tremendo demais para enfiar a linha na agulha, então ela fez isso por mim.

Gotas de sangue ao redor do buraco enquanto Lark desliza a agulha pelo lábio inferior para o segundo ponto.

— Contei tudo a Sloane enquanto ela arrumava meu uniforme — diz ela enquanto puxa a linha. — E no dia seguinte foi à última vez que tive que usá-lo. Porque ela fez o que eu queria, mas não estava pronta. Ela me fez perceber que era possível matar demônios.

Lágrimas escorrem pelo rosto de Campbell e não sinto pena. Sem remorso. Apenas dor pelo sofrimento que minha esposa suportou. Apenas admiração por sua resiliência enquanto ela dá mais um ponto. E outro. E outro, até que seus lábios sejam costurados com fio de ouro.

— Lá. — Com alguns puxões violentos, Lark puxa o fio bem esticado e dá um nó na cauda antes de cortar o excesso. Então ela dá um tapinha no ombro dele e se afasta para admirar seu trabalho. Os lábios de Campbell já estão inchando em torno do fio apertado, com sangue manchando seu queixo. Seus olhos imploram quando sua boca não consegue. — Agora você não pode dizer uma palavra. Assim como você sempre quis.

Lark vem para o meu lado, com a palma da mão erguida. Coloquei a arma em sua mão que esperava.

Ela não treme. Não vacila. Não há medo em sua voz quando ela diz: — Aproveite o inferno, Dr. Campbell. Diga ao diabo que os Kanes mandam lembranças.

Há um pop silencioso. Um jato carmesim de sangue. A sala cai em silêncio. Ela me passa a arma, mas não diz nada. O único som é o suspiro constante de Lark. E então, finalmente, sinto a mão dela na minha, um aperto suave, e o alívio que ela sente chega às minhas veias.

— Conor vai levar você de volta. — Eu digo enquanto me viro para encará-la. A decepção brilha em seus olhos, embora ela tente escondê-la. Mas isso ilumina meu peito do mesmo jeito. — Vou limpar aqui. Eu cuidarei de tudo, certo?

— OK. — Lark hesita, mas depois aperta minha mão com mais força e fica na ponta dos pés para dar um beijo rápido em minha bochecha. — Obrigada, Lachlan. Eu... — Seu olhar se volta para o corpo de Campbell, mas quando ele retorna, ela me dá um sorriso cansado. — Eu precisava disso.

Sua mão se afasta e então observo Lark sair da cabana, passando por Conor, onde ele observa ao lado da porta.

— Você está bem? — Conor pergunta, tirando-me de um desejo repentino de segui-la noite adentro.

— Sim. Estou bem. — Respondo. Pego uma faca na caixa de ferramentas e começo a cortar as cordas e a fita que prendem o corpo sem vida de Campbell à cadeira.

— Você já ouviu falar de um lugar chamado Club Pacifico?

— Acho que não.

— Bem, eu tenho algo que você deveria verificar nos registros que você puxou. Pode estar ligado ao que está acontecendo com a família de Lark.

Uma corrente desliza pela minha espinha. — Oh sim? — pergunto enquanto me inclino para começar a cortar as cordas nos tornozelos de Campbell. — O que é isso?

— Grandes pagamentos passam pelos livros do clube todos os meses, mas não consigo entender para onde eles estão indo. Cinquenta mil dólares de cada vez, trezentos mil pagos até o momento. O dono do clube se chama Lucas Martins. Ele é primo em segundo grau de Bob Foster.

— Pagamentos para quê?

— Não tenho certeza. Não foi possível encontrar detalhes, apenas valores. Talvez valha a pena conferir no clube, talvez haja algo em um disco rígido lá.

— Obrigado. Vou investigar isso — digo, cortando a última corda antes de me levantar e chutar Campbell para fora de seu maldito trono, seu corpo caindo no chão. Ficamos em silêncio por um momento antes de eu acenar com a cabeça em direção à porta. — Mantenha-a segura, sim?

Conor ri enquanto pego o moedor da caixa de ferramentas e o conecto. — Claro, mano.

— Do que esta rindo?

— Nada. Estou muito feliz por você, cara.

— Cala a boca. Caralho, merda.

Ligo o moedor para abafar a gargalhada de satisfação de Conor quando ele sai da cabana. Quando ele sai, desligo novamente por um momento para ouvir o motor da van dar a partida e o barulho do cascalho sob os pneus enquanto ela sai. E então começo a trabalhar.

São quase três da manhã quando chego em casa, embora esteja tentado a mandar uma mensagem para Lark, não o faço. Ainda muito animado com os acontecimentos da noite para estar pronto para dormir, em vez disso, levo Bentley para passear e levo o kit de ferramentas comigo para a sala de artesanato de Lark, com meu troféu escondido dentro. Há uma caixa de madeira que atenderá perfeitamente às minhas necessidades e várias latas de epóxi transparente fechadas que sobraram de um de seus projetos. Conecto meu telefone aos alto-falantes e começo a ouvir meu último livro enquanto me sirvo de uma bebida. Em seguida, limpo meu prêmio na pia e seque-o antes de pegar o arame dourado e começar a dobrar as peças em forma.

Acabei de formar a estrutura de arame quando recebo uma ligação de Lark.

— Ei — digo simplesmente enquanto coloco o telefone no viva-voz e continuo meu trabalho.

— Ei.

— Alguém viu você voltar?

— Não, acho que não. Eu não vi ninguém.

— Bom. Você é tipo uma profissional ou algo assim — eu digo, ela ri e depois boceja. — Você parece cansada. Eu meio que esperava que nossa pequena excursão a tivesse esgotada o suficiente para que você já estivesse dormindo, duquesa.

Lark dá uma risada. — Sim. Mas, novamente, estou sempre cansada.

Ela deve estar, eu acho. Sempre cansada. Cansada fisicamente.

Cansada mentalmente. Esticada cada vez mais, até que ela se torne uma imagem distorcida e deformada de quem ela deveria ser. Enche o fundo do meu estômago com algo que queima. — Como foi mais cedo no retiro, afinal? Acha que vai aproveitar os próximos dias? Nunca tive oportunidade de perguntar.

— Foi ótimo — responde Lark, e ouço o barulho dos lençóis ao fundo. Imagino-a acomodando-se ainda mais em uma cama macia. Ela provavelmente está usando o short de dormir com renda que eu embalei para ela e a blusa de alças finas combinando. A ideia de arrastar lentamente aquele delicado tecido preto por sua pele faz meu pau endurecer instantaneamente. — Fui nadar depois que você me deixou esta tarde e depois fiz uma aula de yoga Bikram depois do jantar.

— O que é isso?

— A yoga quente onde eles aumentam o calor, sabe? Eu estava coberta de suor da cabeça aos pés. Tipo, pingando.

Meu pau se contrai, exigindo atenção. Eu me mexo no meu lugar. — Certo. Sim...

— Mas foi ótimo. Ainda me sinto toda flexível. Até consegui fazer a postura Yoganidrasana.

— Não tenho ideia do que seja, mas parece complicado.

— É a pose de ioga para dormir. Você deita de costas e cruza os pés atrás da cabeça e as mãos sob a bunda. Pedi ao meu instrutor para tirar uma foto, vou enviar.

Meu telefone toca, com certeza, é uma foto de Lark torcida em algum tipo de forma impossível, seu short bem esticado na bunda, suas pernas fortes e suadas subindo por todo o corpo até onde seus tornozelos se cruzam sob a cabeça. Se ela não estivesse usando aquele short...

Cristo Jesus.

Tiro os óculos e passo a mão pelo rosto. — Isso é... Fantástico.

Lark dá uma risadinha e me pergunto se ela sabe exatamente o

que está fazendo comigo. Vou precisar me masturbar pela terceira vez hoje para mais uma fantasia de Lark inspirada na yoga, se tiver alguma esperança de adormecer.

— Você deveria estar dormindo agora. É muito tarde. O que você está fazendo? — ela pergunta, eu aperto a ponta do meu nariz e respiro fundo antes de colocar meus óculos de volta.

Tentando não morrer do pior caso de bolas azuis que já tive na vida.

— Nada, na verdade. — Digo enquanto puxo meu punho de uma gaiola de arame em espiral. — Só tomando uma bebida, ouvindo um livro. — *Esperando que você ligue,* **declara alguma voz interior oculta.**

Caramba, não, eu não estava. Isso me tornaria pior que Fionn.

Lark me presenteia com uma risada insegura. — Sinto que deveria perguntar o que você está lendo.

— Por favor, não.

Ela ri de novo, e desta vez eu sei que é de verdade. — Ok, Batman Econômico. Você mantém seus segredos guardados em seu traje de neoprene, então.

— Esse traje é top de linha, para que você saiba. Borracha sintética premium. Compartimentos de armazenamento ocultos. Tecnologia muito alta. — Quando Lark para de rir e meu sorriso desaparece lentamente, faço uma pergunta que está me preocupando, abrindo buracos em meus pensamentos desde que nos separamos. — Você acha que vai conseguir descansar um pouco antes do sol nascer?

— Espero que sim, sim... — Lark para e eu ouço o som fraco de sua respiração se estabilizando. — Mas... eu estava pensando...

Eu não a pressiono. Eu simplesmente a deixo aceitar isso, e leva um momento de espera que parece eterno.

— Você pode ler algo para mim...? Eu sei que provavelmente parece estúpido, mas pode ser o que você quiser. Um manual de armas, talvez, ou *então-você-quer-ser-um-trabalhador-de-couro***, ou algo assim, a história da secadora de fiapos, ou apenas... qualquer coisa. Sinto que talvez ajudasse ouvir uma voz familiar. A menos que seja um pé no**

saco, sei que é tarde, ou acho que é tão tarde que é cedo, e você está ocupado e...

— Lark. **— Sento-me na cadeira e deixo minhas mãos repousarem sobre o balcão, meu projeto momentaneamente esquecido. — Não é um pé no saco. OK?**

— Tudo bem — Lark diz com uma longa expiração.

— Apenas espere, sim? — Abro o aplicativo de leitura no meu telefone e procuro algo que não tenho certeza se a loja online terá, mas tem, e sorrio como uma idiota quando encontro. — Você pode gostar disso. Ouvi dizer que a história da secagem de fiapos é fascinante.

— Mal posso esperar para adormecer em tempo recorde.

No começo parece um pouco estranho ler em voz alta para alguém, mas rapidamente caio no ritmo de uma história que começa com uma cidade antiga e um prisioneiro que encontra uma estranha relíquia durante uma ousada fuga de sua cela. Descrevo como o artefato parece afetá-lo. Meu tom é abafado e sinistro quando digo a ela que o prisioneiro ouve vozes quando o segura, embora procure a fonte em todos os lugares, não há ninguém por perto. Ele começa a suar febrilmente. Ele parece compelido por uma força oculta, levado a correr. Quando os guardas da prisão descobrem que ele está desaparecido e o perseguem pela cidade, ele é atropelado por um carro, o metal se desfaz ao seu redor, e ainda assim ele permanece ileso, a relíquia ainda segura em sua mão. O homem olha para seu antebraço, onde um símbolo queima sua carne.

— Este é Constantine? **— Lark pergunta, sua voz colorida de admiração. Se fechar os olhos, posso imaginar o raro rubor que deve estar percorrendo sua pele. — Você está lendo para mim o roteiro de** *Constantine?*

— Hum. É isso que é?

O silêncio permeia a linha.

— Parece que você pode estar certa. — continuo, e espero um pouco para Lark responder, mas ela não o faz. — Eu sei que não é exatamente igual ao que apareceu na tela, mas devo dizer que prefiro

a abertura que eles fizeram para o filme. Fica ainda mais inesperado quando o cara é atingido por aquele carro.

— Você assistiu...?

Levanto um ombro, embora Lark não consiga ver. — Sim.

— Quando?

Com outro encolher de ombros invisível, coloco o fio espiral na caixa e começo a moldar as duas extremidades para que fique em pé em uma estrutura espiral menor. — A primeira vez teria sido há cerca de duas semanas.

— Quantas vezes você assistiu?

— Não sei, duquesa. Talvez uma ou duas.

— Mentiroso — diz Lark com uma risada que se dissolve em uma suave melodia de palavras quando acrescenta: — Diga-me a verdade

— Doze, eu acho.

— Doze — ela sussurra.

Eu sorrio enquanto pego meu prêmio do pano de prato úmido e ensanguentado e o coloco na gaiola de arame dentro da caixa. Com alguns pequenos ajustes, a espiral dourada se encaixará perfeitamente. — Eu pensei que você deveria estar adormecendo. Você vai me deixar continuar lendo ou o quê? Eu nem cheguei a parte do Keanu ainda.

— Hum... sim.

— Sabe, me disseram que sou uma versão mais resistente, mais forte e geralmente mais bonita do Keanu da era *Constantine...*

— Pare aí, Lachlan Kane. Você não vai Keanumatizar-me para o perdão. Isso é uma blasfêmia.

— Vale a pena experimentar.

Lark ri e eu faço algumas críticas a Keanu, o que, claro, a deixa entusiasmada. Mas então voltamos à história. Conto a ela sobre o padre Hennessy, a água benta e o bem que ele não consegue exorcizar.

Apresento *Constantine, John Constantine*, **na minha melhor impressão de Keanu, que ela diz que a lembra, muito do meu "rosnado sussurrante" da noite em que nos conhecemos. — Menos sussurros, mais rosnados, mas faça parecer taciturno como se você tivesse superado essa merda – então basicamente seja você em um dia normal, mas com demônios. — ela declara, e logo recebo seu selo de aprovação. E, eventualmente, Lark fica quieta, permanecendo assim mesmo depois que eu diminuo gradualmente para o silêncio. Quando paro para esperar e ouvir, eu ouço. A cadência abafada e constante de sua respiração enquanto ela dorme.**

Com um leve sorriso, coloco meu telefone no modo mudo e coloco-o de lado enquanto continuo meu trabalho.

Apenas no caso de ela acordar.

Capitulo Dezesseis
HINOS



O final do dia é meu horário preferido na loja. É sereno. O estúdio parece reconfortante na penumbra enquanto o sol se esconde atrás dos edifícios da cidade. A música passa pelos meus alto-falantes montados na parede. Resisto à vontade de mudar de playlist para poder ouvir a voz de Lark enquanto começo meu último projeto do dia. Ela estará aqui em breve e não quero que ela me pegue com sua música tocando quando chegar. Ela vai pensar que estou apaixonado e deprimido, embora eu tenha aceitado que isso provavelmente é verdade. Já se passou uma semana desde que Lark esteve na clínica do sono, e cada dia desde que ela voltou para casa tem sido cada vez melhor, mas, de certa forma, cada dia é mais doloroso do que o anterior. Eu penso nela a cada momento. Eu me preocupo com ela constantemente. Estou particularmente ansioso com o que encontraremos quando visitarmos o Club Pacifico hoje à noite, mas também estou contando as horas até ver Lark. Então tento me distrair, mas ainda tenho dificuldade para me concentrar no ritmo das minhas ferramentas enquanto corto, dou forma e esculpo a pele.

Estou olhando para o relógio quando a campainha de latão toca na porta.

Quando olho para cima, um homem desconhecido passa pela soleira. Há um leve sorriso em seu rosto enquanto ele olha ao redor da loja. Abaixo a música e tira os óculos, deixando-os de lado na bancada.

— Bem-vindo ao Kane Ateliê — digo, caminhando em direção a ele. — Com o que posso ajudar?

O homem transfere o peso de uma pesada sela ocidental para o quadril enquanto estende a mão para eu apertar. Ele é alguns centímetros mais baixo que eu e pelo menos uma década mais velho, mas seu antebraço é grosso com o tipo de músculo que vem de um trabalho duro e consistente. A parte inferior de uma tatuagem aparece em sua manga, uma cruz simples com três ondas abaixo dela, como páginas de uma Bíblia aberta. — Meu nome é Abe — ele diz com um leve sotaque texano enquanto inclina a aba de seu boné Carhartt usado em saudação. — Abe Midus. Temos um compromisso para amanhã, mas eu estava na área, então pensei em passar aqui para ver se você está livre.

— Certo. Abe, é claro. Entre, vamos dar uma olhada e conversar sobre o que você gostaria que fosse feito. — Eu levanto a sela dele e sigo em direção à área de trabalho. — Bom momento, na verdade. Não tenho mais compromissos hoje, além dos drinks com minha esposa.

— Alguma recomendação de bons lugares para comer? Sou meio novo na área.

— Bem, meu irmão é chef no 3 lugar no Coach e no Butcher & Blackbird, então esses teriam meu voto — digo com uma risada. — Você acabou de se mudar para cá?

— Acho que você poderia dizer isso.

Espero que Abe dê mais detalhes, mas ele não o faz. Seus olhos percorrem as prateleiras de materiais, ferramentas e trabalhos em andamento. Espero até que ele encontre meu olhar persistente e então aceno em direção a uma cadeira, mas ele se recusa a sentar.

Quando estou sentado em meu banco com rodinhas favorito, coloco a sela em um suporte e retiro a capa de tecido para revelar o couro velho. Está rachado e desgastado em alguns lugares, desgastado pelo uso em outros. Os elaborados arabescos e os desenhos florais estão desbotados, um eco do que antes era um design vibrante. — Uma bela peça, Abe. Por que você não me conta sobre isso?

— Era do meu avô. — diz ele, eu olho para cima e o encontro parado perto, com uma expressão melancólica enquanto ele passa a mão sobre o punho. — Ele era fazendeiro e comprou de um homem que fabricava equipamentos personalizados em Galveston. Pagou uma pequena fortuna por ele na época, mas usou-a quase todos os dias no rancho antes de adoecer. Eventualmente ele parou de andar. Passou para meu pai.

Abe se vira, mas não antes de eu perceber a borda afiada da escuridão descendo sobre suas feições desgastadas. Ele caminha até minha estação de trabalho, curvando-se para olhar minhas ferramentas e pedaços de couro prontos para vários projetos.

— Meu pai... ele não era um homem piedoso, pode-se dizer. Ele estava fora a maior parte do tempo. Jogou fora a maior parte do gado e dos cavalos, todas as boas máquinas. Até essa sela. — diz Abe com um aceno de cabeça em direção a ela. Ele gira para me encarar, o chanfrador de borda WUTA preso frouxamente em sua mão. Ele inclina a prata brilhante em direção à sela antes de testar a afiação contra a ponta do polegar. — Levei algum tempo para rastreá-la. E um pouco de esforço para recuperá-la.

Ele me lança um breve sorriso, que devolvo como um leve eco do que vejo.

— Uma peça sentimental, então. — respondo, piscando para afastar as imagens do meu próprio pai que passam pela minha mente. Meu foco volta para o couro enquanto levanto as abas para examinar os rasgos e arranhões nas tiras. — Os reparos vão demorar um pouco. Você disse ao telefone que queria uma atualização no design, mas há algo novo que você deseja adicionar a ele?

Abe dá um passo mais perto. Ele bate um dedo no queixo, como se minha pergunta tivesse despertado uma ideia. — Sim, realmente. Eu faço.

Algo nele dispara o alarme em minha mente. Talvez seja seu sorriso de lobo. Ele parece um homem que tem segredos que querem se libertar. Ou talvez seja a maneira como seu aperto fica um pouco tenso ao redor da lâmina, como se ele estivesse pronto para

transformar uma ferramenta em uma arma. Poderia ser tão fácil se ele fosse como eu. Ele poderia avançar em um piscar de olhos, enfiá-lo no meu peito, talvez me espetar no pescoço. É isso que ele está pensando?

Mas um segundo depois ele larga a ferramenta com um sorriso agradável, e volto a me perguntar se minha vigilância está se tornando paranoia.

Limpo a garganta e afasto meu banquinho da sela. As rodas rangem em protesto enquanto rolo em direção à bancada mais próxima, onde está um bloco de papel. — Ótimo — digo, limpando a garganta como se isso fosse limpar meus pensamentos. — Deixe-me pegar uma caneta para anotar exatamente o que você quer.

Viro as costas para Abe e duas coisas acontecem no mesmo instante.

Sua bota arranha o chão quando ele dá um passo para mais perto de mim.

E a campainha de latão toca na porta.

— Ei, Batman Econômico. Se você não estiver pronto para ir, vou levá-lo até Portsmouth e jogá-lo eu mesma no forno. — Lark diz enquanto eu me levanto, girando para poder ver a porta e Abe. Mas ele não está onde pensei que estaria. Jurei que o ouvi mais perto, mas ele está do outro lado da sela, onde observa Lark entrar na área de trabalho. Ela para abruptamente quando o vê. — Oh, me desculpe, eu não sabia que você estava com um cliente.

Antes que eu possa tranquilizá-la, Abe avança, tirando o boné e estendendo a mão em saudação. — Boa tarde, senhora. Não é nenhuma interrupção. Eu deveria chegar amanhã, mas estava por perto e pensei em passar por aqui. Meu nome é Abe.

Lark sorri ao aceitar seu aperto de mão. — Eu sou Lark — ela diz. Eu me pego esperando que ela fale mais sobre como nos conhecemos, mas ela não o faz. Em vez disso, ela solta a mão de Abe e aponta para a sela ao meu lado. — Você é um cavaleiro?

— Sim, senhora.

— Eu também. Um pouco, de qualquer maneira. É mais coisa da

minha irmã. Mas não ocidental - eu fiz um pouco de caçador / saltador até pegar uma guitarra e foi isso.

Lark dá um sorriso caloroso para Abe, embora ele o retribua, o sorriso não encontra seus olhos muito bem. A luz parece apagada, como se refletisse no ângulo errado.

Bato minha caneta na mesa e limpo a garganta. — Então, Abe, você disse que queria uma adição ao design...? — Pergunto enquanto me acomodo em meu banquinho e viro para uma nova página em meu caderno.

— Eu quero sim. — Seu leve sorriso desaparece quando ele olha para o canto da sela. — Aqui. Eu gostaria de algum texto em estilo ornamental. *'Mais perto, meu Deus, de ti'*

Estou escrevendo enquanto a voz cantada de Lark me interrompe:

Embora, como o andarilho, o sol se pôs,

A escuridão esteja sobre mim, meu descanso é uma pedra

Minha caneta para no meio de escrever Deus. Eu me viro e olho para Lark, sua expressão pacífica enquanto a melodia sai de seus lábios:

ainda em meus sonhos eu estaria

mais perto, meu Deus, de ti;

mais perto, meu Deus, de ti, mais perto de ti...

A voz de Lark desaparece. A música instrumental de fundo é o único som que resta, mas parece fria e sem vida.

— Desculpe — diz Lark. É o primeiro sorriso tímido que vejo em seus lábios, e quero capturá-lo e mantê-lo em algum lugar seguro. — A música simplesmente sai às vezes.

— Não. — diz Abe. Ele dá um passo mais perto de Lark enquanto minhas costas enrijecem. — Foi adorável. Uma das minhas favoritas.

— Obrigada.

— Você é um crente?

O brilho do sorriso de Lark diminui quando ela baixa o olhar para a sela. Seus dedos percorrem as rosas em relevo, o desenho desbotado perdido no tempo. — Meu pai era. Todos nós éramos, eu acho. Mas não sou mais.

Desvio minha atenção de Lark e termino de escrever a letra que Abe pediu.

— Aquele que acredita em mim viverá **— diz Abe. — João 11:25. Devemos manter nossa fé na ausência de provas. O Senhor recompensa nossa perseverança.**

Estou me virando no banquinho, prestes a interromper, com o quê, não sei. Mas, ao girar, avisto Lark olhando fixamente para Abe.

— Acredito que a prova pode ser encontrada na perseverança. — diz Lark, com a voz firme, mas não cruel. — Só não é a prova que você espera.

Abe está prestes a dizer mais alguma coisa quando me levanto. — Acho que tenho o que preciso, obrigado, Abe. Se você pensar em mais alguma coisa que gostaria de adicionar ou alterar, por favor; me avise. Agora você terá que nos desculpar. — Pego minha jaqueta no encosto de uma cadeira próxima e a visto. Ofereço a mão para Lark e fico surpreso quando ela a aceita. — Temos um encontro marcado, mas ficarei feliz em reservar nosso horário amanhã se você quiser conversar sobre outras ideias.

Abe acena com a cabeça uma vez. — Não há necessidade. Acho que você tem os detalhes.

Desligo a música e Abe aponta a aba do boné para nós dois antes de se virar. Ele assobia a música de Lark enquanto caminha pela loja.

Um momento depois, a campainha toca na porta e Abe vai embora.

Capitulo Dezessete
ASCENDER



Eu saio na frente da loja de Lachlan no momento em que um caminhão da FedEx para na calçada. O motorista acena para nós. Lachlan o saúda e depois se vira para mim.

— Ele está realmente deixando para o último minuto — diz Lachlan enquanto verifica seu relógio, franzindo a testa quando percebe que já passa das oito da noite. Ele me passa as chaves do Charger. — Tenho algumas caixas para colocar dentro. Vá em frente e aqueça, certo? Estarei aí em um minuto.

Vou até o carro e sento no banco do motorista. Tenho que esticar as pernas para pisar na embreagem antes de ligar o motor. Ele ruge para a vida. As luzes desbotadas no painel antigo brilham em um azul fantasmagórico. O novo aparelho de som é ligado.

Mas não é a música que enche o carro.

— *Ainda não terminei com você* **— uma voz masculina murmura nos alto-falantes.**

— Que *porra* **é essa?**

Olho para Lachlan enquanto a narração continua, mas ele está ocupado pegando caixas e colocando-as do lado de dentro da porta.

— *Você quer que eu pare, amor?*

— Puta merda. — Uma sensação de alegria percorre minhas veias

quando me endireito e giro o volume.

— Se você quer que eu encha sua bunda, você tem que dizer.

Pego meu telefone e abro minha última conversa com Sloane.

EU

Agora eu entendi.

SLOANE

Entendeu o quê?

EU

Sua coisa sobre livros.

SLOANE

Okkk. Ainda não estou entendendo o que você está dizendo...?

Gravo um áudio e envio para ela, captando áudio suficiente para fornecer a Sloane um segmento colorido de preliminares de bunda.

SLOANE

Oh. Meu. Deus.

Eu disse a ele para abrir um livro de romance. Eu não pensei que ele realmente faria isso ahahaha.

Minha cabeça se inclina. Reli a mensagem de Sloane.

EU

Você disse a ele o que...?

Olho para Lachlan enquanto ele levanta a última caixa do chão. Eu estaria mentindo se dissesse que não notei o modo como suas roupas se esticam em seus músculos tensos, ou o modo como minha barriga se contrai em resposta.

SLOANE

Abrir um livro de romance.

EU

Por quê? Agora eu não estou pegando o que VOCÊ está estabelecendo.

SLOANE

Para que ele pudesse aprender a falar com você sem ser tão idiota.

Ele queria saber sobre a coisa da claustrofobia. Eu disse a ele para ir se foder e ler um livro. Acho que ele só queria se conectar com você. Meio fofo, na verdade. Burro, mas fofo.

Espere um segundo… está funcionando?!

A pergunta de Sloane ressoa na minha cabeça. Abaixo meu telefone e percebo Lachlan trancando a loja.

EU

Eu tenho que ir.

Várias mensagens de texto vibram em meu bolso quando enfio o telefone na jaqueta, mas as ignoro. Lachlan caminha em direção ao carro. Ele não percebe que a porta está trancada até que ele tenta a maçaneta, então encontra meus olhos com confusão enquanto eu pressiono o botão de bloqueio para um efeito dramático. Um sorriso malicioso surge em meus lábios. Com um dedo ainda pressionado na fechadura, alcanço o botão e o giro até ficar quase ensurdecedor.

A expressão de pura mortificação no rosto de Lachlan é deliciosa.

— Foda-se, foda-se, foda-se.

Não consigo ouvi-lo entre o audiolivro tocando no volume máximo e minha risada maníaca, mas certamente posso ver a palavra repetida em seus lábios carnudos enquanto ele procura o telefone. Ele vasculha cada bolso até finalmente encontrá-lo. A gravação é interrompida abruptamente e eu faço beicinho enquanto ele me olha pela janela.

No momento em que puxo o botão da fechadura, Lachlan abre a porta.

— Bem. Isso foi esclarecedor. — digo enquanto me levanto do banco do motorista e bloqueio o acesso de Lachlan ao veículo. O calor em seu olhar toma conta de mim. Estou muito perto. Eu deveria dar um passo para o lado, fora do calor radiante que se espalha através de mim enquanto Lachlan olha nos meus olhos. Suas bochechas ainda estão vermelhas de vergonha e algo mais. Algo quente e perigoso. Algo que arde em seus olhos.

Desejo.

Eu sei que deveria me mover, mas não o faço.

— Como se chamava aquele?

Lachlan engole em seco. Ele não responde, então me inclino um pouco mais perto. Embora eu espere que ele recue, ele não o faz.

— Talvez eu queira ouvir — continuo, deixando meu sorriso provocador mascarar a explosão de necessidade que se acumula em minha barriga. — Soaria bem nos alto-falantes do meu quarto. À noite. Com as luzes baixas.

O que diabos está errado comigo?

O que eu estou fazendo? Isto é loucura. Claro, Lachlan quer que eu o perdoe por nosso primeiro encontro de merda, mas apertar esse tipo de botão pode trazer mais sofrimento do que qualquer um de nós pode suportar.

Meu sorriso desaparece. Ele não vai me contar, e eu não deveria querer saber.

— Tudo bem, Batman. — Eu me aperto entre ele e o metal preto polido. — Mantenha seus segredos para você mesmo...

Lachlan segura meu pulso. Seus óculos pouco fazem para disfarçar a frustração em seus olhos. Ainda acho que ele não vai me contar. Mas então ele diz: — *Obsessão da Morte.*

Um leve sorriso surge em meus lábios quando Lachlan solta meu pulso e dá um passo para trás.

— Entre, sua maldita catástrofe — diz ele, com a voz rouca. — Temos lugares para estar.

Demora um segundo a mais do que deveria para meus pés começarem a se mover, mas então caminho em direção à traseira do veículo, meus passos um pouco mais leves do que pensei que seriam. — Acho que deveríamos ouvir isso no caminho...

— Sem a mínima chance.

— Está bem então.

Lachlan coloca música. Não conversamos muito, então canto e observo as luzes da cidade passando pela minha janela. Sinto-me segura nesta bolha de aço e couro preto. A energia de Lachlan é tão gravitacional quanto a de uma estrela em implosão. Seus pensamentos se agitam, mas nunca se libertam. Parece que ele tem tantas coisas a dizer, mas não tem como soltá-las, então elas se enrolam por dentro. Cada vez mais quero saber o que são. Eu preciso saber.

— Estou meio ansiosa por isso — digo, tentando quebrar a tensão que se insinuou no silêncio. — Eu me sinto como uma espiã.

Lachlan solta um hmph não convencido. — Espero que não seja

tão emocionante. Vamos pegar os arquivos que precisamos e sair.

— Mas é sexta à noite no clube. Devíamos pelo menos verificar um pouco. Quem sabe você pode realmente se divertir. — Eu suspiro teatralmente e aperto o punho contra o coração. — Você sabe como se divertir... certo?

— Eu quero que você saiba...

— Você não faz. Eu já sei disso — digo categoricamente antes de soltar um suspiro dramático quando paramos em um sinal vermelho. — Acho que terei que me divertir o suficiente para nós dois.

Pisco, alimentando a chama que sempre parece queimar profundamente dentro de Lachlan. Ele sustenta meu olhar, infalível. — Você terá cuidado. É isso que você vai fazer. A pessoa que procuramos pode estar naquela festa.

— E o quê, você acha que eles fariam algo em público? — Eu balanço minha cabeça. — Estamos falando de alguém que obviamente tem o cuidado de matar em particular e que segue um cronograma definido.

— Eu não me importo, Lark — diz Lachlan. — E se este é algum plano maluco seu para incitar um assassino a sair do esconderijo, nem pense nisso.

Meu sorriso provocador vacila e viro meu olhar para a estrada à frente. — Não é. Não se preocupe.

Uma buzina soa atrás de nós. Lachlan murmura uma maldição e o carro avança. Por um longo momento, acho que percorreremos o resto do caminho em silêncio, mas depois de alguns quarteirões sinto os olhos de Lachlan em mim. No momento em que olho em sua direção, ele tira minha mão do colo e a segura.

— Me desculpe por ter gritado com você. Talvez eu esteja pensando demais. Mas tome cuidado, certo? — Ele aperta minha mão, meu conjunto de casamento preso sob a pressão de sua palma. — Eu quero que você esteja segura. Estou preocupado com você.

Uma dor desliza em meu peito, quente e inesperada. Quando Lachlan solta minha mão, eu pego a dele antes que ela chegue ao

volante, e a surpresa em sua expressão é desprotegida, uma reação que guardo na memória. — Eu vou. Eu prometo.

Eu levanto a palma da mão e ofereço um sorriso imperturbável. Mas posso dizer que algo ainda está acontecendo dentro de Lachlan. Não passa – definitivamente não quando estacionamos e ele puxa uma arma do porta-luvas para colocá-la no coldre nas costas, nem quando nos dirigimos para a entrada do prédio. Ele mantém a mão nas minhas costas enquanto atravessamos o saguão e nos dirigimos aos elevadores. Chegamos no momento em que um pequeno grupo entra no prédio e nos alcança, e nos segue para dentro sem perceber que o elevador está além da capacidade. Uma pequena explosão de ansiedade explode dentro de mim enquanto minhas costas pressionam a parede, mas pelo menos não estamos no escuro. Em vez de ficar de frente para as portas, Lachlan se vira para mim. Estamos tão perto que posso sentir o calor de seu corpo. Seus olhos permanecem fixos nos meus. Meu coração bate em um ritmo acelerado quando sua mão pressiona minha cintura.

— Você está bem, duquesa? — ele sussurra enquanto o elevador inicia sua ascensão. O grupo ao nosso redor fala e ri, alheio à carga elétrica que parece envolver Lachlan e eu.

— Sim. — Meus olhos se fixam nos lábios de Lachlan e não consigo desviá-los. Estou presa no calor que sai de seu corpo. Ele está tão perto que posso sentir um cheiro de menta em seu hálito. — Estou bem.

Eu poderia facilmente estender a mão e envolver sua nuca e puxar sua boca para a minha. Eu poderia descobrir para onde essa corrente nos leva, ver se ela incendeia ou destrói. Talvez eu pudesse confessar que penso todos os dias no nosso momento na varanda de Rowan. Que quando faço isso, não posso deixar de tocar meus lábios e desejar que tenha sido a primeira vez que nos conhecemos. Eu poderia dizer a ele como me pergunto cada vez mais sobre a dor que ainda estou segurando e questionar por que simplesmente não a deixo passar. Eu poderia dizer a ele que estou começando a ver coisas nele que tentei ignorar: sua lealdade feroz, sua proteção para com as poucas pessoas com quem ele se importa, a maneira como ele

permanece fiel às promessas mais difíceis. Eu poderia admitir que o perdoei quando ele parou ao lado do carro e prometi trabalhar para obter meu perdão. Talvez até antes disso. Eu sei que dizer essas coisas apagaria a dor e o arrependimento de seus olhos.

Mas eu não digo nada.

O elevador chega ao décimo sétimo andar e o grupo sai primeiro. Um segundo depois, a mão de Lachlan escapa da minha cintura e ele me conduz até a entrada do clube.

A base bate sob o zumbido de vozes e risadas, o clube já ocupado apesar de ser relativamente cedo. Luzes coloridas piscam no teto. No outro extremo do clube há uma parede de janelas com vista para o horizonte cintilante da cidade. Algumas pessoas dançam, outras ficam de pé com suas bebidas e se misturam. Há uma energia no ar, uma sensação de escuridão e necessidade que me esforço para definir. Talvez seja só eu - ou nós. Os dedos de Lachlan entrelaçam-se com os meus enquanto ele me conduz pela multidão em direção ao bar. Depois de pegarmos nossas bebidas, encontramos um lugar para ficar perto das janelas, onde podemos observar a multidão na pista de dança e os clientes que se misturam nos restaurantes de luxo.

— Você vê alguém que você reconhece? — Lachlan pergunta. Posso senti-lo me observando enquanto examino a multidão. Vejo alguns rostos familiares da cena musical, mas não o tipo de conhecido ao qual ele está se referindo.

Eu balanço minha cabeça. — Não.

— Alguém que você viu por aí ultimamente? — Lachlan fica atrás do meu ombro como se pudesse observar o clube através dos meus olhos. Sua respiração aquece meu pescoço. Arrepios sobem em meus braços. — Alguém cujo olhar permanece em você por muito tempo?

Quando viro minha cabeça para o lado para encontrar seus olhos, a atenção de Lachlan se funde em meus lábios. Eles se curvam em um sorriso. — Só você.

Seus lábios se contraem. Há aquele fogo novamente – a chama dentro dele que, se for estimulada da maneira certa, se torna um farol

na noite.

Meu sorriso provocador pode desaparecer, mas a chama entre nós não. Na verdade, ele ilumina.

Talvez eu o esteja torturando. Ou talvez eu mesma. Eu não sei mais. Então eu arrasto meu foco de volta para a sala antes que eu possa começar algo que não sei como terminar.

— Não há nada incomum — digo balançando a cabeça. — Mas está lotado, então é difícil dizer. Talvez devêssemos acabar com isso agora, enquanto é mais provável que todos estejam ocupados.

Seu calor irradia pelas minhas costas. Luto contra a vontade de me apoiar nele. Quase perco o controle quando sua mão roça meu quadril. — Siga-me — diz Lachlan, sua voz baixa e rica, e então seu calor desaparece.

Sigo Lachlan enquanto nos dirigimos aos escritórios. Ele me fez memorizar o layout para saber exatamente para onde ir. Lachlan tira o telefone do bolso, sem perceber que a multidão se abre para ele como um cardume de peixes em torno de um tubarão que nada nas águas noturnas. Ele manda uma mensagem para alguém, provavelmente Conor. Seus olhos ficam fixos na tela até que ela se acenda com uma resposta. Quando isso acontece, ele guarda o telefone no bolso e estende a mão para pegar a minha. Eu pego e sigo seu rastro, e um momento depois passamos pela porta dos funcionários, a música e as vozes diminuindo quando ela se fecha atrás de nós.

— Conor tem as câmeras sob controle — ele sussurra enquanto caminhamos pelo corredor. — Espero que isso leve apenas alguns minutos.

Meu coração troveja de excitação e medo. Quando chegamos à porta do escritório, Lachlan mantém a mão apoiada sobre a arma escondida em suas costas. Ele segura a maçaneta curva da porta com a outra mão e pressiona a orelha na madeira. Um momento depois, ele a abre, quando parece satisfeito, faz um gesto para que eu o siga.

Não acendemos as luzes, em vez disso usamos as lanternas dos nossos telefones. Lachlan vai até o laptop na mesa e conecta um pen

drive, enquanto procuro nos papéis algo que possa ser útil. Bilhetes, correspondência aberta, qualquer coisa com valor em dólares – tiro fotos de tudo que posso, mal digerindo as informações que folheio. Minhas mãos tremem enquanto viro as páginas e tento manter meu telefone firme. Os momentos que passam parecem prolongados demais.

E então me deparo com uma fatura.

— Lachlan — eu sibilo, segurando o pedaço de papel. Ele levanta os olhos do laptop no momento em que puxa o pen drive. — Cinquenta mil, pagos em dinheiro. Uma empresa contratante.

Os olhos de Lachlan brilham quando um sorriso malicioso toma conta de seus lábios. Talvez eu esteja imaginando, mas acho que ele parece um pouco orgulhoso, e minhas bochechas esquentam só de pensar. — Tire uma foto e vamos sair daqui. Conor pode dar continuidade a isso.

Eu tiro a foto. Estou contornando a mesa para ficar ao lado de Lachlan quando uma voz se aproxima de nós vinda do corredor. Tem alguém falando ao telefone. Meu corpo enrijece de pânico, mas Lachlan já está em movimento, com o braço em volta da minha cintura enquanto me arrasta com ele para um armário de armazenamento.

Ele fecha a porta, fechando-nos na escuridão apertada.

— Lachlan...

Sua mão desliza pela minha boca e tento não choramingar enquanto o sangue corre pela minha cabeça. — Shh. — ele sussurra, seus lábios roçando minha orelha, sua voz tão baixa que nem eu consigo ouvi-lo. — Eu peguei você, duquesa.

E ele faz.

Lachlan me segura contra seu peito. Seu aperto aumenta quando a porta do escritório se abre e alguém entra na sala. Ele me abraça com mais força enquanto meu corpo treme com choques de adrenalina. O homem no escritório fala sobre pedidos de bebidas e uma gaveta se abre na mesa. Ele não consegue ouvir Lachlan sussurrar para mim, uma corrente constante de consolo, um pilar no escuro. *Estamos bem.*

Basta fechar os olhos, se quiser. Não vou desistir, prometo.

Meu pânico aumenta quando o homem contorna a mesa e se dirige a um arquivo.

— Você está indo bem. Tão corajosa. — A voz de Lachlan se aprofunda com um voto mortal quando ele diz: — Eu vou matá-lo antes que ele coloque um dedo em você, eu prometo. Entende?

Concordo com a cabeça, a mão de Lachlan ainda segurando minha boca.

— Essa é minha garota.

Meu sangue fica vulcânico quando seus lábios pressionam minha têmpora e permanecem lá.

Medo e desejo. Eles guerreiam em minhas veias.

Envolvo meus dedos trêmulos em torno do pulso de Lachlan e puxo sua mão para baixo apenas o suficiente para que meus lábios fiquem livres. Ele se inclina para trás, seus olhos seguindo os contornos do meu rosto por trás dos óculos. Talvez ele espere que eu coloque distância entre nós, que solte sua mão, mas não faço isso. Arrasto seus dedos até meu pescoço, onde minha pulsação martela em um ritmo acelerado, desce até minhas clavículas, finalmente, até o pedaço de pele exposta em meu peito. Eu pressiono a palma da mão dele ali. *Eu quero que você fique,* **diz aquele simples toque.**

Um momento depois, ouvimos os passos pesados do homem atravessando a sala. A porta do escritório se fecha, deixando-nos em silêncio.

Lachlan abre a porta do armário o suficiente para me deixar ver. Mas é ele que estou observando. Sua mão ainda está no meu peito. Meus dedos estão curvados ao redor da palma da sua mão enquanto eu a pressiono contra minha pele. Meu coração canta sob meus ossos. Eu sei que ele pode sentir isso. Ele observa esse ponto de contato como se pudesse ver os segredos que essas batidas escrevem em sua pele.

Uma dor se espalha pela minha barriga. Uma necessidade que me persegue. Cada vez mais, permanece pronto para consumir. Está lá quando Lachlan sai cambaleando de seu quarto pela manhã, vestindo

uma camiseta e um moletom de cintura baixa, enquanto se dirige à máquina de café para fazer Americanos para nós. Isso me assombra quando seu olhar permanece em meus lábios enquanto eu sorrio. Ele me possui quando estou sozinha no meu quarto à noite, olhando para o escuro enquanto minha mão desliza por baixo do meu short de dormir. É o toque de Lachlan que imagino quando circulo meu clitóris, quando mergulho meus dedos em minha boceta. Eu quero o toque dele em todos os lugares. Quero isso por mais tempo do que apenas um momento que parece roubado no escuro.

Minha respiração fica mais rápida enquanto essas imagens passam pela minha mente. Meu pulso falha. Meus olhos se fixam em seus lábios.

Só um beijo. **Eu quero mais do que um fantasma. Mais do que minha imaginação. Eu quero** *ele.*

Eu me inclino mais perto. Mas Lachlan usa a pressão no meu peito para nos manter separados.

A rejeição deve estar escrita em cada detalhe do meu rosto. Não há como esconder isso, nem mesmo nas sombras. Os lábios se separaram. Pele carmesim. Dou um passo para trás, esperando que Lachlan levante a mão quando eu deixar a minha cair ao meu lado. Mas ele não faz isso.

— Não, duquesa — sussurra Lachlan, sua expressão resoluta.

Eu engulo. Balanço minha cabeça. Quero dizer tantas coisas, mas só sai uma palavra. — Lachlan...

Ele tira a mão do meu peito e deixa uma dor fria para trás, mas quando penso que ele vai se afastar completamente, ele roça minha bochecha com os nós dos dedos enquanto segura meus olhos. — Não até eu saber que você me perdoa. Caso contrário, isso não funcionará e eu quero que funcione.

Antes que eu possa dizer qualquer coisa, Lachlan me dá um leve sorriso de desculpas, depois abre a porta do armário e sai.

Sinto como se minha mente estivesse desconectada do meu corpo enquanto sigo Lachlan para fora da sala e pelo corredor.

Embora Lachlan me verifique por cima do ombro, não falamos. Voltamos para o bar sem sermos notados, e ele tira o telefone do bolso para enviar uma mensagem para Conor. Um momento depois, sinto o zumbido de uma mensagem no meu relógio e me pergunto se ele me incluiu no bate-papo, mas é o nome de Sloane que pisca na tela. Pego meu celular e abro a mensagem.

SLOANE

Achei que você deveria saber...

Meus passos param quando leio a manchete da notícia que ela enviou.

INVESTIGAÇÃO DE ASSASSINATO SOBRE O DESAPARECIMENTO DO DIRETOR DO ASHBORNE COLLEGIATE INSTITUTE.

Com a respiração instável, clico no link. O rosto do Dr. Louis Campbell me encara de volta. Talvez eu devesse sentir remorso. Uma pessoa normal faria isso. Eles não seriam...? Eu não. Tudo o que sinto é uma sensação de realização, de justiça.

Estou prestes a ler o artigo quando chega outra mensagem de Sloane.

SLOANE

Você sabe, se ele tivesse explodido em um estranho acidente com fogos de artifício, eu ficaria orgulhosa de você.

Um arrepio corre pelas minhas veias quando levanto os olhos para ver Lachlan abrir caminho no meio da multidão, abrindo caminho em direção ao bar. Dou um passo para trás e viro para a esquerda, em

direção às portas do pátio vazio da cobertura.

EU

O que você quer dizer? Lachlan disse algo para você?

SLOANE

Não. De jeito nenhum.

Um vento gelado esfria o calor que inunda minha pele enquanto tento decidir o que dizer. É como estar à beira de um penhasco, com medo de cair, mas ainda querendo pular. Antes que eu possa responder, meu telefone vibra na minha mão com outra mensagem.

SLOANE

Eu apenas pensei que talvez você precisasse ouvir. Talvez eu esteja errada. Mas se você é como eu, eu não te amo menos. Nem um pouco. E talvez você possa me contar sobre isso algum dia.

Lágrimas inundam minha visão. Tento afastá-las. Alívio e arrependimento pairam em meu peito. O único arrependimento que já senti sobre as coisas que fiz é não tê-las compartilhado antes com a única pessoa que nunca escondeu de mim sua escuridão.

Tiro uma lágrima da minha bochecha e digito minha resposta.

EU

Eu também te amo, Sloaney. E eu gostaria disso.

Guardo meu telefone no bolso e olho para o horizonte, tentando afastar a tempestade de emoções. O desejo persistente pelo beijo que nunca veio. A dor da rejeição. A vergonha e o alívio dos segredos trazidos à tona. Mas não há muita esperança de encontrar qualquer alívio enquanto olho para a cidade. Mal se passaram cinco minutos antes de ouvir a porta se abrir atrás de mim. Não preciso me virar para saber que é Lachlan.

— Ei — ele diz simplesmente enquanto diminui a velocidade até parar ao meu lado. — Pensei que poderia encontrar você aqui. Importa-se se eu compartilhar sua posição?

Meu sorriso é fraco, pronto para quebrar. Treino minha atenção nas luzes da cidade. — Vá em frente.

Lachlan apoia os antebraços no corrimão, o cotovelo pressionando suavemente o meu. As rajadas de vento parecem subir dos canais e afluentes das ruas abaixo de nós, levantando meus cabelos dos ombros. É um arrepio bem-vindo ao calor que permanece logo abaixo da minha pele.

Lachlan aponta para a vista e vejo o brilho de sua aliança de casamento. — Tínhamos uma visão muito semelhante quando nos mudamos para a América — diz ele. — Leander nos hospedou em um condomínio a poucos prédios a oeste daqui.

— Por si só? — Eu pergunto, e Lachlan concorda. — Quantos anos você tinha?

— Dezessete. — Ele me dá um sorriso agridoce antes de olhar para o horizonte. — Matriculei os meninos na escola, comecei a trabalhar. Leander me conseguiu um emprego em uma fábrica de couro. Durante o dia, pelo menos.

— E durante a noite?

Lachlan dá de ombros. — Eu devo muito a ele. Encobrir o que Rowan e eu fizemos em Sligo. Trazendo-nos aqui. Preparando-nos.

— Sloane pode ter mencionado uma ou duas coisas sobre isso. —

eu digo, dando-lhe um sorriso tímido quando ele revira os olhos. Cutuco seu cotovelo e acrescento: — Mas você não precisa ficar em dívida com ele para sempre. Pelo menos, não se eu tiver algo a dizer sobre isso.

— Se alguém conseguiu convencer Leander a fazer alguma coisa, acho que é você. — Lachlan diz enquanto ri e balança a cabeça. — Ele ainda não superou a derrota em sua própria casa por um muffin. Ele amou.

Encontro os olhos de Lachlan e ele parece mais próximo do que pensei que estaria, de alguma forma. Há calor em seus olhos quando ele me dá um sorriso torto, mas os resquícios de tristeza permanecem.

Nossos sorrisos desaparecem enquanto ficamos lado a lado no frio cortante. Sou o primeiro a romper nossa conexão e olhar para a cidade, embora seja preciso esforço para desviar o olhar. Posso senti-lo ainda observando na *periferica.*

— Gosto da vista daqui. Gosto de ver à distância. Parece que você pode ver a cidade inteira deste alto. — digo. Meu coração bate forte, cada batida me aproximando de uma memória que normalmente tento tanto evitar. É tão pesado e alto em meu peito que tenho certeza que Lachlan pode vê-lo vibrar em meu pescoço, mas se puder, ele não deixa transparecer. — Foi uma invasão de domicílio. Foi assim que perdi meu pai. É por isso que minha mãe anda mancando. Por que não gosto de espaços pequenos. Por que às vezes não consigo dormir.

Lachlan poderia dizer algo sarcástico, algo provocador. Mas ele permanece quieto, uma presença constante ao meu lado. Ele observa enquanto eu tiro mechas rebeldes de cabelo dos olhos e foco nos pontos mais distantes que posso ver ao longo do horizonte, pontinhos de luz na distância negra.

— Minha mãe nos acordou no meio da noite. Ela nos escondeu no armário de roupa de cama. Disse-nos que não importava o que ouvíssemos, não importa o que acontecesse, se ela ou o pai não viessem nos buscar, não deveríamos sair daquele armário antes das sete da manhã, a menos que ouvíssemos a polícia. Acho que ela pensou que eles iriam embora ao amanhecer. Fique parada, fique em silêncio.

'Deus salve minhas meninas'. Essa foi a última coisa que ela disse antes de descer. Na verdade, foi à última vez que a ouvi pedir alguma coisa a Deus.

E eu orei também naquela noite. Pedi a Ele que salvasse minha família. Eu orei e orei e orei a um Deus que nunca respondeu. Três tiros, dois gritos e apenas alguns minutos de comoção enquanto os ladrões roubavam dinheiro, joias e chaves do carro e fugiam. Mas nem uma palavra de Deus.

— Podíamos ver o despertador da sala ao lado pela fresta entre as portas. Lembro-me de cada vez que verificamos. Duas vinte e quatro. Três dezoito. Cinco e trinta e nove. Seis doze. Seis cinquenta e dois. Finalmente chegaram as sete horas e minha irmã me fez ficar lá em cima enquanto ela buscava ajuda para minha mãe. Ela estava inconsciente lá embaixo. Papai já estava morto. E nunca mais orei. — Respiro fundo e cerro as mãos como se pudesse pressionar as próximas palavras para fora do meu corpo. — Nem mesmo em Ashborne, quando...

Essas palavras flutuam no vento. Eu não tento pegá-las. Elas simplesmente se foram, não estão prontas para serem compartilhada, não importa o quanto eu gostaria de poder entregá-las.

Eu balanço minha cabeça. Esse não é o tipo de coisa que eu possa conversar com ninguém, nem mesmo com Sloane. É como o concreto em nossa base que sabemos que existe, mas nunca reconhecemos. Mesmo quando fui para a terapia, conversei com Ashborne. Eu estava nervosa demais para dizer a verdade, preocupada demais em colocar minha melhor amiga em perigo. Foi mais fácil vestir outro disfarce, canalizar a personalidade que eu havia praticado para que outras pessoas não se sentissem desconfortáveis perto de mim. Achei que acabaria mais sozinha se não fosse quem eles queriam que eu fosse. Mas realmente não funciona assim. Você ainda vive com seu verdadeiro eu por dentro.

— Obrigada. — eu sussurro, incapaz de olhar para Lachlan enquanto lágrimas enchem meus olhos. — Para o Dr. Campbell. Por fazer isso comigo.

Talvez Lachlan não tenha certeza de como me sinto sobre isso. Acho que é difícil saber quando não olho em sua direção. Mas ele corre um risco de qualquer maneira. Meus olhos se fecham quando ele passa o dedo pela minha bochecha. — Ele não fez nada para impedir o que aconteceu com você. Ele mereceu o que recebeu.

Viro-me apenas o suficiente para que Lachlan não possa ver meu rosto e aceno com a cabeça. Quando meu olhar se fixa no horizonte, sua mão envolve a minha, separando delicadamente minhas palmas para que ele possa agarrá-la.

— Obrigada — sussurro, sem tirar os olhos das luzes da cidade.

Meus lábios formam uma linha apertada enquanto o silêncio se estende, apenas o vento e os carros bem abaixo de nós, a pulsação da música atrás do vidro, o tamborilar do meu coração atrás dos ossos. E depois de um longo tempo, Lachlan começa a girar meu anel de noivado. Vai e volta. Vai e volta. É um movimento tão simples que ele provavelmente nem pensa nisso, e talvez seja por isso que meu coração se dobra como papel fino dobrado muitas vezes. Sua presença constante imprime nas linhas deixadas pra trás.

Não tenho certeza de quanto tempo passa. Não tenho certeza de quando é que me inclino para o lado de Lachlan apenas o suficiente para sentir o calor de seu corpo através das minhas roupas, ou quanto tempo leva até que ele solte minha mão e coloque um braço em volta dos meus ombros. Mas leva muito tempo até que eu diga: — Devíamos ir para casa.

— Eu vou te levar de volta.

Minha respiração fica presa. — Você não vem comigo?

— Não. — A palavra é absoluta e inabalável, mas acho que sinto o braço de Lachlan apertar, sua mão tensa onde envolve meu braço. — Eu tenho que ir para a casa de Leander.

— Sinto muito.

— Eu também.

Viro-me para Lachlan e coloco a mão em seu peito. Ficando na ponta dos pés, beijo sua bochecha. Posso sentir o modo como seu

coração salta sob a palma da minha mão. — Vamos. — eu digo, e sigo a liderança de volta para dentro.

Em vinte minutos, ele me deixou. Ele espera na calçada até eu acender as luzes do nosso apartamento e acenar para ele pela janela. Dentro de mais vinte minutos, recebo uma mensagem com uma foto, uma de um adesivo de estrela dourada no peito de Lachlan. Eu sorrio quando uma segunda mensagem chega.

LACHLAN

Minha primeira estrela dourada! Sinto que estou chegando a algum lugar.

Meu sorriso se ilumina quando pego meu violão e abro meu caderno em uma nova página. Quando estou acomodada na cadeira redonda perto da janela, digito minha resposta.

EU

Talvez você esteja, Batman. Acho que teremos que esperar para ver.

Toco alguns acordes.

E em pouco tempo, começo uma nova música.

Capitulo Dezoito
HOLOFOTE



— Eu fiz isso para você. — Entrego a Lark uma caixa preta fosca com o logotipo do Kane Atelier gravado e uma fita dourada amarrada nas bordas.

Ela está sentada de pernas cruzadas ao lado de Bentley no sofá do nosso apartamento, iluminado pelo sol poente. Ela sorri para mim enquanto sacode a caixa. Meus nervos e excitação guerreiam com cada batida do meu coração. Ela vai adorar. *Baque*. **Ela vai odiar isso.** *Baque.* **Demais.** *Baque.* **Insuficiente.** *Baque.*

— Não é nada realmente. Apenas boa sorte para o show, eu acho. — Tento conter o calor que corre em minhas veias. Minha voz é áspera e crua quando digo: — Não se preocupe se você não gostar.

Dou de ombros como se não fosse grande coisa, mas Lark vê através disso. Posso dizer pela forma como seu sorriso se espalha enquanto ela lentamente puxa uma ponta da fita para desfazer o laço. — E se eu não fizer isso?

— E se você... o quê?

Lark ri. A fita se desenrola e cai em seu colo, mas ela não abre a tampa e apenas me encara com os olhos brilhando. — E se eu não gostar?

Cristo Jesus. **E se ela não gostar? E se ela tirar da caixa e detestar? Caramba, vou querer encontrar um buraco para rastejar e morrer.**

— Se você não gostar, eu posso simplesmente...

— E se eu odiar isso? Ou e se eu adorar? — Lark diz, com a voz baixa enquanto tira o presente de couro da caixa.

Lark coloca a caixa no chão e segura o arnês de couro entre nós. Não digo nada enquanto observo seus olhos percorrerem os detalhes do couro preto e as pequenas fivelas douradas. Minha boca fica seca quando ela o pressiona contra o peito e olha para baixo para avaliar o tamanho. Sua expressão é ilegível enquanto ela examina os pequenos detalhes nas alças que cruzam seu peito e emolduram seus seios. É uma fileira de pequenas estrelas douradas uniformemente espaçadas. Há apenas um leve contorno de brilho metálico nos ângulos e pontas em relevo, cada linha cuidadosamente fixada com folha de ouro.

Seus lábios se abrem enquanto ela passa o dedo sobre uma das tiras de couro preto que ficará sob seus seios. Se ela colocar. Se ela não achar que é demais. Talvez seja muito longe. Cedo demais.

— No que você estava pensando quando fez isso? — ela pergunta, apontando para as estrelas.

Lark ainda não olha para cima e sua pergunta paira no ar ao nosso redor, suspensa.

Dou um passo à frente ao redor da mesa de centro. Outro. Mais um. Então deixo minha mão sair do bolso e aponto para uma estrela perto do polegar dela. — Eu estava pensando na vez em que você me disse para não Keanumatizar você para o perdão quando eu fiz isso.

Lark solta um suspiro silencioso de dúvida. Quase posso ouvir seus olhos revirarem. — Mentiroso.

— Não mesmo. Lembrei-me e ri. É por isso que a borda dessa estrela não é tão uniforme quanto às outras.

Os olhos de Lark se voltam para os meus antes de voltarem para a alça em sua mão. Ela o aproxima do rosto e o inclina sob a luz para examinar os detalhes. Quando ela olha para mim novamente com suspeita e dúvida, escolho outro. — Eu estava pensando na vez em que você cantou *'I Can't Give You Anything But Love'.* **Sua voz, é... — Balanço a cabeça. — Tive que esperar um minuto. Minha mãe adorava essa**

música. Eu tinha esquecido como ela cantava em nossa casa em Sligo. Fazia muito tempo que não pensava nela.

Lark está quieta. Ela passa o polegar sobre a estrela que acabei de tocar, como se pudesse adivinhar meus pensamentos a partir dela.

Limpo a garganta e aponto para outra. — Esta aqui, seu rosto no casamento de Sloane e Rowan. Não sabia por que você parecia tão diferente quando me convidou para dançar.

— Diferente...?

— Fria, mas forte. Não que eu conhecesse você, mas parecia que você estava afiado naquela noite de uma maneira que eu não tinha visto. Não parecia fazer sentido naquele momento. Agora eu sei por quê.

Eu poderia deixar por isso mesmo. Talvez ir embora, deixá-la entender minhas palavras da maneira que quiser, sem qualquer ajuda minha. E Lark me observa como se esperasse que isso fosse o que eu faria.

Mas talvez eu veja um pouco de esperança cautelosa em seus olhos de que vou tentar. E isso me aterroriza.

Quando percebi pela primeira vez que precisava ganhar o perdão dela, nunca pensei em como isso me mudaria no processo. Eu sabia que teria que provar a Lark que sentia muito por julgá-la. Que eu cometi erros. Que me senti horrível por ser insensível, por fazê-la se sentir insegura na minha presença, com medo ou desrespeitada. Mas como você mostra a alguém de uma forma que é mais do que apenas um punhado de palavras vazias? Porque agora sei que não se trata apenas de criar um lugar seguro para ela, ou de esmagar qualquer um que ameace a sua felicidade, ou de cuidar da sua saúde quando sei que ela não pode. Não é apenas um presente que posso comprar ou uma ação que posso realizar. Isso não a desgasta incansavelmente até que ela entre no maldito carro. Estou começando a perceber que preciso dar algo de mim. Eu preciso ser um pouco vulnerável. Colocar-me em um tipo de perigo diferente do que estou acostumado.

Como agora.

É a esperança nos olhos de Lark que me mantém enraizado no chão, mesmo que todo instinto me diga para correr.

Deixei minha mão cair para o lado, e isso é o máximo que me permito afastar. — Na época, pensei que era só porque você não gostava de mim, mas isso era apenas parte. Agora vejo que foi uma determinação levar adiante seu plano de ajudar alguém que você amava, mesmo que isso significasse abrir mão de sua própria felicidade e se unir a mim. Isso é muito corajoso, Lark. Estávamos nessa posição em primeiro lugar por minha causa. E sabendo que você teve que reunir esse nível de coragem para salvar a mim e ao meu irmão, mesmo que a culpa tenha sido minha... — Balanço a cabeça. Desviei meu olhar do dela. — Tenho vergonha de tudo isso, de ter tratado você do jeito que tratei. Mas aquele momento na pista de dança é o pior, só de saber agora o que deve ter passado pela sua cabeça. Eu penso nisso todos os dias. E a cada dia fica pior, porque fica mais claro o quanto eu estava errado.

Lark olha para mim, sem revelar nada. Parece um desafio. Um empurrãozinho, para ver se recuo. Mas não vou a lugar nenhum.

— Quero fazer deste casamento um casamento do qual você possa se orgulhar, não importa sua aparência ou quanto tempo deve durar. Não quero que seja algo do qual você se arrependa.

Uma forte tensão preenche o espaço entre nós. O ar parece denso com o peso de todos os pensamentos que deixei soltos no mundo. Então os lábios de Lark formam um sorriso e o nó no meu peito se desenrola.

— Que tal esta? — ela sussurra enquanto aponta para a próxima estrela da fileira sem desviar o olhar do meu.

Passo a mão pela nuca e dou a ela o leve eco de um sorriso libertino. — Não, você não quer saber o que eu estava pensando para o resto delas.

— Eu não?

— Não posso imaginar isso, não. — Eu levanto as duas mãos quando ela me dá um sorriso provocador e cético. — Esta peça é muito

parecida com um espartilho, então as penas estavam obviamente envolvidas.

Lark ri e acho que vejo suas bochechas corarem na penumbra. — É lindo, Lachlan. Vou usá-lo esta noite.

— Você não precisa. — eu digo, tentando não deixar meu peito inchar de orgulho.

— Eu sei que não. Mas eu quero. E eu trouxe algo para você também. Espere aqui.

Suas pernas se desdobram e ela se levanta do sofá. Ela caminha até seu quarto, a porta se fechando atrás dela com um clique silencioso. Espero em silêncio, com as mãos enfiadas nos bolsos, o polegar pressionado contra minha aliança de casamento enquanto tento me lembrar de todas as merdas que costumavam vir tão naturalmente para mim quando eu queria uma mulher. Dê a ela um sorriso torto. Talvez provocá-la um pouco, mas apenas o suficiente para fazê-la rir. Seja confiante, mas não arrogante – não tenho certeza se já dominei isso. Definitivamente não seja um idiota.

Mas quando Lark sai do quarto alguns minutos depois, todos aqueles pensamentos sobre como devo agir de repente evaporam.

— Você, hum... olha... uh...

Fan-tás-tico. **Agora não tenho confiança nem arrogância. De alguma forma, regredi para uma versão adolescente de mim mesmo, e até aquele cara tinha mais jogo do que eu.**

E Lark se deleita com isso. Claro.

— Essa é provavelmente a coisa mais legal que você já me disse. — ela diz com uma risada brilhante. Com uma pequena caixa na mão, ela aponta para a camada transparente do vestido preto transparente que flui sobre o sutiã e a saia opaca por baixo dele. O arnês se ajusta firmemente à parte superior do corpo sobre as camadas de tecido, passando pelos ombros e cruzando o tronco para abraçar os contornos dos seios. — Imagina se eu não estivesse com a camada de baixo e fosse só o tule.

Meu coração ruge em meus ouvidos.

— Os elogios estariam chegando — ela continua. — Apenas um longo 'uhhhhhhh'. Isso é um verdadeiro charme irlandês.

— Duquesa. — eu rosno, e ela sorri para mim como se ela tivesse entrado direto no meu cérebro para iluminar cada canto escondido, mesmo aquele onde eu mantenho minha necessidade por ela armazenada na escuridão. *Principalmente* **aquele canto. Não importa quanta merda eu acumule em torno disso, ela encontra esse desejo selvagem e o alimenta.**

Engulo em seco e tento o meu melhor para empilhar os blocos das minhas paredes em ruínas de volta no lugar. — Você parece bem. Muito bom.

Lark sorri. — 'Ótimo.'

— Sim.

— Legal. Obrigada. Você também parece bem. Bem.

Eu bufo.

Lark reprime seu sorriso. — Devo admitir, eu esperava talvez *deslumbrante ou linda***. Ou, Deus me livre,** *gostosa pra caralho.*

Pelo amor de Deus. Lark é tudo isso e muito mais. Ela é tudo. Ela é feroz, única, surpreendente e tão linda que às vezes parece que meu coração está preso em um torno quando apenas olho para ela. Não consigo pensar em uma única palavra que capte o que Lark se tornou para mim. E quando tento abrir a boca para dizer alguma delas, elas se dissolvem na minha língua. Então a única coisa que posso fazer é contar a verdade a ela. Pelo menos, talvez um pouco disso.

Aproximo-me de onde ela está ao lado do sofá, com a mão apoiada na enorme cabeça de Bentley enquanto ela acaricia sua orelha. Quando paro, estou ao seu alcance, mas não a toco, apesar do quanto quero sentir a suavidade de sua pele sob meus dedos.

— Você é sempre deslumbrante, Lark. Sempre lindo. Sempre muito sexy. Minha voz é rouca e rouca, provocando um rubor fugaz em suas bochechas. — Mas não quero que você sinta que estou tentando elogiar meu caminho para o perdão. Eu sei que isso não vai nos consertar.

O sorriso de Lark desaparece. — O que você acha que vai acontecer?

— Tempo.

— Quanto tempo?

— Isso não depende de mim. — Antes que eu realmente perceba o que estou fazendo, minha mão sai do bolso. Lark não desvia o olhar do meu quando deixo meus dedos roçarem seu braço nu, um movimento lento que vai do ombro, passando pelo cotovelo, até a ponta da mão, onde está enrolado firmemente na caixa. — Você decide. Mas não quero que você pense que estou forçando você a fazer isso por causa do que sinto.

Lark engole em seco, sua pulsação é um zumbido constante em seu pescoço. — E como você se sente?

— Você não sabe? — Deixei minha mão cair da dela. Ela balança a cabeça. — Provavelmente não é o mesmo que você. Vamos deixar por isso mesmo.

— Você tem certeza disso? — Lark sustenta meu olhar por um longo momento antes de voltar sua atenção para a caixa em sua mão. Quando ela o estende em minha direção, há muito pouco que posso extrair de sua expressão. Sua voz sai baixa e um pouco sem fôlego quando ela diz: — Isto é para você. Mas você não pode abri-la até que eu esteja no palco, não até que eu lhe dê um sinal.

— Que tipo de sinal?

Lark revira os olhos e sorri. — O Bat sinal. Dã.

— Cristo Jesus.

— Mas a versão econômica. Usarei uma lanterna barata com bateria meio descarregada.

— Você é quase tão chata quanto Fionn, você sabe.

— Oh, pare. Você o ama e suas provocações.

Mordo minha língua e sinto gosto de sangue.

Quando Lark sacode a caixa, finalmente a tiro de suas mãos. Há

um pequeno envelope preso à fita preta brilhante que prende a tampa. No momento em que meus dedos começam a soltar o cartão, ela coloca a mão sobre a minha para me impedir, exatamente como eu esperava que ela fizesse. — Eu disse não. Não até o show. — Ela pode parecer irritada, mas percebo que ela demora um pouco mais do que o necessário para tirar a mão da minha.

— Tudo bem, eu prometo — digo enquanto coloco a caixa no bolso da jaqueta e levanto as mãos em sinal de rendição. — O que minha duquesa quiser.

Lark se vira para pegar o casaco, a bolsa, o violão e o violoncelo, mas pego os instrumentos antes que ela possa colocar os estojos nos ombros.

E então partimos, deixando Bentley no sofá, onde ele fica de frente para a porta para guardar esse espaço, que parece mais nosso a cada dia que passa.

Quando chegamos ao local do evento, já há uma fila do lado de fora da porta, apesar do tempo horrível. As pessoas na fila escondem-se nos casacos e saltam sobre os calcanhares para se aquecerem. Uma sensação de orgulho inunda meu peito quando olho de relance para Lark. Ela olha para a multidão sem nenhuma evidência de preocupação ou medo do palco.

— Tem certeza de que não quer que eu te deixe enquanto procuro um lugar para estacionar? — Pergunto enquanto desacelero o velho Charger, ganhando alguns olhares apreciativos enquanto descemos a rua.

— Não, você pode ter problemas para entrar. Vou levá-lo na parte de trás.

Minha mente imediatamente se esvazia de pensamentos racionais e se enche de imagens vívidas. — Levar-me atrás...

— Sim — diz Lark, me lançando um olhar confuso e de soslaio antes de eu decidir manter os olhos grudados na estrada. — A entrada dos fundos.

Eu engulo.

— Você sabe...? A porta de trás...?

Concordo com a cabeça e me mexo no assento.

— Você está bem? Você tem alguma coisa sobre portas dos fundos? — Sua mão se move na minha periférica e eu afasto meu braço, evitando por pouco sua tentativa de um aperto tranquilizador. Se ela me tocar, tenho certeza que vou entrar em combustão. — Elas estão desencadeando algo para você ou algo assim?

— *Não,* **Cristo. — eu sibilo. Estou apertando os olhos. Por que estou apertando os olhos? Posso ver a estrada perfeitamente bem. Balanço a cabeça, tentando redefinir meus sentidos. Minha clareza dura apenas o suficiente para chegar a um ponto ao longo do meio-fio logo depois que outro veículo se afasta.**

— Você poderia ter estacionado lá atrás. — diz Lark, seu tom calmo e inocente enquanto eu desligo o motor e nos coloco em um silêncio absoluto.

Eu arrasto a mão pelo meu rosto, mas isso não faz nada para limpar meu rubor. Lark abre a porta com um rangido de aço velho. Como não confio em nenhuma palavra que saia da minha língua, minha única resposta é balançar a cabeça.

Um suspiro longo, alto e dramático sai dos lábios de Lark. — Lachlan Kane é um homem idiota. Bom saber.

Com uma risadinha, toda a inocência de Lark é varrida. Ela fecha a porta atrás dela.

Malditos.

Minha testa bate no volante frio e implacável. Eu derreteria na área dos pés se pudesse, talvez escorreria para a estrada ou, melhor ainda, para alguma outra dimensão. Mas Lark, é claro, tem outros planos e abre minha porta. — Vamos, Batman. A porta dos fundos espera. — ela declara enquanto sai correndo para esperar na calçada.

Quando pego os instrumentos e jogo as alças sobre os ombros antes de me juntar a ela, tenho quase certeza de que minha pele está derretendo com o rubor intenso que aquece minha pele.

— O quê? Não há nada para se envergonhar, gosto de um pouco de bunda. — diz Lark enquanto caminhamos em direção a Amigos Cantina, descendo por um beco à nossa esquerda em direção a uma porta de metal do palco. — Anal é ótimo. Eu gosto de anal. Uma vez, eu estava viajando na estrada e...

Antes mesmo de perceber o que estou fazendo, agarrei Lark pela cintura e a prendi contra a parede de tijolos do prédio. Uma pontada de medo atinge minhas veias de que eu poderia tê-la machucado, mas é dissipada pelo olhar que ela me dá enquanto eu me aproximo dela. Mesmo com o desfoque a esta distância, ainda consigo ver. Pele corada. Pupilas estouradas. Uma pulsação que bate em seu pescoço.

Desejo.

Eu me inclino lentamente, cada batimento cardíaco me aproximando até que posso sentir o calor de suas exalações instáveis contra minha pele fria. — Não tenho vergonha, duquesa.

Lark sustenta meu olhar e lança um desafio quando sussurra: — Você tem certeza?

Consumindo o pouco espaço que resta entre nós, pressiono meus quadris para frente e enfio uma mão em seu cabelo. A respiração de Lark falha quando ela sente meu comprimento duro contra seu abdômen, minha necessidade por ela é dolorosa, meu pau implorando para afundar em seu calor apertado. — Não suporto ouvir falar de como outro cara fodeu minha esposa. Ou a maneira como ela poderia ter fodido ele. Por favor. Não agora.

Seus lábios se abrem. Sua testa franze. Seu aperto em meu braço aumenta.

Eu me inclino ainda mais e toco meus lábios em sua orelha. Com um impulso longo e lento de meus quadris, esfrego minha ereção contra ela. Lark pressiona em mim em troca. Um gemido escapa de seu controle. — É angustiante, Lark. É uma tortura imaginar. Saber que não sou eu. Você não entende...?

Quando me afasto, deixo meus lábios roçarem sua bochecha. Não um beijo, mas uma carícia. Uma promessa. Que vou deixá-la ir. Eu vou

recuar.

Exceto que ela não me deixa.

Lark se move comigo, ambas as mãos agarradas com força em meus braços. Ela não deixa o espaço entre nós aumentar. Há um apelo em seus olhos. *Não recue.*

— Lachlan — é tudo o que ela diz, com os olhos fixos na minha boca.

Eu deveria me libertar. Talvez eu tenha ido longe demais. Simplesmente não consigo fazer isso, embora esteja determinado a ganhar o perdão de Lark antes de seguirmos outro caminho. Eu dei a ela minha palavra. Mas quando ela se aproxima e minha mão acaricia seu rosto, um toque para o qual ela se inclina, temo que seja uma promessa que estou prestes a quebrar.

Lark fica na ponta dos pés. Seu perfume me envolve. Cada respiração que ela respira se mistura com a minha, torna-se parte de mim.

Estou prestes a implorar. Pelo que não sei. Por qualquer coisa que ela me dê. Para ela recuar. Não tenho certeza do que sairá da minha boca quando eu abri-la. — Lark, eu...

A porta ao nosso lado se abre e bate contra o tijolo. Dois homens absortos em uma conversa animada entram no beco. Um terceiro homem permanece na porta, seus olhos alternando entre mim e Lark. Um leve sorriso se espalha por seus lábios, mas há uma confusão em seus olhos que ele não consegue esconder. Um pouco de ciúme também, eu acho.

— Ei, Lark. Na hora certa. — diz o cara. Sua cabeça se inclina enquanto ele nos observa. Ainda não nos movemos, e percebo como isso deve parecer, Lark com seus olhos arregalados e sua máscara de inocência tão perfeitamente trabalhada, eu com minha jaqueta de couro e as ondas loiras de Lark torcidas em minha mão tatuada. Provavelmente pareço pronto para transar com ela aqui mesmo, contra esta parede. Eu também faria isso, se ela me pedisse. Levante este vestido e deslize para dentro dela com um único impulso, e

então...

— Você está bem? — o cara pergunta, com uma respiração instável, solto Lark e dou um passo para longe. Uma ruga surge entre suas sobrancelhas e um lampejo de dor parece brilhar em seus olhos quando ela solta meus braços, mas apenas porque não lhe deixo escolha.

— Sim — ela diz, e limpa a garganta quando a confirmação sai sem fôlego. — Eu estou bem.

— Tem certeza disso?

— Claro. Xander, este é meu marido, Lachlan. — Uma carga elétrica explode em meu coração ao ouvir a palavra marido. — Lachlan, este é Xander. Ele toca baixo e faz backing vocal para KEX.

Eu engulo minha maldita alegria e consigo prendê-la em um sorriso que pode parecer acolhedor para alguém que não me conhece. Mas Lark sabe melhor. Posso sentir seu olhar de advertência perfurando minha têmpora enquanto estendo a mão.

— KEX. Legal. — É isso. Isso é tudo que consigo. Qualquer coisa a mais e não poderei me conter.

— Marido? **Essa é uma reviravolta selvagem, Lark — diz Xander enquanto solta minha mão e fixa sua atenção nela. — Quando isso aconteceu?**

— Outubro.

— Huh. Não ouvi nada sobre isso.

Lark encolhe os ombros e me puxa em direção à porta enquanto Xander se vira para nos levar para o corredor escuro. — Acho que estava muito ocupada fazendo postagens promocionais para a KEX para divulgá-las nas redes sociais. — diz Lark.

Quase não consigo reprimir um bufo quando Xander lança um olhar interrogativo por cima do ombro. Lark apenas sorri inocentemente em resposta, e posso dizer que ele está confuso. Ele avança um pouco mais pelo corredor e Lark aperta meu braço.

— Qual é o problema entre você e KEX, afinal? — Lark sibila.

Eu me inclino e sussurro: — Gíria irlandesa. Significa *roupa íntima.*

Ela dá uma risadinha enquanto Xander abre uma porta preta e entra no camarim compartilhado. Lark para na soleira e eu entrego os instrumentos para ela os deixar de lado. — Bem, isso é irônico, visto que geralmente prefiro não usar nenhuma.

Ela pisca. Eu morro, porra.

— Continue — diz ela, com um brilho divertido atrás dos olhos. — Se alguém lhe causar problemas, basta dizer que você é casado com a garota que gosta de ficar no comando e gosta de brincadeiras de bunda. Tchau.

Ela mexe os dedos enquanto acena e fecha a porta na minha cara.

Ainda estou parado no corredor como um idiota quando a porta se abre novamente. Ela enfia a cabeça no corredor. — Ah, e não se atreva a abrir esse presente até que eu dê o Bat sinal ou juro por Deus que transformarei suas bolas em globos de neve. Tudo bem, tchau.

Com um beijo sarcástico, Lark fecha a porta.

E ainda não me movi um centímetro.

Murmuro uma série de palavrões abafados enquanto passo a mão pelo cabelo. — Cristo Jesus. Preciso de uma porra de uísque.

— Ooh, me traga uma Coca Diet, por favor. — Lark grita do outro lado da porta, e com uma gargalhada demoníaca, eu sei que ela finalmente está me deixando com meu sofrimento desta vez.

Atravesso as passagens labirínticas e saio próximo ao palco onde o ato de abertura está sendo montado. Se me lançam olhares suspeitos, não percebo. Meus pensamentos estão apenas na barra à frente e nas imagens de Lark sem calcinha.

Envio uma Coca Diet de volta ao camarim para Lark e bebo meu primeiro drinque quando a banda de abertura começa, conseguindo de alguma forma me controlar enquanto eles tocam sua apresentação. Quando eles terminam, uma hora depois, alguns caras fazem a transição de instrumentos entre o palco e o KEX, e sinto uma breve onda de adrenalina em minhas veias quando avisto o violoncelo de

Lark. Terminar minha bebida não entorpece a sensação. Nem ajuda a tornar a espera mais suportável, uma espera que parece durar décadas.

Estou tomando outro uísque no bar quando os aplausos finalmente explodem. Então gritos e assobios. Braços levantados, mãos batendo palmas no ar. Guardo meus óculos para poder vê-la com mais clareza à distância e observo Lark liderando o palco. A banda fica atrás dela. Ela coloca uma garrafa de água em uma cadeira à esquerda, mas fica diante de um microfone posicionado próximo à frente do palco. A alça do violão está pendurada no ombro e ela sorri e acena para o público enquanto os outros músicos tomam seus lugares. Seus olhos percorrem o público.

Até que ela me encontre.

Ela sorri. Seu sorriso é tão brilhante e caloroso que quando ela se vira para afinar seus instrumentos com a banda, sinto um arrepio no ar. Quando terminam, ela me encontra novamente, e eu lhe faço uma saudação com meu copo erguido e sorrio de volta para ela.

— Bem-vindos, pessoal — diz Xander. Uma rodada de aplausos e gritos irrompe ao nosso redor, mas minha conexão com Lark permanece ininterrupta. — Esse é Kevin na bateria, Eric na guitarra, eu sou Xander e nós somos KEX. — Lark tenta esconder uma risada atrás do microfone, mas posso ver isso em seus olhos. — E temos uma convidada especial conosco esta noite. Por favor, dê as boas-vindas a Lark Montague.

Os gritos, assobios e palmas são ensurdecedores. Se havia alguma dúvida sobre quem o público realmente está aqui, ela foi apagada pela demonstração de amor por Lark.

A banda começa e Lark adapta sua vibração sem esforço. Ela apoia, mas não ofusca, sua voz é um equilíbrio perfeito com a de seus colegas. Eles jogam o primeiro set e Lark passa um tempo durante o pequeno intervalo para falar com o show de abertura e com os fãs que se aproximam. Embora parte de mim queira passar pela multidão e aproveitar o calor que ela irradia, em vez disso fico na minha mesa, me convencendo de que estou contente em ver Lark em seu elemento.

Tomo um gole do meu uísque e a vejo iluminar o palco. Mas não consigo me afastar da mulher sob os holofotes. Estou preso na corrente de Lark e sua música. Eu absorvo tudo: a maneira como ela se dedica a cada nota com os olhos fechados. A maneira como seus dedos deslizam pelo braço da guitarra. A maneira como os lábios dela pressionam tão perto do microfone que parece um beijo. Sua voz é flutuante acima da banda, dos aplausos e do público, que canta junto.

Ainda fico encantado quando Xander fala para a multidão entre as músicas.

— Lark vai nos dar uma nova música original. — diz ele.

Os ombros de Lark parecem relaxar. Ela é fluida, mudando seu peso de um pé para o outro em uma onda lenta de movimento enquanto diz: — Eu escrevi essa música nas últimas semanas. Levei muito mais tempo do que o normal. De todas as músicas que escrevi, foi a mais difícil, mas também é a minha favorita.

Uma rodada de vivas e assobios surge da plateia, bebidas erguidas em saudação.

— Quero dedicar isso a alguém da plateia. — diz Lark enquanto seus olhos encontram os meus. Ela sorri, e coisas que pensei que nunca sentiria, que nunca me permitiria sentir, surgem da escuridão. — Chama-se 'Amor Ruinoso'.

Nunca quis mais com uma mulher do que satisfazer desejos. Nada mais profundo do que uma necessidade superficial. Mas quando olho para Lark, uma mulher tão corajosa, tão feroz, tão lindamente complexa, a única coisa que desejo é ela. Sinto-me exatamente como o homem da história que ela me contou naquele dia em sua sala de artesanato, como se estivesse caindo de um penhasco com nada além de uma corda em volta da cintura, na esperança de capturar algo evasivo. É uma necessidade insaciável pela única coisa que nunca quis, uma obsessão inescapável pela única mulher que pensei que nunca teria.

E então Lark começa a cantar.

Estou com frio há muito, muito tempo

Sonhar com chamas à noite

Eu tenho vivido uma mentira sombria e delicada

Oh, que surpresa doce, estranha e perigosa de encontrar

Todos os olhares persistentes que parecem calor sob minha pele, as piadas provocantes, o jeito que ela sorri quando eu desisto e jogo junto – eu me convenci de que eram apenas momentos efêmeros. Produtos de familiaridade.

É a primeira vez que realmente me permito acreditar que posso estar errado.

Seu toque, brasas

Seu cheiro, como fumaça

Seus olhos queimam buracos, olhando para trás

Faíscas estalam tão alto

A luz cai em sua boca

Suas mãos se estendem, segurando um fósforo

Como se perguntasse

"Baby, você queimaria o mundo por mim?"

Porque eu queimaria tudo para você.

Amor ruinoso é tudo que sei fazer

Não tenho medo da condenação, sou apenas novo nesse desejo

Eu acredito que as melhores coisas saem do fogo

Eu faço, eu faço, eu faço

Coloquei o copo na mesa. Tudo na sala desaparece. A música de Lark invade meus sentidos, como se estivesse vazando através de sangue e ossos.

Cinzas pela janela

Raios da lua pegando poeira

Deite-me, querido, não me deixe descansar muito

O fim da vida como a conhecemos é uma bela vista

Aqui estou eu, olhando para você, você, você

Dói. A merda queima em minhas veias. Essa é minha esposa. E ela está cantando para mim. Segurando meus olhos durante toda a música. Alcançando meu peito e rasgando as camadas até ter certeza de que ela pode ver minha alma.

Eu acredito que as melhores coisas saem do fogo

Eu faço, eu faço, eu faço

Você foi perdoado, obteve minha permissão para continuar pecando

Você foi perdoado, obteve minha permissão para continuar pecando...

Nunca quis estar apaixonado, com medo do poder dizimador de sua perda. Então eu enterrei. Morreu de fome. Tentei o meu melhor para mantê-la fora. Mas Lark destruiu todas as defesas, uma supernova na minha vida. E agora, enquanto ela canta sobre dor e saudade e sobre o fogo que agora sei que queima nós dois, não consigo compreender meu mundo sem ela. A única coisa mais poderosa que meu medo de perder Lark é minha necessidade crescente de estar com ela.

A música termina. A multidão aplaude. Lark é luminosa. Seu olhar percorre o público enquanto ela acena em agradecimento, até manda beijos ocasionais para pessoas que ela reconhece. Mas ela sempre volta para mim. Sempre sorri mais brilhantemente para mim.

Xander começa a falar no microfone enquanto Lark puxa a alça da guitarra pela cabeça e deixa o instrumento de lado. Ela se acomoda na cadeira e levanta o violoncelo do suporte para centralizá-lo entre as pernas, reservando um momento para afinar o instrumento silenciosamente enquanto Xander apresenta a próxima música. Meus olhos estão fixos em cada movimento que ela faz. Não há como eu perceber quando ela olha para mim. Suas sobrancelhas se curvam. Apoiando o arco nas pernas, ela junta os polegares e cruza as mãos para fazer um movimento de bater os dedos, um pequeno morcego em vôo. Eu dou uma risada.

Abra, **ela murmura.**

Tiro a caixa do bolso e abro o pequeno cartão. — Excite-me — diz a caligrafia de Lark. Quando encontro seus olhos brevemente, ela sorri, e então me concentro novamente na caixa para puxar a fita e colocá-la ao lado da minha bebida. Quando levanto a tampa, há um pequeno controle remoto oval dentro, o centro feito de silicone preto macio. Existem apenas três botões – um sinal de mais na parte superior, um sinal de menos na parte inferior e um símbolo de energia no centro.

Inclino a cabeça, minha pergunta é recebida com um sorriso malicioso quando a música começa e Lark desliza o arco pelas cordas.

Ligue, **ela murmura.**

Guiado por seu aceno tranquilizador, pressiono o botão liga/desliga e Lark fecha os olhos, exatamente como costuma fazer quando se perde em uma melodia. Nada está acontecendo. Não é como se confetes brilhantes estivessem chovendo do teto ou a pirotecnia começasse a disparar da borda do palco. Estou prestes a desmontar a bateria quando Lark me olha e balança a cabeça.

Aumente o volume.

Aperto o sinal de mais repetidamente até que os olhos de Lark se arregalam e ela balança a cabeça. Suas bochechas coram enquanto ela sorri.

Baixo, baixo, baixo.

Oh. Meu. Porra. Cristo.

Pressiono o sinal de menos algumas vezes até que a cabeça de Lark cai de alívio, então ela mantém o olhar fechado, balançando suavemente ao som da melodia enquanto equilibra notas com sensações.

Meu sangue espuma em minhas veias. Meu coração está um tumulto em meus ouvidos. Olho do controle remoto em minha mão para minha esposa no palco e vice-versa.

— Eu vou *morrer,* **caralho. — murmuro para mim mesmo.**

Pressiono o sinal de mais uma vez. Duas vezes. Na terceira

tentativa, a testa de Lark franze e ela se mexe na cadeira. Meu pau endurece enquanto a vejo se contorcer, o desejo espiralando em meus pensamentos, me puxando para perto da loucura.

Ela me deu o controle de um brinquedo que ela deve estar usando. E ela quer que eu a veja *subir* naquele maldito palco.

Aumento mais dois. O vinco se aprofunda entre as sobrancelhas. Ela não perde uma nota, mas talvez eu queira que ela perca. Um salto do arco nas cordas. Uma melodia gaguejante.

Meu polegar permanece pressionado no botão menos até que ela encontra meus olhos com um mau humor petulante.

Com os lábios curvados, dou-lhe um sorriso sombrio em resposta antes de diminuir mais um pouco a vibração que ela está sentindo. O olhar que recebo é incendiário, queimando tão intensamente que me agarro à borda da mesa para evitar subir ao palco.

Pressiono o sinal de mais quatro vezes e o alívio toma conta da expressão de Lark.

Deixo-a lá, observando enquanto ela passa o arco pelas cordas, seu peso passando de um quadril para o outro. Por um longo momento, ela parece sentir o equilíbrio entre música e prazer, como se estivesse perdida num vazio fora do alcance do mundo que a rodeia.

Mas ela não está tão longe do meu controle.

Pressiono o sinal de mais duas vezes. Os olhos de Lark se abrem e ela me encontra sem demora. Há um desafio na maneira como ela me observa. Ela quer ver se vou levá-la mais longe, com toda essa gente assistindo. Talvez eles não percebam o rubor que sobe por seu pescoço, ou a maneira como ela morde os lábios enquanto seus cílios se fecham.

Ou talvez sim.

Aumento o controle remoto mais três vezes.

Os lábios de Lark se abrem. Mesmo desta distância, sinto-me sintonizado com cada pequena mudança em seu corpo. A ascensão e queda de seu peito. A tensão em seu antebraço, o modo como ela se

esforça para acompanhar a música. Estou ali com ela, como uma nota em sua melodia.

Pressiono o sinal de mais, mais três vezes.

Os olhos de Lark se abrem e se fundem com os meus. O olhar que ela me dá é de súplica.

Mais dois toques no sinal de mais e ela mal consegue ficar parada.

Mais um e sua cabeça cai. O orgasmo deve estar ao meu alcance, mas quero os olhos dela em mim. Eu preciso deles.

Quando pressiono cinco vezes o botão menos, o olhar que Lark me dá é desesperador. Ela está prestes a jogar aquele violoncelo no chão. Eu daria meu braço direito para vê-la sair do palco e cair de joelhos aos meus pés. Quero que ela implore pelo meu pau, sinta o desespero trêmulo de seus dedos enquanto ela se atrapalha com meu cinto para libertar minha ereção. Ela pressiona meu zíper em uma exigência dolorosa enquanto a imagino me despindo. Estou desesperado para afundar nela, para sentir o quão forte sua boceta pode agarrar meu pau enquanto ela me leva profundamente em sua boceta. Preciso ver o meu esperma a escorrer pelas suas coxas para que todos aqui saibam. Ela é *minha* **esposa.** *Minha.*

Mas, por enquanto, a atenção inabalável de Lark terá que servir.

Um. Dois. Três toques no botão mais. A luxúria inunda a expressão de Lark, mas sei que não é suficiente enquanto ela muda seu peso, em busca de fricção.

Ela não precisa dizer uma palavra para implorar por libertação. Está escrito em todo o rosto dela.

Pressiono o símbolo de mais, mais vezes do que me preocupo em contar.

A testa de Lark se franze e sua boca se abre em um gemido que ninguém consegue ouvir. Mas posso senti-la se desintegrar. A onda da música. As notas da saudade. O jeito que ela me observa, implorando, desesperada, pegando tudo e querendo mais. Ela precisa de mim. Para tocá-la. Desejá-la. Para transar com ela. Isso não é o bastante.

Quando tenho certeza de que ela gozou, diminuo a intensidade da vibração antes de pressionar o botão liga/desliga. A música termina, o público aplaude e grita enquanto Lark sorri para mim, o suor embaçando sua testa sob as luzes brilhantes.

Ela coloca o violoncelo e o arco no suporte.

E quando ela olha para cima, eu já desapareci de vista.

Capitulo Dezenove

EXPOR



Eu examino o público.

Mas Lachlan se foi.

Não vejo seu cabelo escuro, sua pele tatuada ou aquele maldito sorriso. Não sei por que, nem como, nem quando aconteceu, mas preciso de seu sorriso provocador e arrogante. Assim como eu preciso daquele olhar comovente em seus olhos quando ele quer desesperadamente compartilhar, mas não consegue suportar. Assim como eu preciso de seus rosnados e resmungos e do mau humor zumbi que ele não consegue se livrar até tomar seu primeiro café. Mas o que não preciso, o que não suporto, é que ele desapareça. A coisa do vibrador foi demais? Eu cruzei uma linha? Achei que ele acharia isso sexy. Mas talvez...

Eu sorrio durante o bis, porque sou boa nisso. Empurro cada átomo de dor para o fundo das minhas entranhas, onde queima. Então eu aceno e arrumo minhas coisas. Peço a Kevin que cuide dos meus instrumentos até amanhã, mas não digo o que estou pensando. Não conto a ele que Lachlan – o homem para quem finalmente chamei como meu marido em voz alta e foi *sincero* – me deixou aqui.

Ele me deixou aqui.

Eu saio do palco antes que alguém possa me puxar de lado, então corro pelo corredor em direção ao banheiro dos bastidores para

chorar.

As lágrimas estão escorrendo pela minha pele antes mesmo de eu chegar à porta.

Assim que fecha atrás de mim, descanso a testa nas palmas das mãos, apoio os cotovelos no balcão e soluço, porra.

Eu quero *ele*. Eu o quero tanto que é uma dor esmagadora. É como se meus ossos estivessem se dobrando, quebrando-se em lascas e cacos. Quanto mais vejo quem Lachlan realmente é, todas as coisas que ele faz pelas pessoas que mantém perto, mais quero estar perto dele. Quero fazer parte de seu abraço apertado. Eu pensei que eu era.

Eu pensei errado.

— O que há de errado com você? — Eu sibilo enquanto pressiono meus olhos fechados.

Estou tentando reunir forças para encarar meu reflexo quando a porta se abre e bate contra a parede. Viro-me e encontro os olhos incandescentes do meu marido.

Lachlan preenche o batente da porta, sugando a energia da sala como se fosse feito de matéria escura. — Que porra você está fazendo?

Solto uma risada aguada e bato a mão em direção ao meu rosto. — Chorando, claramente. Que porra *você* está fazendo?

Cada passo que Lachlan dá em minha direção é ameaçador. Predatório. E embora minha maquiagem provavelmente esteja manchada em minhas bochechas e eu acho que perdi outro cílio postiço porque *por que diabos eles não ficam perto desse homem*, eu não recuo.

Lachlan não para até que ele esteja pairando sobre mim, seus olhos escuros e cheios de um calor cruel, mas ele não me toca quando diz: — Eu estava andando no camarim, duquesa. Eu estava esperando por você para poder lhe dar as chaves para nos levar para casa e depois te foder até que você não consiga mais andar amanhã.

Tudo em meu corpo para. Tudo, exceto meu coração. Ele martela meus ossos em um ritmo constante até que tenho certeza de que o

órgão machucado abrirá caminho entre minhas costelas e se libertará do meu peito.

— Eu... bem... — Dou um passo para trás, mas Lachlan se move comigo. Outro passo e minha bunda bate no balcão do banheiro. Endireito os ombros e tento inclinar o queixo em desafio, mas me sinto exposta demais para vestir minha armadura. — Bem... eu... você...

— Você nunca fica sem palavras, Lark Kane. Cuspa para que eu possa dizer o que quero dizer.

Seus olhos se fixam nos meus, letalmente escuros na penumbra. É como se todas as células do corpo dele estivessem direcionadas para mim. Meu estômago revira quando ele avança em meu espaço, apenas o suficiente para roçar meu corpo com o dele.

Querido Deus.

— Você deveria ter me sinalizado com um bat sinal. — eu finalmente digo.

Há um breve momento de suspensão em que nenhum de nós se move, então Lachlan ri – ri de verdade. Os cantos de seus olhos enrugam de alegria. — Tudo bem, sua maldita catástrofe. Da próxima vez vou usar isso em vez do telefone, já que você não pensou em verificar suas mensagens. — ele diz enquanto segura o controle remoto.

— Deixei meu telefone no camarim. — Desvio minha atenção do olhar inabalável de Lachlan e abro as notificações de texto no meu relógio.

LACHLAN

Provador. Agora.

— Oh. Isso é, hum...

Lachlan levanta uma única sobrancelha.

— Mandão.

— Mandão **— ele ecoa.**

Concordo com a cabeça e tento ressuscitar minha confiança. — Mas se você for usar o controle remoto em vez do telefone, provavelmente deveria testá-lo. Veja se ainda funciona.

— Eu testei. Diante de uma plateia de cerca de trezentas...

— Quinhentas.

— ...*quinhentas pessoas.* **Minha esposa. No palco. Tendo um orgasmo. Na frente de quinhentas pessoas.**

Minha esposa. **O tom possessivo nisso corta meus pensamentos. Ecos na minha cabeça. Ricocheteia em meu peito. Tento encolher os ombros e lançar lhe um olhar arrogante, mas essas duas palavras ressoam em minha mente. — Você foi o único que percebeu.**

— Duvido muito disso, duquesa.

— E isso te incomoda?

— Você quis dizer o que disse naquela música? Que você me perdoa?

— Você não respondeu minha pergunta.

— Primeiro responda minha pergunta. — Lachlan se aproxima, seus olhos nunca se desviando dos meus. Cada palavra é lenta e distinta quando ele diz: — Você. Quis. Dizer. Isto?

Eu engulo. — Sim.

Lachlan recua um pouco e tento não me mover com ele, embora meu corpo esteja queimando por sua proximidade, implorando por seu toque. Seus olhos se desviam dos meus para descer por todo meu corpo, desde o suor que pontilha meu cabelo até as pontas das minhas botas e vice-versa. Quando ele encontra meus olhos, há fogo, necessidade e desejo olhando para mim.

— Isso me incomoda? — ele diz, voltando à minha pergunta. — Ver você naquele palco e saber que sou eu quem está fazendo você gozar e ainda assim não posso tocar em você? — Lachlan se aproxima. Ele se inclina para frente para me prender entre seus braços enquanto agarra o balcão, mas toma cuidado para não me tocar. — Sim, isso me incomoda, duquesa. Isso me incomoda muito. Da melhor e da pior

maneira.

Mordo meu lábio e Lachlan observa o movimento como se fosse a única coisa que ele pudesse ver, como se nada mais existisse no mundo, exceto aquela pequena demonstração de necessidade. — O que você vai fazer sobre isso? — Eu sussurro.

Um sorriso lento, selvagem e voraz surge em um canto de seus lábios enquanto seus olhos ficam sem luz, a cor consumida pelo desejo. Ele levanta o controle remoto que segura na mão e o liga. Mesmo em sua configuração baixa, a vibração choca meu clitóris inchado.

— Você vai me mostrar aquele brinquedo — ele ordena. — E então você descobrirá.

Com um movimento rápido, Lachlan me levanta pela cintura e coloca minha bunda no balcão do banheiro.

Nós nos encaramos. Os lábios se separaram. Respirações irregulares. Estamos separados por meros centímetros de ar e finas camadas de tecido e pela determinação de não sermos os primeiros a nos dobrar tanto que quebram.

É Lachlan quem dá o primeiro passo, Lachlan quem lentamente se inclina para frente. Lachlan que preenche essa lacuna para roçar minha bochecha com seus lábios e causar arrepios em minha carne, seu apelo é uma carícia em minha orelha.

— Duquesa. — ele sussurra. Sua voz é um feitiço exuberante e luxuoso. — Mostre. Me.

Lachlan se afasta apenas o suficiente para unir seus olhos aos meus. Ele nunca quebra o contato visual enquanto cruza a mão em volta da minha e a guia até o tule que cobre minhas pernas. Ele enrola meus dedos no tecido antes de deixar sua mão se afastar.

Respiro fundo duas vezes e, em seguida, enrolo o tecido na mão para arrastá-lo pela perna. Quanto mais ferozmente a necessidade arde em seus olhos, mais lento eu me movo, prolongando tanto a tortura dele quanto a minha. A bainha sobe pela minha pele. Somente quando a borda roça a mão de Lachlan, onde ela repousa contra minha coxa, ele olha para baixo. Seu polegar segue o rastro do tecido. A

tensão irradia de seus músculos contraídos. Eu diminuo a velocidade para um movimento lento enquanto o tecido sobe mais alto até finalmente atingir a borda da renda da minha calcinha.

E então eu paro.

Os olhos de Lachlan se voltam para os meus, escuros com um desafio. Seu polegar traça a bainha. — Pensei que você não gostasse de usar isso. — diz ele, com a voz baixa e rouca.

— Circunstâncias especiais. — Pressiono minha mão sobre a dele quando ele segura a borda da renda recortada. — Eu quero você — digo antes que a dúvida possa florescer em seus pensamentos. — Você sabe coisas sobre mim e meu passado que não conto a ninguém.

Seu rosto se enruga de dor. Ele respira fundo para responder, mas pressiono as pontas dos dedos em seus lábios.

— Só não pense que quero que você jogue bem. — Um sorriso lento surge em meus lábios. — Eu não sou sua recatada duquesa. Eu sou a porra da sua puta, entendeu?

Deslizo meu polegar em sua boca. Lachlan geme enquanto envolve seus lábios em volta da minha carne e chupa. Quando me movo para libertar meu polegar, ele morde, com os dentes à mostra, os olhos semicerrados enquanto absorve minha reação. Estou presa no equilíbrio entre dor e prazer. O empurrar e puxar do poder. Lachlan me solta e aumenta a vibração do brinquedo e eu respiro trêmula.

— Então levante esse vestido e prove isso. — Lachlan se aproxima. Seus dedos traçam minhas coxas, espalhando-as mais sem levantar o tecido que se acumula entre elas. Sua respiração inunda meu rosto enquanto seus lábios param a um fio dos meus. — Mostre-me como essa maldita calcinha está encharcada por gozar naquele palco na frente de todas aquelas pessoas. Mostre-me o quão desesperada você está para ser fodida.

Meu peito roça o dele enquanto respiro superficialmente. Com meus olhos fundidos com os de Lachlan, levanto o vestido até a cintura e me inclino para trás até que meus ombros repousem no espelho, onde sinto as pontas do arnês de couro contra minha coluna.

As mãos de Lachlan são gentis na minha pele, embora todos os outros músculos pareçam enrolados para atacar. A tensão irradia de seu corpo. Ele dá um passo para trás e segura meus olhos por um momento que parece eterno antes de finalmente olhar para o ápice das minhas coxas.

Com um movimento longo e lento do polegar, ele passa o toque pelo tecido úmido e pelo brinquedo vibrante abaixo dele.

— Diga-me. — eu sussurro enquanto seu polegar passa em outro golpe.

Seus olhos estão escuros. Mortal. Impiedoso. — É o seguinte? Que você é minha puta?

— Sim.

A vibração aumenta e eu suspiro quando ele pressiona o brinquedo no meu clitóris. — Eu não tranquei a porta, Lark. Alguém pode entrar aqui a qualquer momento. Isso te assusta?

Balanço a cabeça, mordo o lábio e gemo.

— Bom, porque qualquer um daqueles idiotas que assistiram você naquele palco poderia entrar aqui e eu não dou a mínima. Não vou parar até que você grite a porra do meu nome para que eles saibam exatamente de quem você é puta.

Num piscar de olhos, algo metálico desliza pelo meu quadril e minha calcinha fica frouxa. Lachlan os puxa e com outro corte de sua faca eles se afastam completamente. O brinquedo sumiu e meus pés bateram no chão. Ele agarra minha cintura e me gira para encarar o espelho. A lâmina que ele usou cai na pia enquanto Lachlan enrola a calcinha em volta do meu pescoço, mas não a aperta, seus olhos se fundem ao meu reflexo.

Com o brinquedo vibratório em suas mãos, Lachlan arrasta um dedo pela minha nádega enquanto a outra mão segura o tecido em volta do meu pescoço. — Vermelho significa...?

— Pare.

— Laranja significa?

— Desacelere.

— Verde significa?

— Foda-me e me encha com seu esperma.

Lachlan ri em minha orelha antes de dar uma mordida, deixando seus dentes arranharem a carne. — Só se você implorar. — ele sussurra.

Por favor, **mal sai dos meus lábios e ele aperta a calcinha com um giro do punho, depois pressiona o brinquedo no meu clitóris com a outra mão. A vibração percorre meus nervos em círculos lentos e eu giro meus quadris, buscando fricção. As veias do meu pescoço se tensionam com a pressão do tecido. Minha maquiagem está manchada em listras abaixo dos meus olhos. Mas quando solto um gemido baixo e rouco e vejo a mandíbula de Lachlan apertar com desespero contido, me sinto poderosa. Linda. Como se eu pudesse ser a mulher que quero ser.**

— Mais. — eu choramingo. — Por favor, *mais.*

O sorriso de Lachlan beira a ameaça. Ele leva um longo momento para me responder, dando beijos e mordiscadas ao longo do meu queixo. — Tente novamente, duquesa. E deixe-o bonito.

Uma dor para ser preenchida aperta profundamente meu núcleo quando Lachlan chuta meus pés um pouco mais e rola o brinquedo através dos meus nervos sensíveis em movimentos longos. Ele não aumenta o volume nem faz qualquer movimento para me dar o que eu desejo. Mas a negação é a sua própria recompensa.

— Lachlan, *por favor,* **preciso de mais. Eu preciso de** *você.* **— eu sussurro. A calcinha aperta minha garganta, apenas o suficiente para que eu possa respirar em um jato fino, mas não sem que minha pele fique vermelha. — Eu preciso ser preenchida por você.**

Lachlan se inclina perto do meu ouvido. Ele segura meus olhos com um olhar inabalável enquanto cada expiração faz cócegas na minha pele. — A primeira vez que eu transar com minha esposa não será no banheiro de algum bar. Então, se você quer ser preenchida, é melhor usar a imaginação e vir com o que eu te dou.

Eu choramingo com a necessidade repentina de sair com ele, de ir para qualquer lugar menos aqui.

Estou descabelada. Desesperada. Imperfeita. Mas Lachlan me olha no espelho como se visse através de cada camada manchada, de cada máscara quebrada. É a ideia de voltar para casa com esse homem que sempre procura a mulher real por trás de tudo isso que me impulsiona a agir.

Pressiono a mão de Lachlan sobre meu clitóris. Eu moo meus quadris. Eu imploro para que ele aperte ainda mais minha garganta. E então eu gozo em estrelas ofuscantes enquanto o nome de Lachlan sai dos meus lábios, repetidamente, um canto que não para até que ele tenha arrancado cada momento de prazer do meu corpo. Isso passa por mim, mas deixa um zumbido de necessidade para trás. Não é o suficiente. Não será até que eu sinta sua pele contra a minha e o peso de seu corpo e os músculos sob minhas palmas.

Minha cabeça cai no peito e Lachlan deixa o tecido cair da minha garganta. A vibração do brinquedo diminui e ele desliga. Ele passa o braço pela minha cintura e me abraça. Eu aprecio seu calor, os beijos lânguidos que ele deposita em meu pescoço, a pressão de seus músculos e ossos contra minha carne trêmula.

A porta range atrás de nós e meus olhos se abrem para o reflexo de olhos arregalados de Xander no espelho.

— *Dê o fora, porra.* **— Lachlan rosna enquanto seu braço aperta em volta de mim e ele protege meu corpo com o dele. Xander desaparece com um pedido de desculpas chocado, mas os olhos de Lachlan permanecem fixos na porta em um olhar feroz. — Eu odeio esse cara.**

— Você nem o conhece. — Embora eu morda a ponta do meu sorriso, ele explode quando Lachlan volta sua fúria para mim. — Você é ciumento?

— Foda-se.

— Você *está* **com ciúmes.**

O suspiro profundo de Lachlan esfria as gotas de suor no meu pescoço.

— Vamos sair daqui para que eu possa provar que você não tem motivo para estar. — Viro-me nos braços de Lachlan e tiro os óculos do bolso da frente. Lentamente, eu os coloco e ajeito meu cabelo enquanto dou um sorriso malicioso para ele. — Como eles estão?

— Cristo Jesus, **por que isso está tão quente?**

— Agora os imagine combinados com um espartilho e penas. — Minha risada é a mais livre que já senti em muito tempo quando Lachlan agarra minha mão e me puxa em direção à porta. Eu puxo de volta, não estou pronta para ir, mas estou desesperada para ir embora. — Espere, Lachlan. Eu pareço uma merda.

Lachlan olha para mim por cima do ombro, com olhos calorosos. — Você está linda, Lark. — Quando ainda hesito, ele se vira para mim e se aproxima. Ele tira os óculos do meu rosto. Coloca-os. Me vê claramente. Ele sorri e passa o polegar por uma bochecha e depois pela outra. — Lá. Menos como lágrimas. Mais intencional. Vê?

Ele pega meus ombros e os vira até encontrar meu reflexo. Talvez eu ainda pareça um pouco maluca com minha máscara de panda lixo, blush recém-fodido e meu cabelo suado e selvagem. Mas ele está certo. Eu também estou linda.

Com um beijo rápido na minha bochecha, Lachlan pega minha mão e retoma sua campanha para me tirar do banheiro, com passos decididos. — Agora vamos sair daqui. Eu quis dizer o que disse antes sobre você nos levar para casa para que eu possa te foder até que você não consiga mais andar.

— Então vamos pegar minhas coisas rapidamente. — eu digo antes que ele possa caminhar em direção à saída dos fundos. — Prefiro não deixar isso com a banda se não for necessário.

Lachlan geme, mas gira para me seguir enquanto eu abro caminho para o palco. Xander ergue os olhos de onde guarda nosso equipamento, próximo à parede oposta. Ele nos dá um sorriso tímido e eu aponto para meu violoncelo e violão para avisá-lo que vou levá-los.

— Você pode carregar isso para mim, por favor, Lachlan? — Pergunto com um aceno para a guitarra na caixa preta. Lachlan aperta

meu ombro e caminha em direção a ele, um progresso que Xander finge não observar com receio, embora ele falhe. Lachlan murmura algo para Xander que não ouço. Tento não rir enquanto tiro meu violoncelo do suporte.

— Uma performance maravilhosa — diz uma voz atrás de mim. Algo no sotaque é familiar. — O violoncelo é meu instrumento favorito.

Eu viro. É o homem que conheci na loja do Lachlan. — O meu também — respondo. — Abe, certo?

— Sim, boa memória. — Abe lança um olhar apreciativo para o instrumento em minhas mãos. — Toca há muito tempo?

Concordo com a cabeça antes de me abaixar para colocar o violoncelo no estojo. — Desde que eu tinha sete anos.

— Sete — ele ecoa. Ele se agacha para ficar dentro da minha linha de visão. — Que ferramenta maravilhosa é a música para escapar da escuridão. Você não concorda? *Façam um barulho alegre ao Senhor, toda a terra. Comece a cantar alegremente e cante louvores.*

Meu sorriso é educado, mas frágil. Abe me examina, mas não tenho certeza se ele interpreta meu desconforto – ou talvez ele simplesmente o ignore. Há uma monotonia em seus olhos. Uma desconexão com seu sorriso gentil.

Abe me passa o arco. Ele segura quando eu agarro o sapo, esperando que eu olhe nos olhos. Esse sorriso retorna, vazio de luz. — Tenha uma ótima noite, Srta. Montague. Obrigado pela inspiração.

Ele solta o arco.

No momento em que coloco na maleta e Lachlan se junta ao meu lado, Abe já se foi.

Capitulo Vinte
ARRASTAR



A viagem para casa são os quinze minutos mais longos da minha vida.

Quero tocar em Lark, mas não farei nada além de olhar para ela, não até chegarmos em casa. E ela torna isso angustiante, a maneira como ela morde o lábio inferior quando se concentra, a maneira como ela se mexe no banco, sua calcinha rasgada queimando um buraco no meu bolso. Estou morrendo de vontade de passar meus dedos pela pele dela. Para prová-la. Afundar dentro dela. Sentir o peso de seu corpo sobre o meu enquanto ela monta meu pau e me agarra com força. Mas estou determinado a saboreá-la. Mesmo que seja uma tortura durante todo o caminho para casa.

E Lark adora tortura.

— Então — ela diz enquanto vira à esquerda no semáforo, quando seria mais rápido virar à direita. — Quando você disse que iria me foder até que eu não pudesse andar amanhã, o que exatamente você tem em mente?

Meus molares se fecham com tanta força que podem quebrar.

— Tipo... há brinquedos envolvidos ou esta é estritamente uma situação de maratona?

Pressiono minha cabeça contra o encosto de cabeça.

— Você tem um painel de humor? Pinterest?

Eu me viro lentamente para nivelá-la com um olhar ameaçador.

— Estamos falando de banhos frios aqui? Devo parar para pegar gelo? Posso entrar no Power Pump. Ironia e gelo, é uma vitória dupla. — Ela acende a luz do sinal para entrar no posto de gasolina.

— Faça essa curva e juro por Cristo que farei você implorar de joelhos para que eu deixe você gozar.

Lark sorri para mim.

Ela dá a volta.

Não digo nada até que ela estaciona e desliga o motor. Ela puxa as chaves da ignição e as gira no dedo. Meu olhar ameaçador não faz nada além de iluminar seu sorriso. — Você vai se arrepender disso, duquesa.

— Oh, que bom — ela diz enquanto abre a porta. — Vou pegar duas sacolas então.

Ela salta do carro. Quando ela está na entrada, ela se vira e pisca para mim por cima do ombro antes de desaparecer lá dentro.

Meu pau dói e eu arrasto a mão pelo meu rosto. Eu coloquei todo o meu esforço para afastar meus pensamentos de Lark, mas isso não funciona.

Ela passa um tempo na loja. E, assim como prometeu, ela sai com dois sacos de gelo e um sorriso magnético de comedor de merda, um sorriso que fica preso em mim enquanto ela passa pela porta do passageiro para colocar os dois no porta-malas. Lark volta para o carro parecendo bastante satisfeita consigo mesma, e isso só torna minha ereção ainda mais dura. Assim como ela provavelmente planejou.

— Que sorriso que você tem aí, duquesa. Você acha que escapou de alguma coisa, não é?

Lark ri e se vira para mim para olhar pela janela traseira enquanto dá ré. O arnês aperta seus seios com a torção de seu corpo. — Ah, eu sei que não, mas ainda assim me traz alegria.

— Não vai ser tão engraçado quando você estiver engasgando com meu pau.

Uma risadinha escapa de seus lábios enquanto ela engata a primeira marcha, mas mantém o pé no freio. Ela me fixa com seu olhar cristalino, embora possa estar me provocando, sei o que minhas palavras fizeram com ela. Está na passagem lenta da língua sobre os lábios. A extensão escura de suas pupilas. A forma como seus mamilos endurecem em picos firmes sob o tecido delicado de seu vestido.

Eu me inclino mais perto e sua respiração fica presa. Meus olhos se fundem com sua boca enquanto um sorriso surge em meus lábios.

— Você gosta disso, não é? Você quer que eu encha sua garganta. Você quer engolir cada gota de esperma como a minha boa puta. Não se preocupe, você vai. E então você vai me implorar por mais, não é? — Eu rio quando seus lábios se abrem e o doce aroma de seu hálito inunda meus sentidos. Ela assente. — Isso foi o que eu pensei.

Eu me inclino um pouco mais perto, apenas o suficiente para meus lábios roçarem os de Lark enquanto sussurro: *— Dirija.*

Sento-me no meu lugar com um sorriso satisfeito. Meu pau está tão dolorosamente duro que estou convencido de que todo o meu corpo está tão furioso com o quase beijo quanto ela. Finalmente, ela tira o pé do freio. Os pneus cantam no asfalto quando saímos do estacionamento.

No momento em que ela estaciona, saio do carro. Lark mal colocou um pé no chão da garagem antes de eu puxá-la para fora do veículo e jogá-la por cima do ombro ao som de sua risada chocada. Pego o gelo do porta-malas, um momento depois, estou subindo as escadas com o corpo dela ainda pendurado nas minhas costas. Seus protestos indiferentes ecoam pelo chão da fábrica. Só quando estamos no apartamento e eu coloco o gelo no freezer é que a coloco no chão, mas é apenas o tempo suficiente para capturar seus lábios em um beijo brutal.

Lark derrete em mim. Seu gemido vibra em minha boca enquanto sua língua passa pela minha. Ela agarra minha camisa e me puxa junto com ela, sem interromper o beijo enquanto tropeça em uma mesa

lateral e no cachorro e no sofá enquanto me leva em direção aos quartos.

No momento em que estamos no quarto dela, eu a pego e a jogo na cama. Lark está ofegante, ajoelhada sobre as cobertas amassadas, os olhos semicerrados. Sua expressão é voraz quando eu alcanço minha cabeça e tiro minha camisa.

Dou um passo para trás em direção à poltrona no canto do quarto. — Eu quis dizer o que disse.

— Estou contando com isso. — ela respira. Seus olhos percorrem meu corpo, passando por cicatrizes escondidas sob tinta. Ela bebe cada centímetro da minha pele, o tecido do seu vestido enrolado em punhos apertados enquanto ela se inclina sobre os calcanhares, o lábio inferior preso entre os dentes. — Eu quero te tocar.

Com um último passo para trás, afundo na cadeira. Eu me inclino para trás e a observo por um longo momento, deleitando-me com o desespero estampado em seu rosto. — Então é melhor você me mostrar o quanto você quer isso, duquesa.

Um arrepio percorre o corpo de Lark antes que ela comece a sair da cama.

— Não.

Lark para imediatamente. Ela espera por instruções, mas há frustração em seus olhos. Meu sangue se transforma em fogo, possibilidades e fantasias correndo pela minha mente. Assim como na vez em que falei com Lark na varanda, ela acendeu uma faísca no escuro. Mas não sei se alguma vez fui o caçador de Lark ou se fui eu quem foi enredado.

De qualquer forma, não há como parar agora. Eu não gostaria se pudesse. Não quando Lark *está ali,* **quase ao seu alcance, tão desesperada por fricção que quase se contorce na cama.**

— Tire esse vestido, mas deixe o arnês. — eu digo.

Lark faz uma pausa, como se as palavras demorassem um pouco para cortar a névoa de luxúria que desceu entre nós. Então ela tira uma das alças finas do ombro, deslizando-a por baixo do couro que vai

até suas costas. Ela faz o mesmo do outro lado. Com flexibilidade balé, ela solta cada braço, tomando cuidado para não rasgar o tecido delicado. Então ela segura meus olhos para absorver minha reação enquanto lentamente puxa as camadas para baixo do arnês, expondo seus seios e mamilos duros, a extensão lisa de pele ao redor de seu umbigo, a estreita faixa de cabelo que leva até sua boceta. Ela arrasta o vestido pelas pernas e o segura antes de deixá-lo cair no chão.

Cada respiração que ela dá é instável enquanto eu dedico um tempo apenas para olhar. As linhas de couro preto e pequenas estrelas. A maneira como traçam os contornos dos seios, as saliências das costelas. Minha arte abraçando sua carne.

É preciso tudo de mim para permanecer na cadeira.

Trocamos uma conversa silenciosa com apenas um olhar, e sei que Lark entende que ela pode dizer o que quiser. O que quer que ela sinta. Ela pode ser quem ela quiser. Vou aceitá-la em qualquer versão de si mesma que ela esteja disposta a dar.

Minha voz é tão desapaixonada quanto consigo quando pergunto: — O que você é?

— Sua puta.

— Então fique de joelhos.

Lark desliza para fora da cama, fica de joelhos e espera. E espera. E *espera.*

Tiro a lâmina do bolso e solto o cinto. Enquanto deslizo a ponta afiada pelo couro, vejo-a tremer de frio pela antecipação. Quando ela não aguenta mais, quando penso que estou prestes a ceder aos meus desejos, ela finalmente sussurra as palavras certas. *Por favor.*

Fecho a lâmina e a viro na minha mão. — Você não é minha esposa — digo, e há um lampejo de pânico e mágoa em seus olhos. — Você é só minha. Agora se arraste.

O alívio brilha no rosto de Lark.

Uma mão e um joelho após o outro, Lark rasteja em minha direção. Seus olhos nunca se desviam do meu rosto. Quando ela para

aos meus pés, ela não me toca. Em vez disso, ela espera pelo meu próximo comando. Não há nada neste mundo que seja mais inebriante do que vê-la ajoelhar-se diante de mim, mas saber que ela ainda é quem está no controle. Fica tão nítido em seu olhar disposto, na maneira como ela cruza as mãos no colo e aperta os seios contra as tiras de couro, incentivando nosso joguinho. Ela quer ser ordenada. Ser usada. Para ser preenchida, negada e degradada. Para ser recompensada quando ela estiver pronta. Ela está no controle. E eu darei a ela tudo o que ela quiser e muito mais.

— Cinto. — eu digo, e solto a tira de couro para que ela possa soltar a fivela e abri-la bem. — Zíper. — Ela puxa para baixo. — Agora tire meu pau.

Levanto meus quadris para que Lark possa abaixar minha calça e cueca, liberando minha ereção. É dolorosamente duro, pronto para mergulhar no calor de sua boca, uma gota de pré-sêmen reunida na cabeça. Lark olha para ele com um desejo voraz. Ela morde o lábio e envolve a mão na base.

— Cuspa nele e acaricie.

Lark faz o que peço sem hesitar, cuspindo na cabeça antes de começar a passar languidanente a mão da base até a ponta. O ritmo é lento, seu aperto é forte. Um gemido ressoa em meu peito enquanto eu afundo mais para trás e resisto à vontade de fechar os olhos para poder vê-la esbanjar meu pau com sua atenção. Já sonhei tantas vezes com ela me tocando assim, e é mil vezes melhor do que eu imaginava.

E nunca será suficiente.

Passo os nós dos dedos por sua bochecha e enfio minha mão em seu cabelo para prendê-lo em meu punho. — Você se lembra dos semáforos? — pergunto, e Lark assente. — Bom. Bata duas vezes na minha perna para pegar a laranja. Três vezes para parar. Caso contrário, você engolirá cada centímetro que eu te der, entendeu?

Lark me dá um único aceno de cabeça e um sorriso sombrio antes de eu empurrar sua boca para baixo no meu pau e cair no céu.

— *Cristo fodido Jesus.* **— eu sibilo enquanto Lark gira sua língua**

sobre a coroa e firma seus lábios em torno de minha carne. O calor úmido de sua boca faz meu sangue rugir em meus ouvidos. Uma respiração presa queima em meu peito até que finalmente a solto. Eu a deixei dar algumas passadas superficiais para se acostumar com meu comprimento antes de segurar seu cabelo com firmeza. — Pensei que você tivesse dito que era minha putinha malvada, duquesa. Você pode fazer melhor do que isso.

Eu empurro o fundo de sua garganta e Lark engasga enquanto lágrimas brilham em seus olhos. Faço isso de novo e ela geme. Uma terceira vez e ela geme novamente, as lágrimas escorrendo por sua pele, a visão de sua maquiagem arruinada e seus lábios inchados e aquele maldito arnês me deixando selvagem de necessidade.

— Não há nada como transformar uma princesa perfeita em uma maldita vagabunda. — eu digo enquanto pego um ritmo de estocadas profundas. — Aposto que sua boceta está tão molhada que está escorrendo pelas suas coxas.

Lark choraminga.

— Pegue seus dedos e me mostre.

Lark arrasta a mão pelo corpo enquanto continuo a cadência de estocadas, cada uma atingindo o fundo de sua garganta enquanto ela geme e choraminga. Seus olhos se fecham enquanto ela se toca e então ela coloca a mão entre nós, a prova de seu desejo brilhando em seus dedos.

Com a mão livre, capturo seu pulso e levo seus dedos à minha boca e chupo.

Doce e salgado, seu sabor cobre minha língua e quase perco a cabeça.

Puxo a boca de Lark do meu pau e com um movimento rápido, coloco um braço em volta de sua cintura e a levanto no ar para depositá-la na cama. Ela mal tem um momento para se orientar antes de eu empurrá-la de joelhos, jogá-la para frente sobre as mãos e me ajoelhar atrás dela para enterrar meu rosto em sua boceta.

Lark solta um grito desesperado enquanto eu giro minha língua

sobre seu clitóris inchado e esbanjo sua boceta com lambidas e beijos. Cada som que ela faz deixa uma marca indelével na minha mente, tão imutável quanto a tinta na minha pele. Seu gosto fica gravado em minha memória como uma marca. Esta mulher é minha.

E eu a devoro como se fosse consumir sua alma.

Lark se contorce, geme e aperta os lençóis com os punhos, mas não a deixo escapar. Uma mão aperta sua coxa, a outra segura a alça do arnês em suas costas. Eu a levo à beira do orgasmo e a deixo lá, parando sempre que ela chega perto do clímax e retomando meus esforços quando ele começa a diminuir. E quando ela começa a implorar, é quando eu a deixo ir. Ajoelho-me e permito que o ar fresco esfrie a saliva e a excitação reunidas em sua entrada.

— Não. — ela sussurra, lançando um olhar desesperado por cima do ombro. — Por favor.

O pânico diminui quando ela me vê puxar o resto da calça e cuecas e chutá-las para o lado.

— Eu não disse que você poderia se mover.

Lark volta à posição apoiada nas mãos e nos joelhos, mas parece que é preciso um grande esforço para desviar o olhar do meu corpo, um detalhe que faz meu coração disparar sob meus ossos. — Fui testado — digo enquanto coloco um joelho na cama e depois o outro, o movimento provocando um arrepio de antecipação no corpo quase nu de Lark. — Estou claro. Você está tomando anticoncepcional?

— Sim. — ela respira, sua voz pouco mais que um sussurro enquanto a respiração sai de seu peito. — Eu quero você, Lachlan. Por favor.

Eu rolo a cabeça do meu pau em seu clitóris em círculos lentos, em seguida, entalhe-o em sua entrada enquanto ela treme, apenas para trazê-lo de volta ao seu clitóris novamente em uma provocação enlouquecedora. — Você pode implorar por mim melhor do que isso.

— Por favor, Lachlan. Eu preciso sentir você. Eu preciso de você dentro de mim. Eu preciso que você me faça gozar. — Há um momento de pausa, uma respiração suspensa. A incerteza paira sobre ela e eu

rolo meu pau sobre sua boceta, esperando que ela saia. — Eu preciso ser fodida pelo *meu marido*.

Meu movimento diminui enquanto suas palavras penetram e se acomodam em meu peito. E então posiciono meu pau em sua entrada e empurro, apenas a ponta, e aprecio o alívio no gemido de resposta de Lark.

— É uma coisa muito boa que você tenha esse gelo, duquesa, porque vou arruinar essa sua boceta apertada. — Empurro um pouco mais fundo e tremo enquanto a boceta dela agarra a minha ereção. — Quando eu disse que iria foder minha esposa até ela não conseguir mais andar, eu estava falando sério.

Bato na base da minha ereção e nós dois gritamos enquanto o prazer e a necessidade nos consomem. Eu puxo de volta para a ponta e faço de novo. E de novo. E novamente até eu pegar um ritmo de golpes longos e profundos que deslizam através do calor de Lark.

Lark choraminga e geme e implora por mais. Ela canta meu nome. Empurro a parte superior de seu corpo contra o colchão e agarro o arnês. Eu afundo nela, cada golpe profundo e impiedoso, assim como ela pede quando implora para que eu vá mais forte, mais fundo. E quando sinto o orgasmo crescendo na base da minha coluna, uma tensão elétrica que percorre meus nervos, estendo a mão e circulo seu clitóris até que Lark grita, com as costas curvadas, o corpo tremendo enquanto ela se desenrola. Sua boceta aperta minha ereção. Não consigo me conter, derramando cordas de esperma o mais fundo que posso dentro dela até que estou tremendo e mal consigo me ajoelhar, meu coração é um zumbido ensurdecedor em meus ouvidos que cobre todos os outros sons.

Eu saio e caio ao lado de Lark e a pego perto de mim. Seu corpo treme após seu orgasmo, minha respiração instável contra suas costas. A euforia e o alívio instalam-se no silêncio que nos envolve e esfria o nosso suor. Não conversamos por um longo tempo enquanto meu coração entra em um ritmo constante e sua respiração fica mais lenta. Lark traça padrões em meu braço, melodias em minha pele e em pouco tempo ela está cantarolando. Sua voz é suave e contente. É a primeira vez que realmente percebo o quanto dizemos um ao outro sem

palavras. Como começamos a crescer juntos. Isso nunca foi planejado para ser permanente, mas de repente, quando imagino meu futuro, não consigo vê-lo sem a presença de suas anotações no escuro.

Eu a viro embaixo de mim e olho para seu rosto. Ela sorri, sua pele brilhando na penumbra.

— Ei. — Lark sussurra. Seu dedo traça uma linha em meu peito, seguindo padrões de tinta preta.

— Oi. — Dou um beijo em sua testa. Um em sua bochecha. Um ao lado do nariz. As pontas dos dedos dela traçam minhas costas enquanto eu sigo a linha de sua mandíbula, depois seu pescoço. Com os lábios na minha orelha, ela passa a mão entre nós e agarra meu comprimento, meu pau duro novamente e já desesperado por mais do seu toque, do seu calor.

— Eu pensei que você disse que iria arruinar minha boceta. — ela murmura em meu ouvido enquanto passa a ponta da minha ereção através do nosso esperma reunido em sua entrada.

— Duquesa. — eu aviso enquanto empurro seu calor ao som de seu gemido desenfreado. — Você não vai conseguir sentar amanhã sem pensar em mim.

— É melhor que isso seja uma promessa.

E isso é.

Perco a noção das horas. Perco a conta de quantas vezes ela sussurra meu nome, ou grita, ou implora com ele. Não sei quantas vezes ela gozou. O céu além das janelas sem cortinas está mudando de preto para índigo quando finalmente paramos. O corpo de Lark é uma bela ruína largada, exausta, de pele suada, cabelos emaranhados e carne trêmula. Mas ela sorri para mim quando eu saio da cama e olho para ela. É o mais relaxado que já a vi.

— O que você está fazendo? — Ela pergunta enquanto coloco minha cueca e jeans.

— Tirando Bentley. Tenho certeza de que ele precisa de uma pausa.

— Você vai voltar?

— Claro que vou voltar. — digo enquanto dobro as cobertas para que ela deslize por baixo delas. — Acho que você me mataria e costuraria minha pele em um brinquedo para roer se eu fosse embora permanentemente com seu cachorro.

— Eu quis dizer aqui. — Lark bate no travesseiro grátis.

Hesito por um momento antes de vestir minha camisa. Há conflito nos olhos de Lark enquanto ela me observa, como se não tivesse certeza se deveria ter perguntado. — Você quer que eu faça?

Lark assente. — Sim. Eu acho que eu faço.

— Quer que eu traga um pouco de gelo? — Eu pergunto com um sorriso malicioso, e ela ri.

— Acho que vou sobreviver, a menos que você esteja planejando me foder na bunda quando voltar. Nesse caso, sim.

Eu sorrio como se fosse uma piada, mas meu sangue aquece instantaneamente e meu pau endurece.

Lark se acomoda debaixo das cobertas e eu dou um beijo em sua têmpora antes de me virar para sair. Seus olhos ainda estão em mim quando paro na soleira da porta e olho para ela por cima do ombro.

Ando no quarteirão com calma. Embora parte de mim esteja ansiosa para voltar, quero dar a Lark espaço para processar e permitir que meus próprios pensamentos se acalmem. E o silêncio antes do amanhecer é o momento perfeito para fazer isso. As ruas estão escuras sob a luz do poste e o ar frio refresca minha pele suada. Quase não há ninguém na rua, apenas um carro ocasional e um homem solitário vestido com uniforme hospitalar e o capuz puxado para se proteger do frio da manhã. Ele sai do prédio do outro lado da rua e caminha na direção oposta. Então deixei Bentley cheirar cada poste e mijar em cada hidrante enquanto andávamos pelo quarteirão.

Quando voltamos para dentro, Lark está dormindo profundamente.

Hesito por um momento, sem saber se devo ir para o outro

quarto para deixá-la descansar. Talvez seja egoísta, mas tiro a cueca e deslizo para baixo das cobertas ao lado dela. Ela acorda assim que eu entro meu arrependimento é imediato, mas ela pega meu pulso para arrastar meu braço por seu corpo e depois se acomoda contra mim.

— Quem diria — diz ela, com a voz turva de exaustão. — Tudo que eu precisava para dormir era uma foda completa do meu marido. Poderia ter economizado dinheiro naquele retiro de sono.

— Acho que ainda podemos usar aquela postura de ioga para dormir. Sinto que só isso já vale o investimento. — Beijo seu ombro enquanto ela solta uma risada e envolvo meus braços com mais força em volta do corpo de Lark. — Tente descansar um pouco.

— Não tente desta vez — ela responde com um bocejo. — Só fazendo.

Com um beijo final, adormeço com minha esposa nos braços.

Quando acordo, algumas horas depois, com o sol brilhando através do vidro chumbado, Lark desapareceu.

Em alguns momentos lentos, eu me recompus o suficiente para ficar semiapresentável. Sigo o cheiro de café e torradas na cozinha. Lark está lá, cantarolando uma música que toca baixinho nos alto-falantes enquanto ela vira os ovos na frigideira. Bentley está sentado aos pés dela, esperando que os restos caiam em sua direção.

— Sabe, ele não seria tão ruim em ficar no seu caminho se você não jogasse pedaços de bacon para ele. Eu vi isso. — digo, tentando e não conseguindo dar a Lark um olhar de repreensão enquanto ela joga outro pedaço de carne para o cachorro e sorri.

— Isso mantém seu casaco brilhante.

— Certo. Claro. — Dei um beijo rápido nos lábios de Lark antes de pegar o café que ela já reservou para mim. — O que você planejou para hoje, além de causar mais problemas gastrointestinais ao seu cachorro?

Lark ri mais do que pensei que a piada merecia. — Eu esqueci disso.

— Eu não fiz. Isso foi o pior. Estou falando sério - você deveria mudar a comida dele. Nenhum animal deveria emitir cheiros assim.

Bentley me encara do seu assento.

— Não foi culpa dele. — diz Lark enquanto leva dois pratos para a mesa de jantar e nos acomodamos em cadeiras um de frente para o outro.

— Eu sei. É sua, por alimentá-lo com bacon e queijo.

— Não, quero dizer, eu coloquei a culpa nele, mas era o cara morto na mesa de centro.

Pisco para Lark. Depois, na mesa de centro. Depois, em Lark novamente. *— O quê?*

Lark toma um gole lento de seu café. — Lixei um pouco a ponta do nariz dele enquanto conversávamos. Esse era o cheiro. Pedaços de nariz e resina, eu acho. — Ela encolhe os ombros e começa a cortar o bacon e os ovos.

— Às vezes, esqueço que sou casado com uma assassina... — Lark me encara e eu me pego — ... *múltipla eliminadora.* **E então você convenientemente me lembra de que transformou suas vítimas em artesanato. Artesanato que aparentemente preparei minhas bebidas enquanto assistia** *Constantine, ou Velocidade Máxima,* **ou basicamente qualquer outro filme de Keanu já feito.**

— Sobre isso, você provavelmente deveria começar a usar meus porta-copos.

— Eu vi seus porta-copos. Vou dar uma passada.

— De qualquer forma, o artesanato é um hobby relaxante. Eu poderia começar a vender coisas no Etsy. — diz Lark com um sorriso encantador e sardônico. — A propósito, como vai seu trabalho de assassino contratado, *querido marido?*

— Sobre isso... — Tiro meu telefone do bolso e coloco-o ao meu lado, abrindo as mensagens de Leander que chegaram enquanto eu dormia. — Leander precisa que eu vá até lá esta tarde. Naturalmente, ele perguntou se seu assassino de muffin favorito poderia vir junto.

Conor disse que os pagamentos que encontramos no Pacifico eram legítimos, então pensei que deveríamos voltar à prancheta e procurar novas opções sobre quem poderia ser o assassino. O que você acha?

— Eu ficaria encantada. E farei alguns muffins.

Trocamos sorrisos e entramos numa rotina que parece tão fácil e familiar que é difícil conciliar o nosso casamento com as circunstâncias do seu início. Conversamos e rimos enquanto terminamos nosso café da manhã e depois assamos juntos. Desfrutamos de silêncios confortáveis e olhares longos e ponderados, sorrisos lentos e rubores vermelhos. Tomamos banho juntos e eu fodo minha esposa contra os azulejos, as pernas dela enroladas nas minhas costas e a boca dela pressionada na minha.

E então seguimos para a propriedade de Leander Mayes.

Visitar Leander me deixa nervoso como sempre acontece, especialmente com Lark ao meu lado. Mas desta vez ele está receptivo, embora talvez suspeite dos muffins até que Lark e eu comamos um. Ele está apaixonado por Lark de uma forma que um colecionador de pedras preciosas ficaria obcecado por um diamante raro. Ele se apega às palavras dela como se fossem facetas preciosas de luz. A polia com elogios. Estou meio convencido de que ele só me chamou aqui para saber mais sobre a mulher que entrou em sua casa e o deixou no chão de sua caverna com uma dor de cabeça terrível e um ego ferido. Ele só me faz algumas perguntas mundanas sobre um antigo emprego e então seu foco volta para Lark. Finalmente consigo nos afastar e levar Lark até o escritório de Leander.

— Precisamos começar a diversificar. — digo quando nos acomodamos em uma estação de trabalho. Estou tentando ir direto ao assunto, mas meus olhos quase instintivamente permanecem na boca de Lark. Limpo a garganta e volto para a tela. — Vamos pensar nas pessoas que você e sua família conhecem, mesmo em pessoas que você não considera inimigas. Poderia ser alguém do seu círculo íntimo? Alguém tentando causar confusão entre sua família em benefício próprio?

Lark dá de ombros e se inclina para frente, apoiando o queixo na

palma da mão. — Talvez. A maioria das pessoas nesse círculo está com nossa família há anos e nada parecido com isso aconteceu.

— Agora que sua tia está tão doente, talvez eles estejam aproveitando a chance. Quem está mais próximo dela? Existe alguém que tenha influência tanto sobre os Montagues quanto sobre os Covacis?

Lark digita um nome enquanto um pequeno arrepio percorre seus braços. — Provavelmente não vale a pena cavar muito fundo nele, mas Stan Tremblay é o executor da minha tia, por falta de um termo melhor. Foi ele quem sempre cuidou do nosso trabalho sujo, pelo menos para os Montagues. Meu padrasto o mantém à distância, mas o respeita, principalmente depois da forma como ele lidou com as coisas na escola.

— Ashborne?

— Sim — ela responde enquanto insere as informações de Tremblay na pesquisa avançada. Embora eu tenha certeza de que ela pode sentir o calor do meu olhar aquecer seu rosto, ela não olha na minha direção. — Ele limpou tudo quando Sloane...

A frase de Lark diminui e ela balança levemente a cabeça enquanto engole.

— Leander fez isso por mim, como Stan. — digo antes que ela consiga dar uma explicação que não está pronta para dar. — Ele valsou momentos depois que Rowan e eu matamos meu pai. Meu pai tinha dívidas em todos os lugares, eventualmente, fodeu com as pessoas erradas. Gente do *Leander.* Leander veio buscar alguns de seus parentes enquanto visitava Sligo. Acho que ele coletou uma alma, mas não do jeito que ele pensava que faria. — Quando Lark levanta os olhos para os meus, dou-lhe um olhar de advertência. — Leander encobriu nosso crime. Nos levou para a América. Preparou-nos. Ele é uma das pessoas mais próximas de mim há mais de quinze anos. Devo-lhe a minha liberdade, a liberdade do meu irmão. Mas eu não confio nele. Portanto, não descarte ninguém do seu círculo íntimo, não importa o que eles tenham feito por você. Confie nos seus instintos. Você consegue ver esse cara sendo o único?

— Talvez. No mínimo, ele mantém registros meticulosos sobre os negócios da família. Ele pode saber mais do que está deixando transparecer.

— Então isso é o suficiente para gastar tempo com ele. Veremos o que acontece. — digo apontando a cabeça para a tela. Lark acena com a cabeça e digita os últimos campos de informações sobre Stan Tremblay e então pressiona Enter.

O cartão de contato de Tremblay aparece, mas está cercado por uma borda vermelha, com a palavra *AVISO* ao lado de seu nome.

A cabeça de Lark se inclina com uma pergunta, mas já estou puxando o teclado e o mouse em minha direção. Clico em várias opções antes que uma transcrição apareça.

Código 2. Código 4100. Endereço de Tremblay. Uma descrição física que Lark confirma corresponde ao homem que ela conhece.

Uma nova entrada aparece na tela, derrubando as outras na lista. Código 100.

— O que é isso? — Ela pergunta enquanto eu me recosto na cadeira. Vejo seus olhos se arregalarem quando ela olha para mim. Ela deve ver o leve traço de medo em meu rosto. — O que isto significa?

— O código cem é homicídio. — Digo. — Stan Tremblay já está morto.

Capitulo Vinte e Um
ENUCLEAR



Pensamentos sobre Stan Tremblay me consomem enquanto Lachlan e eu subimos a escada de metal até nosso apartamento em um silêncio que permanece mesmo quando abrimos a porta para os passos animados de Bentley, suas unhas batendo contra a madeira. Com um tapinha na cabeça, Lachlan passa por mim antes de ir em direção à cozinha, e eu não movi um centímetro.

Observo enquanto Lachlan se concentra em seu telefone, seus polegares tocando rapidamente na tela. Eu sei que ele provavelmente está mandando uma mensagem para Conor para solidificar os detalhes do plano que começamos com ele no caminho para casa. Quando parece satisfeito, ele guarda o aparelho no bolso e depois se ocupa na cozinha, pegando um copo de água gelada antes de se virar para me observar, até que o silêncio deve durar muito até para ele. Há uma expressão fugaz de preocupação em seus olhos quando ele se aproxima.

— Você está bem, duquesa? — ele pergunta.

Eu concordo. Seus olhos passam por mim enquanto ele me oferece a água. Tomo um longo gole e devolvo o copo.

— Estou com medo. — finalmente admito.

Os ombros de Lachlan caem, não de decepção, mas de preocupação. Posso ver isso na maneira como sua testa se franze. Ele

pega meu pulso e me leva em direção ao sofá, colocando o copo na mesa de centro dourada enquanto gentilmente me puxa para perto dele.

— Com medo de quê? — ele pergunta.

— Muitas coisas. — eu digo com um encolher de ombros enquanto evito seu olhar. — Eu conhecia Stan melhor do que qualquer outra pessoa que foi alvo até agora. Está se tornando mais real, sabe? Tipo... *tudo.*

Quando olho para cima, ele me observa como se soubesse que isso é mais do que apenas Stan ou as mudanças em minha família que ninguém pode impedir. É sobre nós também. E me pergunto se isso o assusta tanto quanto me assusta. Parece que ele passou tanto tempo tentando garantir que não tivesse mais ninguém com quem se preocupar, a não ser seus irmãos e seus negócios. Então, como me encaixo nisso? Não é como se tivéssemos muita escolha de ficar juntos – éramos um produto das circunstâncias. Então, o que acontece se essas circunstâncias forem eliminadas?

Uma inspiração profunda enche o peito de Lachlan e ele se inclina um pouco mais perto. — Sabe o que eu mais gosto em você?

Eu balanço minha cabeça.

— Você é corajosa. — Lachlan aperta minha mão quando baixo o olhar. — Você tem medo de perder alguém? Você mergulha de cabeça em um plano maluco para se casar com um idiota taciturno que você odeia apenas para salvá-lo. Você tem medo do meu chefe maluco? Você dá muffins drogados para ele e o faz cair aos seus pés, querendo ser seu amigo. Você tem medo do elevador escuro? Você fica sentada nele por uma hora para que seu cachorro não fique sozinho. — Lachlan tira uma mecha de cabelo do meu ombro com um leve sorriso. — Você é a pessoa mais corajosa que conheço, Lark. E eu adoro isso em você.

Engulo a respiração que fica presa na garganta.

Ele adora isso em mim? Ele também ama outras coisas em mim? Talvez haja coisas que eu amo nele. Como a maneira como ele coloca as necessidades dos outros em primeiro lugar. Ou a maneira como ele

olha para mim quando eu rio. Eu amo seu sorriso provocador. Seu toque. Seu beijo. A maneira como seu corpo se ajusta ao meu, como foi feito. Talvez eu ame muitas coisas em Lachlan Kane.

Desvio o olhar, mas ele aperta minha mão com mais força e tenho certeza de que consegue ver o brilho repentino em meus olhos. — Você está errado. — eu sussurro. Os lábios de Lachlan se abrem em uma inspiração aguda, como se ele estivesse prestes a protestar quando eu digo: — Eu não acho que te odiei. Acho que posso gostar de você, na verdade. Só um pouco.

A surpresa é uma explosão momentânea de luz em seus olhos e então o sorriso provocador de Lachlan assume o controle. — Sim, eu meio que percebi isso neste último momento. Não tenho certeza do que me deu essa impressão. Pode ter sido a situação do controle remoto. — Lachlan me atrai para seu abraço. Seu coração tamborila sob minha orelha e eu afundo em seu calor. — Bravura não tem nada a ver com não sentir medo, mas sim com enfrentá-lo. Você sabe disso melhor do que ninguém. Vamos descobrir isso juntos, certo?

Concordo com a cabeça contra seu peito e Lachlan passa a mão para cima e para baixo nas minhas costas, um movimento no qual ele provavelmente não pensa muito. Mas eu sim. Logo é a única coisa em que penso. Seus dedos percorrendo as cristas da minha coluna. A maneira como eles diminuem a velocidade na cintura da minha legging e depois voltam pelas minhas costas. Uma dor aumenta a cada passada de sua mão, uma necessidade que lentamente se aprofunda em meu âmago, uma necessidade de mais do que apenas um toque reconfortante.

Eu me afasto e encontro os olhos de Lachlan. Sua mão para nas minhas costas. Ele olha diretamente para mim, meu verdadeiro eu. Há necessidade, medo, desejo e saudade olhando para mim. Talvez ele ame mais do que apenas minha coragem. Acho que é isso que vejo quando me aproximo, quando nossa respiração se mistura, quando ele emoldura meu rosto com as mãos.

— Minha maldita catástrofe. — Ele diz enquanto seu polegar passa pela minha bochecha. — Você me destruiu, porra. E agora não consigo imaginar ser outra coisa senão o homem que sou com você.

— Lachlan Kane. — Eu sussurro. — É melhor você me beijar e provar isso.

Último suspiro. Uma olhada. E então ele pressiona seus lábios nos meus.

Começa doce. Uma varredura suave de nossos lábios. Um suspiro. Um toque dos meus dedos na barba por fazer em seu queixo. E então o beijo se aprofunda. A necessidade de mais se infiltra em cada carícia de sua língua na minha. Pressiono meus lábios com mais força nos dele. Eu me afasto apenas o tempo suficiente para tirar sua camisa e então aproveito mais cada momento que passa. Uma chupada em seu lábio se torna uma mordida. O roçar dos meus dedos se transforma em um longo arranhão das minhas unhas em seu peito. Um suspiro se transforma em gemido.

Em um movimento rápido, estou de costas no sofá com o peso de Lachlan caindo sobre mim.

— Você está dolorida, duquesa? — Lachlan diz entre beijos e mordidas no meu pescoço. Uma de suas mãos percorre meu corpo até deslizar por baixo do cós da minha legging. Aceno com a cabeça enquanto ele circunda meu clitóris com um leve toque. — Bom. — Soltei uma risada suave e incrédula que se transformou em um suspiro quando ele mordeu meu mamilo através da camisa. — Você quer que eu pare? — Ele pergunta quando levanta seu olhar lascivo para mim.

— Porra, não — eu sussurro. Ele mergulha um dedo em minha boceta encharcada, bombeando-o em movimentos lentos.

— Então vou melhorar.

Lachlan afasta o toque e pega o copo de água, pescando um cubo de gelo cilíndrico do líquido. Com ele na mão, ele puxa minha legging para baixo enquanto eu tiro minha camisa. Seu sorriso é perverso quando ele se centraliza entre minhas pernas e deixa as gotas frias atingirem meus seios. Minha respiração falha quando a água desliza pela minha pele. Ele traz o gelo até meu mamilo e o circula até formar um pico firme, e então o acalma com o calor de sua boca enquanto provoca o outro. É uma onda de sensação. Frio e depois quente. Quente e depois frio. E o tempo todo estou cada vez mais desesperada por

mais dele.

— Lachlan. — eu respiro. Passo meu toque pela tinta que cobre seu braço até agarrar seu bíceps. — Por favor.

Ele se afasta apenas o suficiente para olhar para mim, seus olhos escuros e sérios. — Diga-me quem eu sou.

Uma ruga surge entre minhas sobrancelhas enquanto tento entender o que ele quer dizer. — Lachlan Kane. — eu digo, passando a mão pelos músculos tensos de seu braço. Minha resposta não parece satisfazê-lo. — Meu marido. — O alívio em seus olhos é instantâneo. Ele acena com a cabeça uma vez. Coloco minha mão ao lado de seu rosto. — Você é meu marido.

— E você é minha esposa. Não se esqueça disso quando eu estiver te fodendo como uma puta. — Ele sustenta meu olhar enquanto desce pelo meu corpo e coloca o gelo em sua boca. E então ele desce entre minhas pernas. Ele mantém o gelo sob a língua enquanto chupa meu clitóris, girando sua carícia sobre os nervos sensíveis. A mistura de frio e calor me faz contorcer. Desesperada. Minha respiração fica ofegante. Lachlan puxa o gelo entre seus lábios e o rola sobre meu clitóris enquanto enfia a língua em minha boceta. Estremeço quando quase gozo, então ele muda, rolando o gelo sobre minha boceta, sua língua sobre meu botão de nervosismo. Quando a sensação se torna insuportável e eu me levanto do sofá, ele empurra minha barriga para baixo com a mão espalmada e me segura ali. Não há como fugir. E eu não quero. Ele aumenta o prazer até que eu esteja pronta para desvendar.

E então, com um movimento tão repentino que mal tenho tempo de processar, ele me vira. Ele entra em mim com um golpe rápido que me deixa ofegante. Eu estava tão consumido pelo prazer que nem percebi que ele havia desabotoado o cinto ou abaixado a calça jeans e a cueca, e agora seu pau está enterrado o mais fundo que pode, seus quadris pressionados contra minha bunda, seu corpo estremecendo. atrás de mim. Ele empurra dentro de mim novamente ao som do meu gemido descarado. E então ele pega um ritmo, que começa com golpes longos e lentos. Ele passa o gelo pela minha espinha enquanto segura meu quadril com a outra mão.

— Tão perfeita. — Lachlan diz enquanto dá um tapa suave na minha bunda. Quando grito de necessidade, ele faz isso de novo e depois acalma minha pele com uma carícia suave. Ele separa minhas nádegas e geme. — Essa porra de bunda perfeita. Esse buraquinho apertado. — O gelo desliza pela minha bunda e eu xingo baixinho enquanto ele passa pela borda pregueada. — Você é *minha,* **duquesa. Cada maldição. Cada gemido. Cada grito.** *Minha*. **Minha esposa. Entende?**

Eu concordo. — Sim.

— E eu sou seu.

— Sim. — eu sussurro.

Há uma gota de calor quando ele cospe na minha bunda. Lachlan passa o gelo através dele e ao redor da borda do buraco, sem nunca quebrar a cadência de suas estocadas. Quando está revestido com uma mistura de água e saliva, ele empurra suavemente o dedo para dentro.

— Oh meu *Deus.* **— eu sibilo enquanto a sensação nova, mas familiar, aumenta a plenitude de seu comprimento em minha boceta.**

— Marido **— ele corrige enquanto enterra seu pau até o punho e se inclina sobre mim para dar uma mordida rápida em meu ombro. Ele me passa o cubo de gelo antes de se endireitar atrás de mim. Ele empurra um segundo dedo na minha bunda e eu tremo embaixo dele. — Use esse gelo e goze no meu pau, duquesa. E eu quero ouvir você desmoronar com meu nome em seus lábios.**

Eu guio o que resta do gelo para o meu clitóris e estremeço com a explosão de sensação. E então Lachlan pega seu ritmo, as estocadas com mais força, o ritmo mais rápido, seus dedos bombeando em seu próprio ritmo. Eu canto seu nome. Eu perdi a cabeça. Meus pensamentos se desenrolam até que eu seja apenas uma sensação. Tudo o que posso sentir é a maneira como ele me estica. A forma como seu pau passa sobre a carne que o aperta. A carícia fria no meu clitóris. A tensão na minha garganta enquanto chamo seu nome. E então começa, a explosão de prazer que irrompe em meu âmago. Meus músculos ficam tensos. Minhas costas se curvam. Meu coração ruge em meus ouvidos e amortece o som do gemido de Lachlan enquanto ele

libera dentro de mim. Aperto os olhos fechados e as estrelas inundam minha visão e eu me desfaço, tremendo, coberta por uma fina película de suor. E quando penso que isso pode nunca acabar, o orgasmo começa a diminuir e me deixa pouco mais do que uma bagunça mole e sem fôlego.

Lachlan leva um longo momento para nos deixar descer, tempo que ele leva para passar a mão livre pelas minhas costas em uma carícia suave. Mas quando tremo, ele começa a sair de mim, primeiro os dedos, depois o pau. É um movimento lento, como se ele ainda estivesse saboreando cada sensação. E quando seu pau está livre, ele separa minhas nádegas para admirar a bagunça de seu esperma com um grunhido baixo.

— Eu acho que você simplesmente não deveria tomar banho antes de irmos hoje à noite. — ele diz enquanto desliza um dedo pela minha entrada para coletar o esperma. Ele empurra na minha bunda e eu gemo com o lento deslizamento de seu dedo.

— Acho que Conor provavelmente apreciaria se eu não cheirasse a sexo na van apertada.

Mais esperma é empurrado para dentro do buraco apertado e tento suprimir o desejo crescente que já está crescendo em meu núcleo. — Eu não poderia me importar menos com o que Conor pensa. — Com mais um toque do dedo, o toque de Lachlan desaparece. — Mas você provavelmente está certa. E preciso de todos no jogo desta noite, especialmente se você insiste em estar lá.

Lachlan se levanta do sofá e me lança um olhar sombrio antes de ir para a cozinha lavar as mãos.

— E eu insisto em estar lá, a propósito — digo, e Lachlan balança a cabeça, a resignação pesando em seus ombros enquanto ele fica parado na pia. — Então, se você esperava me foder até a submissão, não funcionou.

Lachlan ri e se vira para mim enquanto seca as mãos. — Eu não tinha ilusões sobre isso, duquesa. — Ele caminha em minha direção, onde estou sentado no sofá, minhas pernas dobradas embaixo de mim, meu corpo ainda brilhando com um brilho de suor. Ele não para até

estar bem na minha frente e então se inclina para dar um beijo na minha testa. — Você é teimosa. — ele diz enquanto se afasta. — É uma das coisas que amo em você. Agora vamos nos mexer. Temos apenas algumas horas.

Com um sorriso preocupado, Lachlan me deixa na cozinha para começar o jantar enquanto eu reúno minhas coisas e tomo um banho. Quando saio, o jantar está pronto e conversamos sobre Stan, seu cofre e tudo o que temos que fazer a seguir. E dentro de uma hora, estamos indo para a garagem de Conor, onde deixamos o Charger e o trocamos por sua van, nós três em silêncio enquanto dirigimos noite adentro.

Paramos à vista do escritório do médico legista, um austero prédio de tijolos vermelhos. Há apenas quatro carros no estacionamento, uma vantagem do horário tardio. Lachlan estaciona a van e nós dois nos viramos em nossos assentos para observar Conor digitar comandos em seu laptop na parte de trás do veículo.

— Vou esperar para acionar o alarme de incêndio quando você estiver pronto na porta de emergência no lado norte do prédio. O tempo de resposta padrão do corpo de bombeiros é de apenas cinco minutos e vinte segundos. — diz Conor sem tirar os olhos do trabalho. — Vou desativar a chamada de emergência automática do alarme, mas mais de dez minutos começarão a levantar questões da segurança, então você precisará trabalhar rápido. Você se lembra para onde está indo?

— Refrigerador dois, lado leste do prédio.

— Perfeito.

— Você tem certeza de que isso vai funcionar? — pergunto, esperando não parecer muito ansiosa para desistir desse plano claramente insano de invadir o consultório do médico legista.

— É a melhor chance que temos. O cofre doméstico de Stan é top de linha, quase tão bom quanto o de Leander. Se quisermos acessar seus registros rapidamente, precisaremos que um pouco de Stan venha conosco. — Conor me dá um estremecimento solidário. — Caso contrário, poderei levar semanas para hackear, se alguém não entrar primeiro.

— Certo…

— Tentem se divertir, crianças. Você sabe o que dizem: casais que brincam juntos permanecem juntos. — diz ele com uma piscadela. Conor passa um par de fones de ouvido para Lachlan antes que ele retorne ao laptop. — Estou pronto quando você estiver.

Lachlan e eu trocamos um olhar determinado. Por mais que eu tente parecer confiante, meu estômago ainda revira desconfortavelmente. Lachlan pode ver através de mim. Sua expressão é sombria quando ele posiciona o fone de ouvido, com uma ruga profunda entre as sobrancelhas. — Você tem certeza disso, duquesa? Não vai ser bonito. Eu posso fazer isso sozinho.

— Não em dez minutos você não pode. — respondo. Meu tom é mais uniforme do que eu esperava, considerando que tenho certeza de que todos os meus órgãos internos estão agora alojados na minha garganta. — Se quisermos chegar ao fundo disto antes que aconteça novamente, esta será a nossa melhor chance. Além disso, é um problema de família. Eu quero estar envolvida na correção disso. Não quero ficar sentada enquanto outras pessoas fazem isso por mim.

Um longo suspiro esvazia o peito de Lachlan enquanto seu foco cai para o dispositivo que está em sua palma. — Eu respeito isso, Lark. Eu realmente quero. Mas coisas como essa podem dar errado. Você precisa ser cuidadosa.

Posso ver isso em Lachlan, todas as coisas que ele se recusa a dizer, mas está desesperado para fazer. Então me inclino para frente e descanso a palma da mão contra o calor de sua bochecha mal barbeada e dou um beijo prolongado em seus lábios. Ele capta meu suspiro silencioso de conforto com seu gosto familiar. Antes de me afastar, pressiono minha testa na dele e sussurro: — Prometo que seguirei seu exemplo. Porém, apenas uma vez. Não se acostume com isso.

Lachlan dá outro beijo na minha testa. — Tudo bem, duquesa. Vamos.

Com um aceno determinado para Conor, Lachlan sai do veículo atrás de mim e caminhamos pela escuridão em direção ao outro lado do escritório do médico legista. Quando chegamos à esquina do prédio,

Lachlan me puxa para trás e espia pela parede. Ele se vira e me lança um último olhar avaliador, uma última oportunidade de abandonar o plano e correr de volta para a van. Levantar as sobrancelhas é tudo que preciso dar em resposta.

— Estamos prontos. — diz Lachlan.

— Entendi — responde Conor, sua voz clara em nossos fones de ouvido. — Há apenas quatro pessoas no prédio agora, então fique onde está até que eu lhe dê luz verde, caso eles saiam pelos fundos.

Meu coração dispara enquanto Conor faz a contagem regressiva.

Três.

Dois.

Um.

O alarme de incêndio me assusta, embora eu já esperasse por isso. Mas Lachlan permanece focado e confiante na minha frente, aparentemente à vontade com o aviso que soa no prédio. Sua mão enluvada paira ao lado de uma arma no coldre ao seu lado. Posso imaginar a facilidade com que ele manejava sua arma, a graça e a precisão de seu corpo musculoso, o foco infalível em seus olhos.

— Você já matou alguém com um lápis? — Eu deixo escapar.

Lachlan me lança um olhar breve e desconfiado por cima do ombro antes de se concentrar novamente na porta de emergência. — Não. Por que eu mataria alguém com um lápis?

— Porque você poderia. — respondo com um encolher de ombros. — Que tal cortar a jugular de alguém com um cartão?

— Que tipo de cartão?

— Uma carta de baralho. Uma carta de tarô seria foda. Você já matou alguém com uma carta de tarô?

— Não.

Deixo escapar um suspiro desapontado.

— O que é?

— Eu ia dizer que você parece um pouco Keanu agora, mas retiro o que disse.

— Cristo Jesus. — Os olhos de Lachlan se estreitam em um olhar petulante. — Uma vez matei um cara com uma lamparina de sal do Himalaia. Keanu fez isso?

Eu dou de ombros.

— *Não,* Keanu não fez isso, porque ele é um maldito *ator*, sua maldita catástrofe.

Meu sorriso se acende quando a risada de Conor percorre o fone de ouvido. — Hora de ir, crianças. Vocês terão que brigar mais tarde porque a última pessoa acabou de sair do prédio. A porta norte deve estar aberta.

A leveza que senti evapora enquanto caminhamos em direção à porta. A contagem regressiva de dez minutos começa.

Lachlan nos conduz pelos amplos corredores arteriais. Passamos por escritórios e salas de laboratório. Luzes vermelhas piscando pulsam acima de nós e o barulho é quase ensurdecedor. Damos duas voltas à esquerda e chegamos a um corredor de portas prateadas. Posso dizer, pelo frio que atravessa cada camada da minha roupa, que chegamos aos refrigeradores. Lachlan para diante da porta do refrigerador dois e observa minha reação enquanto seu polegar para sobre um botão azul.

— Vamos lá. — eu digo antes que ele possa perguntar.

Ele aperta o botão e a porta se abre. Somos atingidos por uma rajada de ar gelado.

Entramos na sala onde uma série de ventiladores zumbe acima de nós e agita nossa respiração nebulosa em correntes e redemoinhos. O cheiro das soluções de limpeza industrial não consegue mascarar a decadência humana que permanece como uma memória malévola. Carrinhos móveis de autópsia de aço inoxidável alinham-se em duas das paredes, embora haja pelo menos vinte mesas, apenas cinco contêm sacos para cadáveres. O alarme de incêndio ainda soa ao nosso redor com uma urgência que impulsiona Lachlan em direção aos

carrinhos, onde ele começa a verificar as etiquetas com os nomes nas mesas.

— Vocês têm oito minutos. — diz Conor do outro lado da linha.

Lachlan já puxou um carrinho para frente. Antes de abrir o saco para cadáveres, ele se vira para mim, a preocupação estampada em sua expressão enquanto examina meu rosto. — Preparada?

— Preparada.

Ele abre o zíper da bolsa para revelar o cadáver de Stan Tremblay.

Já vi corpos antes, é claro, mas sempre tão logo após a morte que parecia que poderiam estar dormindo. Nunca vi alguém que conheço bem que esteja morto há algumas horas. A pele de Stan está gelada e lisa, seu rosto relaxado, como se ele fosse uma figura de cera que é uma réplica imperfeita da pessoa que conheci. Há um longo corte em sua garganta, as bordas do ferimento estão congeladas e secas como uma fatia de carne crua deixada muito tempo sobre o balcão. Sei que deveria me mover mais rápido e começar a trabalhar, mas não posso deixar de parar por um momento enquanto tento conciliar o que vejo agora com o homem formidável que conheci.

Mas mesmo com os segundos passando e o alarme tocando, Lachlan não me apressa. Ele cuidadosamente coloca um pequeno estojo no peito de Stan e me passa uma pinça para cortar ossos.

— Indicador e polegar, quando estiver pronta. — ele diz enquanto tira um saco plástico que pode ser fechado novamente e o coloca entre nós. — Então faremos a outra... coisa...

Pego a mão esquerda de Stan e começo a trabalhar com a pinça. Encaixei as pontas afiadas na segunda articulação do dedo indicador, onde deveria ser mais fácil separar ao longo da junta. Mesmo com a pinça nova, é preciso muita pressão e um pouco de reposicionamento para avançar, mas logo ela se solta e eu coloco o dedo decepado no saco com o dedo que Lachlan acabou de remover da mão direita de Stan.

— Você está indo bem. — diz Lachlan, e encontro seus olhos por

todo o corpo. Não é apenas uma declaração da minha capacidade, mas uma observação de que, apesar de conhecer esse homem morto entre nós, não sou prejudicada pela familiaridade.

— Sim — eu digo, lançando-lhe um sorriso quando vi o polegar de Stan com minha pinça. — Isso é meio terapêutico, na verdade.

A testa de Lachlan franze quando ele solta o polegar direito, seus olhos não deixando os meus.

— Stan foi útil para mim e minha família, com certeza. Depois do que aconteceu com meu pai, Stan foi o encarregado de me ensinar algumas "habilidades para a vida" pelo menos até Damian assumir. A diferença entre um golpe de martelo e um golpe de cotovelo, por exemplo. — Cerro os dentes, apertando os dois cabos da pinça até que a junta finalmente sucumbe à pressão com um estalo. — Então, embora eu esteja grata por ele ter me ensinado alguns truques úteis, ele não era o que você chamaria de instrutor mais empático. E não é como se a presença dele fosse devido a coisas que estavam indo bem na vida, sabe?

— Sim. Faz sentido — Lachlan diz enquanto segura o saco plástico aberto para que eu possa colocar o polegar decepado dentro dele. Depois de lacrado, ele o coloca no bolso interno da jaqueta. — Independentemente disso, estou orgulhoso de você, certo?

— Você é meu marido, querido. Você deveria dizer isso.

Um rubor adorável surge nas bochechas de Lachlan antes que ele pigarreie e peça rispidamente a Conor para verificar o tempo.

— Três minutos.

— Merda. — Lachlan pega o próximo conjunto de ferramentas e as coloca no peito de Stan. Há uma seringa cheia de algum tipo de solução e um pote plástico de formalina. Um bisturi. Um par de tesouras. Um conjunto de pinças delicadas. E algo que se parece perturbadoramente com uma pequena bola de sorvete. — Está pronta?

A bile se agita em meu estômago. — Provavelmente não.

— Nem eu.

Nós nos aproximamos do rosto de Stan e Lachlan me passa a pinça. — Conor, você tem cem por cento de certeza de que o sistema de segurança dele tem o scanner de íris?

— Cento e dez por cento de certeza. Aproveite.

— Maldito seja. — Lachlan parece tão verde quanto eu quando ele aperta os cílios de Stan entre dois dedos e puxa a pálpebra superior para cima. — Segure isso com a pinça.

Faço o que ele pede e deslizo o instrumento para segurar a pálpebra do prêmio abaixo. Lachlan satura a superfície do olho de Stan com o líquido da seringa antes de pegar o bisturi com uma respiração profunda e instável.

— Retiro o que disse antes sobre deixar Sloane fora disso. — digo. — Devíamos ter feito ela fazer isso. Isso é nojento.

— Não é você quem tem que tirar isso da cara dele. — diz Lachlan enquanto se inclina sobre a cabeça de Stan com o bisturi. Ele começa a cortar ao longo da crista superior do osso para cortar o músculo fino que adere ao globo ocular. Basta uma olhada em seu progresso e tenho que me virar para vomitar. — Caralho, não comece.

— Eu não posso evitar.

— Você vai me deixar doente.

— Por favor, vá mais rápido.

— Sim, vá mais rápido — diz Conor. — Porque alguém aproveitou o atraso e ligou para o corpo de bombeiros.

— Merda — sibilo em minha manga.

Lachlan me dá um tapinha no pulso. — Troque as tampas.

Assim que agarro a pálpebra inferior, uma onda de sangue se acumula na superfície branca e gelatinosa e eu me arrepio. Com a mão trêmula, consigo beliscar a pele com a pinça antes que meu estômago embrulhe e eu engasgue.

— Mantenha-se firme, Lark. — Lachlan rosna, sua voz tanto como um apelo quanto como uma ordem.

— Como?

— Pense em Keanu.

— Não, não se atreva a arruiná-lo para mim com o poder dos globos oculares.

— Caramba, ok. Merda. — Um pequeno desgraçado vem de Lachlan, e eu enterro minha testa suada na dobra do meu cotovelo. — Como diabos Sloane faz isso?

— Imagine que é uma bola de gude — diz Conor. — Ou uma daquelas balas de goma de marshmallow Trolli Glotzer. Você já viu isso? Gabs adora essas coisas. Eles estão cheios de merda líquida vermelha e azeda.

Eu engasgo novamente quando Lachlan solta uma série de palavrões, alguns dos quais podem estar em irlandês, embora eu mal consiga entender suas palavras por causa do alarme estridente e dos batimentos cardíacos em meus ouvidos. — Não fale em comida, seu idiota. Puta merda.

— Sim, vá se foder, Conor. Deixe meu homem em paz.

— A coisa da colher, Lark. Passe-me a colher.

Eu vomito. Lachlan brinca. Conor gargalha.

Consigo me recompor o tempo suficiente para pegar a mini concha e enfiá-la na mão de Lachlan. — Tire essa coisa daqui, pelo amor de Deus.

— Isso soa como uma janela para sua vida sexual...

— Cale a boca. **— Lachlan sibila. — Passe-me a tesoura, duquesa.**

Passo a tesoura para ele, um momento depois, ouço um som vitorioso de triunfo. Encontro o pote de formalina e prendo a respiração enquanto Lachlan coloca o olho decepado no líquido. Eu nem sequer tenho a tampa bem fechada antes de Lachlan ter as ferramentas ensanguentadas guardadas, palavrões abafados ainda saindo de seus lábios.

O fone de ouvido estala com a risada de Conor. — Eu estava

brincando, aliás. Não precisamos do olho.

— *Vá se foder, Conor.* — gritamos em uníssono enquanto coloco o globo ocular no bolso. Lachlan fecha o zíper do saco para cadáveres, empurrando o carrinho de Stan de volta para a posição ao longo da parede.

— Não, realmente, precisamos do olho. Mas também precisamos de vocês fora. Os caminhões de bombeiros estão a um ou dois minutos de distância.

Saímos correndo, refazendo nosso caminho pelo prédio até a noite fria de novembro. Enquanto corremos em direção a van, ouvimos o barulho das sirenes ao longe. Mal consigo recuperar o fôlego, mas a adrenalina que explode em minhas veias me dá uma sensação de poder. Eu me sinto invencível. Não sei se Lachlan se sente assim depois de cada trabalho que faz, essa adrenalina viciante, mas me sinto incrível.

Tão incrível que quase esqueço por que estamos realmente aqui.

Lachlan sorri como se pudesse adivinhar meus pensamentos conflitantes através do meu olhar maníaco e arregalado enquanto passa a bolsa de dedos para Conor. Faço o mesmo com o pote e Conor coloca os dois itens em um pequeno refrigerador.

— Deveríamos ter tudo o que precisamos para acessar os registros de Stan. Mas se algo acontecer e não funcionar, isso poderá levar semanas. O tempo está passando. Se o assassino cumprir seu cronograma, ele matará novamente em quarenta dias. Pode não ser tempo suficiente.

Concordo com a cabeça e Lachlan estende a mão pelo console central para apertar minha mão. Há uma esperança muda na maneira como ele me observa. Posso dizer que ele quer acreditar que esses pedaços de Stan irão desvendar o mistério do caçador que nos assombra, mas é como se ele não estivesse disposto a dar muita importância ao que parece ser pouco mais que bruxaria.

— Quem quer que esteja fazendo isso, nós o encontraremos — diz ele. Ele levanta minha mão para roçar seus lábios nos nós dos meus

dedos. É tanto uma garantia para ele quanto uma promessa para mim.
— E quando o fizermos, vou mostrar-lhes como é o inferno na terra.

Capitulo Vinte e Dois
ANDARILHO



Já se passaram duas semanas desde que entreguei o Sr. Tremblay a Deus, e agora Ele recompensou minha diligência. Minha servidão. Ele moveu as peças no tabuleiro e abriu meu caminho para a vitória justa.

Pois eu sei os planos que tenho para você. Planos para prosperar você e não para prejudicá-lo. Planos para lhe dar esperança e um futuro.

E meus planos estão prontos para se concretizarem.

Fico um longo momento na porta e observo a mulher enquanto ela dorme. A luz lança linhas de sombras em seu corpo ao passar pelas persianas de ripas da janela. Ilumina cada movimento minúsculo, cada respiração. Quase posso sentir o cheiro da falência de seus órgãos. O ambiente estéril e os produtos de limpeza industriais não conseguem mascarar o cheiro da morte iminente.

Deus Todo-Poderoso, a sombra da morte está sobre ela.

O ritmo de sua respiração muda. Talvez um pesadelo. O fluido se acumula em seu peito e ronca. Ela tosse, quando abre os olhos, eles percorrem a sala até pousarem em mim.

— Quem é você? — ela pergunta. Sua visão deve estar turva por causa do sono e da velhice, mas ainda capto a suspeita nas profundezas leitosas de seus olhos. Dou um passo proposital para dentro do quarto e fecho a porta atrás de mim.

— Hoje sou conhecido como... — aponto para a carteira de identidade roubada que prendi no bolso do peito — Steve.

— Hoje sou conhecida como Bertha, então se você está procurando por Ethel, infelizmente você está no quarto errado.

Eu sorrio para a velha enquanto tiro um par de luvas de látex do bolso do meu uniforme e as coloco. — Você não é o que eu esperava, Ethel.

— Já me disseram isso antes. Mas homens como você têm subestimado mulheres como eu desde o início dos tempos, então sua surpresa não é nada animadora. Na verdade, está um pouco velho, se me permite o trocadilho com muffin.

A velha me lança um olhar penetrante e desdenhoso. Então ela aperta o botão para ajustar a inclinação da cama. Avanço, determinado a impedi-la se ela tentar chamar a enfermeira, mas ela apenas zomba de mim. Com esse olhar, sei que ela aceitou seu destino ou que pretende tentar lutar contra mim sozinha.

— Então. — ela diz acima do zumbido do motor oculto da cama. — Presumo que você está aqui para me matar?

— Estou aqui para entregá-la a Deus. — eu a corrijo enquanto paro ao pé de sua cama.

— A pedido de Bob?

Minha cabeça se inclina.

— Você sabe — ela continua, agitando os dedos tortos no ar, como se me implorasse para entender. — Bob Foster. Parece o tipo de coisa dele, enviar alguém como você. Tão pouco criativo e chato. Muito parecido com seus muffins. Ele sempre foi um pônei de um só truque.

Tiro uma maleta preta do bolso. Embora eu não abra, a mulher segue o movimento das minhas mãos. — Receio não conhecer o Sr. Foster.

Uma tosse estrondosa cresce no peito da velha até que um catarro sangrento escorre de seus lábios. Ofereço-lhe um lenço e ela o pega, levando-o à boca. Sua atenção permanece em mim.

Concordo com a cabeça, entendendo tudo o que ela não diz. — É bom aceitar a morte. Não lute contra a vontade de Deus. — Dou um passo para o lado da cama e abro a caixa para retirar a primeira das três seringas pré-cheias de dentro. — Você se arrepende antes do julgamento do Senhor?

— Eu me arrependo — diz ela. Seus olhos se desviam para o canto do quarto. Eu me pergunto se ela O sente aqui conosco. Eu faço. Sinto a vontade do Senhor em minhas mãos. Ele mantém a seringa firme em minhas mãos. Sua presença sussurra para mim, guia cada batida do meu coração.

— Diga-me. — eu exijo. — Confesse seus pecados diante de Seu anjo da morte.

A velha suspira profundamente. — Eu me arrependo... — Ela para quando seu olhar volta para mim. É feroz com determinação. — Lamento não ter roubado a receita dos muffins de banoffee de Bob Foster quando tive oportunidade. O filho da puta conquistou vinte por cento da minha participação no mercado quando lançou o Bob's Banoffees.

Meus olhos se estreitam.

— Lamento não ter ido para casa com Spencer Jones depois da festa da Marcie quando eu tinha vinte e três anos. Jenny Bright o levou para casa e disse que ele comeu a bunda dela de seis maneiras até domingo. Ela não quis calar a boca sobre isso durante um brunch no clube de campo durante um mês inteiro...

— Senhor teu Deus, busco em ti refúgio contra o diabo...

— ...Conheci meu Thomas pouco depois e em sessenta e dois anos de casamento ele nunca comeu minha bunda. Levei quase um ano para convencer Tom de que havia mais posições do que apenas eu deitada de costas como um peixe morto.

Eu dou a ela um suspiro pesado. Um cacarejo da minha língua.

E então eu ligo para a bomba intravenosa e pauso o gotejamento do medicamento. Aperto o tubo para manter a solução presa.

Eu fico olhando para a velha. — *Que o casamento seja considerado*

honroso entre todos, e que o leito conjugal seja imaculado...

— Defina 'imaculado'...

— Pois Deus julgará os sexualmente imorais e...

— Defina 'sexualmente imoral' – sexo a três conta? Porque houve uma vez com Jenny...

— Suficiente.

Minha mão treme de vontade de bater nela. Ela sorri, uma satisfação demoníaca. Satanás alimentou meu pecado para consumi-lo. Mas ele não terá mais.

— Pelo poder de Deus, lançai no inferno Satanás e todos os outros espíritos malignos que rondam o mundo em busca da ruína das almas.

Torço a tampa protetora da porta do tubo intravenoso e empurro a solução salina da primeira seringa para dentro da porta. Espero que Ethel tente lutar. Talvez ela retire a cânula da mão. Embora fosse inútil, ela poderia tentar se salvar. Mas ela não tenta.

Ela apenas sorri.

Seus olhos não deixam os meus. Sinto-os na pele, mesmo quando me concentro no trabalho das minhas mãos ao retirar a primeira seringa e trocá-la pela segunda. Este contém lorazepam. Três vezes a dose para o que estimo que seja o peso dela.

Uma emoção surge em minhas veias. Este é o meu chamado, a minha missão do próprio Deus. Ele concedeu-me os meios para vingar o meu irmão, Harvey, e depois encontrou para mim um propósito maior: matar os corruptos que protegem os Seus assassinos e destruir aqueles que se interpõem entre mim e a justiça que procuro. Meu Deus me levou a ficar no mesmo hotel que o Açougueiro e o Aranha quando cheguei com a esperança de revistar os destroços da casa onde cresci. A polícia estava tão ocupada exumando os corpos das vítimas de Harvey que não se esforçou muito em procurar quem o matou.

Não demorou muito. Não com um distintivo falso e um sorriso tenso e da vontade de Deus.

Um cobertor roubado. Uma cobrança extra no cartão de crédito. Com um punhado de perguntas, eu tinha um nome falso. E em pouco tempo encontrei um verdadeiro. Rowan Kane.

E agora, ao retirar a segunda seringa da porta e substituí-la por uma última dose de solução salina, sinto-o dentro de mim, inundando minha alma com paz.

— Alguns diriam que minha mãe era uma mulher difícil — digo a Ethel enquanto fecho a tampa do acesso e ligo novamente a bomba intravenosa. Recoloco as seringas vazias na minha maleta e coloco-a no bolso. — Mas a verdade é que ela mostrou a mim e ao meu irmão as profundezas da escuridão do mundo. Ela nos mostrou sua natureza implacável. E ela nos ensinou como sobreviver. Ela nos mostrou o outro lado de Deus. O acerto de contas antes da luz.

— Isso soa muito idiota, garoto.

Sorrio e recito a letra do hino que sempre canto para minhas oferendas em seus últimos suspiros. Meu presente de despedida, para levar suas almas ao julgamento. — *Fique comigo...*

— Eu prefiro que não.

— *...o anoitecer cai rapidamente...*

— A queda seria um pouco mais lenta se você não tivesse me drogado. — diz Ethel, com a fala arrastada.

— A escuridão se aprofunda, Senhor comigo fique. Quando outros ajudantes falham e os confortos fogem, ajuda dos desamparados, ó, fique comigo.

Puxo lentamente o lenço ensanguentado do punho cerrado de Ethel. É como um truque de mágica. Será a única evidência material do nosso encontro que levarei deste quarto. Um lembrete de que a magia é uma ilusão. Morte, uma ilusão. A vida, um momento fugaz na vontade de Deus.

Meus olhos se fixam nos da velha. Suas exalações ásperas são desesperadas, mas ela não demonstra medo. Apenas desafio.

— Toque na minha Lark e ela te matará. — ela sussurra.

Sorrio enquanto dobro meu lenço e o coloco no bolso.

— Tenho certeza que espero que ela tente.

E então observo até que o último suspiro sai de seus lábios como uma oração final e sem resposta.

Capitulo Vinte e Três
ÚLTIMA DEFESA



— Estou feliz por você — diz Rose. Meus olhos se levantam dos dois pratos com migalhas de massa que ficam entre nós e o sorriso de Rose se alarga sob meu olhar minucioso. — Posso dizer que as coisas estão diferentes.

— O que você quer dizer?

— Com Lachlan. Você parece diferente de alguns meses atrás. Parecia que você queria matá-lo no casamento de Sloane. E olhe para você agora. — Os braços de Rose se abrem e ela quase dá um soco no estômago de um barista que passa pela nossa mesa. — Você era uma assassina antes e agora está toda sexy e brilhante.

Tusso tomando um gole de café. — Um... sim. Obrigada.

— Isso é bom?

— O que é bom?

— O sexo. Dã.

Minhas bochechas esquentam quando uma lembrança da noite passada passa pela minha mente: o rosto de Lachlan enterrado entre minhas pernas, meu punho agarrado com força em seu cabelo enquanto eu empurrava sua boca pecaminosa contra minha boceta. Faz apenas duas semanas que nossas vidas e desejos finalmente se alinharam, e agora a cada dia estamos mais unidos. Todas as noites ele

me fode até que estou prestes a desmaiar, exausta, mas saciada. Todas as manhãs acordo menos capaz de imaginar os dias anteriores à presença de Lachlan em minha vida e em minha cama. Às vezes, seu toque é tudo em que consigo pensar. Suas mãos em minha carne. Seu beijo no meu pescoço. Seu pau enterrado profundamente...

— Que bom que você não consegue ficar parada, hein? — Rose pergunta enquanto eu me mexo no assento. Ela sorri enquanto meu rubor fica mais quente. — Estou feliz por você, Lark. Você merece isso.

Embora eu lhe agradeça, há um toque de tristeza em minha gratidão. Eu sei que não posso dizer o mesmo para Rose. E pela maneira como nós dois olhamos para a mesa, ela também sabe disso.

— Como vou acompanhar você? — Pergunto enquanto Rose toma o último gole de seu café e coloca a caneca vazia na mesa enquanto ela se inclina para trás para me olhar com um sorriso melancólico.

— Eu tenho um telefone. Silveria Circus pode ter uma vibração nostálgica, mas também possui tecnologia moderna.

— Eu sei, mas você estará em todo lugar. Vai ser um pouco mais difícil nos encontrarmos. Mas irei ver você sempre que puder, sempre que você estiver por perto.

— Eu adoraria. Você e Sloane. — Rose balança a cabeça e engole em seco, seu sorriso vacilando. — Vocês são minhas garotas. Minhas garotas corajosas.

— Ainda não tenho ideia do que isso significa, mas até gosto. — Eu sorrio e tomo um gole do meu café. — Quanto tempo antes de você se encontrar com Silveria?

Rose olha para o relógio e morde o lábio. — Cerca de uma hora.

— E Fionn?

— Ele vai me deixar. E então eu acho que é isso. — Rose dá de ombros. A tristeza fica mais profunda em suas feições, mesmo que ela tente escondê-la. Estendo a mão por cima da mesa e pego a mão dela na minha. Eu sei como é tentar manter uma miragem para o benefício de outra pessoa enquanto você desmorona atrás da ilusão. Mas Rose mantém seu coração bem aberto para que todos vejam, e leva apenas

um ou dois segundos antes que lágrimas brotem de seus olhos.

Eu não digo a ela que vai ficar tudo bem. Não sei se isso é verdade e não quero fingir que comentários como esse são nada mais do que banalidades. Não mais. Nem para mim nem para mais ninguém. Então, em vez disso, seguro a mão de Rose sobre a mesa e digo a ela o que realmente sinto. — Vou ter saudades suas.

Rose assente. — Eu também vou sentir sua falta — ela sussurra. Seu sorriso é frágil e meu peito dói em resposta. — Você sabe o que dizem sobre o circo.

— O quê, que o show deve continuar?

— Não. — ela diz. — Que o show não pode começar até você pular.

Estou presa nas palavras de Rose e em seus olhos escuros e brilhantes quando seu telefone vibra com uma mensagem para quebrar o feitiço entre nós. Olhando para a tela, ela tira o aparelho da mesa e o guarda no bolso.

— Doutor está aqui. Acho que te vejo por aí. Não seja uma estranha.

Nós duas nos levantamos e nos abraçamos. O tremor nos ombros de Rose quebra meu coração e o enche de dor e raiva por ela. Eu sei que o que quer que esteja acontecendo com Fionn não é da minha conta e ela não parece disposta a entrar em detalhes, mas não posso deixar de fazer uma crítica a ele. — Talvez Lachlan não fosse o idiota dos Kanes, afinal. — eu sussurro, e Rose ri em meus braços.

— Sim. Talvez não. — Rose diz enquanto dá um beijo na minha bochecha. — Cuide-se, chefe Anfitriã.

Com um sorriso final e fraco, Rose se vira e sai da cafeteria. Observo enquanto ela abre a porta de um carro esperando na calçada e desaparece lá dentro.

É uma curta caminhada para casa e eu aproveito a maior parte para enviar mensagens de texto para Sloane. Ela e Rowan vão passar um fim de semana em Martha's Vineyard para aproveitar a felicidade de recém-casados, algo que acho que estou começando a sentir também, embora tudo tenha sido um pouco retrógrado para Lachlan e

para mim. Mas isso realmente importa? Há um caminho desgastado na vida que a maioria das pessoas segue quando acaba casada. Apaixone-se primeiro. Faça seus votos. Mas talvez eu nunca estivesse destinada a participar disso. Surpreende-me mais do que ninguém quando percebo que estou feliz onde estou.

Estou pensando nessa epifania quando entro no apartamento e mando uma mensagem para Lachlan para avisar que cheguei em casa. Larguei meu celular para passar um tempinho brincando com Bentley, que pega a caveira de pelúcia que Lachlan comprou para ele na semana passada. Estamos brincando de cabo de guerra quando meu telefone vibra na mesinha de centro com uma chamada recebida.

A pressa que senti esperando ver o contato de Lachlan na minha tela é dissipada quando são os detalhes da minha mãe que aparecem.

— Oi, mãe.

— Querida.

Eu já sei o que ela vai dizer a seguir.

Há um vórtice no tempo logo antes das palavras surgirem, que parece ainda pior do que no momento em que você as ouve pronunciadas em voz alta. É como esperar pela antecipação de uma agulha – você sabe que a dor virá, mas imaginar que às vezes é pior do que o momento em que ela penetra em sua pele.

— Tia Ethel faleceu.

Essa dor ainda me atinge como um machado no peito. Lágrimas caem livremente pelo meu rosto. Todos nós sabíamos que isso estava por vir. Eu pensava nisso todos os dias. E ainda assim parece que um buraco surgiu dentro de mim, um vazio que parece gravitacional. Não preenchível. Como se tivesse sido feito apenas para consumir.

As lágrimas não param enquanto minha mãe me dá os detalhes. Que Ethel faleceu durante o sono. Foi pacífico. Ela diz todas as coisas que deveriam ser um pequeno conforto após a perda. E então ela fala sobre os aspectos práticos que não param no luto, nem por um momento. Mamãe parece hesitante quando pergunta se quero encontrá-los em Shoreview antes que a funerária chegue para levar o

corpo de Ethel. Ela mal responde a pergunta antes que eu diga que sim, que espere até eu chegar lá. E embora minha mãe não pergunte abertamente sobre Lachlan, ele é a primeira pessoa cuja presença eu anseio. Seu semblante tranquilo. Sua sombra constante para minha luz vacilante. Há conforto em saber que ele me viu mais do que eu estava disposta a compartilhar, e ainda assim ele não recua.

Assim que minha mãe desliga, seleciono o número de Lachlan na minha lista de favoritos. Tento me recompor, mas a sala parece pulsar a cada batida do meu coração, uma película aquosa obscurecendo minha visão.

Lachlan atende no primeiro toque. — Ei, duquesa. Eu estava pensando em você.

— Oi.

É isso. Isso é tudo que preciso dizer. Apenas uma palavra curta. Um suspiro de tristeza.

— O que está errado? Aconteceu alguma coisa? Você está bem? Onde você está?

Para um homem que não diz mais do que o necessário, a enxurrada de perguntas quase me faz sorrir, apesar da dor que preenche cada fenda do meu peito.

— Ethel — digo, contornando a pedra alojada em minha garganta. — Ela passou.

— Oh, Lark, sinto muito, amor. Eu posso ir buscar você. O que você precisa?

— Será mais rápido se nos encontrarmos na casa de repouso. — Começo a juntar meus pertences na bolsa e vou até a cozinha para reabastecer a água de Bentley enquanto ele me segue. — Meus pais devem estar quase lá. Vou pegar um Uber.

— Tem certeza disso?

— Sim. Eu ficarei bem. É só... — Faço uma pausa e pressiono os lábios, tentando capturar a dor que invade cada osso, cada gota de sangue. Respiro fundo algumas vezes e torço um fio solto do meu

suéter no dedo até doer antes de poder falar novamente. — É que ela era minha âncora — digo enquanto vou para o meu quarto. — Ela estava firme em todas as tempestades. Não é como se eu não soubesse que isso aconteceria, mas ainda me sinto... à deriva. Esperar não torna tudo mais fácil, sabe? Eu esperava que tivéssemos um pouco mais de tempo.

— Eu sei. Eu também estava, duquesa. Sinto muito, sei o quanto ela significava para você. — O suspiro pesado e preocupado de Lachlan permeia a linha. — Há algo que eu possa fazer?

Uma risada ofegante e sem alegria deixa meus lábios antes que minha garganta se feche mais uma vez. — Provavelmente. Mas agora só preciso de um abraço.

— Eu posso fazer isso. — diz Lachlan. Aperto o telefone contra o ouvido e deixo as lágrimas caírem novamente. Sinto consolo em seu silêncio. Eu sei que ele está lá, me dando tempo, outra âncora firme em uma tempestade. Fico no quarto que se tornou nosso e olho para o chão, presa em minha torrente de pensamentos e realizações, quando sua voz calma finalmente me liberta. — Lark...?

— Sim?

— Eu te amo.

A respiração fica parada em meus pulmões. Essa confissão silenciosa ecoa em minha mente até ficar marcada ali. *Eu te amo,* **uma tinta indelével escrita na memória.**

Cada grande e ousado momento com Lachlan parece passar pela minha mente. A primeira vez que nos encontramos. A segunda. Aquele beijo na secretaria da cidade quando fizemos nossos votos. A maneira como ele sussurrou para mim pouco antes de nossos lábios se encontrarem. *Geallaim duit a bheith i mo fhear céile dílis duit, fad a mhairimid le chéile*[6]**. Eu não sabia o que isso significava – ainda não sei. Mas eu senti isso. Que este homem estaria comigo nos meus momentos mais sombrios. E se eu deixar, ele estará lá na luz também.**

O show não pode começar até você pular.

Pressiono a mão sobre os olhos, mas isso não impede que uma

nova onda de lágrimas inunde meus olhos e deslize pela minha pele. Bentley choraminga aos meus pés e eu caio ao seu nível, passando um braço em volta de seu pescoço grosso para chorar em seu pelo enquanto seguro o telefone no ouvido com a mão instável. — Eu também te amo, Lachlan.

— Pegue um Uber, duquesa — diz Lachlan, com alívio e um sorriso em sua voz. — Encontrarei você em Shoreview em breve.

Com um suspiro profundo, despeço-me e tento conciliar um mundo que parece ter virado de cabeça para baixo. Ethel se foi. Tudo na minha família vai mudar. Estou apaixonada pelo meu marido.

Uma risada incrédula explode em meus lábios, apesar das lágrimas que ainda grudam em meus cílios. Pressiono minha testa no pelo macio entre as orelhas de Bentley. — Estou apaixonada pelo meu marido, Bentley. Acho que isso significa que temos que mantê-lo. — Meus olhos se elevam para o teto com um sorriso agridoce. Não é preciso muito para imaginar Ethel se deleitando com um plano final que sairá do jeito que ela queria. — Ouvi isso, seu criador do inferno? Estou apaixonada por Lachlan Kane. Tenho certeza de que era isso que você procurava, certo?

Eu me levanto. Antes de pedir um Uber, vou ao banheiro jogar água no rosto. Minha carne está muito quente com toda essa emoção correndo sob minha pele. Mas quando olho para o meu reflexo, vejo a beleza de estar totalmente despojado. Não tem nada a ver com a maquiagem que ainda gruda em meus olhos ou com a base que foi removida. Tem tudo a ver com a pessoa que vejo no espelho combinando com a mulher que sinto por dentro. Aquele que não se esconde atrás do que o mundo quer ver. Não há nenhum sorriso praticado, nenhuma fachada para evitar que os outros sejam incomodados pelas minhas emoções. Estou com dor e parece que estou sofrendo. Estou apaixonada e parece que estou vivendo.

Gosto da mulher olhando para mim. Acho que minha tia também ficaria orgulhosa dela.

Estou apenas enxugando as últimas gotas de água do meu rosto enquanto Bentley dá um latido de alerta vindo da sala de estar. Talvez

o Uber estivesse mais perto do que eu imaginava e eu perdi a campainha, eu acho. Mas quando pego meu telefone e verifico o aplicativo enquanto vou em direção à sala, o Uber ainda está a dez minutos de distância.

Bentley late novamente quando entro na sala. E então ele rosna.

— O que é... — eu começo, mas então vejo o que é... *quem* **é.**

Abe Midus está na minha sala.

Olhos predatórios. Um sorriso faminto.

De repente somos caçadores e presas.

Saio correndo para a cozinha. Algo bate em minhas pernas e eu bato em uma luminária a caminho do chão. Um raio de dor me cega quando pouso. Minha palma encontra o lado da minha cabeça e sai pegajosa de sangue. Bentley rosna atrás de mim. Há um baque e ele grita. Algo perfura meu pescoço, afiado e inevitável antes de ser puxado.

Pego meu telefone. Meus dedos deslizam pelo vidro quando ele é arrancado do meu alcance. Meu gemido é abafado pelo rugido do meu coração enquanto tento me arrastar pelo chão. O poder drena dos meus músculos a cada segundo que passa. Só tenho força suficiente para virar de costas e respirar.

Respirar. Respirar. Respirar.

Fique acordada.

As bordas da minha visão escurecem e ficam embaçadas.

Abe Midus fica aos meus pés e coloca uma tampa em uma seringa antes de colocá-la no bolso. Um sorriso lento se estende por seu rosto. A luz reflete em algo que ele segura. Uma ferramenta com cabo preto e borda prateada brutal. Lágrimas escorrem pelos cantos dos meus olhos. Tento implorar, mas minha boca não consegue formar as palavras.

Bentley se posiciona sobre minhas pernas, cabeça baixa e pêlos arrepiados. Seu rosnado cruel queima meus últimos momentos de pensamento consciente. Abe se curva, os olhos fixos no meu cachorro

rosnando.

— Olá.

Capitulo Vinte e Quatro
APARIÇÃO



Atravesso as portas do Shoreview Assisted Living e chego na recepção, a equipe me olha com sorrisos sombrios. Quando chego ao quarto de Ethel, os pais de Lark já estão lá. A mão de Damian acaricia suavemente as costas de Nina enquanto ela suaviza as ondas branco-prateadas de Ethel. Examino o quarto, mas não encontro nada de Lark na cadeira no canto onde ela costuma deixar a bolsa e a jaqueta.

— Lachlan, obrigado por ter vindo. — Embora Damian tente manter o tom uniforme, ainda capto as notas cautelosas em sua voz. Também não posso culpá-lo por isso. Eu gostaria que pudesse ser diferente, pelo bem de Lark, pelo menos em um dia como hoje.

— Claro. Sinto muito pela sua perda. Ethel era... — Sinto que minha garganta fica apertada quando imagino Ethel no brunch quando conheci a família de Lark pela primeira vez. Ela era tão perversa, engraçada e perspicaz. Tão cheia de vida. E eu a respeitava muito. Mesmo sabendo o quão doente ela estava, parece inconcebível que ela simplesmente tenha partido. — Ethel era uma força da natureza. Estou grato por tê-la conhecido, mesmo que por pouco tempo.

— Obrigada. — Nina me dá um sorriso fraco, os olhos brilhando. Sua testa franze. — Onde está Lark?

— Achei que ela já estaria aqui. Ela estava em casa quando me ligou para dar a notícia. Ela disse que viria direto para cá.

Olhando para a porta, pego meu telefone e digito uma mensagem.

EU

Tudo certo?

— Talvez tenha sido o estresse de perder Stan — diz Nina enquanto passa um lenço de papel sob os cílios e endireita os ombros. — Eles foram amigos íntimos por muitos anos. Talvez fosse demais para Ethel aguentar.

Damian diz algo tranquilizador, mas perco a noção do que é enquanto ando em direção à porta e volto, com o telefone na mão. A mensagem foi entregue, mas não há resposta de Lark. Algo aperta minhas entranhas e torce.

— Já volto — digo a Damian e Nina, desejando que minha voz permaneça firme.

Saio do quarto e sigo pelo corredor em direção à recepção. Olho pelas portas de vidro deslizantes na esperança de vislumbrar um Uber deixando Lark, ou sua massa de ondas loiras sendo levadas pela brisa, ou aquela maldita bolsa gigante que pesa quase tanto quanto ela balançando em seu quadril. Mas não há nada, apenas uma calçada vazia e carros que passam na estrada.

Seleciono o número de Lark e ligo enquanto volto para o quarto. Fica sem resposta. Desligo quando chega na caixa postal de Lark.

— Lark entrou em contato com você? — pergunto enquanto volto para o quarto de Ethel. Nina e Damian balançam a cabeça. Meu pulso acelera e abro minhas mensagens novamente enquanto espero pelos pontos de uma resposta recebida, mas eles não chegam.

EU

Deixe-me saber que você está bem, duquesa.

Meu apelo é tanto para o universo quanto para Lark. Mas ainda não há resposta.

— Porra.

Posso sentir a tensão irrompendo no quarto como um fantasma malévolo. Damian dá um passo mais perto. — O que está errado? Lark está bem?

— Eu não sei, ela não respondeu. Ela deveria estar aqui agora. Mesmo esperando por um Uber ela ainda estava mais perto do que eu.

Estou prestes a ligar para ela pela segunda vez quando meu telefone toca na minha mão, mas meu alívio momentâneo é interrompido quando vejo o nome de Conor na tela e não o de Lark.

— Lark está com você? — pergunto a título de saudação.

— Não, cara. Desculpe. — ele responde com confusão em sua voz. — Mas eu descobri algo nos vídeos de Stan. O velho paranóico tinha tudo criptografado e eu superei isso há cerca de dez minutos. Enviando uma captura de tela para você agora.

Tiro o telefone do ouvido e coloco a chamada no viva-voz enquanto espero a mensagem de Conor chegar. Quando isso acontece, vejo a imagem de um homem parado sobre o corpo de Stan. Suas feições são obscurecidas pelo ângulo da câmera e pelo boné que ele usa, com a aba puxada para baixo. Ele segura uma arma na mão, não uma faca normal, mas algo pequeno e de formato irregular. Algo familiar.

— Você pode...

— Já estamos nisso, mano.

Um segundo texto chega de Conor, desta vez uma imagem ampliada da ferramenta. A palma do homem cobre a maior parte do cabo preto, mas não o anel de ouro que prende a ponta afiada do chanfrador. Posso ver o nome da marca "WUTA" estampado no aço inoxidável.

— Porra, porra. — O sangue congela em minhas veias enquanto meu coração bate nas entranhas. — Isso é meu.

— Mano, que porra é essa? Ele estava na sua loja?

As imagens se encaixam como peças de um quebra-cabeça

enquanto Nina e Damian fazem perguntas que não respondo. — Dê-me uma foto melhor do boné.

Alguns segundos depois, uma nova imagem do homem aparece, seu rosto ainda quase todo na sombra, mas o logotipo da Carhartt claramente visível na frente do boné.

— Filho da puta. **— Percorro meus compromissos recentes até encontrar o sobrenome que de repente me escapa enquanto a descrença e o pânico percorrem minha carne. — Traga-me tudo o que puder encontrar sobre Abe Midus. Vou para casa procurar Lark. — Desligo a ligação e encaro Nina e Damian, com os olhos arregalados de confusão e preocupação. — Abe Midus. Você conhece esse nome?**

— Não. — diz Damian. Nina balança a cabeça ao lado dele. — O que diabos está acontecendo?

— Nós o temos em vídeo, o homem que matou Tremblay. E ele fez isso com uma ferramenta da minha loja. — Tento ligar para o telefone de Lark mais uma vez enquanto seus pais me enchem de mais perguntas, mas novamente minha ligação não é atendida. — Algo não está certo. Vou encontrar Lark.

Nina tapa a boca com a mão, abafando um grito estrangulado.

Damian avança. — Eu irei com você.

— Não. Fique e me mande uma mensagem se Lark aparecer. Ando pelo corredor, os passos de Damian ecoando atrás de mim enquanto entramos no saguão. — Sotaque texano, cabelo curto e grisalho, 1,70m, estatura mediana, tatuagem de uma Bíblia e cruz no antebraço direito. Ligue-me imediatamente se você o vir.

— Oh, você está procurando por Steve? Acho que ele saiu há cerca de uma hora. — diz uma das enfermeiras de onde está sentada na recepção.

— O quê?

— Steve. O cara temporário. Gostam de citações da Bíblia. — A confusão aumenta na expressão da enfermeira enquanto seus olhos passam entre mim e Damian. — Tivemos algumas pessoas doentes ontem, então ligamos para a empresa de recrutamento pedindo um

trabalhador temporário para cobrir.

Damian e eu nos voltamos um para o outro. Seu rosto se desfaz. Tento engolir o nó na garganta.

— Minha filha...

— Eu vou encontrá-la. Mesmo que eu tenha que matar todas as pessoas desta maldita cidade para fazer isso.

Damian me dá um único aceno de cabeça e eu saio correndo, ligando para Fionn enquanto corro para o meu carro, na eventualidade de Lark ainda estar com Rose. Estou ultrapassando um sinal vermelho quando ele diz que não a viu, mas me diz que eles estão hospedados e não muito longe do nosso prédio, prontos para ajudar. Quando chego à nossa rua, eles já estão estacionando perto da entrada.

Meu coração dispara. Minhas mãos tremem. Tento o telefone dela novamente enquanto Fionn e Rose me encontram no meu carro, mas Lark ainda não atende.

— Ligamos para Rowan, mas ele e Sloane passarão o fim de semana em Martha's Vineyard. Eles estão voltando para casa, mas vai demorar um pouco. — O rosto de Rose está enrugado de preocupação quando retiro minha arma do porta-luvas. — O que está acontecendo? Onde diabos está Lark?

— Não sei. Ela me ligou para dizer que sua tia morreu. Ela deveria me encontrar na casa de repouso, mas nunca apareceu. — Ando na frente até a porta principal e agarro a maçaneta da porta apenas para encontrá-la destrancada. Ela se abre para a área de produção têxtil, onde não há sinal de nada de errado. — Conor acabou de encontrar informações sobre o homem que tem como alvo a família dela. E agora Lark não responde a nenhuma das minhas ligações.

Ando em direção às escadas, subindo-as aos dois, Fionn e Rose logo atrás. Os piores medos que eu nunca poderia ter imaginado de repente se acumulam ao meu redor a cada passo que dou.

— O cara *estava certo, porra.* **Ele estava na minha maldita loja. Ele falou com Lark e apertou a mão dela. Ele esteve perto de nós esse tempo todo e eu não tinha ideia.**

Quando chegamos ao apartamento, sinto vontade de vomitar. O desespero e o pânico são tão estranhos que chegam a ser avassaladores. Continuo esperando que meu telefone toque de repente, que o rosto sorridente de Lark apareça na minha tela. Mas permanece em silêncio. E não tenho certeza se conseguirei sobreviver ao que encontrarei do outro lado da porta.

Hesito por um momento, deixando Rose e Fionn saberem com um aceno de cabeça que elas precisam ficar atrás de mim. E então eu torço a maçaneta e abro.

O sangue cobre o chão e meus joelhos dobram. É meu irmão quem me segura por tempo suficiente para tropeçar na sala e recuperar o equilíbrio.

— *Lark.* **— Meu apelo desanimado recebe um gemido doloroso em resposta. Entro na sala e encontro Bentley deitado de lado perto da mesa, sangue cobrindo as manchas brancas em seu pelo. Ele choraminga novamente, um grito triste que incinera meu coração em ruínas.**

— Salve esse maldito cachorro — ordeno ao meu irmão enquanto procuro panos de prato na cozinha e os jogo para Fionn.

— Eu não sou veterinário...

— Eu não me importo, porra, salve esse maldito cachorro.

Sigo em direção ao corredor onde ficam os quartos, chamando Lark enquanto caminho. Meus esforços não são recompensados. Verifico os quartos e os banheiros, mas não há sinal de Lark, nada fora do lugar, exceto a ausência dela. Volto para a sala com uma garrafa de álcool isopropílico e uma tesoura em uma mão e minha arma na outra. Rose tem toalhas ensanguentadas pressionadas ao lado de Bentley enquanto Fionn enfia a linha na agulha.

— Farei o que puder para estancar o sangramento agora e levá-lo ao veterinário. — diz Fionn. Entrego-lhe a tesoura e ele raspa uma linha de pêlo ao lado do que parece ser uma facada profunda. Quando ele olha para mim, a expressão de Fionn é sombria. — Você tem alguma ideia de onde Lark poderia estar?

— Não. — Examino a sala e localizo o telefone dela perto da mesa de centro, com uma luminária quebrada no chão. Há uma mancha sangrenta na tela. Minhas chamadas perdidas, mensagens de texto e notificações do Uber, ela nunca brilhou no vidro retroiluminado quando eu atendi.

Lark precisava de mim. E eu não estava lá.

Um grito angustiado enche a sala. Isso vem de mim.

Lágrimas enchem meus olhos enquanto jogo o telefone no sofá. Eu quero andar. Para correr. Mas não há para onde ir para escapar do que sinto.

— Eu não estava aqui. — eu sussurro.

Uma mão envolve meu antebraço e aperta, e eu olho para baixo para encontrar a determinação feroz de Rose.

— *Pense* **— ela exige enquanto o cachorro choraminga atrás dela. — Tem que haver** *alguma coisa***. Algo estranho. Algo fora do lugar.**

Pressiono meus olhos fechados e procuro na escuridão. A princípio, tudo que vejo é o rosto de Lark. Como ela é linda quando está tentando me irritar. Como ela estava naquele palco, cantando para mim. O corpo dela sob os lençóis na primeira noite que passamos juntos, a maneira como ela sorriu quando me virei para dar uma última olhada na porta.

E então me ocorre uma imagem que brilha mais que um raio.

— Do outro lado da rua. Ele estava *do outro lado da rua.*

Ando em direção à porta, Rose logo atrás. — Eu vou com você — ela diz.

— Rose, não. — diz Fionn, com a voz embargada. *— Por favor.*

Paramos apenas o tempo suficiente para Rose se virar e encará-lo. Ele está ajoelhado no chão, uma mão ainda colocada ao lado de Bentley. — Lark é minha garota. Eu vou recuperá-la.

— Mas...

— Eu te amo, Fionn Kane.

Um silêncio chocado enche a sala. Espero que Fionn diga alguma coisa, qualquer coisa, mas ele não diz. É como se as palavras dela fossem tão inesperadas que ele não conseguisse processá-las.

Rose dá um passo para trás em direção à porta. Fionn olha para ela como se estivesse congelado. Rose dá mais um passo para longe. — Salve o cachorro ou esse idiota vai te matar.

Então Rose passa por mim, puxando uma enorme lâmina de caça de uma bainha escondida sob a camisa. Quando me viro para meu irmão, há angústia em seus olhos.

Ele engole em seco, mas sua voz ainda sai irregular quando diz: — Mantenha-a segura.

— Eu vou. Eu prometo.

Corro para alcançar Rose. Quando chegamos ao pé da escada, irrompemos no ar frio, em direção ao prédio do outro lado da rua.

— Então, quem é esse cara? — Rose pergunta quando chegamos à porta trancada. Estou prestes a tentar atirar quando ela tira um pequeno estojo preto da bolsa pendurada no ombro e coloca um alfinete e encaixa a arma na fechadura. Com alguns cliques e giros, ela se abre e entramos. O antigo edifício industrial foi convertido em pequenos escritórios no piso principal e apartamentos no segundo.

— Ele disse que seu nome era Abe Midus. Ele marcou uma consulta no meu estúdio e trouxe uma sela para consertar. Mas não sei nada sobre ele, exceto que ele é um cara religioso. Conor está trabalhando nisso.

Subimos correndo as escadas até o segundo andar e nos dirigimos aos apartamentos que ficam de frente para o nosso prédio, dos quais são apenas três. Paramos na porta no final do corredor, aquela que tem maior probabilidade de estar alinhada com nossas janelas, e ouvimos os sons lá dentro. Nada vem. Mantenho minha arma apontada para a madeira enquanto Rose coloca suas ferramentas no buraco da fechadura. Quando o ferrolho cede, faço um gesto para que ela se afaste. Então giro a maçaneta e empurro a porta.

— Bem. — Rose sussurra enquanto eu atravesso a soleira. —

Acho que chegamos ao lugar certo.

Não há ninguém aqui. Mas a evidência da sua obsessão está por toda parte.

Desenhos a carvão revestem as paredes, imagens de cruzes com citações rabiscadas nas margens, esboços de casas e lugares e pessoas desconhecidas. Existem vários desenhos de uma senhora idosa com uma Bíblia aberta no colo. Notas manuscritas estão empilhadas em todas as superfícies. Horários, datas e locais. Uma tira colorida de papel se destaca entre as folhas pautadas brancas e eu a pego. *KEX, com Lark Montague,* **diz o ingresso.**

O fogo enche meu peito com uma dor ardente.

Meu telefone toca e eu me esforço para tirá-lo do bolso. É Conor.

— Qualquer coisa? — Eu digo.

Rose observa de onde está, ao lado de uma luneta montada em um tripé, com a lente apontada para nosso apartamento.

— Nada para um Abe Midus. Ele é um fantasma.

— Você verificou os registros do Texas?

— Eu verifiquei os registros de todos os lugares. Não há ninguém que esteja dentro do alcance da sua descrição.

Soltei uma série de palavrões enquanto Rose me lançava um olhar preocupado. Ela começa a vasculhar uma pilha de seringas e frascos dispostos em uma bandeja sobre uma mesa lateral. Conor está recitando diferentes iterações do nome de Abe e tudo o que ele pesquisou enquanto Rose abre uma Bíblia que está perto da borda da mesa. Seus olhos se arregalam quando ela a tira da superfície e a empurra em minha direção, apontando freneticamente para o nome.

— Encontramos algo. É Abe *Mead* **— digo a Conor. A compreensão me atinge bem no peito. — Oh** *merda***. Mead. Harvey Mead é aquele cara que Rowan e Sloane mataram no Texas. Ele deve ser parente.**

Os dedos de Conor batem furiosamente no teclado. Há uma breve pausa que parece uma eternidade. — É o irmão dele — Conor finalmente diz. — Estou pensando em um endereço para Oregon. Vou

precisar ir até a casa de Leander e procurar no escritório algo além do básico.

— A história dele não vai me dizer para onde ele levou Lark. — eu mordo.

— Não — Rose diz enquanto aponta para a porta fechada atrás de nós. Há um mapa colado na madeira. — Mas talvez isso faça.

Nós nos aproximamos.

Portsmouth, **diz o título.**

Arranco o mapa da madeira e abro a porta. Então corro pelo corredor, sentindo como se estivesse sendo queimado vivo, uma celula de cada vez.

Capitulo Vinte e Cinco
QUEIMADO



Acordo na escuridão.

Nenhum raio de luz. Nenhum som. Nada para orientar meu cérebro sobre onde estou ou como cheguei aqui.

Apenas um cheiro familiar, um vago reconhecimento que meu cérebro não consegue extrair da névoa de qualquer droga que ainda gira em minhas veias.

Deslizo meu braço pelo chão de metal frio e bato no pulso para verificar a hora. Mas meu relógio sumiu.

— Foda-se — eu sussurro. A palavra é muito grossa na minha língua. Viro de costas e pisco na escuridão, desejando que qualquer filamento de luz apareça, mas nada aparece. Tudo o que vejo é uma escuridão.

Cada batida do coração me leva à beira do pânico.

Minha respiração acelera. A bile revira meu estômago. Eu reviso meus bolsos em busca do meu telefone. Nada.

As memórias emergem através da névoa das drogas. Um homem no meu apartamento. Meu cachorro rosnando. Sangue na minha cabeça latejante. Toco meu cabelo e há uma crosta grudada nos fios. Lembro-me de uma pontada de dor na lateral do pescoço. Meus dedos trêmulos descem até a marca.

Eu pressiono meus olhos fechados. Eu me esforçarei para não chorar. A droga que ainda corre em minhas veias é ao mesmo tempo uma bênção e uma maldição, entorpecendo as lembranças de outra escuridão. Mesmo assim, vejo os números vermelhos do relógio através das ripas da porta enquanto me aconchego com minha irmã no armário. Essas linhas brilhantes estão tão claras em minha mente, apesar dos muitos anos que se passaram.

Cinco e trinta e nove. **— Quanto tempo mais? — Eu sussurrei para minha irmã. Já fazia horas que não ouvíamos nenhum som vindo da casa, mas nos recusamos a desobedecer a nossa mãe. Vimos o medo desesperado em seus olhos quando ela nos fechou e exigiu que cumprissemos nossa promessa de permanecer escondidas.**

Ava me abraçou. Manteve-me aquecida. — Descubra, Lark — disse ela.

Descubra, Lark.

Meus dedos pousam em um pequeno círculo de metal embutido no chão. Eu me levanto para sentar e procuro uma trava. Mas não há uma. Há apenas um círculo de metal menor e elevado com oito parafusos perto de seu perímetro abaixo de mim. A superfície do círculo parece mais escorregadia do que o chão ao redor. Tento cada centímetro do círculo, esperando encontrar uma solução, algum tipo de botão ou pista. Nada. Apenas o rugido do meu coração e o tremor nas minhas mãos enquanto luto para manter o medo sob controle.

Eu rastejo para frente com uma mão estendida na escuridão e bato em uma parede. O metal é o mesmo que está embaixo de mim, mas há pequenas ripas enfileiradas, aberturas precisas na parede, largas o suficiente para enfiar meu dedo. Não consigo sentir nada lá dentro. Depois de tentar alguns buracos, traço o comprimento da parede e chego ao próximo, depois ao próximo. No meio do meu progresso para mapear o metal no escuro, meus dedos pousam no vidro.

Uma janela.

Aproximo meu rosto dele e tento olhar para fora, mas não há nada do outro lado. Apenas escuridão.

Meu punho fica fraco quando cerro a mão com força para bater na estreita faixa de vidro. — Deixe-me sair. — Minha voz é rouca, pouco mais que um som áspero. Tento de novo, colocando o máximo de força que posso no punho enquanto bato na janela. — Alguém me deixe sair...

Algo é puxado da janela e dou um passo para trás, assustada. De repente, uma luz brilhante acende atrás do vidro. Na janela, há um homem olhando para mim com um sorriso letal.

*Abe Midus***.**

Eu caio de bunda. A luz apaga.

Acende. Desliga. Acende. Desliga. Sua silhueta é iluminada apenas para desaparecer na escuridão com o pulso metronômico da luz. Meu coração bate tão forte que parece que está subindo pela minha garganta. Mas coloco as mãos no chão e me forço a levantar.

Quando estou de pé e de frente para ele, Abe deixa a luz acesa, um controle remoto na mão levantada.

Meus olhos se voltam para o ambiente agora banhado pela luz.

Eu sei exatamente o que é isso. Um forno rotativo.

— E sabemos que em todas as coisas Deus trabalha para o bem daqueles que O amam, que foram chamados de acordo com o Seu propósito **— diz Abe, com a voz abafada pelo aço pesado e pelo vidro grosso. Seu sorriso sem luz é triunfante. — Foi Deus quem me deu a ideia de trazer você aqui. Através de** *você***.**

— Deixe-me sair. — Lágrimas furiosas brotam dos meus olhos. Mantenho o olhar inabalável de Abe enquanto seguro a maçaneta que agora posso ver no interior da porta. Eu a empurro, mas ela não se move.

Abe gira o braço para exibir marcas de sangue que escorrem pela gaze branca colada em seu antebraço. — Seu cachorro fez um esforço admirável para defendê-la. Tão leal. — A cabeça de Abe se inclina enquanto seus olhos examinam meu rosto. Enrolo minhas unhas curtas nas palmas das mãos. — Você acha que seu marido será tão leal a você? Ou será que sua lealdade está em outro lugar, eu me pergunto?

Não digo nada. O medo é uma espiral que envolve meus pensamentos e os prende. Posso não saber quais são os planos de Abe, mas já posso dizer que eles foram projetados para testar todos os limites e ultrapassá-los. E se ele está fazendo essa pergunta, há uma boa chance de meu coração ser a primeira coisa a quebrar por causa de seu desígnio.

— Por que você está fazendo isso?

— Um dente por um dente.

Minhas sobrancelhas se unem. Tento estabelecer uma conexão entre esse homem e tudo o que fiz, mas não consigo encontrar. Para que ele se empenhe nesse esforço para semear o caos em minha família e orquestrar um plano elaborado, deve haver apenas um motivo.

— Eu matei alguém importante para você.

A expressão de Abe clareia e depois se enche de admiração. *Excitação,* **quase. Ele solta uma risada incrédula antes de levantar a mão para o céu em louvor. —** *Mas deixe a justiça rolar como águas e a retidão como um riacho sempre fluindo.* **— Seu sorriso se transforma quando seu braço cai ao lado do corpo, e percebo que o que confessei não é nada do que ele esperava. — Sabe, quase desisti de meus planos de retribuição em grande escala em favor de simplesmente matar você e Kane, e então Deus os uniu em casamento. Pela segunda vez, quase me desviei do meu caminho quando fui ao estúdio de Kane, com a intenção de ceder à minha fraqueza e trazer-lhe a minha vingança, e Deus deteve a minha mão quando você entrou pela porta. Você entregou Seus desejos para as notas finais de minha obra-prima. O Senhor sabia o que eu não sabia, que sua maldade merecia ser punida. Inspiração divina, de fato.**

*— Pois da mesma forma que você julga os outros, você será julgado, e com a medida que você usar, isso será medido para você***. — eu digo, e os olhos de Abe se estreitam. — Você pode escolher tudo o que quiser na Bíblia, mas ainda sei que tipo de homem você é.** *Deixe-me sair.*

— Isso não depende de mim.

— É sim.

Abe balança a cabeça. — Não é. — Ele se vira com um movimento repentino, como se tivesse ouvido algo à distância. Quando seu olhar retorna para mim, é brilhante com o tipo de alegria que vem ao ver seus intrincados planos se concretizarem. É um olhar que eu conheço, porque também o senti. — Depende de Kane.

Abe aperta um botão no controle remoto e a sala além da janela estreita mergulha na escuridão. Sua silhueta desaparece.

Assim que ele sai, tento a maçaneta da porta novamente, puxando-a desesperadamente. Recorro a alguns chutes que não adiantam nada. Vou para a parte de trás do forno, onde há uma segunda porta, mas a maçaneta também não se move, e a janela deste está coberta, então não consigo ver o lado de fora. Ainda estou empurrando a maçaneta da porta quando as luzes se acendem na janela atrás de mim.

— Largue sua arma e você terá esperança de salvar alguém que ama. — A voz de Abe ressoa do outro lado da porta, dirigida a alguém que não consigo ver. — Se você não fizer isso, todos eles morrerão.

Meus olhos se estreitam enquanto tento entender o que ele quer dizer. Suas palavras rasgam meu peito, garras que rasgam suas profundezas e deixam veneno nas feridas. Mais alguém está em risco aqui, e nem sei quem.

Uma nova onda de desespero inunda as câmaras do meu coração. Procuro no perímetro da porta uma liberação escondida.

— A tecnologia não é maravilhosa? — Abe diz, tirando-me dos meus esforços para pensar em uma maneira de sair de uma caixa de aço e de uma situação onde sei que não tenho controle. — Posso programar todos esses fornos com um aplicativo. Por exemplo, posso definir um cronômetro simples para começar a assar em cinco minutos. Assim como posso seguir o carro de Rowan Kane com um aplicativo e ver se ele está na estrada, dirigindo em nossa direção pela I-95. Posso até usar meu telefone para definir um cronômetro que detonará a bomba que coloquei embaixo do motor dele, tudo com o toque de um botão. Com um toque do dedo, posso pressionar enviar o

e-mail pré-elaborado que escrevi às autoridades, aquele que contém evidências contundentes que apontam para ninguém menos que Lachlan Kane como o homem responsável pelos assassinatos de Stan Tremblay e Cristian Covaci, e Kelly Ellis, e todas as outras serpentes naquele ninho de cobras que acabaram mortas recentemente. E então eu só tenho que bloquear meu telefone, e você não será capaz de impedir que isso aconteça.

Sinto um soluço sufocado borbulhando em meu peito. Mas antes de desmoronar, ouço uma risada zombeteira vinda de algum lugar além de Abe. O tom é instantaneamente familiar. Lachlan. Pressiono meu rosto no vidro e olho para a esquerda, mas não consigo vê-lo.

— Uma *bomba?* — Ele pode tentar parecer cético, mas não há como confundir o tom preocupado em sua voz. — Eu não acredito em você.

— Eu provei que sou incapaz? Afinal, tenho sua esposa aqui. Retirada de sua própria casa. Eu observei você por meses. Deslizei logo abaixo do seu mundo para moldá-lo. Então, acredite no que quiser, mas é um risco que você está realmente disposto a correr?

Há uma pausa, silêncio além da porta.

— Sua arma. Ou todos eles morrem agora.

Ouço o barulho do metal caindo no chão.

— Decisão inteligente. Mas o próximo você não pode fazer com a cabeça. Você deve fazer isso com seu coração.

Abe passa na frente da minha janela, uma arma em uma mão e um telefone na outra. Ele se afasta lentamente até desaparecer de vista, e a próxima coisa que vejo é meu marido.

Lachlan tenta a maçaneta, mas ela também não libera para ele. — Lark...

— Está trancado, não consigo sair. — digo, batendo no aço com as palmas das mãos, mesmo sabendo que isso não me levará a lugar nenhum.

Lachlan faz um movimento em direção ao local onde o painel de

controle deveria estar, mas Abe o avisa com uma ameaça e ele volta a se concentrar em mim. — Você está machucada?

Balanço a cabeça, embora seus olhos se fixem no sangue em meu cabelo. Ele olha para mim com o tipo de terror que nunca imaginei que ele pudesse possuir.

— Estou bem — digo, e embora possa parecer impossível, é verdade. Não há mentira nisso, embora eu também esteja apavorada. Talvez seja porque eu já sei o que está por vir. Posso ver meu caminho à frente, mesmo no escuro.

Mas Lachlan, eu sei que ele não está pronto. Ele está preso em uma correnteza, tentando nadar para se libertar. Ele ainda tenta abrir a porta, ainda olha para Abe como se houvesse alguma outra solução para me tirar de lá. E há tanta dor em seus olhos, tanta angústia neste homem que uma vez acreditei que nunca poderia ser nada além de insensível, até mesmo cruel. Pensei por tanto tempo que ele era irregular e afiado. Mas com o tempo, vi as bordas suaves de feridas antigas. E agora vejo os fragmentos quebrados da esperança cada vez menor. Da perda iminente.

Mal consigo ver através das lágrimas. A única coisa que quero é abraçar este homem que está do lado de fora desta porta, e não posso. Esta armadilha foi projetada para que eu nunca o faça.

— É hora de consertar os erros cometidos ao meu irmão. — A voz de Abe ressoa, rica tanto em ameaça quanto em vitória. — Olho por olho. Dente por dente. Você tem um minuto restante. Você pode parar o cronômetro do forno e salvar sua esposa. Ou você pode parar o cronômetro da bomba e salvar seu irmão. Mas você não pode ter os dois.

Lachlan balança a cabeça. — Não. — é tudo o que ele diz, um sussurro que posso ver, mas não consigo ouvir.

— Sua esposa ou seu irmão. Escolha.

Lachlan não tira o olhar de mim. Lágrimas brilham em seus olhos.

Isto é para nos fazer sofrer. E a única coisa que posso fazer é tentar diminuir a dor de Lachlan.

— Eu te amo, Lachlan. Deixe-me fazer a escolha. — Pressiono minha mão no vidro. E então, alto o suficiente para que Abe possa me ouvir acima dos apelos angustiados de Lachlan, digo as duas palavras que parecem uma traição, embora eu saiba que são a decisão certa. — Salve Rowan.

Lachlan grita enquanto dou um passo para trás da janela. Ele bate no vidro repetidamente até os nós dos dedos sangrarem. Ele chama meu nome. — Pare o forno. Pare com isso agora...

A voz de Abe é clínica e distanciada na periférica. — Ela fez a escolha por você. Está feito.

Dou outro passo para trás. Lágrimas se acumulam em meus cílios enquanto Lachlan tenta desesperadamente invadir. Meus ombros se endireitam, embora tremam. Levanto o queixo e dou-lhe um sorriso tão cheio de tristeza, desculpas, amor e dor que meu coração se despedaça quando os olhos de Lachlan encontram os meus através do vidro.

Um alarme dispara.

— Lark, não...

— Diga a eles que eu os amo.

— Não, não, não. Pare a porra do forno, droga...

— Eu te amo, Lachlan. Desculpe.

Tudo acontece tão rápido... mas não rápido o suficiente.

Ouve-se um som de metal caindo no concreto. Um grito determinado. Um grito de frustração, depois um de dor. Um tiro que ecoa além das minhas paredes de aço.

E então os ventiladores do forno ligam.

O ar sopra pelas ripas das paredes. O círculo no chão gira no sentido horário, a função rotativa me gira em uma dança lenta enquanto a corrente de ar esquenta. Há comoção do lado de fora da porta. Quando me viro naquela direção, vejo Rose com Lachlan na janela.

— Ele trancou de alguma forma — diz Lachlan. — Acione a parada de emergência...

— Onde?

— Lá.

— Não está funcionando... não sei por que não está funcionando.

— Ele fodeu com isso. Tire-a daqui...

O ar já está quente, ficando mais quente a cada batimento cardíaco que bate nas minhas costelas. Minha pele está escorregadia de suor. Deixo-me cair no chão giratório em busca de um sopro mais fresco que nunca chega. Quando olho para a janela, vejo Lachlan com uma arma apontada para a maçaneta da porta.

Rose afasta a mão dele. — Não, você poderia piorar as coisas. Atire na janela.

Tento manter os olhos de Lachlan enquanto giro. O calor se torna quase insuportável à medida que os ventiladores ganham velocidade.

— Abaixe-se, Lark.

Cruzo meus braços escorregadios sobre a cabeça.

Com um estrondo ensurdecedor, o vidro se estilhaça no meu recinto e cai como uma chuva ao meu redor. Parte do calor é liberado e sou capaz de lutar contra a onda de escuridão que ameaça me deixar inconsciente.

Um momento depois, ouço o som de triunfo de Rose e sinto uma lufada de ar fresco. Duas mãos envolvem meus tornozelos para me arrastar do aço para o concreto.

O chão frio. Nunca senti tanto alívio como quando pressiono minha pele quente contra ele. Eu pisco. Respiro. Tento controlar a náusea que invade minha barriga enquanto o choque, a adrenalina e o redemoinho sedativo restante percorrem meu corpo. Com a pulsação acelerada nos ouvidos, levanto a cabeça apenas o suficiente para encontrar os olhos sem vida de Abe. Há um buraco entre eles, um riacho carmesim espesso que se arrasta em direção a uma poça crescente de sangue no chão. Uma ferramenta descartada está ao seu

lado. É o mesmo que Abe tinha no meu apartamento; a extremidade prateada agora pintada de vermelho.

Desvio minha atenção para estender a mão e Rose a segura com um aperto. — E quanto a Sloane...

— Entrei em contato com eles assim que aquele filho da puta disse que sabia que eles estavam dirigindo. Eles conseguiram sair da estrada e sair do veículo. — Rose se ajoelha ao meu lado, respirando pesadamente e instável saindo de seus pulmões enquanto olha para o telefone. Há um tremor em suas mãos enquanto ela digita uma mensagem. — Eles estão bem, o carro não explodiu, mas não é como se eles realmente quisessem verificar, sabe?

Deixo escapar um longo suspiro e fecho os olhos. Quando os abro, o sorriso cansado de Rose está esperando. — Eu poderia solicitar um contrato para isso. Alguém aqui sabe se o Leviathan faz bombas? Aposto que tenho um cara.

Com a ajuda de Rose, eu me empurro o suficiente para olhar para Lachlan, onde ele está sentado perto dos meus pés. Seus antebraços repousam sobre os joelhos. Seu cabelo escuro, escorregadio de suor, cai sobre a testa. Ele inclina a cabeça para olhar para mim. Em seus olhos, posso ver toda a dor, a fúria e o medo vindo à tona.

— Sua maldita catástrofe. Você nunca. Nunca. Faça isso comigo de novo. — ele grita enquanto uma lágrima escorrega de seus cílios e cai em sua bochecha.

— Ser sequestrada por um psicopata? Não estou planejando fazer nada de novo, Batman. — sussurro com um sorriso instável.

Lachlan balança a cabeça. — Não. Forçando-me a não escolher você. — Embora ele procure controlar suas emoções, ele é tão impotente quanto eu para detê-las. — Você é corajosa como o inferno. Mas você é minha pessoa, Lark. Eu não posso fazer isso sem você.

E esta é uma das minhas coisas favoritas sobre Lachlan. Posso olhar para ele e aquele olhar me diz tudo o que as palavras não conseguem. Mostra verdades que estão trancadas, sobre como é difícil amar. Quanto dói abrir mão da armadura que vestimos, retirá-la e

mostrar as camadas mais danificadas de nós mesmos, suportar todas as nossas feridas.

Lachlan abre um braço em minha direção e eu me atiro nele como uma maré rebentando.

Seus braços envolvem minhas costas, poderosos, embora tremam. Ele me levanta do chão. Esse é o sentimento que pensei que nunca mais teríamos. A sensação de estarmos entrelaçados um com o outro. Para costurar e saber que não é a última vez. É apenas o começo.

— Você é minha esposa, Lark Kane. — Lachlan sussurra, sua respiração quente contra meu pescoço antes de dar um beijo prolongado em minha pele. — E eu não vou deixar você ir.

Os braços de Lachlan me apertam. E ele cumpre sua promessa.

Ele não me deixa ir.

Capitulo Vinte e Seis

RENOVAR



— Como posso ter certeza de que Damian autorizou você a assinar o contrato em nome dele? — Leander pergunta enquanto observa Lark ler a papelada disposta na mesa de centro do pub no porão de sua casa.

Lark encolhe os ombros, sem olhar para cima enquanto vira para a última página e pega a caneta que está esperando. — Eu acho que você apenas terá que confiar em mim. Já lhe dei um motivo para não fazer isso?

Leander ri, mas ainda volta sua atenção para mim, como se eu pudesse lhe dar um toque de segurança. Quando não o faço, ele parece ainda mais encantado. Caramba, maluco. Ele ama o caos quase tanto quanto ama o dinheiro, dois conceitos que não parecem compatíveis, mas mesmo assim ele os faz funcionar.

Lark assina a última página do contrato da Covaci e desliza-o sobre a mesa de centro. Leander se recosta na cadeira e sorri para nós dois. Se eu não soubesse melhor, pensaria que ele está realmente feliz por mim. Não tenho certeza se ele tem a capacidade de se sentir genuinamente feliz por alguém além de si mesmo, mas pelo menos ele se parece com isso. Ou talvez não seja tanto o fim do meu mandato no Leviathan que o deixou tão satisfeito. Poderia ser apenas Lark, que tem sido a fonte de sua admiração desde o incidente do muffin.

Além disso, ela também acabou de dar a ele um pacote de seis cervejas.

— É da cervejaria artesanal do meu cunhado. Cervejaria Buckeye Pale Ale — ela diz enquanto lhe passa uma das garrafas de vidro. — Um pedido de desculpas por drogar você com muffins.

Leander sorri enquanto aponta para as outras garrafas para que peguemos uma. — Não se desculpe. Gosto de ser surpreendido. — Ele lê o rótulo com um aceno de cabeça apreciativo e abre a tampa. — Falando em surpresas, nunca pensei que veria esse dia, mas Lachlan Kane está oficialmente aposentado. Isso merece um brinde.

Lark me passa uma cerveja e pega uma para si. Quando estão abertas, levantamos nossas garrafas no ar.

— Para você, Lark, por resolver esse babaca.

— Idiota — ela diz.

— Sim, de alguma forma isso funciona melhor. *Idiota*. **— Leander diz com um aceno sábio. — Para mim, por encontrar esses meninos Kane e levá-los para casa. A melhor decisão que já tomei foi não os matar.**

Reviro os olhos e Leander ri antes de me dar um tapa no ombro. Mas a luz provocante em seu sorriso se transforma em algo que parece real, pelo menos tanto quanto um homem como Leander Mayes consegue. — E para você, Lachlan. Você criou aqueles meninos, começou seu negócio e conseguiu de alguma forma encontrar a esposa perfeita, apesar de ser um idiota. Você fez bem. Vou sentir sua falta por aqui, garoto.

Concordo com a cabeça, uma pontada inesperada de gratidão e nostalgia atingindo meu peito enquanto levanto minha garrafa. — *Sláinte*[7]*.*

Batemos os gargalos das garrafas e tomamos um longo gole do líquido marrom-mel.

— Então — diz Leander depois de engolir um terço de sua cerveja. — Qual é o seu primeiro plano para a aposentadoria, Lachlan?

Vai começar a jardinagem, talvez? Jogar picles nas crianças da vizinhança e gritar para elas saírem do seu gramado?

Eu sorrio e coloco um braço no sofá atrás de Lark enquanto me acomodo em meu assento. — Vamos viajar no fim de semana.

— Whereabouts?

— Cape Cod. — Lark diz ao mesmo tempo que eu digo a ele que não é da conta dele.

— Nem pense em aparecer lá me pedindo para fazer algum trabalho maluco. — Balanço a cabeça enquanto Leander me dá um sorriso tortuoso antes de tomar outro longo gole de sua garrafa. — Estou aposentado.

Leander me acena e balança um pouco em seu assento enquanto volta sua atenção para Lark. — Falando em empregos, já tem alguma novidade preparada para mim?

Um sorriso surge nos lábios de Lark enquanto Leander coloca sua cerveja na mesa de centro e lança um olhar longo e confuso para a garrafa. — Talvez vamos conversar sobre isso depois de você tirar uma soneca.

— Ah, merdaaaaa.

O corpo de Leander balança em um círculo instável antes de ele desmaiar no chão. Nós olhamos para ele, deitado entre o sofá e a mesa de centro, com um ronco suave já saindo de sua garganta.

— Lark...

— Hum?

— Não conversamos sobre isso...?

— Acho que não, não. — ela diz. Ela se levanta do sofá e tira a poeira da calça jeans antes de me lançar um sorriso brilhante. — Não que eu me lembre.

— É engraçado. Porque eu me lembro de ter dito algo sobre me avisar antes de você drogar meu maldito chefe psicopata na próxima vez. — eu digo enquanto me levanto e cruzo os braços sobre o peito. —

Ele parece muito drogado para mim, duquesa.

— Você me disse para avisar se eu lhe desse *muffins* drogados. Dei-lhe cerveja drogada.

Eu balanço minha cabeça. Mas qualquer tentativa que eu tenha de estoicismo vacila à medida que Lark se aproxima.

Ela cruza as mãos em volta dos meus pulsos. Deixo cair meus braços ao seu comando e a deixo se aproximar de mim, seus olhos fundidos em meus lábios. — Leve-me para casa — diz Lark enquanto fica na ponta dos pés. Uma de suas mãos envolve minha nuca para aproximar meus lábios dos dela. — Já que você está oficialmente aposentado, acho que deveríamos comemorar.

Minha mão se enrosca no cabelo de Lark. Inspiro seu aroma cítrico doce e deixo meus lábios roçarem os dela quando sussurro: — O que exatamente você tem em mente?

— Eu não posso te dizer isso. Isso estragaria a surpresa.

Lark pressiona seus lábios nos meus. Minha língua passa pela dela e eu a puxo para mais perto, aprofundando o beijo. Sou levado pela minha necessidade insaciável por ela, que só fica mais intensa a cada dia que passa. Esqueço onde estou e o mundo que gira ao nosso redor enquanto a levanto em meus braços.

Pelo menos até Leander bufar um ronco estrondoso no chão.

Coloco Lark de pé com um suspiro de decepção. — Cristo Jesus. Vamos dar o fora daqui.

— Feito — ela diz. Ela dá um beijo na minha bochecha antes de se afastar. Com um pequeno sorriso tortuoso, Lark veste a jaqueta e agarra minha mão.

Deixamos Leander intocado enquanto subimos as escadas e saímos pela porta. Uma mensagem toca no meu telefone enquanto entramos no Charger, uma mensagem de Rowan. Ligo o carro e deixo-o esquentar enquanto digito uma resposta. Sinto os olhos de Lark em mim enquanto coloco meu telefone no bolso e coloco o carro em movimento.

— Tudo certo? — ela pergunta.

— Sim, apenas Rowan perguntando sobre a manhã de Natal, se queremos fazer na casa deles ou a nossa.

— Talvez a nossa para Bentley, já que ele ainda sente pena de si mesmo. Ele está realmente aproveitando essa parte do 'salvador ferido'. — Lark mexe na bainha da jaqueta, palavras não ditas pairando no ar. — Você acha que Fionn virá?

Mesmo sabendo que era isso que ela iria perguntar, ainda parece que ela alcançou meu coração e apertou. — Não sei — respondo enquanto mantenho meu foco na estrada sinuosa. Quando não olho em sua direção, Lark coloca a mão sobre a minha, onde ela repousa sobre a alavanca de câmbio. — Espero que sim.

— Eu também.

Não conversamos muito durante o resto do caminho para casa. Embora normalmente fosse um silêncio reconfortante com Lark, meu coração bate rápido demais para que eu me sinta relaxado. Só piora quando estacionamos. Tento respirar fundo enquanto caminho até o lado do passageiro para abrir a porta. A cada passo que dermos, acho que ela vai notar o modo como seguro a mão dela com um pouco de força demais, ou o modo como não consigo parar de morder o lábio inferior. Mas se ela perceber esses detalhes, ela nunca o dirá. Ela parece contente em subir as escadas lado a lado em silêncio. Quando chegamos ao patamar, estou quase vibrando de nervosismo e expectativa.

— Eu trouxe uma coisa para você — eu digo. Mal nos dou tempo de cumprimentar Bentley e tirar nossas jaquetas antes de puxar Lark para a sala de estar. Ela olha para mim com escrutínio e eu encolho os ombros. — Presente de aniversário antecipado.

— Meu aniversário é em fevereiro. Ainda nem chegamos ao Natal.

— *Muito* **cedo.**

O olhar de Lark percorre a sala antes de pousar em mim. — Onde?

— Tem que descobrir isso por si mesma, duquesa.

— Tenho alguma pista?

Bato o dedo nos lábios para extrair seu sofrimento antes de finalmente dizer: — Que tipo de canal é universal?

Uma ruga aparece entre as sobrancelhas de Lark. Ela gira sobre os calcanhares, seu foco vagando em direção à cozinha até que sua expressão de repente clareia. Com o sorriso mais adorável, ela agarra meus braços e fica na ponta dos pés. — Água. *Constantine.*

E então ela se foi.

Sigo atrás dela enquanto Lark vai até o pôster de Constantine e o levanta da parede para revelar um cofre. O sorriso que ela irradia em minha direção ilumina cada fenda escura do meu coração.

— Não preciso arrancar um globo ocular para abri-lo? — ela diz enquanto gira o dial.

— Parece que não.

— Qual é o codigo?

— Vá com o tema.

Observo enquanto Lark pensa sobre isso por um minuto e depois tenta algumas opções. Sua frustração aumenta quando nada parece funcionar. É um esforço valente, e ela parece determinada a continuar até que finalmente solta um suspiro desanimado e olha para onde estou com as mãos enfiadas nos bolsos. — Desistiu agora?

— Não. — ela diz com uma zombaria. Ela tenta mais três combinações antes de seus ombros caírem. — Sim.

Eu ando atrás dela, parando apenas quando meu corpo está rente às suas costas. Com um beijo prolongado no pescoço de Lark, estendo a mão por cima do ombro dela para girar a fechadura. — Bem, bem. Veja quem está mais por dentro das curiosidades sobre *Constantine* **agora. Três, três, nove, três. O número na traseira do táxi de Chas Kramer.**

Com o número final definido, destranco o cofre e recuo.

— Não se vanglorie ainda, Batman. Eu…

Lark para quando abre a porta, revelando seus troféus. O globo

de neve. A montanha-russa. As maracás eram mais difíceis de recuperar, então fiz para ela uma nova bolsa de couro para os dentes da quebrada. Há algumas outras coisas que encontrei escondidas no apartamento, como um marcador de página feito de tecido carbonizado e uma pulseira de contas feita de osso. E por trás de todos esses troféus, há algo que ela nunca viu antes.

— O que é isso? — ela pergunta enquanto tira um cubo de resina transparente do cofre. Ela o gira de um lado para o outro, examinando o coração suspenso em um fio de ouro, congelado no tempo.

— Essa talvez seja a pergunta errada.

— Quem é?

— Dr. Louis Campbell.

Lark enrijece. Ela olha para aquele coração. Ela não tira os olhos dele, nem mesmo quando estão cheios de lágrimas que ela luta para piscar até se submeter. Sua dor alimenta a raiva que permanece como veneno em minhas veias. Mas também há satisfação, na esperança de que este troféu lhe dê alguma medida de encerramento para questões que têm assombrado as suas noites sem dormir.

— Você está falando sério...?

Eu concordo.

Os lábios de Lark tremem e por um momento me pergunto se isso foi à coisa errada a fazer. Mas quando ela olha para mim, um sorriso rompe a dor que franze sua testa e inunda seus olhos com lágrimas.

— Este é o melhor presente que já ganhei. — ela grita. Ela soluça enquanto envolve o cubo com os braços e o abraça contra o peito. O alívio toma conta de mim quando eu a puxo para meu abraço. Seu corpo treme enquanto ela deixa de lado pelo menos um pouco dessa dor que a assombra há tantos anos. E eu sei que isso não é apenas algo que ela queria. Era algo que ela precisava.

Quando finalmente nos separamos, tiro a caixa dos braços dela e coloco-a sobre a mesinha de centro para poder segurar seus ombros e mandá-la embora. — Há mais uma coisa. — eu sussurro enquanto a empurro em direção ao cofre.

— Mais...?

— Você me ouviu.

Com um olhar cauteloso por cima do ombro, Lark se concentra nos itens deixados lá dentro, onde sei que há um envelope pardo com o nome dela. Ela fica de costas para mim enquanto abre. Há um suspiro quando ela retira os documentos e lê o itinerário para uma viagem de lua de mel pré-agendada para a Indonésia que imprimi hoje cedo.

E então ela passa para os papéis do divórcio.

— Que porra é essa...?

Quando não digo nada, ela se vira para mim e me encontra de joelhos.

Uma nova onda de lágrimas escorre pelas bochechas de Lark em riachos brilhantes. Ela não consegue parecer furiosa, exultante ou puramente oprimida, mas todos parecem se combinar quando ela diz: — Que diabos você está fazendo?

— Propondo, pelo que parece — digo, olhando para a aliança de diamantes que seguro entre nós.

Lark olha ao nosso redor como se a explicação pudesse ser encontrada no sofá, ou pela janela, ou no chão. Seu olhar permanece em Bentley, que parece tão confuso quanto ela. Então seus olhos pousam nos papéis que oscilam em suas mãos instáveis. Tenho certeza que uma eternidade se passará antes que sua atenção volte para mim. — Por quê?

— Porque você nunca teve escolha neste casamento.

Lark balança a cabeça. Seus lábios se pressionam em uma linha apertada e suas sobrancelhas franzem. E estou com muito medo. Estou *aterrorizado* **de deixá-la ir. Mas eu fiz uma promessa de protegê-la. De qualquer pessoa, até dela mesma. Até eu. E a única maneira de fazer isso é ter certeza de que ela poderá viver a vida que deseja. Caso contrário, não sou um protetor. Eu sou uma gaiola.**

A expressão de Lark é tão dura e dolorida que não consigo dizer o que ela realmente está sentindo, mas sei que preciso continuar.

— Você fez esse arranjo para me salvar. Meu irmão. Sua melhor amiga. Mas quero que você escolha o futuro que deseja, Lark. Você pode dissolver este casamento. Ou podemos fazer as coisas de outra maneira. Talvez recomecemos e fingimos que nos conhecemos na casa de Rowan. Ou podemos continuar casados, ter a lua-de-mel de que falámos. Você disse que seria a Indonésia, se isso fosse real. — Respiro fundo, mas minha garganta queima quando engulo. É tão difícil manter meus olhos nela enquanto abro meu coração para deixá-la olhar para dentro. — Isso é real para mim, Lark. Eu sei que prometi que não deixaria você ir, mas estava errado. Porque esta decisão é mais importante do que manter a minha palavra. E pelo que vale a pena, espero que você me escolha, da maneira que for preciso. Estou pedindo que você fique comigo. Mas quero que você escolha o que é certo para você.

Lark segura meus olhos.

E ela não desvia o olhar. Não enquanto ela joga o itinerário por cima do ombro, um movimento que incinera meu coração em uma batida de pânico. Não enquanto ela segura os papéis do divórcio e os rasga, um após o outro, até que cada um esteja rasgado. Então ela aponta para mim com a mão trêmula.

— Estou loucamente apaixonada por você, Lachlan Kane — diz ela, apontando o dedo em minha direção como se estivesse pontuando cada palavra. — E eu também estou loucamente louca. Nunca mais me dê os papéis do divórcio.

— Eu prometo, duquesa. — Uma explosão de esperança, alívio e alegria inunda meu peito. São sentimentos que pensei que nunca teria, uma vida que nunca pensei que viveria. Não até que eu decidi deixar Lark entrar. — Eu te amo, Lark Kane.

A raiva de Lark se dissolve. Seu sorriso se inflama. É a coisa mais linda que ela já foi, sua felicidade é um amanhecer imparável.

— Bom, sua 'catástrofe' — ela diz, e então cai em meus braços. — Porque eu escolho você.

Deslizo o anel acima do conjunto em seu dedo.

E eu a escolho, como tenho feito todos os dias desde que encontrei o fundo do abismo entre nós e decidi fazer o que fosse necessário para abrir caminho até sua luz. Eu a escolho como farei todos os dias que virão.

Eu beijo minha esposa. E eu escolho o amor.

Epílogo
TRUQUE DE MÁGICA



Minha avó dizia que os melhores truques de mágica são feitos por quem acredita.

É verdade. Vejo isso o tempo todo no Silveria Circus. Os melhores mágicos são sempre aqueles que entendem que a verdadeira magia no centro de um truque é a possibilidade.

Talvez seja por isso que ninguém olha na minha direção agora. Porque eu também acreditava em magia.

Abe Mead está morto no chão da fábrica. Aquele filho da puta. Não me importaria de ter outra chance de matá-lo, se pudesse. Talvez eu tivesse feito algumas coisas de maneira um pouco diferente.

Desvio minha atenção de seu corpo esfriado. Não quero que ele tome mais um segundo do meu tempo.

Então, coloco todo o meu foco em algo bonito. Lachlan e Lark. Eles se abraçam em um abraço esmagador. Eles balançam como duas árvores que se torceram e resistiram às tempestades lado a lado. Talvez este seja o último grande problema. Uma tempestade que deixa para trás ar puro e cores vibrantes. Eu gostaria de pensar que o tempo sempre será bom para eles agora, que o céu estará sempre limpo. Acho que é nisso que vou escolher acreditar.

Olho para minha camisa. Não há quase nada para mostrar tudo o que aconteceu. Apenas um pequeno buraco no tecido de flanela do

meu lado, logo abaixo das costelas. Não há mais do que algumas gotas de vermelho para manchar minha camisa. Um pequeno truque. Nada para ver.

Mas eu posso sentir isso.

Queima ali mesmo, enquanto o resto de mim sente frio. Ninguém percebe quando me deito no chão.

Lachlan e Lark ainda estão abraçados quando uma porta se abre em algum lugar próximo. Passos de corrida ecoam contra máquinas e paredes de concreto.

— Rose. **— Fionn chama. Há pânico em sua voz. Ele repete meu nome indefinidamente. Parece que está ficando mais distante. Não chegando mais perto.**

Parece que foi a primeira vez que voei pela gaiola de metal em minha motocicleta. O rugido aterrorizante do motor. A reviravolta no meu estômago quando percebi que não sabia qual era o caminho para cima. Eu apenas puxei o acelerador e acelerei pela esfera até que todo o resto desapareceu, exceto o farol na minha frente.

— Ela está aqui. — Lark responde quando eu não atendo, mas ela parece distante também. — Oh meu Deus...

— Cristo Jesus. **Fionn, ajude...**

O mundo não fica escuro. Fica branco brilhante. No momento final, antes que a luz apague as sombras, vejo Fionn à distância. E eu sei que ele é minha casa. Minha pessoa.

Meu amor.

Talvez a mágica seja real, afinal.

Bônus
AMARRADO



Coisa engraçada sobre o casamento.

Às vezes olho para meu marido e penso: *não consigo imaginar ter amado alguém tanto quanto Lachlan Kane.*

E outras vezes, só quero fazê-lo *sofrer.*

De uma forma amorosa, é claro. A maior parte do tempo.

Como agora.

Observo da rede enquanto Lachlan verifica seu equipamento e coloca sua roupa de mergulho para secar ao sol na varanda de nossa cabana de praia. Dou-lhe um sorriso meloso enquanto ele se inclina para dar um beijo na minha testa e depois entra, deixando a porta aberta. Ele não consegue ver como meus olhos se estreitam por trás dos óculos escuros, ou como meu sorriso se torna ameaçador quando eu saio da rede e sigo atrás dele.

— Como foi seu mergulho? — Pergunto enquanto ele pega sua aliança de casamento na cômoda e a coloca em seu dedo, onde a tatuagem de uma estrela dourada foi recentemente curada, com linhas amarelas e pretas vibrantes.

— Bom. Vi algumas arraias manta. Muitos peixes. Uma enguia de fita. Realmente legal.

— Legal, sim. Legal. — Lachlan me lança um olhar desconfiado

por cima do ombro, mas meu sorriso de espera é perfeito. Coloquei uma mão tranquilizadora em seu braço. — Por que você não entra no chuveiro? Vou me juntar a você em um segundo.

Os olhos de Lachlan percorrem meu corpo, permanecendo na parte de cima do meu biquíni, caindo até meu umbigo e o cós do meu short jeans, deixando um rastro de corrente elétrica pelas minhas pernas nuas. Um sorriso lento e voraz se espalha em seus lábios.

— Parece uma boa ideia para mim, duquesa. — ele diz enquanto passa a mão pelo meu cabelo e dá um beijo na minha testa. — Te vejo em um minuto.

Meu sorriso se torna letal quando ele vira as costas. Assim que ouço a água ser ligada, começo a trabalhar.

No momento em que entro no banheiro, o vapor começou a se acumular no teto e na superfície do espelho. Lachlan está sob o jato de água com a cabeça baixa e os olhos fechados. A água escorre por suas grossas faixas de músculos tensos e pele tatuada. Uma dor preenche meu núcleo enquanto paro um momento apenas para observar.

— Você vai entrar ou vai ficar aí admirando minha gostosura estilo Keanu a tarde toda? — ele pergunta sem abrir os olhos.

Reviro os olhos e desabotoo meu short para deslizá-lo sobre meus quadris. — Você é muito mais gostoso que Keanu.

— Eu sei.

O sorriso de auto-satisfação de Lachlan fica aquecido quando puxo a corda nas minhas costas e deixo a parte de cima do biquíni cair no chão. Ele abre a porta de vidro e me oferece a mão para entrar, e assim que a aceito, ele me envolve em um abraço molhado.

— Tão linda. — ele murmura em meu ouvido enquanto passa a mão pelas minhas costas, seguindo o contorno da minha coluna. Sua palma para na minha bunda e ele me pressiona mais perto, seu comprimento forte contra meu abdômen. — Talvez devêssemos prolongar nossa estadia aqui. É bom ver você tão relaxada. — Minha respiração fica presa quando ele morde a junção entre meu pescoço e ombro. Ele acalma com um beijo. — Retiro o que disse uma vez sobre

as praias serem chatas. É muito mais divertido quando posso foder minha esposa de manhã, à tarde e à noite.

Lachlan beija uma linha que segue minha clavícula e desce até meu seio direito. Ele chupa meu mamilo e minha mão se enrosca em seu cabelo para agarrar os fios curtos. Eu o pressiono contra meu peito e ele geme. — Talvez *devêssemos* **ficar um pouco mais. Não estou pronta para ir para casa.**

Lachlan geme em concordância em minha carne antes de beijar meu outro seio, provocando meu mamilo em um pico firme. Antes que ele possa beijar mais abaixo, eu me afasto e deixo minhas mãos percorrerem seu peito e os músculos ondulantes de seu abdômen para se ancorarem em sua cintura cônica. Mantenho meus olhos nos dele enquanto caio lentamente de joelhos. Ele solta um longo suspiro enquanto eu seguro sua ereção com firmeza e cuspo na ponta.

— Tem certeza que não vai ficar entediado? — pergunto com fingida inocência. Pisco para ele enquanto acaricio seu comprimento, em seguida, corro minha língua ao longo da parte inferior de sua ereção. Ele estremece quando passo a coroa pelos lábios.

— Cem por cento de certeza. — Sua mão se enrosca em meu cabelo e meus lábios envolvem o topo de sua ereção. Eu chupo seu pau com força e o deixo livre da minha boca com um estalo audível. — Lark... *Cristo Jesus.*

Eu trabalho sua ereção. Meu movimento é lento, meu aperto firme. Eu seguro suas bolas e o levo profundamente. Eu engulo seu comprimento. Minhas lágrimas se misturam com a água que cai em meu rosto toda vez que ele bate no fundo da minha garganta. Gemo em torno de sua carne, deixo a vibração empurrá-lo para mais perto do limite, cada vez mais perto, até que ele estremece, xinga e entoa meu nome como uma oração. Sinto cada músculo do seu corpo ficar tenso. Ouço sua libertação iminente no desespero que colore cada palavra sussurrada.

E um momento antes de ele estar pronto para encher minha garganta, eu solto meu marido e saio de seu alcance.

A confusão de Lachlan encontra meu sorriso de espera. Ele está

tremendo com a liberação que acabei de negar. Seus olhos examinam meu rosto, sua testa franzida de preocupação. — Fiz algo de errado?

Passo as costas da mão pelos lábios e abro a porta do chuveiro. — Seque-se e saia. — eu digo enquanto saio e puxo meu roupão do cabide para pendurá-lo no braço. Eu não me incomodo com uma toalha. Aceno para o relógio que está no balcão. — Dê-me exatamente cinco minutos. Nem um único a mais ou a menos.

Fecho a porta do chuveiro e saio do banheiro com o som da confusão de Lachlan me seguindo.

Quando Lachlan sai do banheiro alguns momentos depois com uma toalha enrolada na cintura e um olhar cauteloso no rosto, estou esperando, sentada na beira da cama.

— O que está acontecendo? — Ele pergunta enquanto seus olhos vão de mim para a cama e vice-versa. — O que é isso?

Dou tapinhas na superfície da cama, mexendo nas tiras de papel rasgadas que cobrem a superfície. — Venha e dê uma olhada.

A ruga entre as sobrancelhas de Lachlan se aprofunda e então ele se aproxima, parando ao meu lado. Ele pega um pedaço de papel, mas o coloca de volta na cama quando não consegue extrair nada das poucas palavras digitadas nele. Quando ele tira a segunda tira, um rubor profundo surge em suas bochechas bronzeadas. Ele encontra meus olhos e eu deslizo o ombro do meu roupão para revelar uma alça de sutiã de couro preto.

— Sabe — digo enquanto puxo a gravata do meu roupão. — Cada vez que você tira aquela aliança de casamento, me sinto compelida a me vingar dos papéis do divórcio que você me deu de 'presente'.

A garganta de Lachlan balança ao engolir. — Eu estava tentando lhe dar uma escolha.

Eu dou de ombros.

— Eu... eu tatuei no meu dedo — ele diz enquanto levanta a mão como se eu estivesse vendo sua tinta pela primeira vez. — Não quero perder a aliança no oceano.

— E ainda assim, eu realmente não me importo. — Dou um sorriso sardônico para Lachlan enquanto puxo o outro ombro para baixo para revelar o sutiã de couro e renda que eu mesma fiz. Não é perfeito, não como seria se Lachlan tivesse feito isso, mas ele olha para o meu peito como se fosse uma bela obra de arte.

Eu me levanto, deixando o roupão cair até meus pés para revelar o resto do meu trabalho. Calcinha de renda. Correias de couro. E um vibrador preto brilhante preso ao arnês que estou usando.

Os olhos de Lachlan ficam pretos de desejo.

— Como eu disse. Nunca mais. E agora vou te foder nesses papéis. Vou te foder até que você nunca esqueça a quem pertence. Vá para a maldita cama.

Lachlan mantém meus olhos por um longo momento antes de sua mão se mover para o tecido onde a toalha está dobrada em sua cintura. Ele a puxa e deixa a toalha cair no chão. Sua ereção se contrai quando seus olhos caem para o vibrador, uma necessidade selvagem consumindo seu olhar.

Lachlan se move em direção à cama com graça predatória, seus passos lentos e decididos. Ele passa perto o suficiente de mim para que eu possa sentir o calor de seu corpo, seus olhos não desviando dos meus, nem mesmo quando ele coloca os punhos no colchão.

— O que significa vermelho? — pergunto enquanto seu primeiro joelho pressiona tiras de papel rasgado.

— Parar.

— Amarelo significa?

— Desacelerar.

Observo enquanto o colchão afunda sob o peso do corpo musculoso de Lachlan. Ele se posiciona de quatro no centro da cama, as costas tensas, um arrepio percorrendo seu corpo poderoso. Sorrio enquanto pego um pequeno frasco de lubrificante e abro a tampa. — Verde significa?

— Foda-me até eu borrifar meu esperma em todos esses malditos

papéis.

Passo a palma da mão na bunda de Lachlan antes de dar um tapa forte. — Que menino tão bom. — eu murmuro enquanto inclino o frasco de lubrificante para deixar as primeiras gotas grossas caírem em sua bunda. Com minhas mãos em sua pele lisa, separo suas nádegas e manobro meus quadris para arrastar a ponta do vibrador através do líquido viscoso. — Mas você tem certeza de que é um bom menino? — Com uma mão, agarro o brinquedo e pressiono-o contra o buraco enrugado, massageando o anel tenso de músculo, circulando-o até que o lubrificante se espalhe e eu o sinta começar a relaxar.

— Sim — ele sussurra.

— Realmente? Ou você é minha puta?

Pressiono a ponta do vibrador no orifício pregueado, mantendo a pressão até que ele ultrapasse a resistência. Lachlan grita com a sensação, deixando cair a cabeça no braço enquanto me movo com ele, mantendo a ponta do vibrador alojada em sua bunda. Ele respira fundo algumas vezes e eu acaricio os músculos grossos que circundam sua coluna.

— Cor? — Eu pergunto.

— Caralho **— ele sussurra.**

— A última vez que verifiquei, não era uma cor...

— Verde, porra. *Verde.*

Tiro meu cabelo molhado dos olhos e mantenho o olhar diante de mim enquanto empurro o brinquedo mais fundo na bunda de Lachlan. Minhas costas se arqueiam enquanto mantenho a pressão, avançando constantemente até esticá-lo e preenchê-lo, meu marido poderoso e letal reduzido a uma necessidade animalesca e estremecedora.

— Não se esqueça da parte sobre você gritando meu nome enquanto borrifa seu esperma nesses papéis de merda. — eu sussurro.

E então eu pego um ritmo de estocadas.

Lento e constante no início. Golpes longos. Eu puxo até a ponta do vibrador e empurro de volta até preenchê-lo completamente. Lachlan

rosna de prazer. Gemidos enquanto pego uma cadência mais rápida. Estremeço quando raspo minhas unhas em suas costas e dou um tapa em sua bunda. E só de ver o que faço com ele provoca uma dor profunda na minha barriga. Aproveito o poder de cada movimento de balanço e sei que sou eu quem o leva à beira da loucura. Que existem bilhões de pessoas no mundo, mas sou a única pessoa em quem ele confia para jogá-lo daquele penhasco e ainda lhe dar um lugar seguro para pousar. Eu sei disso em cada impulso dos meus quadris. Cada tremor em seus braços. Cada maldição e exalação instável. Eu me deleito em cada momento separando Lachlan Kane.

O suor cobre a pele de Lachlan em uma película brilhante. Ele agarra os lençóis com os nós dos dedos descoloridos. Papéis rasgados farfalham na cama enquanto eu empurro em um ritmo acelerado.

Coloco meu corpo nas costas de Lachlan e alcanço seu quadril para agarrar seu pau. Ele sibila de prazer enquanto eu cubro minha palma com o pré-sêmen reunido na ponta e acaricio seu comprimento.

— Goze para mim, baby. — eu sussurro em seu ouvido. — Diga meu nome alto o suficiente para que toda a maldita ilha saiba de quem você é puta.

Um gemido rouco escapa dos lábios de Lachlan enquanto eu acelero o ritmo de minhas estocadas e bombeio sua ereção. — Cristo, Lark. *Lark.* **— ele grita. E ele diz isso de novo. E de novo. E de novo. Meu ritmo é implacável. Eu sou impiedoso. Eu o quero cheio de prazer. Eu quero que ele seja arruinado. Saber meu nome é a única palavra que ele consegue lembrar.**

E meu nome é a única coisa que Lachlan diz quando goza.

Sua coluna trava. Seu pau pulsa na minha mão. Cordas de esperma espalham-se pela roupa de cama. Em papel rasgado. Através de palavras como divórcio, irreconciliável e decreto final. Estão todos manchados com a prova de que somos inquebráveis. Meu marido e eu escolhemos um caminho diferente. Nós escolhemos isso todos os dias.

Envolvo meu braço em volta da cintura de Lachlan e pressiono meu rosto em suas costas, onde posso ouvir seu batimento cardíaco através de músculos e ossos. E ele coloca a mão na minha, me

segurando perto. Demora um longo momento antes de começar a deslizar meu toque e sair. Aproveito o meu tempo, deleitando-me com cada tremor e arrepio que ele faz enquanto me liberto.

No segundo em que o vibrador sai de sua bunda, Lachlan me vira e eu rio enquanto ele me prende sob os joelhos. Ele se atrapalha com a fivela do arnês como se estivesse desesperado para provar minha boceta. Quando finalmente é desfeita, ele a joga no chão e puxa a calcinha de renda para o lado enquanto se acomoda entre minhas pernas.

— Sua vez. — ele sussurra, e com um sorriso tortuoso e uma piscadela sombria, ele festeja.

Fim



Notas

[←1]
Olá.

[←2]
Expressão humorística usada para se referir a guaxinins, devido ao hábito deles de vasculharem as lixeiras e fazerem bagunça nisso.

[←3]
Prometo ser um marido fiel para você, pot quanto vivermos juntos.

[←4]
A repetição "Bueller … Bueller … Bueller …" é uma referência ao filme clássico *Curtindo a Vida Adoidado*

[←5]
Em nome do Pai, e do Filho e do Espirito Santo.

[←6]
Prometo ser um marido fiel para você, enquanto vivermos juntos.

[←7]
Saúde.